

Milton Guapo

NO LIMIAR

Milton Guapo

NO LIMIAR

© Milton Guapo, 2019

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610)

G913n

Guapo, Milton.

No limiar./ Milton Guapo. 1ª edição.

Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2019.

368 p.

ISBN 978-85-8009-283-7

1.Literatura. 2.Romance I.Título

CDU 82

Índices para catálogo sistemático:

1.Literatura – 82

2.Romance - 82

Editores

Elaine Caniato

Ramon Carlini

Capa

Diogo Palomares

Revisão Textual

Cristina Campos

Nota do autor

Este livro foi escrito no período de novembro de 2015 a abril de 2016.

Um novo limiar é o insurgir no meio da tempestade do mar, um farol apagado, acenando tanto para os barcos quanto para os náufragos, mas estes só descobrem seu brilho quando batem nos rochedos.

Milton Guapo

Sumário

Parte 1

1º Capítulo

O encontro do mensageiro enigmático e da jovem índia11

2º Capítulo

Abre-se o vórtice azul, preto e dourado20

3º Capítulo

Um domingo de sol e um crepúsculo fatídico e sombrio.....51

4º Capítulo

A decisão Macro-jê e a borboletinha da anunciação59

5º Capítulo

A última grande reunião do povo da floresta68

6º Capítulo

Quando a incerteza ronda o inevitável.....86

7º Capítulo

Incêndio, assassinato, sequestro, luzes estranhas
e uma fuga inesperada92

8º Capítulo

A maternidade, a viagem arquetípica e um parto precoce103

9º Capítulo

A ambiguidade de Kunhahendy surpreende Obajara.....109

Parte 2

10º Capítulo

Conflitos e um novo affair de Sônia Otahime121

11º Capítulo

Revelações e esclarecimentos138

12º Capítulo

Novo pacto de prazer, soluços, lágrimas e
despedidas cruciais momentâneas.....147

13º Capítulo

Inventário promissor e o *feedback* da iniciação de Obajara162

14º Capítulo

As surpresas nos retornos180

15º Capítulo

A nova face social nascente do Xingu e as novas do século XXI.....189

16º Capítulo

Um convite inesperado

17º Capítulo

Emboscada, mortes, abdução de Kami e

a grande comemoração do século205

18º Capítulo

A redenção de George depois da “visita”

dos homens de terno preto219

19º Capítulo

Confronto com os homens de terno preto e o estranho objeto237

Parte 3

20º Capítulo

Começa o prelúdio de uma “sinfonia drástica”249

21º Capítulo

Velha fórmula para um novo alento e o regresso da Índia264

22º Capítulo

Voltam as ameaças furtivas e o pânico do vigia276

23º Capítulo

Atentados e sequestros286

24º Capítulo

Ataque ao front da fazenda Xingu e o

desaparecimento de Larissa296

25º Capítulo

Encontro com o alienígena e um novo pacto categórico307

26º Capítulo

Contenda Rural, Fade Out misterioso e o vislumbre da

“cabeça do dragão” na viagem de Obajara para Porto Velho322

27º Capítulo

No limiar, além da 3ª Onda339

28º Capítulo

Kami reaparece e anuncia a gravidez da Índia345

29º Capítulo

Encerra-se um ciclo e nasce o pacto da Nova Brigada357

Epílogo365

Parte 1

1º Capítulo

O encontro do mensageiro enigmático e da jovem índia

O aeroporto Marechal Rondon da cidade de Várzea Grande em Mato Grosso, após a Copa do Mundo de 2014, ficou muito famoso por fazer parte das obras não terminadas pelos governos anteriores e também elencado como um dos piores do país.

Todo aeroporto, rodoviária, ponto de ônibus e estação ferroviária era visto por Marx como um vórtice onde os destinos e as atitudes aceleram suas angústias e, ao mesmo tempo, celebram o final de uma anatomia de pretensão, a qual não se consegue perceber quando começou. Por ver as coisas dessa maneira, ele gostava mais dos “vórtices ferroviários e rodoviários” que de aeroporto.

Após fazer o check-in, sentou-se no saguão do aeroporto e abriu a página do romance que estava terminando de ler, A festa da insignificância, última obra do escritor tcheco Milan Kundera. Logo finalizou o último capítulo do romance e começou, como é costume de todos os que gostam de literatura, a sair da apreciação para uma análise da obra. Como já lera quase todos os outros livros do escritor, então cogitou que este era muito sintético e, acima de tudo, “sombreado” por bordões dos grandes romancistas e filósofos, o que não acrescentou nada ao cerne do tema, exagero de um surrealismo desnecessário ou talvez colocado abruptamente para “sedimentar” alguma coisa solta ou mal resolvida, como “o soco de Stalin na mesa” e o “tiro no parque no final da obra”.

Aquele Kundera, que fazia estremecer o alicerce da poesia em forma de prosa e arrancava eventos das fendas de um lapso de emoção de seus personagens, estava entorpecido e monossilábico, beirando a um quadro de arte plástica contemporânea feita por encomenda, melhor dizendo, era um romance crítico da insignificância e da mediocridade atual na vida, porém o objeto condutor, isto é, o romance, também ficou corrompido na sua produção, como se o ilibado denunciante fizesse parte do fato ocorrido.

“O que será da poesia e dos poetas? Parece que a vida está se tornado excessivamente previsível, estática e insípida a ponto de invadir e banalizar a fonte magma da inspiração!”, pensou ele caminhando para a sala de embarque, ouvindo a voz feminina da locutora do aeroporto. Já acomodado no seu assento na aeronave e ainda cogitando as nuances do romance enquanto o assento ao seu lado continuava vazio, distraiu-se um pouco olhando e ouvindo no corredor da aeronave as conversas dos passageiros que estavam se acomodando, alguns concentrados nos seus WhatsApp; outros mais jovens sorrindo, conversando alto e espalhando jovialidades. De repente, ouviu uma voz jovem feminina pedindo licença pra se sentar a seu lado; ele se ajustou no seu assento sem olhar de lado. A voz era de uma adolescente morena aparentando 17 anos de idade, com uma vasta cabeleira negra, sorrindo e mostrando seus belos dentes brilhantes. Ele respondeu sem olhar de lado:

— Pois não, menina! Pelo menos, vou viajar com gente jovem.

— O senhor não gosta de pessoas velhas? — perguntou a jovem, arrumando sua mochila no bagageiro em cima do assento.

— Gosto, mas não pra conversar em viagem de avião; elas reclamam muito.

— Primeira vez que escuto isso de um *Tuyá* — disse a moça.

Marx franziu a testa meio espantado, olhou direito pra ela e

percebeu que estava diante de uma jovem índia guarani, que sorriu de novo divertindo-se com seu espanto.

— *Mbae chapa nde rera?* — Marx perguntou à indiazinha como era o seu nome no seu idioma. Então, ela também se espantou.

— *Che rera i Kunhabendy* (Meu nome é Kunhahendy) — respondeu, já sentada ao seu lado, sempre sorrindo.

Marx, curioso, insistiu no fato de ter o nome que significa “mulher de luz, fogo, chama, esplendor etc.”.

— Mba’ere Kunhahendy? (– Por que então Kunhahendy?)

Naquele momento, ela percebeu que ambos estavam entusiasmados e falando alto, chamando a atenção das pessoas ao lado, então piscou pra Marx; ambos baixaram as vozes e começaram a falar em português.

— Minha mãe conta que, poucos dias antes de eu nascer, ela estava à beira do rio Paraguai. O sol estava se pondo quando escutou um ruído no camalote ao seu lado e, olhando pra dentro das folhagens, ela viu o *Pombero Acãbendy* (duende cabeça de fogo, um mito guarani), que disse a ela que a criança que ia nascer era sua protegida. Por isso o meu nome — concluiu a índia.

— Quando *Pombero* aparece pra mulher grávida e não “a molesta”, é sinal de que a alma que está pra nascer vai ser uma grande pessoa — afirmou Marx, olhando nos olhos de Kunhahendy.

— O senhor tem grande conhecimento da nossa cultura... Está indo a São Paulo? — perguntou-lhe a jovem, mudando o tema da conversa.

— Sim, vou a trabalho e encontrar amigos que há muito tempo não vejo. E você?

— Vou lá também para o Encontro de Cultura Indígena e Meio Ambiente que vai acontecer no Ibirapuera neste final de semana. Eu sou da comissão de organização do encontro.

— Você é tão jovem e já está engajada nessa política...

Fico curioso e, ao mesmo tempo, contente de ver uma mita *kunbami* (adolescente) participando de coisa tão importante — argumentou Marx.

— Eu nasci pra isso, senhor. Desde pequena, sinto que sou como o vento, que sempre está participando de tudo o que se movimenta — disse ela, arrumando a tiara vermelha na cabeça.

Logo vieram as ordens de praxe da equipe da aeronave para o voo, a apresentação do comandante dando boas-vindas e a aeronave decolou, tomando o rumo do voo programado. Kunhahendy então quebrou o silêncio, fazendo um convite a Marx, que olhava pela janela.

— O senhor poderia ir lá e participar com a nossa gente, afinal conhece bem nossa cultura.

— Nós vamos chegar a São Paulo no final desta tarde, não é mesmo? Amanhã é sábado, tenho um compromisso com uma amiga minha, que já comprou as entradas pra ver um show de música latino-americana de um grande grupo que convivi com ele quando morei lá, há mais de 30 anos. Só poderei ir no domingo.

— *Iporã che tuya mi!* (Legal, meu velhinho!) Vai encontrar o grande Ailton Krenak, será o dia da sua palestra. Vai ser legal, vou me sentir feliz pela sua presença — agradeceu-lhe a índia.

— O Ailton Krenak vai estar lá? Isso é bom, gosto muito dele. Pra mim, ele é um *arandu-ête-yma* (aquele que conhece os segredos da natureza). Você já me animou, menina — afirmou Marx. — Gostaria de perguntar uma só coisa pra ele, uma coisa muito importante pra todos nós que também temos sangue índio — falou e olhou para a índia, que ficou curiosa e parou de sorrir.

Naquele momento, soou a voz da aeromoça anunciando os serviços de bordo e ambos descontraíram a conversa. Por alguns instantes, ficaram quietos enquanto distribuíam as iguarias para

os passageiros. Após o lanche, Kunhahendy voltou a assediar Marx para saber sobre a tal pergunta que seria direcionada ao Ailton Krenak.

— Pelo jeito que o senhor falou, percebi que tal assunto tem um teor fatídico e talvez até certa urgência radical para se tomar atitudes, não é mesmo? — ela perguntou.

— Você é uma moça muito esperta e tem “certo faro” pra perceber as coisas; isso demonstra uma responsabilidade incomensurável.

— Desde criança, fui acostumada a memorizar as informações durante o trâmite da oralidade da nossa tribo e isso me colocou o tempo todo em riste de atenção quando ouço alguém falando, seja branco ou índio, e o senhor tem uma sabedoria e uma seriedade quando fala.

— Bem, esse assunto eu posso até resumir pra você, porque, na verdade, são duas situações que se congregam numa só e apontam pra uma terceira, tão complicada quanto a proposta de mudança de hábitos na nossa sociedade tecnocrata pra salvar o planeta — adiantou Marx.

— Entendo! Seria uma tentativa vã, tal como o que está acontecendo com certas etnias indígenas que estão se corrompendo com o dinheiro de multinacionais, em todo o continente, em função da exploração, apropriação e devastação de áreas ainda virgens. Seria mais ou menos isso, senhor? — pressupôs Kunhahendy dentro do seu conhecimento.

— Digamos que tal acontecimento que você acaba de colocar advém de um foco, o qual ninguém questiona por achar que é um postulado verdadeiro que não se questiona porque, desde que o mundo é mundo, sempre foi assim.

Vou entrar no cerne do assunto: sei que você é uma pessoa certa pra tratar isso com seus líderes e principalmente com Krenak. Eu me lembro do dia em que li uma entrevista dele,

na qual diz que: “O índio passa sua vida na terra tal como o voo de um pássaro atravessando de um penhasco a outro, sem deixar rastro, ao contrário do branco que marca a sua presença na Terra construindo obras faraônicas, temendo o esquecimento”. Pra mim, foi a maior explicação da verdadeira razão da existência indígena e que se contrapõe à do branco. É a mesma postura dos outros animais mamíferos, que também são viventes referenciais no planeta, buscando somente alimentação e procriação na medida certa das suas necessidades e vivendo em função da natureza e do universo, tendo um ciclo no qual as mutações só acontecem paulatinamente na razão direta da alteração do meio e da obviedade natural das coisas — comentou Marx olhando para a jovem índia.

— É exatamente isso que há séculos tentamos esclarecer aos brancos, ou melhor, para as ideias de todos os homens, porque hoje não são mais só os brancos que divergem do verdadeiro sentido da vida; parece que houve, em todo o planeta, uma espécie de tendência coletiva de *nburrá* (traição) do sentido da existência — complementou a índia.

— Esse *nburrá* coletivo já aconteceu outras vezes ao longo do desenvolvimento histórico do fenômeno humano sobre a Terra; aparece até nas crônicas de várias culturas e, a mais conhecida, foi a do Velho Testamento bíblico no livro do Êxodo, onde o patriarca Moisés volta do Monte Sinai com as Tábuas dos Dez Mandamentos e encontra seu povo cultuando o bezerro de ouro. Se você buscar, vai encontrar esse *nburrá* tanto na história oficial quanto nas mitologias de cada civilização. Parece ser uma hegemonia fatídica que aparece abruptamente no inconsciente de uma comunidade. Esse *nburrá* entorna as coisas pra dar sequência a uma nova situação e, se você olhar direito, vai perceber uma coisa em comum que motiva o *nburrá*.

Marx parou de falar por um instante, virou-se, olhou nos olhos da jovem índia e disse:

— *Itayu!*

— Ouro! — exclamou, sobressaltada, Kunhahendy.

— Sim! Agora, posso citar uma das perguntas, que seria para Krenak. Vou passar pra você, pois talvez eu não vá estar lá no encontro de domingo no Ibirapuera. Então, vamos usar o velho jeito da oralidade pra você fazer chegar a minha pergunta aos seus líderes: ao longo da história da civilização, em todo o mundo, a formação dos impérios foi fundamentada no acúmulo de ouro como símbolo de riqueza e de poder. Quando digo em todo o mundo é porque esse fato está cientificamente comprovado na história da Ásia com os mongóis, chineses, indianos, japoneses etc. Na Europa, com os gregos, hititas, arianos, latinos, eslavos etc. No Oriente Médio, com os semitas, turcos, sumérios etc. E, na América, com os incas, maias e astecas.

Marx fez uma pausa e logo continuou:

— Agora pense e me responda: por que os índios que viviam nas florestas das Américas e os negros nas florestas da África, os aborígenes da Austrália nunca se preocuparam em criar impérios e nem cidades faraônicas, tampouco deram importância ao ouro e outros minérios que sempre tinham em abundância nas suas terras? Por que eram primitivos, não evoluídos? — deu outra pausa e seguiu: — Então! Quem são esses povos que diferenciavam seu modo de ser dos povos da floresta do planeta? Por que os deuses deles eram diferentes? E por que esses deuses os apoiavam nas suas atitudes destruidoras? Seriam então os povos minoritários da floresta os verdadeiros terráqueos, porque sempre viveram em função do universo e com o mesmo modo de vida de outros animais do planeta? — concluiu Marx, olhando nos olhos da jovem índia.

— Realmente, tem tudo a ver com a frase da entrevista do Krenak — afirmou a índia.

— Então, quem eram esses deuses que incentivaram, nos

primórdios, essas outras culturas a se enveredarem por esse modus operandi, baseadas na opulência do ouro e impérios tendo a tri-funcional soberania, defesa e prosperidade como ponto de vista? — insinuou Marx, olhando de novo fixamente pra Kunhahendy.

— Sinceramente, eu não sei. Não fui educada com princípios cristãos e nem tenho ideia disso. A nossa origem, ensinada pelos nossos aracuaá (sábio ou aquele que penetra no tempo e no espaço), é que viemos do *Areguá* (fundo do tempo) e que o *Canendiyú* (arara-amarela) nos ensinou a falar. Não tivemos o chamado pelos brancos “mito da criação”.

Ela pensou por alguns segundos, olhando de lado, e ponderou:

— É de se pensar realmente essa dicotomia antropológica histórica sobre o fenômeno humano e também o futuro dessa tese e antítese, da qual deverá sair uma síntese balanceada, não é mesmo?

— Eu seria muito ingênuo em acreditar nisso, sabendo que 67% dos humanos têm ideia antrópica, tal como os que apoiaram a ideia do “bezerro de ouro” bíblico — ponderou Marx e pediu desculpas por estar se referindo a uma passagem bíblica, visto que a índia acabara de lhe dizer que não sabia nada dessas coisas. Então, ele enfatizou diretamente no cerne da questão: — Por que esses povos acreditam que o universo e a natureza foram feitos pelo seu Deus para o deleite de seus filhos e eles levam isso como verdade absoluta, por isso que a dificuldade de mudar os hábitos pra salvar o meio ambiente é uma vã tentativa; é onde eu quero chegar, que foi o começo da nossa conversa, lembra-se?

— E essa estimativa de 67% dos humanos serem adeptos dessa postura irredutível? Quem te passou tal estatística? — interrogou Kunhahendy.

— Bem! Confesso que não é minha, foi um cabalista militar chamado Plínio Rolim de Moura quem me alertou sobre tal porcentagem, ainda quando eu morava em São Paulo, há mais de 30 anos. Ele me mostrou outros aspectos do seu trabalho sobre numerologia e o caráter das pessoas, acontecimentos futuros etc. — respondeu Marx, olhando pela janela do avião e anunciando: — Olha, estamos chegando!

Seu alerta coincidiu com a fala do comandante do voo, que passou os informes da configuração do tempo e a temperatura da cidade no momento.

Ao sair no saguão do aeroporto de Cumbica, eles ainda conversavam, até que apareceu uma pessoa com o nome Kunhahendy numa cartolina e a índia disse a Marx que era a pessoa que veio buscá-la.

— *Ya pitá o peicha jba che aba'arônde ruvaiti* (Ficamos assim e espero que vá ao encontro) — conclamou a linda índia sorrindo para ele, que também sorriu pra ela.

Kunhahendy deu alguns passos, voltou-se para Marx e disse em voz alta, em português:

— Você não me disse seu nome, Karáí Guaçu (Grande Senhor)... *Nde rera...* (Seu nome...) — repetiu eloquentemente.

— Meu nome é Marx, mas gostei mais quando você me chamou de *Tuyami* (velhinho), respondeu Marx sorrindo para ela, enquanto via a sua silhueta juvenil já se misturando com os transeuntes do aeroporto.

Ele ficou encantado com a jovem índia por um breve momento, com o conhecimento e a plenitude da consciência sobre o seu destino na luta pelas ideias do seu povo – em seus 64 anos de vida nunca havia encontrado alguém assim. Ficou sorrindo no saguão e lhe veio na cabeça algo em que há muito tempo não pensava e murmurou baixinho, consigo mesmo: “Sempre quis uma filha assim”.

2º Capítulo

Abre-se o vórtice azul, preto e dourado

Marx embarcou no ônibus quase vazio para a avenida Paulista, onde seria resgatado pela amiga Sônia Otahime, uma bela mulher mestiça japonesa a qual ele conheceu no aeroporto de Cumbica há quase 9 anos e teve uma convivência com ela em Cuiabá durante todo esse tempo. Pessoa sensível, viajada, alegre, risonha, extremamente ligada à cultura da música e da literatura e, acima de tudo, fluente em três idiomas. Seu ar de menina aventureira e experimentadora contagiou a todos, tanto no trabalho como nas amizades desenvolvidas durante a sua residência na capital de Mato Grosso trabalhando no serviço público.

Marx era músico autodidata e “livre-pensador nas horas vagas”, como ele mesmo se intitulava, mas sua veia poética estava meio deixada de lado devido ao trabalho de pesquisa e registro em livros didáticos para escolas. Ao ler os escritos poéticos de Sônia Otahime, numa pequena publicação que ela fez ainda em São Paulo, começou a sentir fagulhas da poesia que ele havia abandonado há mais de 30 anos, precisamente logo que havia voltado para Cuiabá.

A poesia de Sônia era provocativa, sensual, estarrecedora, mas acima de tudo inquisidora para uma alma poética embrutecida e cansada como a de Marx. Ele nunca havia lido nada igual e cada poema dela era como se fosse um Koan da poesia Zen, que começou a mexer nas vísceras adormecidas da alma do cantor/compositor. Essa autoconcepção levou algum tempo para se consolidar e também ele admitir que aquelas pequenas palavras da menina irrequieta e risonha estavam mexendo mui-

to mais com ele do que poderia imaginar. Há alguns anos, ele começou a responder aos Koans de Sônia com uma espécie de sombra do próprio poema dela. Isso fez com que criasse uma página no Facebook, coisa que ele não queria de jeito nenhum, para se comunicar com ela.

Anos se passaram e Sônia no seu trabalho, o qual a obrigava a viajar muito dentro do Estado e fora do país. Ela se viu em várias situações complexas que a auxiliaram a amadurecer o seu espírito jovem, mas nunca parou de escrever poemas e sempre os compartilhava com Marx. Este, por sua vez, mandava suas músicas para ela e a reciprocidade das duas almas artísticas foi imediata. Pareciam duas ramificações espontâneas que irromperam impulsionadas por uma necessidade inefável de querer se encontrar para celebrar juntos uma hierogamia como se fosse um encontro de uma jovem lebre que buscava abrigo e um velho coelho que não sabia onde estava seu abrigo, numa noite escura e fria.

Quando o ônibus entrou no centro histórico da capital paulista, a tarde estava cinzenta e Marx começou a sentir o teor das palavras do escritor Mário Reis, que diz: “São Paulo é uma cidade que não permite indiferença”. Parece que ele quis dizer também que a cidade cria um “ponto numinoso” para todos os que viveram ali, porque Marx começou a ter insights acerca do tempo em que perambulava por aquelas ruas, que continuavam com seus prédios velhos da mesma cor, e logo sentiu que entrava num vórtice de recordações de quatro décadas de lembranças, como se descortinasse de novo o velho hábito de comprar livros e erva-mate na esquina da Ipiranga e São João, logo em seguida pegava o ônibus para sua casa, no ponto ali mesmo em frente à mesma loja, ou às vezes entrava nos cinemas Marabá ou Ipiranga e assistia à sessão dupla esperando passar o rush do final de tarde.

Naquele tempo Marx fumava charuto e cachimbo, mas, quando estava nas ruas de São Paulo, preferia o charuto e um bom conhaque para aquecer e ver a tarde se dissolver em noite fria com garoa, a qual o enfeitiçava, deixando-o temperado para ir à casa de algumas das suas namoradas, das quais ele jamais se esqueceu; vivia uma poligamia acordada com todas sem nunca acontecer qualquer desentendimento, porque elas também agiam do mesmo modo. Eram mulheres esclarecidas, sinceras, envolventes, estudadas e, sobretudo, conscientes. Ele chamou esses momentos da sua vida de “pluralidade dos sentimentos”, pois não praticavam mais a velha “Via Crucis” do namoro compromissado. Ele se lembrava:

“Era o final dos anos 1970 e começo dos 1980. Nessa época, eu era funcionário público do Estado durante a semana e, no final da semana, era cantor de música mato-grossense e latino-americana e, de quebra, ainda arrumava tempo para participar do Comitê de Solidariedade à América Latina e Caribe, uma ONG constituída de grandes sociólogos professores da USP, como Paulo Schilling, Paulo Canabrava; jornalistas como Francisco Hardy, do velho tabloide Pasquim; e Helena Quadros, sobrinha do ex-governador de São Paulo e ex-presidente do Brasil Jânio Quadros, já falecido; a psicóloga e compositora Maria Thereza (Tekka), mulher com a qual eu aprendi muitas coisas; Eduardo Suplicy; e outros que não me lembro do nome, mas sim do rosto.

Mandávamos carta de apoio ao novo governo Sandinista da Nicarágua, à guerrilha de El Salvador, e ajudava na promoção dos shows dos cubanos Pablo Milanes e Silvio Rodrigues, da argentina Mercedes Sousa, e tantos outros.

Foi o melhor momento de felicidade da minha vida, que ficou plasmado naquelas ruas, nas lojas de discos de vinil, nos sebos de livros, nas pastelarias dos chineses, nos botecos de

café onde eu comecei a apreciar a bebida. Estava ali vivo nas lembranças ouvindo até mesmo o som dos carros quando abria o sinal verde, os gritos de orgasmo das minhas namoradas, que sempre coincidiam com os meus; as páginas dos livros abertos sobre o criado-mudo e, no intervalo do sexo, começávamos a comentar o romance ou a poesia; o cálice com o resto de vinho que às vezes derramava, manchava o carpete e terminava em risadas de ambos – tudo isso ressoava em meus ouvidos e um vendaval interminável palpitava em minha pele, como o suor e o cheiro gracioso da vagina das namoradas. Era tão incandescente como a brasa do meu charuto ao acendê-lo olhando o sorriso carinhoso e sensual dos meus amores.”

A garoa começou a cair na janela do ônibus que já chegava à avenida Paulista e Marx ainda estava embebedado nas suas lembranças. Logo que desceu, olhou a esquina da avenida Consolação com a Paulista e viu o prédio onde morou um de seus amores, Ângela Savazzi. Por um breve momento lembrou-se dos seus olhos verdes, seu belo sorriso, e do tempo em que atravessavam a Consolação para assistirem a filmes no Cine Belas Artes.

Já fora do ônibus, Marx começou a fazer uma ligação para a amiga Sônia Otahime e não conseguiu. Quando ia tentar de novo, seu celular tocou e, do outro lado da linha, a voz nasa-lada, já bem conhecida dele, falou:

— Marx, onde você está, já chegou? — era ela quem, intuitivamente, captara sua tentativa, como tantas outras vezes em que seus impulsos sempre estavam sincronizados.

Após dez minutos ela chegou, eles se abraçaram e entraram no carro. Sônia, ainda perplexa por ver Marx ao seu lado, lembrou-se de quase nove anos atrás no aeroporto, quando perguntou a ele e outra pessoa com quem estavam conversando: “Vocês vão pra Cuiabá?”. Então falou:

— Estou com fome! Você já comeu?

Ele respondeu que não, olhou para ela, teve um ímpeto de ternura, abraçou-a e a beijou na testa, como duas crianças que se encontram.

— Lá perto de casa tem vários restaurantes, vamos comer lá, vamos!

Marx estava tão feliz de estar em São Paulo e com a amiga que ele mais admirava que nem fome estava sentido, mas mesmo assim eles se sentaram na praça Benedito Calixto, muito conhecida por ele, e sua recordação foi ao Teatro Lira Paulistana e da rua do Chorinho, uma reunião de músicos que se encontravam todos os domingos à tarde para tocar sem compromisso, que ele frequentou muito naquela época, porque morava no bairro Butantã, próximo dali.

Após comerem, foram para o apartamento de Sônia, que ficava bem pertinho. Logo que chegou, Marx pegou um violão dela, que ele gostava muito, começou a tocar e a cantar algumas músicas; relaxaram um pouco para irem à noite num show em um bar chamado Jazz B, localizado na antiga “Boca do Luxo”, uma área de prostituição dos anos 1970/1980 no centro da cidade. Sônia disse que descobriu o bar porque tomou um ônibus errado.



Kunhahendy transitava no meio das outras etnias que estavam chegando nos alojamentos perto do Ibirapuera; já eram 19h00. Seu celular tocou e, do outro lado da linha, era o professor e escritor Daniel Munduruku, grande figura brasileira da cultura indígena.

— Kunhahendy... Como vai?

— Oi Daniel! Onde você está?

— Estou em Brasília e só vou estar aí amanhã cedo. Tive que passar aqui, porque meu voo tem baldeação por aqui. Como a continuidade do voo é às 22h15, eu iria chegar aí de madrugada, então resolvi remanejar minha passagem pra amanhã às 05h30. Estarei aí no Ibirapuera às 08h00, fique tranquila... Falou?

— Está bem. Estava te procurando, porque quero conversar com você sobre algo muito importante para o Encontro e, como a conversa é longa e de grande relevância, prefiro esperar você chegar.

— As falas vão começar às 10h00; teremos tempo pra falar sobre esse assunto, que parece ser muito importante, vindo de você.

— Quando chegar me liga, então. *Yá pitá opeicha che cape.* (Ficamos assim combinados, meu amigo).

— *Nei neipá!* (Está bem!) — respondeu Daniel, desligando.

Após desligar o celular, Kunhahedy foi até a cantina para comer alguma coisa e ficou encantada, porque havia comida indígena de todo tipo. Exclamou em voz alta, como qualquer adolescente faminta:

— *Tuichá rembi-ú! Yaba yákaru! Che vare-á!* (Muita comida! Vamos comer! Estou faminta!)



Sônia tomava banho e Marx tocava violão relembrando as velhas canções latino-americanas dos anos 1960 e 1970, do tempo em que a luta armada era exportada pela revolução cubana e as músicas engajadas eram os hits do momento, tanto no Brasil quanto em outros países.

Marx cantava ‘Los hermanos’, ‘Lo único que tengo’, ‘Zamba del Che’, ‘Te recuerdo Amanda’, ‘Le tengo rãbia al silencio’ e

‘O plantador’, do compositor brasileiro Geraldo Vandré, entre outras. Sua voz, ainda carregada de nostalgia e sentimento, parecia estar fazendo uma empatia psicológica com a época em que essas canções eram chamadas de “subversivas”, vocábulo já não mais usado.

Por um instante, lembrou-se de um show na PUC, organizado pelo Comitê em 1980, em que, antes de entrar no palco, foi barrado pelos agentes do DOICOD, que perguntaram pra ele:

— Você é o cantor e compositor Marx?

— Sim, sou eu mesmo!

— Você não poderá cantar a música ‘Para os guerrilheiros do Araguaia’ e nem ‘O plantador’ do Vandré, estamos entendidos?

— Entendido, senhor.

Quando anunciaram sua vez, a entrada no palco chamou a atenção de toda a plateia. Violão na mão, poncho peruano, bota de salto carrapeta, calça jeans e boina verde-oliva com uma estrela vermelha. Todos gritavam para que ele cantasse a música dos guerrilheiros do Araguaia e a do Vandré.

Marx cantou durante 40 minutos e, no final, disse que havia outra canção muito importante para que todos conhecessem; dedicou-a a todos os exilados que se encontravam na plateia.

A música era sua; uma toada simples, porém com a letra insinuando um “portunhol” típico de exilado político, intitulada ‘San Pablo... San Pablo’, e a letra dizia assim:

San Pablo... San Pablo...

Yo vengo de lejos
y estoy cansado.

Faz muito tempo que ando por aí,
faz muito tempo que quero existir.

Eu quero estar aqui,
'Caminar' pela 'San Jon',
caldo de cana, cinema
e prostituição.
Que importa se sou resto de Allende,
Tupamaro ou Perón?
Eu quero é viver,
'yo quiero solamente vivir'.

Mesmo que o sibilo da minha quena
se confunda com os apitos dos carros
e que a letargia do meu sonho cansado
realce o estigma de Neruda ou Cortázar;
mesmo que um dia meu corpo y meu poncho
se estendam inertes na calçada,
um murmúrio na garoa 'vá decir':
Yo quiero solamente vivir...
Pero 'confesso que no vivi'.

Era uma canção extremamente visceral e Marx deu-lhe a interpretação com o vigor que ela pedia. Após sua saída do palco, a plateia começou a cantar os versos finais, que faziam paródia do livro muito lido na época, Confesso que vivi, do poeta chileno Pablo Neruda.

Já no camarim, o agente acercou-o de novo, dizendo:

— Eu te disse pra não cantar músicas subversivas!

— O senhor me disse pra que eu não cantasse duas músicas, do Araguaia e a do Vandrê, não foi isso o combinado? Foi o que eu fiz!

— Vocês, comunistas, deveriam sair do Brasil e ir logo pra Cuba, Rússia, ao invés de ficar dando trabalho pra gente! — falou e saiu vociferando pelo corredor, arrumando a gravata e

os óculos escuros, enquanto as pessoas entravam no camarim para cumprimentar Marx, que estava arrumando o violão no case. Ele havia visto na plateia as suas fãs, a modelo Suzilane e a prima dela, Selenita, uma velha amiga que viveu em Mato Grosso na sua cidade e foram colegas no colégio em que Marx estudou também. Seu pai, o senhor Edgar, foi um guerrilheiro treinado em Cuba. Depois de viver na clandestinidade, foi preso e torturado. Solto, ainda viveu e cuidou da família até o final dos anos 1990. Elas eram as amigas das noitadas paulistanas.

Depois da tietagem e conversa com o pessoal da esquerda engajada, Marx acendeu seu cachimbo. Após algumas baforadas, saiu abraçado com Suzilane e Selenita, já tratando em que boteco da redondeza iria beber um bom conhaque e curtir o frio e a garoa, porque a noite estava convidativa.

As suas doces lembranças “proustiana” é interrompida quando soou o ranger da porta do quarto de Sônia, que saiu sorridente como sempre, com seu ar de menina já arrumada no seu modo simples, pois cativava a todos com essa graça natural e beleza exótica. Fecharam o apartamento e saíram conversando sobre a programação do show no Jazz B. Ela disse que o grupo Madeira Brasil ia tocar naquela noite. Marx se alegrou, pois nunca havia assistido a um show deles. Comentou:

— Vai ser ótimo, eh! Há muito tempo que quero ver esse grupo. Só você, eh!, Sônia, pra me fazer uma surpresa dessas!
— animou-se Marx, abraçando a amiga.

— Marx, eu também não conheço o show do Madeira, mas sei que é bom, já escutei algumas músicas — respondeu Sônia, abrindo a porta do elevador.

O local ficava perto, mas meio difícil para estacionar. Depois de algumas voltas, conseguiram vaga numa esquina e saíram caminhando como dois adolescentes, conversando e dando risadas até a entrada do bar. Na recepção, foi-lhes anunciado

que não havia mais mesas. Mesmo assim, decidiram se acomodar como puderam. Não entenderam por que tanta gente, se era 20 de Novembro, Dia da Consciência Negra, meio feriado. Logo depois, ficaram sabendo que o grande pianista Nelson Aires iria participar do concerto e também o violonista Paulo Bellinati.

O concerto foi um êxtase. Tocaram somente músicas que há muito tempo eles não ouviam e, melhor, temperadas pelas maiores feras da música brasileira. Um dos destaques foi a sinfonia ‘Saudades do Brasil’, do grande Tom Jobim. Estava tão lindo que não dava vontade de sair, mesmo no caso deles dois, que estavam assistindo mal-acomodados. Sônia tirou uma foto de Marx em silhueta, que ficou linda.

Logo que terminou o concerto, eles foram direto pra casa, pois teriam que acordar cedo para ir até a serra da Cantareira, onde aconteceria o show do Tarancón, um grupo antológico de música latino-americana e que fazia parte da história de Marx durante sua passagem de dez anos na capital.

— Eu estou ainda agitado, Sônia, vamos tomar uma cerveja pra relaxar! — disse Marx, já abrindo a geladeira e pegando duas latinhas. Sônia deu risada por que ele não é de cerveja, porem compartilhou com ele, pegando outra latinha.

Depois de tomarem as latinhas e comentarem sobre o belíssimo show que ainda ressoava nos ouvidos deles, resolveram dormir. Sônia fez um pedido a Marx, que já era de praxe:

— Me acorda às 07h20, tá? Com música! — ela o alertou, caminhando sorridente e já entrando no seu quarto. Marx sorriu e pensou consigo: “Que criatura fantástica!”.

Já pela manhã, ele se levantou uma hora antes do combinado com Sônia e tomou uma ducha fria no chuveiro do terraço do apartamento. O tempo estava fechado e garoando, ele preparava o mate quando começou a ter recordações de quando morava

no Butantã e estava nos fins de semana no km 15,5 da rodovia Raposo Tavares, no bairro Vila Cláudia, tomando mate com os amigos paulistano Beto Moskovich, Jaburu, Zé Arruda; seu amigo de infância Tonico; a sua namorada Rose, seus familiares e um amigo argentino chamado Leonardo Halseman, descendente de holandeses que morava perto da sua casa. Gostavam de fazer churrasco juntos para se divertir nos fins de semana, com suas respectivas namoradas.

O mate estava pronto na hora de cantar pra chamar Sônia. Ele afinou o violão quieto, abriu bem devagar a porta do quarto dela e cantou uma velha canção paraguaia de serenata:

Escucha linda mi serenata
Sencillos versos vengo a cantar
Para decirte bien de mi vida
Con toda mi alma
Roraijbura [minha amada]

Sônia acordou sorrindo e se cumprimentaram. Logo, os dois foram se sentando lá fora no terraço pra tomar “mate al viento”, como gostavam de dizer. O tempo frio e o vento davam um êxtase para ambos, que pareciam estar num pampa da América do Sul em algures desconhecido. Naquele momento, a voz nasalada de Sônia, seu sorriso largo e o mate quente aumentaram o insight de Marx, que teve uma espécie de déjà vu e, por um breve instante, os belos lábios, os cabelos soltos ao vento da amiga transfiguraram-se numa índia de jaleco vermelho olhando para ele em cima de uma montanha. Parecia estar diante da revolucionária boliviana Juana Azurduy, do século XVIII.

Ele se controlou e pegou a guapa pantaneira do mate das mãos de Sônia para tornar a colocar água e se servir, desmanchando assim as brumas do déjà vu.

Depois de terminar de tomar o mate, Marx disse:

— Vamos! O local fica do outro lado da cidade.

— Sim, vamos, vou me vestir — disse Sônia, caminhando para o quarto. Quando voltou, ele, meio desajeitado, disse:

— Sônia! Eu acho que vai demorar muito até chegarmos lá. Eu sei que vai ter aquele café, mas já estou com fome agora, minha querida, eu queria comer alguma coisa, tá?

— Vou fazer uma tapioca com queijo, tá bom? — Sônia deu risada do querer imprevisto.

— Tá! Claro, eu adoro tapioca! — animou-se Marx. Sônia preparou, ele comeu meio rápido e saíram.

Tudo certo, ligado o GPS e lá se foram os dois, conversando e rindo, a um show que, para Sônia, era uma continuidade do deslumbramento após descobrir o grupo Tarancón. Para Marx, era voltar ao tempo e fazer um feed back no vórtice de um passado resplandecente, uma ausência corrosiva. Não esperava que, com o passar do tempo, esse prazer retroativo histórico fosse tão necessário para sua alma quanto o alimento para seu corpo. Lembrou-se de que, em 1984, pediu demissão do seu trabalho para ir embora de volta pra Mato Grosso, rompendo com tudo o que estava amarrado na sua vida e no seu dia a dia em São Paulo. “Tempo em que meu ego pensante decidia por mim”, lembrou-se, coisa que não faz mais. Ao longo desses anos, ele descobriu que seguir o corpo e deixar a circunstância corroborar é melhor, desde que esteja simetricamente de bem com as suas coisas, com seus amigos, seus amores (que no passado ele deixou abruptamente) e principalmente com os anseios misteriosos da sua alma. Conscientizando-se disso, não havia mais necessidade nenhuma de deixar que o ego pensante tomasse as decisões.

Sônia se distraiu um pouco e passou direto, ao invés de sair da via expressa conforme a orientação do GPS. Conclusão: teve

que dar uma volta enorme. Resultado disso: muita risada a dois. Quando estavam subindo a serra, Marx começou a conversar e a revelar coisas do seu erotismo secreto para a amiga. Não sabiam como a conversa foi para esse lado e ela, por sua vez, não mostrava nenhum constrangimento; respondia e perguntava também. Ele ficou muito excitado; Sônia percebeu, mas não se preocupou e, mais uma vez, errou o caminho. Marx retomou sua postura e disse:

— Não sei por que estou falando essas coisas pra você. Vejo que até te atrapalhou a dirigir!

Ela não respondeu e procurou se orientar de novo pelo GPS. Depois de alguns minutos, pegaram uma informação precisa com uma pessoa e chegaram ao local.



— *Anaiauê! Anaiauê!* — anunciava o cacique Raoni, numa expressão muito comum já conhecida pelas etnias, que quer dizer: Salve! Eu me junto com os iguais, estamos todos reunidos, e a grande sala do Ibirapuera enchia-se de vários povos. Na mesa da palestra, começavam a chegar as lideranças Kaká Werá, dos Txucarramãe; Davi Kopenawa, dos Yanomami; Kanue Kalapalo, Kojo, Aritana e, por último, muito sorridente, Daniel Munduruku. Somente não estava ali Ailton Krenak, que, segundo os informes, iria chegar depois de meio-dia, porque a tragédia na cidade de Mariana-MG o levou a uma reunião de urgência, um dia antes, com os pajés de algumas etnias. Eles precisavam de uma mensagem da terra e do mundo invisível a respeito do acontecido com a cidade, que sofreu com o rompimento da barragem e, que destruiu todo o vale e o rio de lama estava ameaçando outras regiões dos vales e do rio Doce.

O cacique Raoni abriu a fala atacando o governo por causa

da construção da hidrelétrica de Belo Monte. Suas colocações foram as mais sábias e não havia como contestá-lo. Os índios o respeitavam e, ao mesmo tempo, o apoiavam. Falou apenas por dez minutos e o grande líder terminou dizendo que a construção de Belo Monte seria um genocídio pior do que estava acontecendo em Mariana, porque, logo que a hidrelétrica estivesse pronta, as águas estariam raivosas e não iriam obedecer aos homens, havendo enchente, destruição e também seca nos rios que foram represados, colocando toda a região em situação trágica, jamais vista no país. Ele disse que já estava velho para brigar com os brancos; precisava de gente nova, com destreza e sabedoria para convencer o governo do absurdo de suas ideias.

Kunhahendy assistia de longe. Ela fazia parte da organização e da comissão do encontro. Era uma moça de quem todos gostavam e respeitavam-na pela inteligência e atitude precoce, sempre disposta a ajudar a causa indígena, porque tinha consciência de que o povo da floresta precisava viver pra que todos vivessem. Ouvindo tal colocação fatídica de Raoni, murmurou sozinha em guarani com os olhos brilhantes:

— *Tuichá hará!* (É muito grande esse mal!)



Após estacionarem o carro, Sônia e Marx caminharam para a entrada da chácara. Deveriam estar lá às 10h00 e já eram 11h00. Conforme a informação do rapaz que estava na entrada, o show ainda não havia começado, porque muita gente estava atrasada.

Logo que entraram, o líder Emílio de Angelis, do grupo Tarancón, reconheceu Marx de longe e foi logo perguntando:

— Cadê a boina? Agora trocou por chapéu Panamá?

Marx deu risada e, quando se encontrou com ele, abraçou-o e beijou-o, porque já fazia mais ou menos 25 anos que não se encontravam. Estavam todos sexagenários, barbas brancas e cabelos ainda um pouco grisalhos. Marx sentiu uma felicidade muito grande e veio na sua boca a frase de um poeta gaúcho, Glênio Fagundes, o qual ele admira muito e disse, celebrando o encontro:

— “Não existe distância maior que a transformação”.

Emílio e Marx continuaram abraçados e logo procuraram a cantora Miriam, que foi esposa de Emílio desde o começo do grupo, nos anos 1970. Como sempre, ela era carismática, amiga e, sobretudo, comunicadora; já estava usando óculos. Logo reconheceu Marx, deu um sorriso e ambos se abraçaram – era como se um campo de ternura e recordação estivesse inundando aquele encontro.

Miriam disse pra Marx que tinha guardado em uma caixa de madeira a letra de uma música que ele havia dado a ela. Não se lembrava do título, mas sabia que era dele e ainda justificou que faz isso por não ter boa memória, para lembrar-se de coisas e gentes. A sua caixa é uma espécie de “link concreto”, tal como acionar uma chave para abrir uma porta imaginária, a qual lhe permite trazer de novo do passado qualquer coisa e plasmar na existência atual. Marx não se lembrou de tal fato, porém ficou intrigado porque não conseguia se recordar de uma coisa tão importante e ainda ligada com as suas composições; sua memória sempre foi boa e cristalina. Sentiu que estava envelhecendo.

Miriam contou que, quando foi tocar pela primeira vez em Campo Grande-MS, conheceu Almir Sater ainda muito jovem. Ele a viu no show tocando charango, instrumento de cordas boliviano, o qual disse não conhecer e pediu-lhe para ver o instrumento. Ao pegá-lo, deu um show na frente dela e come-

çou a dar risada.

Uma hora após a chegada de Sônia e Marx, o concerto antológico começou. Naquele momento, parecia que o local fora tomado por uma bruma de miasma e transcendência, pois o Tarancón começou o show com a música ‘Promessa do sol’, do cantor e compositor Milton Nascimento e Fernando Blant.

Parecia que estava acontecendo uma espécie de sincronidade entre o show do Tarancón e a fala do cacique Raoni, que se encontrava do outro lado da cidade, no Ibirapuera. O peso dos instrumentos do altiplano andino, como quena, zamponha, bombo leguero e charango, junto ao violão, contrabaixo e as vozes impecáveis do grupo colocou a plateia em êxtase, cantando junto com os vocalistas. Era como se fosse uma reza profunda executada por instrumentos dos índios da Cordilheira dos Andes e o tema da música um drama dos índios da floresta brasileira.

Você me quer forte
e eu não sou forte mais.
Sou o fim da raça, o velho que se foi.
Chamo pela lua de prata pra me salvar;
rezo pelos deuses da mata pra me matar.

Você me quer belo
e eu não sou belo mais.
Me levaram tudo o que um homem podia ter;
me cortaram o corpo à faca sem terminar;
me deixaram vivo, sem sangue, apodrecer.

Você me quer justo
e eu não sou justo mais.
Promessas de sol já não queimam meu coração.

Que tragédia é essa que cai sobre todos nós?
Que tragédia é essa que cai sobre todos nós?

Existe sempre um liame transcendental pelo qual os povos mais telúricos se comunicam de certa forma sem precisar de instrumentos, principalmente quando há algo comum iminente acontecendo. Para os índios, isso é corriqueiro na sua aldeia e fora dela, mas o homem comum da cidade não concebe tal fenômeno e aprendeu a chamá-lo simplesmente de “coincidência”.

Tarancón tocou seus antológicos hits, como ‘A mi palomita’, ‘Chacarera de un triste’, ‘Canción y huayno’, ‘Papel de plata’, ‘Zamba de las Tolderías’ e tantas outras obras do folclore latino-americano que todos cantavam de cor. No meio do show, Miriam foi requisitada para fazer a sua participação especial, visto que já estava na sua carreira solo há vários anos.

No seu coração e mente, Marx não concebeu tal coisa, porque ele não acompanhou o acontecido. Sentiu-se como uma criança que ficou muito tempo longe dos pais e não viu a separação de ambos – é como se tudo estivesse como ele deixara.

Miriam Miràh entrou, pegou o violão e começou a cantar com sua voz que parecia ser a marca registrada do grupo e continuou com ‘Jenecheru’, do folclore boliviano, ‘Señora chichera’, e ‘Canción con todos’, do poeta Armando Tejada Gomez e claro, Gracias a la vida da chilena Violeta Parra. Chegando na reta final do show, que mais parecia um louvor religioso, a cantora Maite Gonçalves, filha da Miriam, começou a cantar em quéchua a música ‘Tinku’, do folclore boliviano. Marx se lembrou de que Miriam a cantava antes.

O grupo começou a fazer uma espécie de cordão de saideira do palco, acompanhando a cantora Maite, dirigindo-se para fora do recinto em fila e lá se iam Emílio tocando quena, Farinha

zampoña, Moreno Overá violão, Jorge charango, o mais novo no bombo leguero, e um garoto de uns doze anos impressionou a todos tocando zampoña acompanhado pelos que cantavam em coro a música andina. Era uma apoteose que somente o Tarancón conseguia fazer, dentre todos os outros grupos do gênero que atuavam na capital paulista.

Sônia estava embriagada com tudo aquilo, vestida na sua blusa vermelho-carmim que a deixava muito charmosa, lá se ia fotografando tudo com seu belo sorriso encantando a todos. Circulou espontaneamente e voltou até Marx, que estava conversando com Miriam e não se sabe o que ela falou referindo-se ao idioma guarani. Miriam disse:

— Ah! Me lembrei! A letra da música que você me deu era alguma coisa em guarani...

Marx pensou e disse:

— Já sei, é parte de uma obra minha inédita chamada ‘Mbaeveraguaçu’. Pra ser mais preciso, uma opereta escrita em português, espanhol e guarani. Eu não a havia terminado naquela época e passei a letra pra você; a parte que te dei é uma espécie de plegaria (canto invocatório) intitulado ‘Ave Maria Guarani’. Miriam confirmou.

O dia vai se recolher
no véu escuro da noite.
Jacy (lua) vai renascer,
Guaracy (sol) vai se esconder.

Después de sol y trabajo,
yo tengo mis manos cansadas,
volviedo mi alma a Dios
por este dulce *purajbei* [canção].

Tupã Yara tecovê, [Deus Senhor da Vida]
Ru yepe michimi, [Pai dos pequeninos]
aico seva nde rejbe [Eu quero estar com você]
jha nde che rejbe [E você junto a mim].

Desperta en mi oración
ensueños que alumbran mi ser
en esos momentos empieza
el llanto de este *cuiamba-ê* [homem].

Depois de muitos afetos, Marx quis informes dos outros componentes da época que não estavam mais no grupo. Perguntou de Halter Maia, Turcão, Juan Falú e o percussionista Jica. Emílio respondeu sobre o que eles estavam fazendo e disse que se encontraria com Jica mais tarde em outro show, do qual Jica era produtor. Muito importante também foi a conversa com a senhora Margot Quedas, uma colecionadora dos LP do grupo.

Despedir e sair de lá foi complicado para Sônia e muito mais para Marx, que sentia estar se despedindo deles para sempre. Seu coração batia forte; ele relutava e tentava não olhar para trás, pois parecia que parte de sua vida desaparecia, precisamente a mais feliz e ligada a tudo o que viveu do apogeu do grupo. Ele atuava na mesma posição, com sua cantoria e luta política junto ao Comitê de Solidariedade da América Latina e Caribe, com os seus amores na teia polígama e, que tinha a música do Tarancón como uma espécie de trilha transcendental e atemporal.

O vórtice daquele portal sonoro estava ficando para trás. Ele ainda errou a saída. Sônia mostrou-a:

— Marx, é por aqui, vamos!

Na volta, ainda reverberava na cabeça e no coração de Marx o som do grupo. Ele ficou um pouco quieto e Sônia dirigia

guiada pelo GPS. Logo que pegou a via expressa, ele se sentiu como a feiticeira Morgana quando saiu do mundo das fadas, no romance *As brumas de Avalon*, da escritora americana Marion Zimmer Bradley.



Ailton Krenak chegou e foi direto para sua acomodação. Estava cansado e perturbado pelas coisas que estavam acontecendo em Minas Gerais e também pelo resultado da reunião com os pajés; eram 15h00, estava frio e garoando. Sentou-se em um sofá, acendeu seu cachimbo, começou a analisar a situação e pensar na prerrogativa que lhe deram para sua fala no dia seguinte. O tema proposto pela comissão era “Harmonia e Construção do III Milênio com a Participação dos Índios”. Estava quase cochilando no sofá, quando uma voz de menina o surpreendeu:

— Carai Ailton, meu nome é Kunhahandy; sou da comissão do Encontro, sou guarani, gostaria de falar com o senhor. Sei que está cansado, mas o que eu tenho pra te falar é muito importante pra sua fala e seu tema de amanhã. Podemos conversar?

— É sempre animador falar com gente jovem e bonita. Espero que o que você tem pra me dizer vá mesmo me ajudar amanhã, porque o encontro que tive ontem com os pajés lá em Minas, não foi nada animador — respondeu o índio escritor.

A índia sentou-se do outro lado do sofá, arrumou a tiara e os cabelos e começou a relatar toda a conversa que teve com Marx no voo para São Paulo. Ailton escutou dando baforadas no cachimbo, sem interromper Kunhahandy. Ela gesticulou, franziu a testa, arregalou os olhos e, depois de ter exposto exatamente o que havia escutado de Marx, disse que o convidou para participar, no domingo, da sua fala e que Marx tinha uma profunda admiração por ele. Depois de uma pausa e profunda baforada, Ailton falou:

— Dinheiro, poder, etc., são os combustíveis que sempre incendiaram as pessoas desde que o mundo é mundo até os dias de hoje, mas pode acrescentar também a droga, o armamento, o petróleo, que são os novos *itayu* (ouro) do momento, minha amiguinha. Na reunião dos pajés, foi alertado sobre tal situação e a mensagem desse Tuyami vem exatamente corroborar a chamada “Data Limite”, revelada há pouco tempo pelos seguidores do grande espírita Chico Xavier, e que não é nada animador pra nossa gente e nem para o mundo — enfatizou o escritor, olhando a fumaça de seu cachimbo desvanecer no ar.

Voltando os olhos para a índia, ele disse que mudaria um pouco o tema e faria uma provocação para ver a reação das etnias sobre o tal assunto. Concluiu dizendo que “esse confronto contra os que acreditam no universo antrópico e no mito da criação já começou há muito tempo”, somente não houve uma declaração formal, e que o incidente em Mariana será o marco para abreviar, nos próximos anos, o confronto dessas duas partes: “de um lado, os que acreditam e vivem em função do universo, que somos nós, o povo da floresta; e, de outro, os que acham que o universo foi feito para os seus deleites e agem como párias da natureza, que é a maioria no planeta”.

— Espero que o *Tuyami* seu amigo esteja lá amanhã. Será interessante conhecer um branco com ideias e pensamentos tão próximos de nós, não é mesmo, companheira? — reforçou o escritor.

— Eu também achei, Caraí Ailton. Ele me pareceu ser muito conhecedor da cultura guarani e até fala nosso idioma. Não conversamos muito durante o voo porque estávamos chamando a atenção dos outros passageiros.

Vendo o cansaço nos olhos do índio, ela se despede dizendo.

- *Eké te Caraí... Pytu'u!* (Durma, senhor... Descanse!) —

disse a jovem índia, que se levantou e saiu acompanhada do olhar de Ailton, que sentiu que conheceu uma futura grande guerreira.



Quando o carro de Sônia entrou na Marginal Tietê, Marx começou a querer que ela deixasse o GPS, porque ele queria passar em alguns bairros que há muito tempo não via. Sônia relutou em aceitar a proposta, embora não estivesse declarada; ela já conhecia muito bem a intenção do amigo. Por fim, cedeu e entraram na Barra Funda, depois Sumaré e logo chegaram em casa. Deixaram o carro na garagem, saíram a pé em direção à praça Benedito Calixto para ver a feira que acontece todos os sábados no local. Logo que Marx entrou na feira, um senhor que estava com uma gôndola de CD e LP olhou pra ele e disse para o outro ao seu lado:

— É ele! Olha, é ele! — Marx, a princípio, não respondeu e depois veio a lembrança de que, há muito tempo, esteve com eles no Museu da Voz, do respeitado senhor Luís Ernesto Kwall, um jornalista aposentado que tem o maior acervo de vozes gravadas do Brasil. Sua voz também está lá e aqueles senhores presenciaram a gravação, então Marx abraçou-o, cumprimentou o outro e lembrou-se de que comprou dele uma cópia da música ‘No mar Negro’, um tango cigano do compositor romeno Georges Boulanger, a qual estava procurando há muito tempo, antes da internet no Brasil.

Sônia sentiu cheiro de comida e não quis saborear o lanche, como haviam combinado inicialmente. Marx quis comer pastel de camarão e Sônia comprou um pra ele e um de carne pra ela. De repente, engatou conversa com uma senhora muito simpática que disse ter estado em Campo Grande há muito tempo e que estudava japonês. Marx deixou as duas conversando e foi à

frente encontrar uma barraca que vendia empanadas; comprou duas bem recheadas, com a intenção de tirar a ideia da Sônia de ir a um restaurante. Funcionou. Ela comeu, despediu-se da senhora, andou um pouco mais, comprou miniaturas de jarros de flor e um livro sobre literatura indígena. Marx viu o livro e se lembrou do Encontro, ao qual se propôs a talvez ir. Comentou com Sônia:

— Sônia, você tá sabendo do Encontro de Cultura Indígena e Meio Ambiente que está acontecendo no Ibirapuera?

— Não! Estive trabalhando muito esta semana. Mal tive tempo de olhar noticiário — respondeu-lhe, com ar de curiosidade.

— Fiquei sabendo ontem, durante a viagem, por uma índia da comissão, que me falou que iria começar hoje, e até falei com ela que talvez eu aparecesse lá no domingo, ou melhor, amanhã, pois irá reunir muita liderança e, principalmente, o índio, antropólogo e escritor Ailton Krenak, pelo qual tenho muito respeito.

— Seria uma boa irmos até lá amanhã, afinal eu estive este ano na Festa do Kuarup no Xingu, lembra-se? Ainda passei na sua casa em Cuiabá. Gosto muito das culturas indígenas, você sabe disso — incentivou-lhe Sônia, com seu sorriso cativante.

— Então nós vamos! — sentenciou Marx.

No caminho de volta, pararam pra tomar cappuccino. Antes, passaram na quitanda para comprar frutas. Em casa, deitaram-se para relaxar um pouco. Sônia entrou no seu quarto e dormiu. Depois de algumas horas, já noite, eles se levantaram e ela ligou para alguns amigos virem ao apartamento ouvir Marx cantar. Queria muito que eles conhecessem o amigo por quem tinha certa predileção. Muito felizes os dois, pois estavam cobertos por uma auréola de acontecimentos fortuitos, com a noite fria e garoando, Sônia abriu uma garrafa de vinho e brindaram.

Logo chegou um convidado: o senhor Romero, síndico do

prédio, um nordestino de fino trato, risonho e encantador. Marx começou a cantar algumas músicas nordestinas e ele o acompanhou sabendo toda a letra. Sônia ficou contente, então pediu algumas composições dele. Marx sempre adorava cantar suas músicas pra ela e a noite foi adentrando. Pediu então a música ‘Quando vivas comigo’, um clássico da música mexicana, que ele já havia cantado para ela outras vezes. Cantou-a de novo, mas desta vez ela prestou atenção na letra e deram risadas os três, porque insinua o poder do amor de um sênior por uma jovem.

Já eram quase 02h00 quando chegou mais um amigo, Reinaldo, com um violão pequeno, uma garrafa de whisky já aberta e outra de vinho. A garoa e o vento haviam parado e Sônia sugeriu que se sentassem lá fora no terraço. Naquela altura, Marx já estava com a voz desgastada, pois cantava desde o começo da noite. Seu agudo estava afônico e o vinho não fazia bem pra sua voz. Sentiu-se constrangido por falhar para o amigo de Sônia, entraram de volta no apartamento e o senhor Romero despediu-se, porque tinha compromisso naquela manhã.

Reinaldo preferiu continuar bebendo whisky. Tocou um pouco no seu violãozinho e começaram a conversar. Marx já havia demonstrado que não conseguiria mais cantar. Sônia ficou meio frustrada, porque queria que Reinaldo o ouvisse, então ela abriu mais uma garrafa de vinho e bebeu com Marx.

Reinaldo era um empresário empreendedor, viajado, pessoa distinta e acolhedora. Foi namorado de uma amiga de Sônia, pela qual tinha um certo apego ainda não resolvido, porque, neste mundo de afetividade, o ser humano tateia às vezes a vida inteira e só descobre que a pessoa mais afinada consigo já passou e está em uma outra situação – assunto muito bem explorado pelos romancistas, principalmente os contemporâneos, que mostram a acidez da alma humana, às vezes consumida

pelo orgulho ou pelo que os hindus chamam de Maya, a ego-representação ilusória dos sentidos, que acarreta a perda e os desencontros dos quais os escritores existencialistas bebem para tecerem muito bem as “pedras de toque” em suas obras.

Reinaldo era amigo de Henrique, último namorado de Sônia, e tocaram no assunto do rompimento deles. Estava numa fase da vida de querer um lar, uma esposa e talvez um filho, pessoa resolvida e cansada de noitadas e sexo sem compromisso. O relacionamento com a amiga de Sônia deixou-o frustrado.

Com uma atitude harmônica, tentou fazer com que Sônia perdoasse Henrique, visto que o rompimento deles dois foi drástico, mas ela ficou furiosa e começou a dizer o que pensava. Marx, que ouvia tudo calado, ficou assustado, pois nunca tinha visto a amiga assim, dizendo coisas radicais dos homens, fazendo um resumo de seus amores passados e concluindo com os resquícios de felicidade que teve com eles. Estava bêbada, falando com voz arrastada e era notável a sua indignação com a figura masculina em sua vida. De repente, deixou os dois na mesa e deitou-se no sofá da sala.

Marx e Reinaldo ficaram conversando por pouco tempo até que Reinaldo se levantou, caminhou até Sônia, despediu-se dela e foi embora. Marx fechou a porta e voltou-se para Sônia, que estava chorando. Pela primeira vez, ele a viu assim, muito abalada emocionalmente. Esse acontecimento foi como se o lado escuro de Sônia fosse exposto para ele, que nunca a tinha visto se queixar dos namorados que teve e foram embora.

Ali naquela noite, deitada no sofá, bêbada e melindrosa, estava Sônia Otahime, uma mulher encantadora, viajada, que escrevia poesias que mexiam com as profundezas dele, sempre querendo experimentar algo novo, nunca reclamando de nada. Não era vaidosa, mas estava com 34 anos, fase em que tanto homem quanto mulher sofrem com o instinto de auto-

preservação da espécie, assim como seu amigo Reinaldo, que se mostrou consciente e quis assumi-lo.

No íntimo da alma feminina, paira ainda o velho kitsch arquetípico de viver um grande amor e ter um casamento perfeito. Por causa da educação ocidental, esse idealismo pregado pelo cristianismo continua como pano de fundo e se tornou um jogo de azar, uma loteria com possibilidades mínimas de acerto; por outro lado, várias vidas foram corroídas e consumidas ao longo dos séculos por apostar nessa proposta psicossocial estática e, que precisa de uma fé cega, a qual também é um luxo nos dias de hoje para se adestrar e viver a hipocrisia dos bons costumes familiares.

Como comungar duas almas, dois corpos, uma família e um mundo extremamente globalizado e, ao mesmo tempo, fragilizado pela paranoia que a própria tecnologia da “hiperliberdade” de comunicação criou? Mas as pessoas ainda apostam nesse velho kitsch e sofrem tentando enquadrar-se nele.

Optar por viver um grande amor é usufruir da leveza da fragrância do sentimento puro; casar-se, é viver o extrato desse sentimento num vidro fechado. Eis a questão.

Sônia não era diferente das outras mulheres. Tratando-se de relacionamento, queria um companheiro aos modos dela para enquadrar-se nesse kitsch. Mas, no momento em que o seu instinto materno pedia passagem, ela já havia resumido para Marx e Reinaldo o seu histórico de casos e viu que só conseguiu pequenos “cacos” desse “companheiro ideal”; isso a perturbava, porque todos os exemplos de relacionamentos de pessoas que a cercavam estavam em farrapos, pendurados como se fossem a última folha seca de uma árvore à beira de um abismo esperando uma brisa.

Um vento frio que entrava pela porta da cobertura deixava o apartamento gelado, mas dentro de Marx havia duas fontes de

calor: uma do vinho e outra da sapiossexualidade, a qual sabia que havia entre ele e Sônia, embora ficasse latente, configurado em forma de hierogamia, ao longo de todos esses anos, pois nenhum deles tinha consciência disso.



Essa egrégora compõe-se espontaneamente quando começa a admiração mútua entre duas pessoas do meio literário, musical, artístico, jurídico, científico etc. É alimentada pela energia de ambos no decorrer da convivência e vai se tornando tão obsessiva, formando um campo intenso de prazer nos recônditos da alma de cada um e os pares se comportam como crianças alegres, descobrindo o mundo juntos; tornam-se cúmplices e estão sempre querendo contar com a presença um do outro para fazer alguma coisa – é muito notável fazerem trocas mútuas de presentes como músicas, DVDs, livros, bebidas etc.

Enquanto não houver distância e nem escassez de tempo que atrapalhe a convivência deles, são assexuados e o fator principal é estarem, volta e meia, juntos, mesmo que ambos tenham seus relacionamentos oficiais com outras pessoas ou estejam viajando, não importa; o que alimenta essa egrégora é estarem se visitando, lendo, escrevendo, cantando, bebendo, enfim, divertindo-se e se amando inconscientemente.

Isso explica a obsessão de Sônia, nos últimos meses, por uma parte da música de Marx, que diz: “[...] sentia que a vida era um labirinto de renascer...”, à qual ela começou a prestar atenção depois que se mudou repentinamente pra São Paulo, por causa do seu trabalho.

Esse afastamento abrupto entre eles gerou uma espécie de ameaça no campo vibratório da egrégora provocada pela barreira do tempo e do espaço que ficou entre ambos dificultando

o encontro deles. Configurou-se então uma ação corrosiva que foi transformando e transmutando o sentir de cada um em nível inconsciente, mas, com o passar do tempo, essa ação começou a se infiltrar na consciência de ambos.

Sônia, ao obcecar-se pelo fragmento da música de Marx, demonstrou uma espécie de lamento inconsciente de sentir a ausência dele, e o mesmo se deu com Marx, que sentiu profundamente a ausência dela e começou a ler de novo seus escritos. Depois, escreveu poemas pra ela e, antes de viajar para vê-la, retirou a parte final do poema dela, ‘Cemitério em flor’, uma fragrância que resultou num outro poema que Marx complementou com algumas linhas chamadas por ele de ‘Despedida infinita’:

“
Sementes plenas
que nada esperam
guiadas pelas mãos dos ventos.”

Sônia Otabime

Despedida infinita

Parece o som agudo que se esvai no brilho do entardecer
chamuscado de ausências de intenções malogradas.

Carece de umidade seminal
que reluta ainda em ser
antes mesmo de romper.

É um golpe do vazio
frio
e...

A hierogamia e a sapiossexualidade são complementares, como se fosse uma nuvem carregada positivamente de energia pronta a descarregar o raio na terra, que está negativamente

carregada. Quando não há tempestade, nada acontece, mas naquela manhã, quando estavam subindo a serra da Cantareira para ir ver o show do grupo Tarancón, “uma tempestade negra” começou e Marx desandou do nada a falar de suas coisas eróticas. Naquele instante houve a catarse, o desequilíbrio, ele ficou excitado e tomou consciência plena da sua sapiossexualidade pela amiga.



Marx se aproximou de Sônia e pediu pra ela se sentar no seu colo. Ela não recusou, então ele começou a lhe contar que essas mesmas coisas que aconteceram com ela já haviam se passado com ele no começo da sua juventude. Fez um relato bem didático, com todos os detalhes, inclusive sobre a ausência da sua única filha, que acabou não criando e se tornou uma pessoa estranha para ele até então.

Ela voltou a sorrir. Ainda com lágrimas, Marx a beijou na testa e começou a acariciar-lhe os pés, depois as costas e foi tirando a sua roupa. Ela sentiu frio; ele a agasalhou e continuou até desnudá-la. Sônia não mostrou nenhum sinal de recusa, então ele lhe disse, olhando nos seus olhos:

— Sônia, eu quero te chupar, não posso mais segurar essa vontade.

Ela sorriu e fez sinal que sim com a cabeça, então Marx se levantou, fechou a porta da saída para o terraço, por causa do vento e da garoa que voltou forte, desnudou-se também e carregou-a até o sofá, deitou-a já beijando seu umbigo e devagar foi até a sua vulva, que estava úmida por causa das carícias anteriores, e começou então a chupá-la.

O corpo de Marx tremeu quando ouviu o primeiro suspiro de prazer de Sônia que, ao apreciar o minete do amigo, sentiu

que lhe despertava uma sensação nova vinda daquele homem sexagenário com sua língua que a consumia e a apreciava como nunca ninguém o fizera tão bem. Aquela boca, que sempre cantou para ela várias canções, alegrou-a por tantos anos e que a conquistou com seu canto desde o começo, estava ali dando pra ela um novo prazer calado, acoplada na sua vagina sem emitir nenhuma nota musical.

Ele sentia na sua boca o gosto da vagina de Sônia, e sentia que estava provando o gosto da sua poesia mais visceral vinda como a seiva de uma árvore de incomparável sabor agradável, a qual ele nunca tinha conhecido.

Depois de alguns minutos, Sônia sentiu uma onda de prazer invadindo o seu corpo, que começou a tremer, e foi tomando conta dela por inteiro como se fosse um terremoto somático. Ela fechou os olhos, soltou um grito meio surdo, levantou a pelve e a cabeça, em seguida caiu para trás; havia chegado ao clímax e ficou prostrada por alguns segundos.

Marx, suado, já havia tirado a boca da sua vagina, deitou-se ao lado dela e a beijou. Sônia abriu os olhos e sorriu pra ele como se o estivesse vendo pela primeira vez.

Sim, pela primeira vez, eles haviam escrito um poema juntos, uma poesia venérea que ficou gravada no corpo de ambos, registrada nas suas almas, um poema inefável e único.

Todo resquício do sentimento contido e armazenado na egrégora foi revelado naquela noite fria. Enfim, estavam conscientes: eles se amavam como água e sal.

Como duas crianças de novo, Sônia já consciente da sua sapiosexualidade pelo amigo, pegou o pênis ereto de Marx e começou a masturbá-lo sorrindo pra ele. Disse-lhe:

— Quero retribuir o mesmo prazer que você me deu. Sempre fomos assim trocando presentes, trocando poemas e músicas!... Não é mesmo?

— Há quanto tempo deveríamos estar nos se deliciando assim, não é, minha querida? — disse Marx olhando para ela, que continuou intensificando os movimentos.

A onda de prazer começou a tomar conta do corpo de Marx, que gemeu e se agarrou na outra mão de Sônia. Logo, soltou um grito de prazer, olhou para a amiga, sorriu e fechou os olhos.

Por um breve momento, Sônia, com o esperma dele na mão, beijou-o. Marx não reagiu e ela ficou olhando pra ele, que ainda estava sorrindo, então falou:

— Eh! Você encheu minha mão! Olha só!

Marx continuou imóvel. Ela, assustada, viu que a sua respiração parara de repente e então constatou que o amigo estava morto. Ficou petrificada por um instante, para logo desandar a chorar e falar baixinho, olhando para o corpo do amigo e lastimando por que ele a deixou logo quando descobriram que se amavam. Por que tudo aquilo estava acontecendo com ela? Ele foi o único homem que, embora tivesse quase o dobro da sua idade, a compreendia em todos os sentidos, o único que respondia com outra poesia seus poemas, nunca houve nenhum mal-entendido entre eles.

Sônia ficou por alguns segundos estremecida com a avalanche de acontecimentos numa só noite e, de repente, tomou uma decisão de mulher movida pelo instinto de autopreservação: abriu as pernas, juntou todo o esperma de Marx que estava em sua mão e o introduziu na vagina procurando chegar próximo do útero. Depois, ficou ali deitada junto ao seu corpo até adormecer.

O vórtice azul-preto-dourado se fechou num silêncio assistido somente pelos olhos de uma noite escura de garoa e vento frio.

3º Capítulo

Um domingo de sol e um crepúsculo fatídico e sombrio

Um domingo de sol brilhante em São Paulo, desde cedo estava agitado o Ibirapuera, a imprensa pra lá e pra cá, índios dando entrevista, vendendo artesanato, comidas típicas, pessoas tirando fotos – era o último dia do Encontro de Cultura Indígena e Meio Ambiente e as lideranças já estavam a caminho do auditório. Sem pressa, lá se ia Ailton Krenak olhando toda aquela movimentação ao redor dele, cartazes escritos com frases já muito conhecidas no meio eco-indígena como:

O mundo deles é quadrado, eles moram em casas que parecem caixas, trabalham dentro de outras caixas e, para irem de uma caixa à outra, entram em caixas que andam. Eles veem tudo separado, porque são o Povo das Caixas...

Povo Kaingang

Somente após a última árvore ser cortada,
Somente após o último rio ser envenenado,
Somente após o último peixe ser pescado,
Somente então, o homem branco descobrirá,
Que dinheiro não pode ser comido.

Povo Cree

Krenak estava quase chegando à entrada do auditório, quando se deparou com o último cartaz das frases. Começou a ler, pois não conhecia aqueles dizeres:

Por que um homem sozinho precisa de tanto dinheiro guardado em banco hoje? Amanhã, quando não houver mais comida, ele não poderá comprá-la, porque fez, antes, a comida dos

outros e a dele também, virar um monte de papel-moeda, com foto e símbolos que só servem para alimentar o fogo.

Povo Guarani

Ele sorriu e se lembrou de Kunhahendy, que apareceu na sua frente como se tivesse atendido a seu chamado mental. A índia sorridente se aproximou dele e disse-lhe:

— *Mbae chapa nde reico caraí* Krenak? (Como vai você, senhor Krenak?)

Ailton, meio pensativo no seu pouco conhecimento do idioma guarani, respondeu-lhe e foi adiantando:

— *Tecôpe!* (Como sempre!) Eu não sei guarani, menina! Vamos falar português ou eu vou falar *burun*¹ com você, não é mesmo? — ambos riram e se dirigiram ao auditório.

Na rampa que subia até o grande auditório, Ailton perguntou a Kunhahendy sobre a frase dos Guarani que estava no cartaz na entrada, e quem era o autor. Ela respondeu:

— Sinto que é do *Areguá* (Fundo do Tempo) de onde viemos e que compõe o palpitar da vida em todos nós. Eu me lembro, tinha doze anos e estava em férias escolares na aldeia da minha avó, sentia-me cansada, pois havia trabalhado muito e nesse dia fui buscar *caá* (erva) pra ela preparar um *ca-a-guy* (mate-chimarrão) perto de uma fonte de água cristalina da aldeia. Ouvi o ressoar dessas palavras nas árvores, na água, na terra e nunca mais me esqueci — respondeu a índia meio séria olhando para cima. — Ontem, depois que falei com você, quando saí de lá do alojamento, essa fala veio de novo na minha cabeça e então resolvi escrevê-la no cartaz que você viu.

— Falou com mais alguém sobre a origem dessa frase?

— Não! Só com você, Caraí Krenak — respondeu, enfática, a índia.

1 Língua/ homem no idioma antigo Macro-jê

— Eu acho que vou começar minha fala partindo dessa frase — afirmou Krenak, seguindo em frente.

— *Anaiauê! Anaiauê!* — já anunciava Daniel Munduruku enquanto Ailton Krenak e Kunhahendy entravam no auditório. Após as saudações, o escritor-palestrante do dia foi chamado para a mesa e para lá se dirigiu entrando no corredor central, saudando as etnias, os jornalistas, enfim, todos os que se encontravam no recinto lotado.

Kunhahendy se ajeitou num pequeno espaço que a comissão reservou para os que trabalharam na organização do evento. Antes de se sentar, ela deu uma olhada para trás e de lado, procurando avistar Marx no meio daquela multidão de cabeças. Não encontrando o Tuyami, ela se sentou e se concentrou na palestra de Daniel Munduruku. Lembrou-se de que quis falar com ele sobre a conversa que teve com Marx; acabou que não deu certo, pois o escritor foi carregado pelos editores de seus livros e pela imprensa.

Daniel falou sobre a importância da vida espontânea que os índios vivem e que seria muito importante que as pessoas das cidades dedicassem, pelo menos, duas horas por dia e o final de semana para se descontraírem valorizando as pequenas coisas da natureza, como observar o voo dos pássaros, as abelhas e o balanço dos galhos das árvores. Foi muito aplaudido pelos ouvintes. Depois, passou a fala para outras lideranças e o evento foi criando um colorido com incitamento positivo, afinal era um encontro que trazia a proposta dos índios para o futuro de um meio ambiente arrasado até o presente momento pela ação da tecnologia corrosiva do homem branco, a qual aponta para um princípio de incerteza, uma vez que a sociedade atual não atende aos alertas científicos dos maiores sábios do planeta, que corroboram a proposta dos índios; seguem ignorando-a e apoiando uma sociedade sedimentada no modo antrópico de ser.

Faltando uma hora para o meio-dia, foi anunciada a fala prerrogativa do esperado escritor Ailton Krenak, que recebeu o microfone, deu uma forte baforada no seu cachimbo e começou a falar:

— Eu acho que todas as coisas já foram ditas hoje aqui, portanto tenho pouco pra dizer. Lá fora, está um pensamento guarani que diz assim: “Por que um homem sozinho precisa de tanto dinheiro guardado em banco, hoje? Amanhã, quando não houver mais comida, ele não poderá comprá-la, também porque fez, antes, a comida dos outros e a dele virarem um monte de papel-moeda, com foto e símbolos que só servem para alimentar o fogo”.

Ouviu uma risada coletiva e aplausos da plateia. Para o assombro de Kunhahendy, ele repetiu exatamente o que estava escrito no cartaz e continuou falando:

— O que este encontro está precisando é exatamente de uma política de união de todas as pessoas que não querem viver mais de ostentação e nem de acúmulo de dinheiro, tampouco de hipocrisia moldada num estilo de vida medíocre, de desperdício, como vive a grande maioria que acredita que a Terra foi feita para seu deleite e exploração... Já estou cansado dessa hipocrisia de burocratas que nos colocam aqui como um bando de idiotas discutindo propostas e escrevendo ideias que não passam de “carta pra defunto” — novamente, a plateia riu, Krenak deu uma tragada no seu cachimbo e continuou: — Como foi a vida de Mário Juruna, que lutou pela cidadania dos índios e o que resultou da sua luta foi somente um grande incentivo para que índios como o Daniel Munduruku e tantos outros, que estão aqui neste Encontro, se tornassem escritores e comesçassem a ser lidos... Foi muito importante para aqueles que não querem viver de ostentação, desperdício e hipocrisia, mas a nossa comunidade continua sendo massacrada e espoliada pelas leis criadas pelo branco.

Outra pessoa que deve ser citada como importante e cujas ideias viraram “carta pra defunto” também foi o guarani Marçal de Souza Tupa’i, que acabou assassinado em sua casa por lutar pela terra do seu povo e de outros povos indígenas. Vocês podem ver que o problema lá em Mato Grosso do Sul continua cada dia pior — deu uma pausa e continuou: — Então! Eu sugiro que não me chamem, de hoje em diante, pra escrever “carta pra defunto” e sugiro pra todas as etnias aqui presentes que, aqueles que se sentirem invadidos ou pressionados pelos que acreditam que “a terra é pros deleites deles e de seus filhos”, melhor dizendo, os antrópicos, queimem suas plantações de soja, milho, algodão, só assim poderemos chamar a atenção dos que estão por trás de tudo isso, inclusive os que estão patrocinando este Encontro — ressaltou Krenak com veemência e continuou falando: — Estou vindo de Minas Gerais, onde acabou de acontecer o maior exemplo de dano ambiental do país, na cidade de Mariana, e pergunto para os senhores: Alguém foi preso? A empresa vai se responsabilizar pelo dano? — perguntou com contundência, ao mesmo tempo em que gesticulou com seu cachimbo na mão, olhando para todos os lados da plateia. — Claro que não! Estamos no final de novembro do ano de 2015, a empresa já desapareceu com todo o dinheiro que tinha no banco e até agora não deu resposta nenhuma. Então, meus amigos, me respondam somente esta pergunta pra encerrarmos este encontro: Por que as leis do branco não são cumpridas e nem levadas a sério para punir o branco neste país, e por que as que envolvem o povo indígena são cumpridas com rigor?

A pergunta de Krenak causou um silêncio momentâneo, mas logo a plateia bateu palmas e então o escritor finalizou dizendo que estamos no limiar de transformações socioculturais e econômicas e, depois do acontecimento em Mariana, não dá

mais pra acreditar em nada vindo dos brancos, muito menos do Congresso Nacional, o qual ele acredita ser um ninho de empresários com interesses mesquinhos de espoliar e destruir o pouco do meio ambiente que ainda resta, porque eles sabem que nunca serão punidos. Então, baforou seu cachimbo e se levantou da mesa.

Finalizando sua fala, foi aplaudido de pé por mais de um minuto. A imprensa ficou agitada correndo pra lá e pra cá, enquanto Krenak era cercado pelos jornalistas.

No meio da multidão, Kunhahendy estava surpresa e, ao mesmo tempo, contente com o fechamento polêmico do Encontro. Sentiu que a mensagem de Marx passada para ela e depois para Ailton foi a gota que faltava pra alvoroçar e provocar atitudes radicais, tanto na comunidade indígena quanto nos outros setores participantes do evento.

Ela caminhou para a saída do auditório e logo viu uma pessoa de costas vestindo roupa preta, com cabelos grisalhos amarrados. Correu e gritou:

— *Tuyami! Che ra'arö na!* (Velhinho! Espere-me!)

A pessoa não olhou para trás. Ela correu, desviando-se de outras pessoas, até que conseguiu chegar ofegante e sorrindo perto do homem, agarrando-o por trás. Este, por sua vez, se assustou, parou de andar e se voltou pra ela surpreso, mas, quando ela olhou direito, viu que se enganara, pediu desculpas ao senhor, que sorriu pra ela e saiu caminhando de novo.

Kunhahendy ficou meio chateada, parada na saída, enquanto o senhor caminhava. Logo, veio-lhe na memória que, quando Marx pediu a ela no avião que usasse a técnica da oralidade, viu um lampejo nos olhos dele, conhecido na cultura guarani como *tembí jokuái* (aquele que leva a mensagem), então concluiu que o seu encontro com Marx foi só para ele passar-lhe a mensagem, talvez procedente da mesma fonte que ela ouviu

quando tinha doze anos nas cercanias da aldeia de sua avó e que resultou no escrito do cartaz, motivando a mudança da fala de Krenak no Encontro. Ficou meio perplexa com a sincronicidade e logo voltou caminhando, a passos lentos, para dentro do auditório.



O sol estava forte e já passava das 15h00, um movimento de carros na avenida Rebouças denotava a torcida corinthiana indo para o estádio. Era final de campeonato do grande time paulista, praticamente já campeão.

Dentro do seu apartamento, Sônia, calada, olhava o seu violão na estante lembrando-se de que Marx gostava muito dele. Ela acordou cedo, chamou a polícia e a ambulância, cuidou para que a morte de Marx não a compromettesse e tratou de tudo, arrumando o corpo dele no colchonete da sala, colocando-lhe um short e cobrindo-o para que a polícia e o corpo de delito não abrissem nenhum inquérito sobre o fato.

Depois que a polícia técnica afastou tudo e qualquer suspeita de assassinato por parte dela, verificaram e descobriram, através dos documentos de Marx, que ele tinha um irmão que morava na capital, que logo foi acionado pela polícia para ir reconhecer o corpo no IML. Ele chegou e ficou surpreso, perguntando pra Sônia por que Marx não havia ligado pra ele no dia em que chegou. Ela respondeu que ele nunca havia lhe dito que tinha parente em São Paulo.

Após confirmar a autenticidade do morto para a polícia, ele se entristeceu e logo avisou o resto dos familiares que ia providenciar o transporte do corpo para Mato Grosso. Sabia do desejo do irmão, que havia pedido anteriormente a todos eles, de que seu corpo fosse cremado e as cinzas atiradas no rio Paraguai.

Sônia não chorava mais. Por ser uma mulher de cepa oriental, tinha uma visão melhor sobre a morte. Ainda estava abalada; as lembranças eram fortes. Por um instante, lembrou-se dos médicos legistas que estiveram no seu apartamento para verificar o local do acontecido. Depois da necropsia, constataram que houve uma parada cardíaca. Marx era hipertenso e isso pode ter acarretado o seu óbito. Lembrou-se do comentário que ouviu de uma médica legista que também esteve no seu apartamento, a qual achava que Marx estava sonhando com algo muito agradável e emocionante, por ter um pouco de esperma em sua uretra e no short, e por ter mantido o sorriso mesmo após a morte.

Ela sorriu lembrando-se do fato. Levantou-se e foi até o terraço, olhou a cidade que estava deslumbrante de sol, a ducha prendida na parede do terraço que Marx achava o máximo e só tomou banho ali, colheu a pequena berinjela que nascia no terraço, da pequena horta que ela havia plantado quando mudou.

A tarde ensolarada seguiu até o crepúsculo, com o sol deixando uma réstia de cores nos edifícios da grande São Paulo, em um final de Domingo. O Encontro de Cultura Indígena e Meio Ambiente encerrou ao meio-dia, com a fala resoluta e decisiva do escritor indígena Ailton Krenak.

Do outro lado da cidade, ao entardecer, desolada, Sônia ainda cogitava o seu ato da noite anterior buscando autopreservação após a morte de Marx, esperando que fosse a continuidade da fagulha de prazer e felicidade, ao mesmo tempo sentia um cêlere desprendimento ácido para sua vida, que devia seguir em frente. Ela acreditava que se tratava de um fator reticente num futuro fatídico e sombrio.

4º Capítulo

A decisão Macro-jê e a borboletinha da anunciação

Segunda-feira. No alojamento, as etnias se preparavam para voltar para suas aldeias. No saguão da entrada estava Ailton Krenak sentado, baforando seu cachimbo. Parecia não ter pressa de voltar, quando apareceram também Raoni e Daniel Munduruku conversando e gesticulando. Logo que o avistaram, aproximaram-se saudando-o. Este, por sua vez, respondeu às saudações e convidou-os para se sentarem nas cadeiras ao lado. Raoni foi o primeiro a falar:

— Foi muito importante o que você falou ontem — afirmou o cacique.

— Não temos muito tempo. A terra já deu sinal lá em Mariana, chegou a hora de reagirmos contra a cultura do genocídio ou iremos todos morrer; não dá mais pra conversar com os brancos. Temos que lutar! — falou Krenak, baforando o cachimbo e olhando para os dois ao mesmo tempo.

— E como vamos nos defender disso tudo? — perguntou Daniel, meio confuso.

— Eu ainda não sei, Daniel. Ao voltar para a aldeia, vou me reunir com os nossos e ver como vai ser a nossa posição de defesa e de ataque. Poderemos nos comunicar depois com outras etnias para fazermos uma grande reunião e desenvolver a estratégia da nossa luta — concluiu Krenak.

Kunhahendy chegou, com as duas mãos segurando quatro copinhos de plástico com café e já cumprimentando todos no seu idioma:

— *Mbae chapa peẽ?* (Como estão vocês?)

Todos dizem a saudação mais comum e conhecida por toda a comunidade:

— *Anaiiauê!*

— E o *Tuyami*, não veio, Kunhahenhy? — perguntou Krenak, olhando para a índia.

— É! Não veio... E não o veremos mais — concluiu ela.

— Por quê? Como você sabe? Quem era ele? — perguntou Daniel, com ar de profunda curiosidade.

— Não havia reparado no olhar dele quando estávamos conversando no avião, mas logo depois do final do Encontro é que me lembrei de que, quando ele me perguntou quem eram os deuses que incentivavam as outras culturas do mundo a cultuar a riqueza e o poder em detrimento de outras culturas que sempre buscaram viver em função da natureza, eu percebi um lampejo de *tembr jokuái* (aquele que leva mensagem) no olhar dele, ou, melhor dizendo, ele era um mensageiro de *Mimbipaguaçu*² — que nos alertou — ela parou de falar por uns segundos, olhou pra cima, mexeu nas madeixas e logo voltou a falar olhando para os três: — O Tuyami já deve estar morto e não o veremos mais — concluiu com olhar sério e semblante meio tristonho. Abriu os braços como se dissesse: é o que há.

O primeiro a falar foi Raoni, que escutou tudo com certa preocupação e, com sua hiperestesia nativa de líder, logo comentou:

— Moça, eu acho que o Tuyami quis dizer que não estávamos todos esses anos discutindo o cerne da questão, sobre o qual nos alertou Krenak pontuando ontem no Encontro.

— Então faremos o que tem que ser feito, chefe Raoni. Você já deu entrevista, tempos atrás, dizendo que estaria disposto

2 Cidade mítica guarani

a levar seus guerreiros pra impedir a construção da usina de Belo Monte, não é mesmo? — enfatizou Krenak, olhando para o Caiapó.

— É! Eu e Megaron falamos isso mesmo e estamos dispostos. E você, quando afirmou na imprensa, em abril deste ano, que “se o bicho avançar, vamos encarar de pé”, também está disposto mesmo? — cobrou Raoni olhando pra Krenak, que soltou uma baforada e sorriu para ele.

Daniel e Kunhahedy, que escutavam os dois, não deram nenhuma opinião e, logo, a índia pediu licença, porque ainda tinha muita coisa em aberto pra terminar no Encontro.



Já havia se passado um mês após o acontecido daquele final de semana. Sônia Otahime entrou numa rotina de trabalho intenso, a qual a deixava cansada no final do dia, mas ainda tinha tempo de escrever alguns poemas de vez em quando.

Não havia mais o “interlocutor abissal” dos seus koans, como ela chamava Marx, mas tinha pretensão de publicar os seus escritos.

Seus poemas já haviam sofrido algumas mudanças na configuração e na forma, seu rosto e semblante haviam perdido a meiguice juvenil, dando lugar a uma sublime introspecção que a deixava com um ar interrogativo, principalmente quando estava palestrando ou fazendo pergunta a outros em palestras, nos congressos ou até mesmo no meio dos colegas de trabalho.

Era sábado pela manhã e ela havia terminado de molhar sua pequena horta suspensa no terraço quando resolveu ir tomar um chá na padaria ali mesmo perto da sua casa.

Sem pressa, cabelos ao vento, atravessou a avenida Rebouças e chegou à padaria. Entrou e se sentou no balcão, pediu chá

e uns bolinhos e olhou de longe as manchetes dos jornais que se encontravam bem à sua frente na estante. Leu uma delas, que dizia: “Índios de todo o Brasil se reuniram no Xingu”. Levantou-se e foi até a estante pra ver melhor o detalhe da notícia e constatou que se tratava da maior reunião de povos indígenas no Xingu. De repente, sentiu um mal-estar, voltou a se sentar, terminou de beber sua xícara de chá, pagou a conta e saiu de volta para o apartamento. Logo que entrou sentiu enjoo, foi ao lavabo e vomitou, saiu, deitou-se no sofá da sala. Depois de alguns minutos levantou-se, foi até a geladeira, bebeu água e, quando olhou na janela da cozinha onde estava a única coisa de Marx que conservou consigo – a bomba e a guampa pantaneira de tomar mate e tereré –, percebeu que estava virada para cima. Ela se lembrou de que, sempre após usá-la, ele a colocava virada para baixo sobre a bomba, para que ficasse seca e sem bolor; isso já era um gesto automático. Mas ali estava o controverso inexplicável.

Quando Sônia pegou a guampa para arrumá-la, surpreendeu-se com uma borboletinha azul que saiu voando de dentro do vasilhame. Ela acompanhou o voo do inseto, que deu várias voltas em torno dela e saiu pela janela, desaparecendo.

O desconforto gástrico de antes a havia deixado desconfiada. Depois de ver a guampa virada como se fosse uma pequena ânfora e a borboletinha azul dando voltas em torno dela, começou a sorrir, passou a mão no ventre, percebeu que estava grávida e teve um ímpeto de alegria. Pegou o seu violão e começou a cantar algumas canções que havia aprendido com Marx; sua voz nasalada, carregada de lembranças e alegria, enchia o apartamento.



O mistério da vida é um abismo insondável, é maior que qualquer deus, porque consegue fazer brotar em qualquer lugar o princípio ativo de várias espécies de vida em diversas circunstâncias, ainda que a ação genitora tenha sido improvizada, tal como foi o auto enxerto de Sônia no momento da morte de Marx.

Esse “mistério insistente em querer estar vivo” é a sombra do entendimento humano, que apareceu do nada ao longo dos milênios, sem nunca ninguém pensar que é o único milagre que existe e o que o ser humano chama de milagre não passa de arranjos e desarranjos que alguns místicos conseguem realizar conhecendo o mínimo do mínimo desse grande milagre que é a vida.



Sônia cantava ‘Velho chamamé’, uma das canções de Marx de que ela mais gostava. A letra dessa música trazia uma espécie de ambiguidade da poesia musical nativa pantaneira, colocando tudo à beira de uma sequência de reticências, na qual até o autor é uma sombra criadora e, ao mesmo tempo, vislumbrava coisas no meio dos versos, como vagalume chispando em noite de lua nova. Era a trilha do momento que ela estava vivendo, pois “o mistério insistente em querer estar vivo” estava dentro dela.

Eu venho “lá da fronteira”
cantando este chamamé.
Com o tempo ele envelheceu,
mas ele me viu nascer.

Sou filho de “boiadeiro”,

nascido nos “bamburrais”;
nas marcas do meu caminho
tem pedra que não se desfaz.

Não canto para agradar,
nem tenho onde parar.
A vida é como picada
que nasce em qualquer lugar.

Já aprendi que galho seco
é como um homem covarde;
o galho enfraquece o tronco
e o homem a dignidade.

No dia em que eu me calar
não vai ser por eu querer;
será talvez por falar
“das coisas que devem ser”.

Com esta eu já vou indo
seguindo este chamamé
que um dia alguém cantou,
mas ele me viu nascer.

Dentro de Sônia palpitava um novo ser que foi concebido na forma de contrabando e desespero, quando a sua alma estava em caos e seu único verdadeiro amor viveu seu tempo como a fermata de alguns segundos de uma canção inacabada, como o célere lampejo de um raio numa noite escura de tempestade.

Mas uma nova vida estava ali dentro dela e isso a colocou com mais entusiasmo para cantar e celebrar naquele momento o poder, porque só as mulheres têm acesso a esse mistério

maior, por isso os índios consideram toda mulher um ser superior, porque elas têm o poder de conceber, gerar e colocar um novo ser sobre a Terra, tal como os outros mamíferos e, que os machos não tem essa faculdade.



Os mamíferos são diferentes do réptil, da ave e do peixe, que são gerados em ovos e a maioria chocados sem nenhum contato físico com a progenitora. Isso implica substancialmente no desenvolvimento de um novo ser; a falta da afetividade congênita. Enquanto que no mamífero, esse fenômeno faz parte da sua ontologia original.

A fêmea mamífera ao processar o primeiro ato de afetividade com a cria neste mundo e, seguindo com essa repetição instintual durante a lactância, foi um acontecimento que já se perdeu nas brumas do tempo e do espaço. A proliferação desse ato, gerou um campo de compaixão e imantação, originando a ternura, que é uma benevolência peculiar na qual a genitora sente-se feliz olhando aquilo que veio dela, quando esta mamando, começando a caminhar, falar; automaticamente, desenvolveu o instinto de proteção pelo novo ser.

A partir dessa conjunção marcante de afetividade remotíssimo, um novo vórtice abriu-se na origem da história do fenômeno humano sobre o planeta. Ao longo dos milênios, essas fêmeas mamífera se conscientizaram que deveriam acreditar nos seus descendentes e no único milagre advindo disso, a vida. Nasceu assim o amor, energia construtora e harmônica, a mais sutil, e a mais intensa ao mesmo tempo, resultante da afetividade, da ternura e da compaixão, porque somente o amor é que vai induzir o ser humano a

conscientizar-se de si mesmo diante do universo que vive e, querer transcender a morte física e dar origem ao “moto-perpétuo” do “mistério insistente em querer estar vivo”.

Nos primórdios da formação das primeiras civilizações criaram-se várias seitas religiosas, as quais mantiveram essa crença de acreditar na vida aqui na Terra e também após a morte física. Um credo cultural que se mantém até os dias de hoje.

No passado, o pensamento científico-intuitivo do grande Lavoisier deu mais segurança para esse ato inerente à formação da raça humana dentro desse “mistério insistente em querer estar vivo”, ao afirmar que “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.



Podemos ver que o parâmetro fisiológico da existência *transforma-se* após essa afirmação dele, a qual foi fundamental no final do século XVIII, e que quatro novos pensamentos partidos dele se sedimentariam como axioma vital para as próximas epistemologia na marcha da civilização no próximo século.

A mais polêmica foi a do francês Alan Kardec, que codificou a epistemologia da seita do Espiritismo e vislumbrou que a vida das pessoas se *transforma* em espírito após a morte física, criando uma síndrome de ceticismo no Positivismo atuante da época.

O judeu-alemão Karl Marx provou que todo trabalho do ser humano se *transforma* em mercadoria peculiar, porque pode produzir riqueza.

Sigmund Freud provou que o conteúdo de experiência vivida e acumulada no inconsciente das pessoas se *transforma* e resulta num tipo social de ser humano de diversas facetas e

atitudes, bem como também *transforma* esse mesmo conteúdo em doenças psicossomáticas e que esse mesmo conteúdo sublimado, promove a ação criativa dos artistas.

O físico/matemático Albert Einstein provou que toda matéria acelerada se *transforma* em energia e esta, por sua vez desacelerada, *transforma-se* em matéria.

Foi um salto muito grande para a humanidade o que adveio da observação e colocação de Lavoisier. Praticamente, ele criou uma hegemonia, tanto para o desenvolvimento da ciência quanto para “o mistério insistente em querer estar vivo”.

O grande mestre já falecido, José Gabriel da Costa, da seita espírita amazônica União do Vegetal, ao responder a uma pergunta sobre a origem do espírito, na sua humildade e candura espiritual, disse que se originou primeiramente em todo animal que mama. O líder espiritual explicou que a anatomia de afetos desenvolvida entre a mãe e a cria, desde o momento em que é concebida passando pelos estágios de gestação, parto e lactação, *transforma-se* em apego entre a cria e a genitora, plasmando um liame de ternura e amor profundo, incomensurável, que transcende a morte física.

5º Capítulo

A última grande reunião do povo da floresta

Havia uma grande movimentação de várias etnias chegando de barco, carro, e os que vinham de muito longe chegavam de avião na aldeia dos Camaiurá, no Parque Indígena do Xingu, ao norte de Mato Grosso.

Era a reunião com todas elas para decidirem a nova proposta de luta contra a ameaça comum, a marcha do progresso, que não passava de genocídio em conta-gotas promovido pelo poder público, pelos empresários do agronegócio e interesses internacionais, que armavam o golpe final para a destruição do meio ambiente e dos restos dos recursos naturais da última reserva florestal do mundo.

Já vai pra mais de 60 anos que esse alerta ecológico proliferado por todos os setores a respeito da devastação da floresta amazônica foi enfatizado e nada foi feito até os dias de hoje.

Em país de Terceiro Mundo, como o Brasil, a história fede a merda, como disse o poeta Ferreira Gullar no poema ‘Dentro da noite veloz’, nos anos 1960, e que o cantor e compositor Vital Farias enfatizou, nessa mesma época, com a maior obra de canto de alerta intitulada ‘Saga da Amazônia’:

Era uma vez na Amazônia a mais bonita floresta.
Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta.
No fundo d’água as Iaras, caboclo, lendas e mágoas
e os rios puxando as águas.

Papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores.
Os peixes singrando os rios, curumins cheios de amores.

Sorria o jurupari, o uirapuru, seu porvir
era: fauna, flora, frutos e flores.

Toda mata tem caipora para a mata vigiar.
Veio caipora de fora para a mata definhar
e trouxe dragão-de-ferro, pra comer muita madeira,
e trouxe em estilo gigante, pra acabar com a capoeira.
Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar
pra o dragão cortar madeira e toda mata derrubar:
se a floresta, meu amigo, tivesse pé pra andar,
eu garanto, meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá.

O que se corta em segundos gasta tempo pra vingar
e o fruto que dá no cacho pra gente se alimentar?
Depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar,
igarapé, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar.

Mas o dragão continua a floresta a devorar
e quem habita essa mata, pra onde vai se mudar?
Corre índio, seringueiro, preguiça, tamanduá,
tartaruga, pé ligeiro, corre-corre tribo dos Kamaiurá.

No lugar que havia mata, hoje há perseguição.
Grileiro mata posseiro só pra lhe roubar seu chão.
Castanheiro, seringueiro já viraram até peão,
afora os que já morreram como ave-de-arribação.
Zé de Nana tá de prova, naquele lugar tem cova,
gente enterrada no chão:

Pois mataram o índio, que matou grileiro, que matou pos-
seiro.

Disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro

roubou seu lugar.

Foi então que um violeiro, chegando na região,
ficou tão penalizado que escreveu essa canção
e, talvez, desesperado com tanta devastação,
pegou a primeira estrada, sem rumo, sem direção.

Com os olhos cheios de água, sumiu levando essa mágoa
dentro do seu coração.

Aqui termina essa história para gente de valor
Pra gente que tem memória, muita crença, muito amor,
pra defender o que ainda resta, sem rodeio, sem aresta.
Era uma vez uma floresta na Linha do Equador.

Damião Paridzane, líder xavante, foi quem convocou essa reunião, porque já havia sofrido muito na luta contra a construção da estrada BR-158, no ano de 2012. O seu protesto na Rio-20 foi para que desocupassem a região Marãiwatsede, que pertence à sua gente e que foi invadida por posseiros e empresa estrangeira. Houve traição por parte do seu irmão Rufino, que havia sido expulso da aldeia e se tornado funcionário da Funai. Este, por sua vez, conseguiu apoio dos outros índios para se juntar aos adversários dele, o que deixou Damião indignado, afirmando na imprensa que morreria pela sua terra.

Após a saudação, Damião começou a falar sobre a aprovação da alteração da Constituição Nacional pela PEC-215, nova, mas sendo a maior ameaça para todos os povos, tanto indígenas como quilombolas, bem como para todas as unidades de conservação do país.

— Quero finalizar dizendo que o que estamos presenciando hoje é a consolidação da intenção do ex-ministro Hélio Jaguaribe, que afirmou que era preciso acabar com a nossa raça até o ano 2000. Se hoje estamos vivos, é sinal de que ainda poderemos

lutar por muitos anos contra o que vem por aí — encerrou ele, sob aplausos.

Após saudar a todos, o cacique Raoni começou sua fala ressaltando os valores antropológicos que o índio tem com a floresta, da sua relação umbilical com a natureza:

— Desde quando nascemos, toda nossa vida é a floresta. É uma relação de interação e cura. Não somos iguais ao branco, que precisa de padre pra colocar medo nas pessoas, de filósofo pra direcionar seus pensamentos, de psicólogo pra ajudar a consertar a sua alma, de advogado pra fazer valer seus direitos civis e, como se tudo isso não bastasse, ainda tem a polícia pra prender e castigar.

Sempre tivemos o nosso pajé, a mata, que nos ensinam tudo, então não podemos nos rebaixar pra uma gente que precisa de muitos guias pra viver neste mundo. Eu pergunto pra todos vocês: quem está precisando melhorar? Se tudo o que vem deles só traz dificuldades e doenças... Temos que começar a lutar desde já, ou seremos escravos de gente que é escrava de si mesma — concluiu o cacique.

Naquele momento, um dos índios da plateia pediu pra fazer uma pergunta. Ao mesmo tempo, foi-lhe concedido o microfone. Ele saudou a todos e começou a falar:

— O branco tem arma, tem carros, tem computadores e etc. Até este microfone para esta reunião é coisa dele, então como vamos lutar contra ele se, hoje, a maior parte de nossa gente depende das coisas dele?

Raoni respondeu com uma visão mais social e eficientemente sábia:

— Nosso confronto é com as ideias dos brancos, que não se entendem entre eles, por causa da sua neurose psicopatológica que causa grande desgaste de dinheiro no dia a dia, desde as suas doenças aos seus vícios. Hoje, estão se tornando uma

ameaça pra todos nós criando artigos nas leis constitucionais pra beneficiar pessoas ricas em troca do genocídio de nossa gente. Ou você duvida disso? — retrucou o cacique, no meio de aplausos calorosos.

— Quem é ele? — perguntou Kunhahendy, que estava no meio da plateia, a outro índio ao seu lado.

— É o pessoal da chamada “estratégia de Cortez”, paumandado de Rufino, irmão de Damião Paridzane — respondeu-lhe o índio virando-se para ela, sorrindo e complementando a informação: — São traidores, vieram pra espionar a reunião e levar informação para aquele pessoal expulso lá de Suiá-Missú em 2013 e...

— ...e, por outro lado, são pagos pela bancada ruralista que conseguiu adiantar a votação da PEC-215? — interrompeu-o e complementou a índia sorrindo, estendendo a mão e se apresentando: — Sou guarani, meu nome é Kunhahendy, e o seu?

— Obajara! Sou Munduruku.

— *Mbaere ko rera?* (Por que este nome?) — vendo que ambos tinham a mesma origem etimológica tupi-guarani, a índia perguntou-lhe curiosa querendo resposta por achar estranha a tradução em português do nome do interlocutor, “Ser do Contra”.

— Quando nasci, meus pais estavam esperando chegar os serviços de parto da Funai e, junto dele, o padre que viria para me batizar logo após o meu nascimento. Conclusão: eu nasci antes de eles chegarem e o pajé da tribo disse que eu iria ser contra tudo o que viesse do branco, então me chamaram de Obajara — respondeu-lhe, com um sorriso largo.

— Você parece muito bem inteirado das coisas que estão acontecendo por este lado — pontuou Kunhahendy.

— Sim! Estou, porque sou contra tudo isso; essa ideia de branco, que eles chamam de “desenvolvimento sustentável”,

pra mim é mais uma palavrinha engodo que eles fazem desde o começo da invasão e matança, há quinhentos anos.

Naquele momento, foi anunciada a fala de Sônia Guajajara, líder do povo Guajajara, uma das mulheres índias mais combativas, nascida no Maranhão e que sempre atuou na luta pelos direitos indígenas. Ela entrou de cocar azul-vermelho, começou seu discurso fazendo um histórico da invasão dos povos europeus desde o começo, no Renascimento, e pontuou as diversas considerações e justificativas para tais ações que tanto a Igreja Católica quanto os reis alternaram ao longo desses quinhentos anos. Com muito aplauso e gritos das etnias, pegou o microfone e começou a falar:

— Eu quero hoje fazer uma retrospectiva dessa farsa que é o Estado brasileiro e os direitos nossos — olhou para todos os presentes e continuou: — Após a maior divisão de terras do mundo, realizada pelas Coroas portuguesa e espanhola em 1494, historicamente conhecida como Tratado de Tordesilhas, começou uma nova história da humanidade chamada pelos filósofos de “marcha do fenômeno humano”. Esse pacto foi acompanhado da ordem papal, que dava, aos cristãos, o direito de escravizar, explorar e se apossar de todas as terras, riquezas e do trabalho humano dos povos que existiam fora da Europa católica. Isso incluía, além de nós, índios, os negros africanos e os asiáticos. A Igreja Católica considerava que esses tais povos “não eram fiéis a Deus” e que esse direito soberbo tinha de ser exercido “em nome de Deus” e dos seus respectivos reis católicos — observou a índia, continuando sua fala cheia de indignação e gestos bem característicos dela: — Em 1517, começa a Reforma Protestante nos reinos europeus e o movimento consolida-se antes do final do século. Tal revolução foi extremamente ousada, a ponto de atravessar o oceano Atlântico e chegar à América do Sul numa missão designada pelo reformista suíço

João Calvino, que desenvolveu uma célula do Protestantismo, em 1557, numa das ilhas da baía de Guanabara, no atual Rio de Janeiro, então colônia de Portugal. O papado estava com receio de que essa revolução protestante atingisse a Redução Jesuítica de Guairá, comandada pelos padres jesuítas, que já não obedeciam às leis do Vaticano.

Essa busca de soberania, defesa e proteção das suas conquistas religiosas, prevista no plano psicossocial promovido pelo papado, impulsionou no planalto de Piratininga (atualmente a cidade de São Paulo) a criação do movimento dos bandeirantes. Isso tudo porque o papado temia que a Reforma Protestante também pudesse prejudicar o movimento deles, chamado pelos historiadores de Entradas e Bandeiras, que saíam em busca de índios para escravizar e de ouro no interior do continente, que garantiam a posse do Brasil Colônia aos portugueses e, “de quebra”, aumentavam a colônia portuguesa para além do recém-criado Tratado de Tordesilhas.

— Sempre estão querendo *itayú*, como falou *Tuyami* — murmurou Kunhahendy ao lado de Obajara que, não entendendo o murmúrio dela, perguntou-lhe:

— *Mba-ê pico nde enbe-ê?* (O que você falou?)

— É uma longa história. Talvez alguém vá detalhar aqui, então você vai se inteirar... Falou? — respondeu a índia, sorrindo para ele.

Sônia Guajajara continuou sua explanação histórica, didática e, às vezes, eloquente, tomada pela sua consciência de líder:

— Esses bandeirantes eram tão assassinos quanto os seus genitores brancos, pois não eram nem índios e nem brancos, mas sim filhos bastardos de padres e fidalgos com mulheres índias escravas. Desde crianças, eram criados na aldeia com a mãe, porém eram protegidos, batizados e registrados com o nome do pai branco. Eram analfabetos, não falavam a língua

do branco, mas eram treinados para agirem como branco, buscando prear e escravizar índios, e explorar, extrair todo o ouro e pedra preciosa que estivesse nas terras que encontrassem pelo interior. Nunca vestiam roupas. Essa imagem que vocês veem nos livros de história é apenas pintura para dar ênfase à associação com a figura do “branco civilizador” e, ao mesmo tempo, com Moisés e o deus semita de Abrão da Bíblia. Obviamente, na verdade, tudo fazia parte do previsto plano psicossocial de dominação do papado — exaltou a índia, em tom sarcástico. — Um desses meios-índios foi um assassino histórico chamado Bartolomeu Bueno da Silva, que, depois de participar da destruição e expulsão dos espanhóis, dos índios e dos jesuítas da Redução Jesuítica de Guairá, de 1628 a 1641, seguiu rumo ao Araguaia, por volta de 1673 ou 1682.

Logo após passar por Mato Grosso e entrar no território de Goiás, o bandeirante entrou em choque com os índios da região e lá aconteceu o episódio “do fogo na água”, quando ele incendiou uma vasilha com aguardente deixando os índios amedrontados com sua ameaça de incendiar os rios, caso eles não mostrassem onde estavam as minas de ouro e esmeralda. Por causa disso é que ele recebeu o apelido de “Anhanguera”, que quer dizer “espírito mau de cabelos longos”.

Bueno da Silva voltou para São Paulo com muita riqueza e dessa epopeia, juntamente com suas histórias contadas de boca em boca, nasceu a lenda da serra da mina dos Martírios, ou El Dorado.

Dali por diante, o imaginário dos bandeirantes tornou-se mais impetuoso e aumentou o contingente de aventureiros em busca do fatídico sonho no oeste do continente.

Hoje, esses assassinos têm nome de avenidas e rodovias em várias partes deste país. Na capital paulista, é o nome do Palácio do Governo do Estado de São Paulo — ironizou Sônia.

A índia fez uma pausa para os aplausos e continuou: — Já no século XIX, os positivistas e evolucionistas sociais puseram em voga a ideia de uma marcha inexorável da história, isto é, não há como voltar atrás para consertar: ou é certo ou errado o que já foi feito, porque o branco vê a história de modo linear e não concêntrico como nós, índios, vemos. Então, qualquer que fosse a política adotada pelo branco, os índios estariam fadados ao desaparecimento, tanto físico como cultural.

Vemos, hoje, que os índios felizmente renasceram e estão aqui pra ficar. A história não é feita por si mesma. São pessoas, comunidades que fazem a história e seus atos; isso, obviamente, tem consequências.

Para concluir a minha fala, já vou adiantando que, de agora em diante, exaspero-me diante de qualquer entulho ideológico que venha dos brancos! — respirou aliviada e proclamou: — É hora de irmos para cima, para o embate!

Sônia saiu sob aplausos e palavras de ordem dos presentes, em vários idiomas.

Obajara e Kunhahendy olharam um para o outro e balançaram a cabeça com um ar de cumplicidade por tudo o que Sônia falou.

Logo que o índio condutor deu uma pausa nas falas, pra anunciar a chegada de outras etnias, Kunhahendy contou para Obajara sobre o seu encontro com Marx e toda a leitura realista dele a respeito da obsessão dos homens pela riqueza e poder, a qual nunca foi comum na minoria da população do planeta.

O índio ouviu-a com atenção e lhe disse que existe um pajé que ele conhece que sempre o alertou sobre isso, e que essa obsessão é o grande mistério para o próprio índio, e também já arruinou inclusive algumas culturas indígenas, mas que prevaleceu até hoje na alma da maioria dos homens.

A reunião parou para o almoço e, em seguida, recomeçou

com outras lideranças que mais enfatizaram suas decisões e tomada de postura radical contra a PEC-215, Belo Monte e os acontecimentos em Mariana no final do ano de 2015.

A fala mais ponderada foi a de Daniel Munduruku, que começou a fazer uma anatomia da situação:

— Essa biodiversidade e sociodiversidade, segundo o antropólogo francês Lévi-Strauss, é um capital peculiar e inestimável de imaginação sociológica, uma fonte de conhecimento. Por outro lado, um mundo sem diversidade é um mundo morto, pois não haverá interação entre as coisas. Na interação da diversidade é que se cria algo novo e, ao mesmo tempo, se dá sequência para solucionar os problemas que hão de surgir no futuro — sentenciou e continuou: — Quanto ao pacto com a população brasileira, o qual eu conclamo, trata-se da seguinte observação: os índios, que conservaram a floresta, a biodiversidade do Parque Nacional do Xingu até agora, estão sujeitos todo o tempo a grandes pressões de madeireiras e de vários outros agentes econômicos e, se olharmos direito nos mapas, a região é uma ilha verde num mar de devastação. Com a aprovação da PEC-215, ninguém garantirá, num futuro próximo, que as condições de vida das pessoas estarão seguras e que a lei brasileira não irá mudar, como está acontecendo hoje. Porque, se isso acontecer, seremos fósseis de uma épica e romântica história acontecida nos séculos XX e XXI na linha abaixo do equador na América do Sul — deu uma pausa olhando a plateia e continuou: — É o que vai acontecer se tudo continuar nesse rumo — afirmou com convicção. — Para um Brasil que precisa com urgência de um programa de conservação da floresta em pé, um pacto com as populações indígenas para esse fim seria essencial — finalizou Daniel, sob aplausos.

O líder Macuxi Jaci de Souza, considerado um dos maiores defensores do reconhecimento da Terra Indígena Raposa

Serra do Sol, no Estado de Roraima, foi anunciado para pegar o microfone.

— Quando nós, Macuxi, lutamos contra garimpeiros e conseguimos montar o Conselho Indígena de Roraima. Eu me conscientizei de que estávamos apenas começando uma grande batalha pela sobrevivência dos nossos povos. Todo esse tempo eu busquei saber o que estaria acontecendo com a questão de outros povos indígenas no mundo e descobri que o Brasil é o país mais atrasado de todos — afirmou, olhando para toda a plateia, e continuou: — Segundo a professora estudiosa Manuela Carneiro da Cunha, até nos Estados Unidos a questão está melhor que aqui e a população índia é maior que a nossa. No Canadá está criado, desde dezembro de 1991, um território meio autônomo, maior que Amazonas, Amapá, Acre e Roraima juntos, para o povo Inuit, que são os esquimós, e o melhor é que os Inuit têm controle absoluto sobre as riquezas naturais e têm um governo próprio — informou Jaci, e continuou: — Eu não vim aqui para falar de direitos indígenas, tampouco discutir o que é ou não é nosso direito. Ao longo desses anos, percebi que cultura é ser ou não ser; não há democracia quando se trata de cultura: ou você impõe a sua ou você se dispõe e vira mercado de outra cultura. O momento que estamos vivendo é de lutar e impor a nossa cultura. Não há mais tempo pra outra reunião. Temos que ir para a luta, como já foi dito por outras lideranças.

Agradeço por me ouvirem e estou começando, desde agora, essa longa guerra que não sei quando acabará e nem sei se estarei vivo até lá — o Macuxi deixou o microfone sob aplausos e gritos das etnias, pegou o arco e a flecha, levantou-os acima da sua cabeça e bradou um grito de guerra no seu idioma.

Foi anunciado, na sequência, o líder guarani Avá Verá Arandú, também conhecido como Tônico Benites, psicólogo, an-

tropólogo e que há muito tempo sofre com a matança de sua gente e interesses de religiosos, em Mato Grosso do Sul. Ele falou também sobre o imperialismo das religiões semitas em detrimento da cultura do seu povo:

— Durante todos esses anos, eu estudei a religião do branco e percebi que, na prática, todas as religiões de origem semita, seja ela católica ou evangélica, são políticas e autoritárias. Não é muito diferente do Estado Islâmico de hoje; só não matam porque não têm armas, mas mandam matar, perseguem, discriminam, tal como qualquer outra vinda da cultura semita.

Nós, índios, somos os verdadeiros donos da terra da América, antes da chegada dos brancos com suas cruzes e histórias piegas “de um filho de carpinteiro que foi crucificado há 2.000 anos na periferia de Jerusalém”. Pergunto a todos: o que nós, índios, temos a ver com a história desse “dito profeta” de outro tempo e do outro lado do mundo, que não previu nem sequer a sua própria morte, dando exemplo de fraqueza para seus seguidores? Nada! A América e nós, índios, não devemos nada pra essa cultura de fraqueza; seu representante foi absurdamente idolatrado por morrer na cruz pela sua própria gente. Esse mesmo livro dito sagrado, a Bíblia, comum para suas três facções religiosas – o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo –, deveria ser o guia supremo unificador da sua raça e, no entanto, não se entendem, até hoje! Vejam as guerras de israelenses, palestinos, sírios, Estado Islâmico etc. Eu pergunto: que moral eles têm pra falar de amor? Visto que é a única finalidade de uma religião que eu conheço; o resto é política — irromperam da plateia aplausos e palavras de ordem de várias etnias. Ele fez uma pausa e recomeçou em seguida: — Os nossos deuses *Nbanderu* e *Nbanderu Pavê* são muito mais importantes do que a história desse “filho de carpinteiro e essa Bíblia”, que não passam de cultura de gente do deserto, lugar inóspito que

não tem nada verde até hoje. Ao contrário da nossa América, onde sempre foi floresta e com muitas riquezas e fartura de alimentação para nossos filhos. Nenhum índio, seja qual for a etnia, não tem que dar moral pra essa gente! — finalizou sob aplausos.

O pajé e líder Yanomami David Kopenawa, uma das lideranças indígenas brasileiras de projeção internacional, mais conhecido no exterior que no Brasil, pegou o microfone e cumprimentou as etnias. Ao invés de falar, atentou para um papel que estava com ele na mão e começou a observar a respeito da mensagem:

— Estive com Ailton Krenak na semana passada e ele me falou que não viria na reunião, pois o problema lá em Minas Gerais, precisamente em Mariana, está lhe indignando muito. Mandou esta carta, a qual eu li com antecedência e concordo com tudo o que ele disse. Vou ler agora pra que todos fiquem cientes:

Verdadeiros povos de todo o Brasil e do planeta Terra. Estamos tratando com seres aparentemente humanos, mas de alma desconhecida. Parece estranho o que estou dizendo, mas é do fundo do meu coração e vislumbrado pelas vigias dos meus pajés, e que foi confirmado também por vigias de outras etnias.

Não vamos ter mais nenhum acerto com os governantes deste país. Este belo país, como o conhecemos, está sendo comandado por outras forças que operam em outras partes do mundo também e os nossos governantes em Brasília são meros subalternos desse governo invisível que, desde os primórdios da formação das chamadas civilizações, impuseram-se para que os valores mais importantes deste planeta como a água, a terra, a floresta, a fauna, o ar etc.

fossem apropriadas como ‘coisas’ e estão lá fora pra serem usadas, abusadas e desperdiçadas em detrimento do que eles chamam de progresso – que não passa de um modelo de vida que conspira contra a verdadeira essência de viver em função da natureza.

Esses invisíveis párias da natureza, que estão neste planeta, já deturpam a consciência de 67% de toda a população da Terra. O Brasil é a última reserva de suas ações de estágios depredadores que passaram, no começo, pelo ouro e outros minérios na formação dos impérios na Antiguidade; depois, as madeiras, o petróleo; hoje, o agronegócio.

O Brasil é o único lugar do mundo onde ainda há todas as riquezas desses três estágios e também o quarto, que é o agronegócio, o mais moderno e o mais devastador, bem pior que o narcotráfico. Nosso país continua a exportar minérios para o exterior. Até hoje, as leis brasileiras não deram posse do subsolo para o dono da terra, deixando-a à mercê da especulação desses párias. O mesmo acontece com a ‘prometida Reforma Agrária’, que em toda parte do mundo já se resolveu e aqui em nosso país os nossos congressistas continuam usando a ideia como moeda de troca para a politicagem e a especulação de latifúndios, tanto nacional quanto internacional. Pra isso que foi criado o projeto da PEC-215, pra consolidar mais essa corrupção e dar mais poderes para um bando de ‘bandidos de colarinho-branco de Brasília’, que não passam de peões dos estrangeiros e estes, por sua vez, obedecem ao que eu chamo de ‘inimigos da vida aqui na Terra’.

Eu sei que existe muito homem não índio que, se tivesse um pedaço de terra, usaria da melhor maneira pra viver e cuidar da sua descendência. Viveria com o que a terra lhe dá, como nós, índios, vivemos até hoje. Mas o nosso gover-

no, que recebe ordem dos ‘inimigos da vida aqui na Terra’, dificulta isso pra que todos nós migremos pra cidade e nos tornemos, junto com outros que já estão lá, escravos do sistema, uma manada pra consumir os produtos produzidos pela outra classe, a dos empresários, que também faz parte da hegemonia desses ‘inimigos da vida aqui na Terra’.

Além de serem explorados por eles no salário miserável pago para trabalhar e não ganhar o que seria justo, disfarçam muito bem o conhecido ‘trabalho escravo’ e ainda têm garantia da lei constitucional pra essa escravidão oficializada.

Observem vocês mesmos e vejam que as grandes metrópoles do mundo não passam de um ‘deserto disfarçado’, onde você tem tudo e não tem nada ao mesmo tempo, porque você não tem dinheiro. E o que é o dinheiro, se não apenas um papel que tem figuras e símbolos e que, no meio da floresta, só serve como pavio pra acender fogo? Nas cidades, os homens se matam por causa dele.

Eu me lembro de que, nos anos 1960, eu era criança no tempo da Revolução Cubana e, logo que o revolucionário argentino Ernesto Guevara, conhecido como ‘Che’, foi designado pelo então chefe de estado Fidel Castro para ser presidente do Banco Nacional de Cuba. Visto que ele não tinha nenhum perfil de banqueiro, achou um meio de ridicularizar o símbolo monetário do capitalismo assinando a moeda cubana com seu apelido, ‘Che’.

Eu acho que todos vocês estão percebendo o grande complô que esteve todo esse tempo jogando conosco, um jogo sujo de cartas marcadas, o qual eles já sabem do resultado.

Vamos resumir: ao longo desses sete mil anos do chamado pelo branco de civilização adâmico, os filhos da Terra foram alienados pelos ‘inimigos da vida aqui na Terra’; começaram a se afastar da natureza, ou melhor, da verdadeira essência

da vida: - começaram a processar os alimentos, edificaram cidades criando obras faraônicas, explorando os minérios de lugares onde seria uma fonte inesgotável de alimentos e de água pura em função da sua luxúria, vícios e desperdícios, tudo em nome de seus reis e deuses de antigamente. Hoje, fazem o mesmo em nome da lei do progresso, da produção de alimentos, do embuste que eles chama de ‘desenvolvimento sustentável’ etc.

Ao longo desses milênios, em várias partes do mundo, muitos mártires tentaram conscientizar a raça humana propondo uma harmonia pra viver melhor aqui no planeta, porque não sabemos e não conhecemos os mistérios da vida e nem do universo. Para qualquer sábio, é preferível o bom senso de viver em paz com seus vizinhos, dividindo alimentos, do que em guerra.

Vou citar alguns que ficaram mais populares na história e alguns que se tornaram até ídolos de religiões, como os avatares: Moisés, Salomão e Jesus Cristo, da cultura semita; o economista Karl Marx, da Europa; o estadista Mahatma Gandhi, da Índia; o líder negro Martin Luther King, da América do Norte; Mao Tse-Tung, da Ásia; Mandela e Patrice Lumumba, da África; os revolucionários Simon Bolívar, Che Guevara e o ambientalista Chico Mendes, da América do Sul. Quase todos foram assassinados por querer o bem pra humanidade e viver em harmonia com seus vizinhos e com a natureza.

Há milhares desses pequenos heróis anônimos que, ao longo da história, morreram pela mesma causa e continuam morrendo até hoje. Basta lembrar os nossos líderes indígenas e religiosos assassinados em todos esses anos pelos tentáculos desses ‘inimigos da vida aqui na Terra’.

Eles vão continuar matando e destruindo tudo o que é na-

tural para que a humanidade se torne urbana e vire manada de escravos, como vocês veem hoje nos jornais e, como já disse, pra trabalharem em empresas e viverem uma vida miserável, hipócrita, de vícios, consumindo os alimentos venenosos e as drogas, que eles chamam de remédio, produzidas por eles.

Após esta ultima reunião, sei que não haverá outra mesmo, cada um de vocês que se organize como guerrilheiros ou mesmo terroristas; vamos deixar de ser guerreiros que lutam frontalmente contra o inimigo como fizemos até hoje, porque ele têm armas melhores do que nós e ainda a justiça corrupta pra protegê-los.

Mas lembrem-se de que vamos lutar contra seres que parecem humanos, mas dentro deles está aquilo que, na Antiguidade, por falta de conhecimento científico, era chamado de demônio, mas que na verdade não passava de seres humanos terrestres que sofreram alteração genética no seu cromossomo de humano feita por gente que não é da Terra, mas também não são entidades sobrenaturais ou demônios, como a religião dos brancos erroneamente nos fala até hoje.

Nós, índios, sabemos que não há nada de sobrenatural no mundo; apenas o homem branco não consegue ver além de seus limites psíquicos, como nós vemos.

Nós, povos da floresta, somos os verdadeiros terráqueos, porque não temos transgenias com esses ‘inimigos da vida aqui na Terra’, que não vivem em função da natureza e tratam a natureza como mercadoria pra produzir outra mercadoria. O ouro, para nós, é um minério igual aos outros; nós nos enfeitamos com fibras e penas de aves, agora proibidas pelo IBAMA, mas ele não proíbe a devastação das florestas e a destruição das terras feitas pelos ‘inimigos da vida aqui na Terra’.

Portanto, quero que esta carta não seja mais uma ‘carta pra defunto’.

Naquele momento, a leitura de David Kopenawa ficou comprometida com as gargalhadas e gritos da plateia. O índio deu uma pausa, esperando para finalizar a leitura:

[...] como já aconteceu várias vezes nas outras reuniões que terminaram em nada, saibam que nós somos *Burun* (ser humano, em Krenak), *Uwe Uptabi* (ser humano autêntico, em Xavante), *Thëpë* (ser humano, em Yanomami), *Avá* (ser humano, em Guarani). Em qualquer idioma, somos seres 100% humanos, habitantes do planeta Terra, e temos que defender nosso planeta até a morte... Porque os ‘inimigos da vida aqui na Terra’ já destruíram quase todos os continentes do planeta e, há muito tempo, eles já estão rodando a Amazônia, o Pantanal, o Araguaia e o Xingu, onde estão os últimos redutos de riquezas e diversidades biológicas da Terra.

David finalizou a leitura da carta sob aplausos de todas as etnias. A reunião foi se dispersando aos poucos, houve o burburinho das falas das diversas etnias, que conversavam e gesticulavam.

Obajara e Kunhahendy caminharam lado a lado num silêncio profundo. O entardecer magnífico à beira do rio Araguaia, a paisagem da aldeia dos Camaiurá começou a voltar à sua forma original e, ao longe, o faiscar das silhuetas anunciava a chegada da noite.

Esse entardecer foi a soma de todos os outros, pois, nas mentes e corações daqueles índios que estavam saindo de volta para suas aldeias, abriu-se um vórtice onde a angústia, o medo e a incerteza davam boas-vindas num tapete de cor escura.

6º Capítulo

Quando a incerteza ronda o inevitável

— Precisamos ver aquele processo lá de Mato Grosso que está parado — disse Sônia Otahime a Jackson, seu colega de trabalho.

— Precisamos! Vou providenciar pra semana que vem, Sônia.

— É, por hoje chega!... Afinal, já são 20h30! Vamos embora, né? — disse Sônia, desligando o notebook e pegando suas coisas de cima da mesa de trabalho, anunciando seu encerramento de atividade para o colega, que também fez o mesmo.

— Você vai descer pela Consolação, Jackson?

— Sim, vou.

— Eu quero uma carona até a Paulista, você me leva?

— Oh, claro, Sônia, mas tenho que pegar a Lúcia, que está me esperando perto do Copam, no final da Ipiranga — respondeu Jackson, sorrindo e pegando a mochila.

Sônia não ia ao trabalho no seu carro, por causa do trânsito, no qual gastava mais de meia hora pra andar um trecho que levaria, no máximo, dez minutos, por isso adotou o ônibus BRT, porque chegava mais rápido, e na volta pra casa, que sempre passa das 20h00, ela fazia a mesma coisa e muitas vezes pegava um táxi, mas desta vez queria andar e tomar um chope na avenida Paulista, passar em alguma livraria antes de ir pra casa, afinal era sexta-feira, não iria trabalhar no outro dia e queria dar um tempo pra si mesma.

Depois de saírem, logo encontraram Lúcia. Jackson, então, propôs que tomassem um chope. Parecia que ele estava adivinhando a vontade de Sônia, que fez sinal que sim, então rumaram para as choperias da avenida Paulista. Andaram quase a metade da avenida e encontraram a mais tranquila delas

numa esquina, estacionaram na rua transversal e se sentaram em uma mesa mais ao fundo.

— Chopes pra três! — pediu Jackson ao garçom que se aproximava da mesa. — Querem beliscar alguma coisa? — sugeriu.

— Pode ser! — respondeu Lúcia.

— E o que seria? — perguntou o garçom.

— Uma porção de salaminho, né? — propôs Lúcia, olhando para Jackson.

— Tudo bem — respondeu ele. — E você, Sônia? — ela concordou também, balançando a cabeça.

Lúcia colocou em cima da mesa sua pequena bolsa e a revista que estava lendo, a qual estampava uma manchete de capa que chamou a atenção de Sônia, que logo pediu pra olhá-la, e já perguntando:

— Que revista é essa, Lúcia? Posso dar uma olhada?

— Pois não! É uma revista de notícia futurista e esoterismo — respondeu, entregando-lhe.

Ela logo a folheou e foi direto à manchete que atraiu sua atenção. Leu-a em voz alta:

— “Empresa lança drone para transporte de pessoas” — e continuou lendo a notícia: — “A ideia de que drones são ‘aeronaves não tripuladas’ pode mudar. A empresa chinesa E Hang apresentou, na feira de eletrônicos CES 2016, o *drone* EHANG 184, que tem espaço para um ocupante. A companhia diz que o veículo é capaz de sustentar uma pessoa de até 100 kg e pode chegar a 100 km/h, o que o tornaria até um novo modelo de transporte de pessoas. A viagem é toda programada por um app: basta embarcar e decolar. A companhia diz que o produto conta com um sistema que aciona procedimentos de segurança em eventuais falhas. Obviamente, o drone ainda não está liberado para comércio, mas deverá custar entre US\$ 200 mil e US\$ 300 mil”.

— É, seria o fim da era do automóvel e desse trânsito hor-

rível... Não é mesmo, gente? — comentou Sônia, entusiasmada e sorrindo para os amigos, enquanto o garçom colocava as três canecas de chope em cima da mesa. — Até eu voltaria a dirigir um drone para ir ao trabalho... Ah! Ah! — afirmou, brincando e rindo depois de dar um gole na sua caneca de chope.

— Seria um alívio... Eh! Gente! — disse Jackson sorrindo, abraçando Lúcia e sugerindo: — Poderíamos nos casar e sair voando, olhando as pessoas lá embaixo e dando tchauzinho, não é mesmo, querida? — brincou sorrindo, bebendo e olhando pra Lúcia, que olhou pra ele e logo respondeu:

— Eu ficaria “com o cu na mão” andando com você num troço desses. Hoje, num carro comum, quando pegamos estrada para o interior, você só anda a 160 km/h... Imagine numa coisa dessas, que não tem pista, e que o céu é o limite! — concluiu, olhando e sorrindo para o namorado.

Depois da segunda rodada, Jackson e Lúcia levantaram-se para ir ao banheiro. Sônia viu na revista outra notícia que lhe chamou a atenção: “Santuário da serra do Roncador, em Mato Grosso, está cada dia mais sendo procurado por pessoas de outros países”.

Ela se lembrou de que esteve lá perto no ano anterior, quando voltou da cerimônia do Kuarup no Xingu, e o lugar a havia impressionado muito, principalmente quando visitou a Lagoa Encantada, onde as águas são cristalinas e não há nenhum tipo de peixe e nem vida aquática.

Ficou pensativa e cogitou que seu filho poderia nascer num mundo novo, com carro voador e grande desenvolvimento do lado oculto das pessoas, numa nova era da história da raça humana. Seus pensamentos foram logo quebrados pelas risadas de Jackson e Lúcia que voltavam do toalete. O garçom chegou-se à mesa trazendo mais chopes e a porção de salaminho.

— Vamos fazer um brinde para que, no “carro voador”, eu não

passa de 80 km/h... Não é mesmo, Lúcia? — alardeou Jackson, dando risada e levantando a sua caneca acompanhado das duas.

— Eu também acho, Jackson. Afinal, vocês são muito jovens e inteligentes pra levar essas maluquices para o futuro e lembrem-se de que estaremos num novo tempo — sentenciou Sônia.

Depois de tomarem mais uma rodada, decidiram ir embora, pagaram a conta e Jackson disse pra Sônia:

— Vou te deixar em casa, Sônia. É logo aqui perto e hoje vou para o apartamento de Lúcia lá no Butantã, que é caminho, não é mesmo?

— Eu te agradeço; já tô morta de sono — respondeu Sônia, sorrindo e bocejando.

Chegando às cercanias do seu prédio, Sônia saiu do carro, agradeceu a carona e caminhou lentamente para a entrada do edifício. Anunciou-se ao porteiro da noite, que logo acionou a porta da entrada, trocou algumas palavras com ele, que estava dentro da guarita, e pegou o elevador.

Depois de entrar no seu apartamento, como de costume, ela abriu a porta que dava para o terraço e olhou a cidade. A noite estava quente; era mês de março, mas ainda havia uma brisa fresca que beijava seu rosto e fazia esvoaçar seus cabelos. Então, ela passou a mão no ventre que estava começando a se alterar e sentiu o fluir da candura e do afeto de uma futura mãe que sente o palpitar de um novo ser pedindo passagem através dela para existir neste mundo.

Sentou-se no sofá, sorriu e suspirou por estar compartilhando “o mistério insistente do querer estar vivo” e de ser mais uma mulher a participar desse grande mistério.

Adormeceu no sofá e sonhou vendo a cena em que ela era uma menina índia que queria atravessar um rio e um índio velho, o qual ela identificou como Marx quando ele ainda estava vivo, pegou-a pela mão e a conduziu por uma parte rasa

do rio, onde ela encontrou várias crianças índias brincando ao som de músicas. Ela não sabia de onde vinha a música, mas o momento lúdico infantil a comoveu e a encantou a ponto de esquecer a origem da música e por que ela quis estar ali.

Já havia visto essa cena quando participou, pela primeira vez, do culto da ayahuasca na seita União do Vegetal em Cuiabá, no começo do ano anterior, mas no sonho estava aparecendo como um feed back insistente, como se fosse “um *take* obsessivo” ou algo espectral dando um alento para a nova existência que estava dentro dela.

As coisas que estavam acontecendo com ela eclodiam suavemente no seu eu mais profundo como o quebrar da casca de um ovo de dentro para fora por um novo filhote de ave que quer participar da vida aqui na Terra. Ao mesmo tempo, ela se sentiu como se fosse um dos passageiros premiados do navio Malcom do romance Os prêmios, de Júlio Cortázar, rumo ao trajeto reticente vivendo a angústia silente dos passageiros também premiados e embarcados naquela viagem sinistra.

Essa “missão/mistério” foi-lhe dada como se fosse um papel branco que caiu de uma mesa em algures qualquer e a umidade que estava no chão espontaneamente esboçou nele uma figura ou um mapa para um certo rumo. O papel foi-lhe entregue tal como a mão abrupta do velho índio que a atendeu, na cena do culto da ayahuasca, o qual lhe tomou a mão e a ajudou a atravessar o rio ou seria a própria reação autônoma da sua mão naquela noite no apartamento, ao masturbar Marx e, ele ter expelido o sêmen na sua mão, com a qual ela própria fez o seu auto-enxerto?

Às vezes, nossas mãos automatizam atos em nossa existência e decidem por nós, como acontece com uma disfunção orgânica que, de repente, desencadeia uma série de males que não estávamos esperando.

Sônia acordou sorrindo e sentiu que ela era uma criatura que estava renascendo e, ao mesmo tempo, dando vida a outra criatura.



Desse grande mistério – a geração e o nascimento de um ser, o único grande milagre que provoca nossa curiosidade crônica e, ao mesmo tempo, sufoca nossa existência – não há como querer saber-lhe o rumo e nem se há rumo, mas, para todas as mães do mundo, esse enigma parece não existir quando o instinto da maternidade paira na sua existência. É inevitável que não se saiba quando começou, nem como e onde começou, tal como o moto-perpétuo perene insinuado no refrão “a vida é como picada que nasce em qualquer lugar” da canção de Marx.

A soma disso tudo é a carência corrosiva que nos consome socialmente, como disse Albert Camus na sua concepção do absurdo, e que paira como uma sombra o tempo todo na sequência do despir os véus do mistério da existência. Essa pulsação perene que nos toca mesmo quando estamos no meio social essa angústia nos espreita, aliás, temos a tendência de procurar sempre o coletivo ou o medíocre confortante da manada mamífera para não pensarmos que estamos caminhando para um arquétipo constituído de várias incógnitas reticentes e que jamais nos serão reveladas, porém entendidas e inefavelmente concebidas pela necessidade de embarcar nesse “mistério insistente do querer estar vivo”, que só as mulheres são capazes.

Em suma, somente o ímpeto esperançoso de nossas mães é que nos mantém vivos diante desse destino inexorável. São elas que têm o aditivo que ecoa em nossa alma como o cânone spectral de um rizoma, como um mantra dando força à hegemonia de acreditar na vida e na existência. Sim, somente acreditar... Acreditar... Acreditar...

7º Capítulo

Incêndio, assassinato, sequestro, luzes estranhas e uma fuga inesperada

Após aquela reunião no Xingu, Obajara e Kunhahendy tornaram-se amigos. Já passados vários meses, os dois estavam trabalhando voluntariamente no município mato-grossense Alto da Boa Vista, auxiliando famílias índias que foram vítimas de violência na região de Suiá Missú. O sol estava se pondo quando os dois desceram do caminhão que lhes dera carona até a entrada da cidadezinha. Pegaram as mochilas, agradeceram ao motorista e seguiram conversando pela estrada que ia dar no centro.

— Eu acho que agora elas vão ficar bem — comentou Obajara, referindo-se ao trabalho que fizeram com as famílias na reserva.

— Eu não sei — respondeu Kunhahendy.

— Por quê?

— Não confio nesse pessoal da Funai. Naquele órgão tem cobras, lagartos e percevejos.

— Bem! Se você quiser, vamos dar uma passada lá amanhã, antes de sairmos da cidade, pra nos certificarmos se estão tomando as providências prometidas, não é mesmo? — propôs o índio.

De repente, passou por ele uma camionete Hilux de cor preta, cabine dupla, meio apressada, levantando poeira e se dirigindo também para o centro da cidade.

— São os ruralistas!... Devem ter descoberto algo e estão desconfiados. Vamos tomar uma cerveja naquele barzinho ali, talvez “farejemos” algumas informações — disse Obajara, apontando para o local e atravessando a rua, seguido pela índia, que exclamou em guarani: — *Mañeipa! Yajba yauta kau’i!* (Certo! Vamos tomar cerveja!)

Entraram no recinto e sentaram-se numa mesa perto da entrada. Pediram para o senhor com aparência de índio, provavelmente o proprietário, uma cerveja, dois copos e uma cachaça curtida no barrilzinho que estava em cima do balcão.

— Por que escolheu ficar na mesa aqui perto da porta? — perguntou Kunhahendy, observando a atitude do índio.

— Eu tive treinamento militar de guerrilha no Exército com os amigos do meu irmão mais velho e então, quando você está num lugar em que sente cheiro de perigo, a instrução é que fique sempre perto de uma saída, pra fuga... Respondido, *kuñatai porã?* (guria bonita) — ele sorriu e acariciou o rosto da índia, que sorriu também.

— Então você sabe manejar armamento de vários tipos, não é mesmo? — ela continuou a perguntar pra ele, que arrumou as cadeiras, porque a bebida estava chegando.

— Vocês são daqui? Ou são de fora? Nunca vi vocês por aqui... — perguntou o senhor do bar.

— Somos do oeste! Estávamos trabalhando numa reserva. Amanhã, estaremos indo embora — respondeu Obajara, olhando para o senhor que se mostrava curioso.

— As coisas por aqui não andam bem. Há poucas horas, atearam fogo numa lavoura, atacaram uns índios e parece que houve feridos, porque a polícia foi para o local agora há pouco — noticiou o dono do bar.

— Onde foi isso, senhor? — perguntou Kunhahendy espantada.

— Na reserva Marãiwatsédé — respondeu o homem.

Ela olhou para Obajara e depois para o dono do bar e os três ficaram em silêncio por alguns segundos. Naquele instante, entrou no bar um homem de chapéu e outro de boné, conversando baixo. Sentaram-se à mesa do fundo. O dono do bar deixou o casal, foi até eles, conversaram em voz baixa e olharam para a

mesa onde estavam os dois índios. Logo, o mesmo pegou uma cerveja e duas doses de cachaça e colocou-as na mesa, os dois homens brindaram batendo os copinhos e beberam de uma só vez. Em seguida, beberam um gole da cerveja, acenderam cigarros e sorriram um para o outro.

Obajara piscou o olho pra Kunhahendy e disse baixinho:

— Não olhe para eles ou teremos problemas. São pistoleiros e acabaram de executar alguém — alertou o índio, apertando a mão dela em cima da mesa.

— Como é que você sabe? — Interrogou a índia estupefata.

— Quando eles matam uma pessoa, eles comemoram bebendo. Cochichou Obajara.

Kunhahendy se controlou e continuaram conversando baixinho, enquanto o dono do bar trouxe-lhes outra cerveja, com uma expressão de medo.

— É! Parece mesmo que as coisas esquentaram lá na reserva...

— O senhor tem razão... — disse Obajara para o dono do bar em voz baixa, insinuando a presença dos que acabaram de chegar.

— Vê nossa conta, senhor, temos que ver um local pra dormir aqui — disse a índia.

— Aqui perto tem uma hospedaria muito boa, fica logo após a próxima esquina — indicou-lhe o senhor, apontando a direção e dizendo o valor da conta, que Obajara pagou. Pegaram suas mochilas, e saíram em seguida do bar, meio desconfiados. Lá fora estava muito escuro e não repararam que a Hilux preta estava parada a uns metros dali.

Eles caminharam em direção ao local que o dono do bar indicou e viram ao longe alguns postes de luzes iluminando a rua, perto do centro da cidade. Não andaram nem duzentos metros quando a Hilux preta, que eles não haviam visto perto do bar, freou perto deles e saiu de dentro o homem de

chapéu já lhes apontando uma arma, dizendo para entrarem na camionete.

Tomados de surpresa, Obajara e Kunhahendy não reagiram e fizeram o que ele pediu. Dentro do veículo estava o motorista e mais o de boné na frente. Logo, saíram da cidade e caminharam por uma picada. Após uns vinte minutos, eles pararam e mandaram os dois índios descerem e caminharem para a beira de um riacho. O motorista manteve-se na picada dentro do veículo ouvindo música no rádio, com o carro ligado e os faróis apagados, enquanto o homem de chapéu e o de boné seguiram na retaguarda dos índios.

Na escuridão da noite, o de boné acendeu uma lanterna forte, algemou os dois, colocou-os ajoelhados juntos na areia da pequena praia do riacho e, mantendo o foco da lanterna no rosto deles, foi logo dizendo:

— Vocês estavam na reserva por esses dias, não é?

— Sim! — responderam os dois índios.

— Qual de vocês dois incendiou a lavoura perto da reserva?
— perguntou um deles.

— Não sabemos! Estávamos lá ajudando as famílias. Não somos daqui, somos do oeste e saímos da reserva depois do meio-dia
— respondeu Obajara, sem conseguir olhar para o oponente por causa da forte luz da lanterna mantida no seu rosto.

— Tudo aconteceu logo que vocês sumiram da reserva — falou o de boné, dando uma tapa no rosto do índio, que se manteve calado. Continuou a perguntar, e Kunhahendy falou:

— Viemos caminhando a pé até conseguir uma carona no cruzamento da BR; não fomos para o lado da plantação, senhor.

— Já apertamos todos os índios de lá da reserva e não disseram nada, só faltaram vocês dois, que eles disseram que desapareceram logo que começou o fogo. Um deles veio bancar o valente comigo e foi morto, portanto é melhor dizerem o que

sabem ou vamos ter que acabar com vocês agora — ameaçou o de chapéu.

— Não temos tempo pra conversa fiada — disse o de boné. — Logo que passamos por vocês, vimos pelo retrovisor quando atravessaram a avenida e entraram no bar. Fui informado que eram os que estavam na reserva e que não são daqui.

Seu celular tocou e ele “baixou a guarda” para atendê-lo, tirando também o foco da lanterna do rosto de Obajara e se afastando para o lado do riacho. Era a oportunidade que o índio estava esperando. Deu um pontapé no ventre do homem de chapéu, que caiu na areia retorcendo sem fôlego. Sua arma caiu perto dos pés de Kunhahendy. Mesmo com as mãos amarradas, o índio pegou a pistola e atirou no de boné, que havia desligado o celular e vinha na sua direção. O homem então caiu no chão, com a lanterna e as chaves das algemas.

Enquanto isso, o terceiro homem, com o carro ligado na picada, afastado um vinte metros do local e alheio ao que estava acontecendo, escutou o tiro, mas pensou que fora só mais uma execução de índio do dia e continuou ouvindo música.

Obajara, depois de tirar as algemas dele e da índia, foi até o homem de chapéu que, após o pontapé, ainda estava se retorcendo na areia porque perdeu o fôlego, deu-lhe uma coronhada e ele caiu de novo no chão.

Eles pegaram a lanterna e os dois celulares. O outro não morreu, mas estava ferido e sem poder falar. A índia colocou o seu boné na cabeça, Obajara pegou a pistola e o chapéu do outro e caminharam para o veículo, que continuava no mesmo lugar.

Pego de surpresa, o terceiro não reagiu quando viu a pistola na sua cabeça, então Obajara mandou que saísse do carro e entregasse o celular. Ele obedeceu, já com as mãos para cima, pedindo pra que não o matasse, dizendo que só era empregado deles. O índio perguntou-lhe quem foi que deu a ordem pra

pegarem eles. O homem respondeu que não sabia de nada, que só ouviu o de boné falar no celular com outra pessoa quando estava na camionete junto do outro de chapéu, na entrada do bar, e que o dono do bar já havia suspeitado deles e confirmado na hora em que os atendeu dizendo que eles eram os únicos que tinham vindo da reserva e que também não eram de lá e nem da região — informou o motorista, de olhos arregalados e apavorado.

— Está bem! A noite está muito escura, vocês não nos alcançarão mesmo e aconselho que vá até o riacho. Seus amigos estão lá, não estão mortos. Hoje, vocês estão de sorte, porque não somos assassinos, então você ganhou mais um tempo na sua vida miserável de conivente de assassinos e apoiador dos predadores da natureza.

Os dois índios, conferiram suas mochilas que foram colocadas na carroceria, estava tudo em ordem, entraram na camionete, e saíram do local. Depois de rodarem alguns quilômetros, entraram na cidade aliviados e não pararam; pegaram a direção da BR-242 e seguiram em frente.

— Você verificou se temos combustível suficiente para sairmos daqui? — perguntou Kunhahendy para Obajara, que continuava dirigindo concentrado.

— O tanque está cheio! Esses bandidos só andam assim por aqui — respondeu o índio, olhando pra ela e sorrindo.

— Se ninguém nos atrapalhar, amanhã cedo estaremos em Nova Xavantina e veremos como vamos fazer pra nos livrarmos desta camionete, dos celulares e ir para Cuiabá — tranquilizou-a o índio, beijando-lhe o rosto. Kunhahendy se ajeitou no assento, encostando-se nele.

Antes de pegarem a BR-158, em direção ao povoado de Alô Brasil, Kunhahendy balançou a cabeça, olhou para Obajara e falou em voz baixa:

— Eu achei que não era boa ideia incendiar a plantação, mas você é sempre do contra e ainda tomou as dores do pessoal da reserva... Deu no que deu! Quase morremos! — fez uma pausa e continuou: — Bom, pelo menos, ainda estamos vivos e não matamos ninguém. A polícia ainda não sabe, não é mesmo? — concluiu abraçando o companheiro, que continuou sorrindo e dirigindo.

— Sou um Mundukuru de sorte! — sorriu Obajara abraçando a índia. — Tenho uma bela guarani do meu lado, que é também minha cúmplice — disse em voz alta, mudando de assusto e confortando a índia.

Na região do Xingu, em noite de lua nova e céu nublado, fica tudo tão escuro que qualquer pequeno foco de luz parece algo fantasmagórico. Ao entrarem na BR-158, depois de uma hora, surgiu no horizonte da estrada um foco de luz vindo de repente na direção deles e que não parecia ser de um carro.

— Que tipo de carro é aquele que está vindo para cá? — perguntou a índia.

— Eu não sei — respondeu Obajara. — Parece mais um drone de ruralista!

— Quem estaria manipulando essa coisa a essa hora da noite, numa escuridão dessas? —interrogou Kunhahendy, olhando para o foco de luz que se aproximava.

Obajara diminuiu a velocidade e saiu para o acostamento, enquanto o objeto passou fazendo um ruído agudo parecido com o som de violino, com brilho intenso de várias cores.

O casal ficou estarrecido, pois nunca tinham visto nada igual. Pegou a estrada de novo e Kunhahendy foi a primeira a comentar:

— Eu acho que era um disco voador... Estamos perto da serra do Roncador e isso é muito comum por aqui, andei lendo sobre isso.

— Conheço um velho pajé Munduruku, lá em Nova Xavantina, que diz fazer contato com eles. Se quiser tirar suas dúvidas, vamos lá qualquer dia desses — propôs-lhe o índio.

— Vamos sim! Eu quero perguntar alguma coisa sobre aquele senhor, aquele *Tuyami* (velhinho) que te contei sobre meu encontro com ele na viagem pra São Paulo, para o encontro indígena no Ibirapuera, e que passou a mensagem fatídica sobre a obsessão dos brancos por riqueza e poder — comentou a índia, aceitando a proposta entusiasmada e sorrindo para o companheiro.

Depois do susto com as luzes, a viagem foi tranquila. Após passarem pelos municípios de Ribeirão Cascalheira e Serra Azul, entraram em Água Boa e resolveram parar para comprar alguma coisa pra comer num posto de combustível na saída da cidade. Já era de manhã e havia um movimento de carros no posto.



No pequeno boteco da entrada da cidade de Alto da Boa Vista, estavam os três homens sentados na cadeira e o dono do bar trazia-lhes café. O de boné (então, sem boné) sangrava na barriga, mas estava fora de perigo, pois a bala atravessou-o e não furou nenhum órgão interno; teve que ser carregado pelos outros dois, a noite toda, desde o riacho até ali.

— Eu falei que eram eles! Desde a hora em que entraram aqui, mas vocês quiseram tirar prova e vejam o resultado! — comentou o dono do bar olhando para os três, que tomavam café com olhar de cansados e sonolentos. — E o que vocês vão fazer agora?

— Temos que, pelo menos, recuperar o nosso carro — respondeu o motorista, preocupado.

— É, temos! — disse o outro.

— Aqueles dois índios devem ter ido para o lado de Xavantina, porque um deles me disse que eram do oeste — deduziu o outro.

— O que vamos fazer? Comunicar a polícia sobre o roubo do veículo? — perguntou o ferido.

— Eu acho que não. Eles poderiam ser presos e alegar que foram sequestrados por nós e que escaparam — deu uma pausa e continuou a expor o problema: — O pior é que eles estão com minha pistola “cabrita”. Para meu azar, naquela hora, eu não usei a outra, porque estava sem munição, eu ia matá-los com minha faca — lamentou o de chapéu.

— Eu acho melhor vocês descansarem, esperar alguma informação da Polícia Rodoviária pra ver se acharam a camionete, e você — disse o dono do bar olhando para o ferido — tem que cuidar do seu ferimento — e aconselhou os três a se retirarem, para ele poder atender outras pessoas que estavam chegando no estabelecimento.

Era em torno de 11h30 quando entraram dois policiais no boteco e pediram café. Pareciam ser amigos do dono do bar, que logo os atendeu conversando com intimidade.

— E aí, como vão as coisas pelas redondezas? — perguntou o dono do bar, tentando “pescar” alguma informação. O policial tomou um gole do café e disse sorrindo:

— Aqui tá tranquilo! Fora a morte do índio, ontem, lá na Marãiwatsédé, e o incêndio da lavoura que já foi apagado, está tranquilo.

— E quem matou o índio na reserva? Já pegaram o matador? — perguntou o dono do bar.

— Não! Só sabemos que encontraram a camionete de um deles, uma Hilux preta, cabine dupla, e três celulares incendiados numa picada na saída de Xavantina. Foi confirmado que a camionete era de um deles, porque um dos índios da

reserva, que foi espancado por eles, havia guardado o número da placa, passou-me e eu mandei a informação para a Polícia Rodoviária, que me confirmou agorinha mesmo — respondeu o outro policial.

O dono do bar franziu a testa mostrando um sinal de surpresa, deixou os dois tomando o café e saiu de perto deles para atender outros clientes que chegavam naquele momento no boteco.



— Quer levar alguma coisa a mais? Em Xavantina, vamos nos livrar do carro... — perguntou Obajara em voz baixa para Kunhahendy dentro da loja de conveniência do posto, que o escutou com cara de sono, ajeitando as suas madeixas na faixa vermelha da cabeça.

— Eu não estou com fome, mas vamos levar um pacote de leite, água e biscoito, caso precise “enrolar” o estômago, afinal até Nova Xavantina gasta menos de uma hora de viagem.

O índio pegou o que ela pediu, pagou no caixa e saíram da loja em direção da camionete. Entraram e se ajeitavam, quando viram uma bela senhora aparentando uns trinta e sete anos com uma criança de uns dois anos fazendo sinal para eles baixarem o vidro. Obajara olhou pra ela, abriu o vidro e ela foi perguntando:

— Vocês vão pra Xavantina?

Os dois fizeram que sim com a cabeça e ela continuou:

— Olha! Eu sou funcionária do governo e meu carro pifou; está ali, vocês podem conferir a placa, se quiserem. Preciso de uma carona até Xavantina. Sou advogada e tenho que estar lá às 11h00, no Fórum municipal. Vocês podem me dar carona? — implorou a mulher.

Obajara olhou para Kunhahendy por alguns segundos, con-

versaram alguma coisa e depois deliberaram um sim abrindo a porta do carro para a senhora com a criança, que entrou imediatamente no veículo com uma bolsa com as coisas da criança e uma pasta com papéis e documentos pessoais.

Durante a viagem, o menino começou a interagir com Kunhahendy, que ficou encantada com aquela criança tão pequena, muito esperta e brincalhona. Depois de meia hora que saíram de Água Boa, a mulher procurou alguma coisa na bolsa da criança e não achou, então lamentou em voz baixa:

— Hoje eu tô complicada... Só me faltava essa! Na pressa de pedir carona pra vocês, larguei o pacote de leite desse menino no banco do meu carro!

— Não se preocupe, senhora, nós compramos leite, está aí no banco. Vamos parar para a senhora dar o leite para o neném — disse Kunhahendy, sorrindo pra ela.

Obajara entrou e parou no acostamento. A índia se levantou, pegou o pacote, abriu-o, entregou-o à senhora, que agradeceu. Colocou-o no copo do menino, que bebeu sorrindo, e logo seguiram a viagem.

Quando entraram em Nova Xavantina, Obajara disse para a senhora que eles tinham pressa e pediu para que ela o guiasse até a rua do Fórum, onde iria deixá-la, porque eles iam adiante. Chegando, ela desceu, agradecendo ao casal:

— Olha! Eu moro em Água Boa, sou advogada do Ministério Público do Trabalho. Caso precisem de alguma coisa por aqui, podem me procurar — disse a bela mulher, sorridente com o menino que continuava brincando com Kunhahendy.

— Não sabemos o seu nome, senhora — alegou a índia.

— Sônia... Sônia Otahime.

8º Capítulo

A maternidade, a viagem arquetípica e um parto precoce

— Que hora você vai sair hoje, Jackson? — Lúcia perguntou pelo celular para o namorado. Ele estava muito ocupado e respondeu no viva voz, sem parar de digitar no notebook.

— Oi, meu amor! Que horas são, Lúcia?

— Já são sete horas! Eu saí às seis do trabalho, mas tive que ver algumas coisas e agora já estou livre; por quê?

— Vou demorar ainda uma meia hora. Estou com urgências pra entregar amanhã, vê se “enrola” aí no Copan e, daqui a pouquinho, eu te pego... Falou? — sentenciou Jackson, sem tirar a vista do seu texto no computador.

Passados uns quarenta minutos, eis que ele apareceu na porta da entrada do edifício Copan, com ar de cansado. Vendo-o chegar, ela foi dizendo:

— Parece que fez o serviço do mês inteiro, eh?

— É mais ou menos desse jeito que tão ficando as coisas lá — respondeu, beijando-a na testa.

— Até agora não mandaram ninguém pra te ajudar, não é? — Lúcia continuou a comentar e perguntou por sua colega Sônia Otahime, que havia saído, há um mês, de licença-maternidade: — E a Sônia, quando volta?

— Eu acho que ela não vai voltar mais. Dizem que talvez ela peça transferência — afirmou Jackson, olhando de lado.

— E pra onde? — perguntou Lúcia, curiosa.

— Ninguém sabe! Como também ninguém sabia que ela estava grávida — respondeu Jackson, com ar de mistério.

— É... Só o tempo nos dirá a continuidade de certas coisas

e decisões de certas pessoas — resumiu Lúcia, caminhando e segurando a mão do namorado.



Sônia, após sair de licença-maternidade, viajou a contragosto com seus pais para o Japão. Foi ver parentes de sua mãe que nunca vieram ao Brasil.

Desde quando seus pais ficaram sabendo da gravidez, o relacionamento com eles se deteriorou, porque queriam saber quem era o pai da criança que ela carregava e Sônia mentiu dizendo que não sabia, porque tinha tido relação com três pessoas na mesma semana e dois deles eram estrangeiros. A mãe, não aceitando a enigmática explicação, insistiu para que ela fizesse, pelo menos, o teste com o que morava em São Paulo, o que a deixou irritada. Ela se recusou, ficou amuada e, se as três passagens não tivessem sido compradas com quase um ano de antecedência, não teria feito a viagem.

Com toda sisudez, os três acabaram viajando, faltando apenas quarenta dias da data prevista para o nascimento da criança.

Estavam na cidade de Chiba há uma semana e Sônia saiu sozinha para conhecer as coisas da cultura xintoísta. Começou visitando o santuário de Katori. No outro dia, esteve também em Ibaraki, visitando o santuário de Kashima, onde ficou encantada com a estátua do deus Take-Mikazuchi-no-Kami.

Segundo a lenda, esse deus nasceu da gota de sangue da espada samurai Ame-no-Ohabari. Os japoneses dizem que essa gota foi derramada quando um dos criadores do Japão, o deus Izanigi-no-Mikoto, decapitou Kaguzuchi, o deus do fogo, também seu filho.

Depois de guerreiro adulto, contam também, que o guerreiro Take-Mikazuchi-no-Kami, quando estava participando da pacificação do país de Ashihara-no-Nakatsu, diante do confronto

entre os deuses de Amatsu-Kami (do Céu) e Kunitsu-Kami (da Terra), cravou sua espada no chão com a ponta virada para cima, sentou-se sobre ela sem se ferir fazendo uma espécie de demonstração de poder samurai, o qual provou a sua invulnerabilidade a todas as armas.

Aconteceu assim a pacificação entre todos os deuses e Take-Mikazuchi-no-Kami culminou com esse ato, seu poder como divindade marcial. Então, ele foi considerado Deus das Artes Marciais, do Exército, da espada e do arco e flecha na tradição xintoísta, na qual é venerado no santuário até hoje.



Sônia ficou pensando na gota de sangue que originou o deus Take-Mikazuchi-no-Kami e nas gotas do esperma de Marx que ela introduziu em seu útero num momento decisivo e impulsivo e que também buscava dar vida a um novo ser. Lembrou-se então de que, em várias culturas e mitologias sobre as quais já havia lido antes, os grandes personagens que fazem parte das sagas históricas dos panteões culturais em todo o mundo nasceram em situações de risco, às vezes até semelhantes ao seu caso do auto-enxerto. As origens destes, às vezes, é tão fantástica que ficam concebidos como lendas. São geralmente considerados ungidos pela sua comunidade de origem e trazem consigo alguns predicados especiais. Por essa razão, mais tarde, são eleitos líderes e colocados na frente de batalhas decisivas, ou até se tornam avatares em outras culturas, em outros povos, ao longo das suas epopeicas vidas.

Estava deixando a estátua do deus samurai, quando uma borboletinha preta começou a acercá-la. Ela sorriu e se lembrou desse acontecimento no seu apartamento em São Paulo, há quase oito meses.

Na tradição japonesa, o aparecimento desse pequeno e carismático inseto simboliza uma nova vida chegando, vinda de outra vida antiga. A cor preta é forte e, após um período de transformação, torna-se sutil para os samurais. A borboleta preta simboliza uma nova vida, forte, mas, ao mesmo tempo, sutil. Por outro lado, também são vistas como espíritos viajantes que anunciam a morte de uma pessoa quando aparecem.

Sem saber nada sobre esse simbolismo da cultura japonesa, Sônia caminhou para a saída do santuário. Então, apareceu uma menina japonesa aparentando uns dois anos, soltou-se das mãos dos pais e correu para perto dela sorrindo, parou, olhou para ela e passou suas mãozinhas na barriga de Sônia, que sentiu um arrepio enquanto a menina, sorridente, dizia:

— Kami! Kami! Kami!

O pai da menina a chamou, mas ela continuou. Depois de alguns segundos, ela falou mais alguma coisa no idioma japonês, o qual Sônia, mesmo sendo descendente, não entendeu. O pai chegou pedindo desculpas em inglês, o que possibilitou a Sônia perguntar o que a filhinha dele estava falando enquanto apalpava o seu ventre. Ele disse que era conversa de criança, nada importante, mas Sônia insistiu em saber, então ele disse, meio desajeitado e sorrindo:

— Ela disse que você tem um deus pequenino na sua barriga e que ele vai ser um grande guerreiro — sorrindo e com ar de desdém, o homem carregou a menina, pediu desculpas mais uma vez pela tagarelice da filha e se afastou, enquanto a menina, no colo do pai, ficou acenando para ela e dizendo:

— Sayonara, Kami!... Sayonara!

Sabendo que, logo, iria dar à luz a um menino, o acontecimento foi para Sônia uma espécie de “anunciação”, tal como aconteceu com a guampa virada de boca pra cima e a borboletinha azul, há quase oito meses, no seu apartamento em São Paulo.

Diante dessa incidência espectral ela meditou, mas nem se lembrou de que o último nome do deus Take-Mikazuchi-no-Kami, da mitologia xintoísta, era ao que a criança estava se referindo. Murmurou para si mesma, já saindo do santuário:

— Kami! É um bom nome para meu filho, afinal foi dito por uma criança antes mesmo de nascer... Vai ser seu primeiro nome — sentenciou, olhando para seu ventre.

Dois dias depois, os Otahime estavam de volta pra São Paulo e Sônia, já sentindo o mal-estar da gravidez, percebeu que deveria ir ao médico. Para sua surpresa, ficou constatado que seria um parto prematuro de oito meses e ela foi internada naquela semana.

Seus pais deixaram as intrigas de lado e deram-lhe todo o apoio.

Sem muita dor, a criança nasceu as 23h56 do dia 20 de julho de 2016, numa noite fria, no Hospital das Clínicas.

O tempo da licença-maternidade de Sônia foi crucial para ela tomar uma decisão sobre a sua vida e também o seu local de trabalho. Foi o que fez, após voltar da licença.

Pediu transferência para mudar de estado e só conseguiu para o Ministério Público do Trabalho no município de Água Boa, em Mato Grosso. O departamento de lá estava precisando de um profissional na área jurídica que cuidasse também da pauta “trabalho escravo”.

Por outro lado, ela estava pensando em cuidar do seu filho num lugar novo, longe das intrigas de família e essa oportunidade surgiu quando estava ainda trabalhando junto de Jackson, em São Paulo, numa questão agrária relacionada ao município de Água Boa.

Dois dias antes da mudança, ela foi ao cartório da capital para registrar o menino, com apoio e testemunha de Jackson e Lúcia, que ainda estavam surpresos com tantas mudanças da amiga.

Na hora de registrá-lo, Sônia sentiu um calafrio e teve um insight da visão que teve quando tomou o chá ayahuasca em Cuiabá. Viu a indiazinha que queria atravessar o rio e foi ajudada por um velho índio, o qual ela identificou que era Marx.

Respirou fundo e recobrou sua postura, já escutando a repetição da voz do atendente do cartório, que lhe perguntava o nome da criança. Ela respondeu com toda a convicção do mundo:

— Kami Avá Otahime.

Todos olharam para ela e, sorrindo, disse-lhes que era nome de gente da sua família do lado japonês e que não havia nada de errado, afinal era apenas um nome.

9º Capítulo

A ambiguidade de Kunhahendy surpreende Obajara

Dentro do ônibus da linha Nova Xavantina-Cuiabá, em Mato Grosso, nos dois últimos assentos, estavam sentados dormindo os dois índios, Obajara e Kunhahendy, que, após escaparem dos sequestradores, queimarem a Hilux preta e os celulares para desaparecer com qualquer prova sobre suas fugas, embarcaram no ônibus para Cuiabá. Eram quase 18h00, já haviam passado por Barra do Garças e caminhavam para o município de General Carneiro. A índia foi a primeira a acordar, sorrindo como sempre, arrumando as madeixas e cutucando Obajara:

— Eh! Já estamos quase chegando a General Carneiro, vamos dar uma esticada nas pernas na próxima parada lá?

— É! Já está escurecendo! Ou parece que vai chover? — perguntou o índio, esfregando os olhos, olhando a paisagem pela janela do ônibus, que parecia em movimento lá fora.

— Não sei! Também acordei agora — respondeu a índia.

Alguns minutos depois, o ônibus diminuiu a velocidade e passou por uma barreira da Polícia Rodoviária Federal, na BR-070, onde só havia um policial sentado na cadeira da guarita e acompanhou com os olhos o ônibus passando.

Naquela hora, Kunhahendy, observando o acontecido, lembrou-se de que Obajara ficou com a pistola do homem de chapéu quando queimaram a camionete em Nova Xavantina. Preocupada, perguntou-lhe em voz baixa:

— O que você fez com a arma do homem de chapéu?

— Está comigo, por quê?

— Não é arriscado ser pego com arma clandestina e acabar preso? — pontuou a índia, preocupada.

— Vou levar comigo para saber quem é o dono “dessa belezinha Remington automática”, que estava “passeando no Araguaia” na mão de pistoleiro — afirmou o índio em resposta.

Ela se ajeitou no assento do ônibus, olhou para ele com ar curioso e perguntou:

— E como vai ver isso?

— Tenho uns contatos, depois te conto... Tá?

Continuaram conversando por mais dez minutos, quando o motorista do ônibus anunciou a chegada em General Carneiro e avisou a todos que descessem para lanchar.

Logo que Obajara e Kunhahendy desceram, saíram caminhando pela redondeza do restaurante para esticarem as pernas. Ela foi a primeira a voltar ao assunto da arma, interrompido dentro do ônibus, pois a conversa dos dois já havia tomado outro rumo.

— Então, você é um agente do governo infiltrado para cuidar da segurança indígena, se é o que eu entendi?

— É mais ou menos isso, *che cape!* (minha amiga)

Ele explicou que a medida política que o governo tomou nos últimos meses criou uma tensão maior no meio do agro-negócio, homologando muitas terras indígenas e os ruralistas não deixariam barato; estavam se organizando e a previsão de começarem um confronto armado era questão de pouco tempo. O pior de tudo era que o Xingu e o Araguaia seriam de novo o palco do começo do confronto.

Naquele momento, eles viram a fila dos passageiros já entrando no ônibus e caminharam para lá. Enquanto isso, Kunhahendy estava olhando sério para Obajara, que sorriu e acariciou suas lindas madeixas que, na luz do luar, a deixavam mais linda e sedutora, mesmo com a mente preocupada e o olhar sério.

O resto da viagem transcorreu tranquilo. Logo que se sentaram,

o motorista colocou outro filme para os passageiros e ambos dormiram até a chegada em Cuiabá, por volta de 01h30.

Ao saírem do terminal rodoviário da capital, foram procurar um hotel bem em frente para não precisarem se preocupar no outro dia, pois teriam que seguir viagem – ela ia pra Ponta Porã-MS e ele pra Porto Velho-RO.

Entraram no primeiro hotel e estava cheio. Foram para outro e só tinha um quarto pra casal. Pensaram e combinaram com o atendente para colocar mais um colchão no quarto e cobrar um adicional, porque eles sairiam cedo.

Tudo acertado, foram para o quarto acompanhados do atendente e arriaram suas mochilas; logo, um olhou pra cara do outro e, em uníssono intuitivo, disseram:

— Estou sem sono!

Deram risada e saíram pra conversar e tomar cerveja, pois os bares de Cuiabá estavam sempre abertos de madrugada. Parecia que todos os donos de bares da cidade eram boêmios. Sentaram-se num barzinho perto do hotel e pediram uma cerveja.

— Vejo que você ficou preocupada com a nossa conversa sobre o rumo que as coisas estão tomando, não é? — perguntou Obajara, olhando para a índia que mostrava um ar de preocupação.

— Desde adolescente, eu lutei pra que nada disso tomasse o rumo que tomou. Depois de saber tudo isso que você me contou, sinto que fracassei e que o tempo todo “escrevi carta pra defunto”, como disse Ailton Krenak — respondeu Kunhahendy, olhando fixo para o índio, que também ficou sério, levantou-se, puxou sua cadeira para o lado dela e a abraçou, encostando sua cabeça na dela.

Naquele momento da madrugada, naquele pequeno recinto, a ternura tomou conta deles e o medo, a incerteza e, acima de tudo, a paranoia da extinção das suas raças era o que os unia. Os lábios carnudos da índia estavam tremendo quando Obajara a beijou sem nenhum pudor.

Tomaram mais algumas cervejas, pagaram e voltaram para o hotel, pois já passava de 02h00. Entrando no apartamento, viram o colchão que o atendente havia colocado a pedido deles, olharam pra cara um do outro e riram. Não conseguindo se conter de excitação, tiraram a roupa rapidamente e começaram um longo e delicioso beijo.

Corpos nus, ambos começaram com as carícias mais ardentes; a índia pegou o pênis de Obajara e chupou-o com todo fervor, sentindo o líquido lubrificante escorrer nos seus seios enquanto o índio gemia de prazer. Logo depois, eles se deitaram e começaram um “sessenta e nove”. Só se ouviam ruídos ávidos das línguas e gemidos. Passaram para a penetração e a índia preferiu a posição de “frango assado”, isto é, com ela deitada de costas na cama, Obajara penetrou-a de joelhos no chão, olhando pra ela que, logo, teve um longo orgasmo. O índio continuou até que sentiu que ia gozar. A índia, percebendo-o, pediu pra ele parar. Não entendendo o pedido da companheira, mas respeitando-a porque talvez ela quisesse evitar uma gravidez inesperada, ele fez o que ela disse, tirou o pênis da sua vagina e sentou-se na cama.

Ela se levantou e o abraçou; ambos estavam suados e com a respiração ofegante. A índia deitou-se de quatro na cama e pediu-lhe que penetrasse seu ânus. O índio ficou meio pensativo e surpreso, lembrando-se do seu passado e, com mais excitação ainda, ao olhar o lindo buraquinho que já estava piscando esperando seu pênis, ao invés de penetrá-lo, ele se agachou e começou a chupá-lo. Kunhahendy suspirava de prazer a cada lambida do índio, mas logo insistiu:

— Mete no meu cu, meu querido! Eu quero gozar aí com você.

Obajara penetrou bem devagar no ânus da índia, que gritou de prazer e, logo que o pênis entrou inteiro e começou o movimento de vaivém, não demorou nem um minuto e ambos gritaram e gozaram juntos. O índio deitou-se em cima dela e

os dois ficaram por alguns minutos assim ofegantes, até que ele tirou o pênis do lindo traseiro da índia, de onde escorreu muito espermatozoides molhando a cama.

Ambos se levantaram ainda trêmulos, a índia sorriu e abraçou o companheiro, que também a abraçou e se beijaram com ternura. Cansados, eles se banharam e depois deitaram olhando para o teto. Obajara, curioso, perguntou sem olhar pra ela por que ela não quis que ele gozasse dentro da vagina dela, se seria só por medo de engravidar. A índia voltou o olhar pra ele e disse que não, mas que era uma longa história e perguntou se ele queria ouvir. O índio fez sinal com a cabeça que sim. Então, ela começou a contar:

— Eu nasci no Paraguai, numa aldeia perto de Arroyito. Antes de nascer, minha mãe viu o *Pombero Acãhendy* (cabeça de fogo, um mito guarani) por isso meu nome é Kunhahendy, pois tenho ligação com essa entidade ligada ao erotismo desde antes de existir.

Estudei em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, e meus pais morreram quando eu ainda era uma criança de cinco anos. Fui criada com a minha vó até os dez anos.

Certo dia, apareceu na aldeia um casal paraguaio, que era conhecido na região porque ajudava muito as crianças índias nos estudos, senhor e senhora Benitez, casal simpático já de meia-idade e quiseram me adotar para estudar; eles eram donos de fazendas em Ponta Porã e tinham muito dinheiro – também eram pais de um casal de jovens que fazia universidade em Buenos Aires. Minha vó não se opôs; ela sempre quis o melhor para mim.

Fui para a casa deles e me trataram como filha. Somente meu registro de nascimento não pôde ser alterado, porque eu já tinha sido registrada em Concepción-Paraguai.

Havia uma grande biblioteca naquele casarão e eu mergulhei nos estudos, tanto da escola quanto do que havia na biblioteca

de casa. Apreendi o idioma português muito rápido, então logo estava sendo a melhor aluna da escola e eles me presenteavam muito, porém, nas férias escolares, eu voltava pra Arroyito pra ficar com minha vó, que já estava bem velhinha.

Quando eu completei catorze anos, eles fizeram uma festa para mim e os filhos do casal Benitez apareceram para a festa. Eu não os conhecia, mas eles já sabiam que eu tinha sido adotada pelos seus pais. Sempre eles apareciam para as festas de final de ano, mas eu estava na aldeia com minha vó.

Pablo e Carmen são os nomes deles e já estavam terminando faculdades; faziam residência em Medicina e, como eram muito dedicados, só iam visitar os pais quando coincidia a folga de ambos.

Agora é que começa a minha história erótica.

Na hora em que nós nos conhecemos, foi como se a bruma de *mo bagüi rõ* (desejo sexual) do Pombero tomasse conta de nós três. Logo, me abraçaram com fervor e começaram a mexer nos meus cabelos, que eram mais compridos, dizendo em guarani: “Mbaecha kunhatai iporã!” (Que menina linda!).

Carmen tinha vinte anos e Pablo vinte e um, os pais dele ficaram felizes por verem que não houve repúdio dos filhos deles para comigo, que é o que sempre acontecia nas famílias ricas que adotavam filhos de aldeias no Paraguai.

Nessa mesma noite, após a festa, eles fizeram questão que eu fosse dormir no quarto deles. Era um quarto muito grande, com duas camas enormes, redes, uma banheira grande com chuveiro e até um frigobar.

O tempo estava quente e Carmen propôs que entrássemos os três na banheira. Lá fomos. Tirei minhas roupas e fiquei só de calcinha e sutiã e Carmen fez o mesmo. Pablo ficou de sunga. Estávamos dando risada enquanto Pablo brincava de puxar o cabelo da irmã e ela puxava o meu até que, numa dessas ma-

nobras, eu senti a mão da Carmen tentando, na brincadeira, tirar minha calcinha. Eu achei engraçado e também tentei tirar a dela, mas ela não se importou e deu risada, pelo contrário, pegou a minha mão e a colocou na sua vagina por baixo d'água. Senti um arrepio de excitação quando aqueles pelos encheram a minha mão. Logo depois, foi a vez do Pablo, que me abraçou por trás enquanto a irmã fazia cócegas na sola do meu pé. Eu dava risada, pedia para eles pararem, mas continuaram, até que Carmen me soltou. Foi quando me dei conta e senti o pênis duro de Pablo no vão das minhas pernas. Não tinha sido a primeira vez que vi um pênis; na aldeia, é comum, nos dias quentes, à tarde, nós, índios, tomarmos banho nus. Você sabe disso, não é? — insinuou para Obajara, que respondeu com um balançar da cabeça. — Via os casais que saíam pra transar por ali mesmo, cansei de ver essas coisas. Mas, quando eu vi aquele pênis duro no vão das minhas pernas, eu me excitei muito e os dois perceberam. Foi então que Carmen saiu da água já totalmente nua e disse:

— Quer ser nossa verdadeira irmã?

— O que você quer dizer com isso? — perguntei pra ela, que me abraçava, acariciando por cima do sutiã meus pequenos seios que já despontavam e ela me respondeu lambendo minha nuca:

— Eu e Pablo somos amantes! Não somos irmãos verdadeiros.

— O senhor e a senhora Benitez me adotaram também — disse Carmen e seguiu contando: — Somente Pablo é filho deles, mas fomos criados juntos desde pequenos. Meus pais sempre vinham me visitar enquanto crescia e estudava, nunca esconderam nada de mim. Eu e Pablo transamos desde a sua idade. Cresci com ele sempre comendo minha buceta, meu cu, me chupando e eu também chupando o pau dele, porque pegávamos filmes pornôns na sua idade, assistíamos, ficávamos excitados e depois íamos praticar os dois imitando o filme. Sempre foi assim. Gosto também de mulher, por isso fiquei excitada quando te vi.

— Tudo o que Carmen estava me relatando — seguiu ela contando —, tudo aquilo foi uma grande revelação para mim, me surpreendeu, mas depois me senti melhor. Ao mesmo tempo, estava gostando, afinal era apenas uma proposta de cumplicidade erótica para vivermos melhor como irmãos. Afinal, eu era uma indiazinha que estava começando a sentir os primeiros sinais da puberdade, já havia me masturbado algumas vezes, mas eles eram adultos experimentados nas coisas do sexo.

Naquele momento, lembrei-me de uma passagem na aldeia, quando eu tinha uns sete anos e o pajé estava aconselhando um casal recém-casado que iria se mudar para a capital Asunción. Ele dizia ao rapaz: *“Nde nbe nhangareko ndivê revî nde kunba, mbae rapa ava paraguayguá aybu puru-u!”* (Você tem que se cuidar com a bunda da sua mulher, porque homem de Asunción gosta de comê-la).

Eu não entendi, porque era uma criança, achei estranho aquele conselho do pajé. Mas, depois daquela noite, comecei a entender melhor essas coisas.

Carmen então me beijou na boca e disse pra eu ficar deitada de quatro com a minha vagina, na qual estava começando a nascer pelos, acoplada na boca dela, que já se encontrava deitada na cama. Fiz o que ela mandou, ela então começou a chupar minha chana, enquanto o irmão começou a chupar meu cu. Eu fui ao delírio, gozei várias vezes com os dois me chupando. Pablo não me penetrou nessa noite, eles foram fazendo isso aos poucos, durante uma semana. Toda noite, os dois metiam o dedo em mim, me alargando. Fui deflorada aos poucos, sem dor, e também aprendi a chupar vagina, cu, pênis e receber gozada na boca.

Eu já havia lido o livro *Gente pantaneira*, do escritor mato-grossense Abílio Leite de Barros, irmão do grande poeta cuiabano Manoel de Barros. Lembro-me de que, num trecho do livro, ele fala sobre o envolvimento de mulher índia com homem

branco e categoricamente afirma que, depois que uma mulher índia tem relações sexuais com branco, não quer mais saber de homem índio. O que o escritor queria dizer é que nós, índios, na maioria das vezes, só fazemos sexo para a procriação, não para explorar o prazer erótico do corpo.

A “iniciação” com Carmen e Pablo me fez entender a afirmação do escritor Abílio e também o porquê do conselho do pajé da aldeia para o casal que ia se mudar para Asunción.

Posso hoje dizer que Pablo e Carmen me ajudaram a abrir todo o meu leque erótico possível e também minha cabeça diante das coisas do mundo, porque, depois que você amplia seus limites eróticos, tudo fica mais fácil, você deixa de ter medo e aprende a enfrentar qualquer situação. Tornei-me, a partir daí, uma adolescente mais segura com os namoradinhos que tive, entendi por que as adolescentes brancas sofrem com o despertar da sexualidade. Compreendi uma das principais maldições do cristianismo chamada “pecado original”, que só serve pra carregar uma culpa virtual que nunca existiu, bem como a mais marcante e imperativa de todas, que é a obsessão pela fidelidade conjugal que as mulheres brancas carregam como se fosse um fardo pela vida inteira, sujeitando-se, depois de certo tempo, a viver uma hipocrisia conjugal e social que, às vezes, termina em abandono ou tragédia.

Antes de Carmen e Pablo voltarem para Buenos Aires, após a minha “iniciação”, nós fizemos uma cerimônia, a qual eles dois chamam de “comunhão do esperma”.

— O que é isso? — perguntou Obajara, curioso e todo excitado de novo.

— Fizemos, como sempre, uma trepada a três, mas com uma diferença: começamos eu e Carmen fazendo boquete alternativo no Pablo, depois ele penetrou no meu cu, enquanto eu chupava a vagina de Carmen. Eu estava tendo múltiplos orgasmos, quando

Pablo disse que estava prestes a gozar no meu cu. Então, ele tirou o pênis do meu cu e gozou na boca de Carmen, que segurou todo o esperma na boca. Então, nós três nos levantamos e, em pé, com as mãos dadas em círculo, ela passou para minha boca um pouco do esperma, depois para a boca de Pablo, abraçamo-nos os três e engolimos o esperma todos juntos, de uma só vez. Depois, os dois me disseram que era um juramento de cumplicidade para com o prazer para o resto da vida, não importava quanto tempo passasse e tampouco o compromisso que podíamos ter com outras pessoas do convívio, como casamento, namoro ou outros quaisquer; daí por diante, éramos irmãos verdadeiros e comprometidos com o prazer erótico, acima de tudo. Desde esse dia até hoje, toda vez em que nos encontramos, fazemos nossa orgia pra matar a saudade — Kunhahendy encerrou seu relato beijando de leve Obajara, que já estava muito excitado.

— É uma história muito louca e gostosa e olha como estou, *che rorayjbu* (meu amor) — disse Obajara, mostrando o seu pênis, que estava todo melado e se movimentando. Então, Kunhahendy disse:

— Vamos tomar outro banho, tá muito quente, né! Para depois fazermos também nossa “comunhão do esperma”, afinal somos agora namorados e você já conhece o outro lado meu: sabe que sou também uma *kunhá potabá* (lésbica), então temos que selar nosso pacto de prazer sem o compromisso tradicional do cristianismo, não é mesmo? — sentenciou a índia, pegando na mão de Obajara e caminhando para o banheiro.

Quando os dois saíram do banheiro, ela começou a fazer um boquete nele e depois se deitou de quatro, já pedindo para ele penetrar seu ânus. Foi o que o índio fez: antes de gozar, tirou o pênis e soltou o esperma na boca dela; depois dividiram a porção, ambos a engoliram sorrindo e foram dormir.



O pacto da proposta de relacionamento de Kunhahendy e de seus “irmãos”, também pactuado com Obajara naquela noite, era a configuração de relacionamento que está se formando atualmente para que, no limiar do futuro próximo, prevaleça também esse compromisso das pessoas com o prazer, independente de quaisquer relacionamentos paralelos.



A quantidade dos variados tipos de clubes de suingue erótico que se alastra hoje em todo o mundo é o que mais se aproxima da “comunhão do esperma”. Apesar desse advento liberal que acontece, a “colcha de retalhos” da hipocrisia social dos casais monogâmico ainda consegue postergar suas separações.

Nesses recintos desenvolve-se um novo tipo de liberdade erótica jamais experimentada por nenhum cônjuge e, nessa experimentação, o casal tradicional ficará leve e livre como se tivesse participado de uma peça erótica do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal.

Tudo o que nós chamamos de instinto do nosso inconsciente, principalmente nosso erotismo exacerbado e as vezes dúbio, o qual achamos que já se extinguiu ou não existe mais, ainda existe. Quem não crê é porque ignorou e não levou em consideração a máxima de Lavoisier: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Essa axiomática sabedoria dele poderia ser completada acrescentando que: Aquilo que não se transforma, não sobrevive neste mundo. Ainda somos o troglodita instintual que faz sexo como qualquer mamífero, mas temos o livre-arbítrio

de optar pelo prazer ou procriação, independentemente das regras sociais e/ou religiosas que foram criadas para nos colocar unilaterais e “socialmente organizados como ditos filho de Deus”. Ao longo da história, isso só serviu para criar, em toda classe social, estupradores, pedófilos, psicopatas, sociopatas etc., afora a proliferação de doenças psicossomáticas provocadas por causa de tratar o instinto e as diversas facetas do desejo sexual como um mal que tinha que ser exaurido da alma humana.

O que está se configurando hoje nos relacionamentos dos cônjuges, principalmente nos clubes BDSM, foge de qualquer forma da cultura anterior modulada na moral judaico-cristã. Portanto, não há necessidade nenhuma de um casal gay pedir autorização para padre, juiz, pastor ou entidades religiosas quaisquer para se unir. Afinal, o “sentir” é deles. Ao fazerem isso, estão se rebaixando e clamando por essa autorização, demonstrando dependência desnecessária de um sistema falido e que, por outro lado, não acrescentará nada de substancial à vida dos cônjuges.

Essas novas configurações sociais eróticas aposentarão de vez a velha e desgastante formação da família tradicional, bem como o casamento tradicional, abençoado pelas entidades religiosas e homologado por entidade jurídica. Obviamente, todo o ranço de racismo, homofobia e ego-centrismo sociocultural que hoje ainda atrapalha e adocece a nossa sociedade desvanecerá com essa nova proposta de liberdade erótica “plurianticonvencional”, se é que cabe usar o neologismo para tal advento.

Parte 2

10º Capítulo

Conflitos e um novo affair de Sônia Otahime

Era final do mês de setembro do ano de 2018. A convulsão da campanha para as eleições para presidente da república, senadores, deputados estaduais e federais agitava o país inteiro, principalmente no campo, onde a criminalidade e a corrupção aumentaram assustadoramente.

Depois da última reunião dos povos indígenas acontecida no Xingu, em 2016, as coisas começaram a tomar certas configurações inesperadas, bem como se viam atitudes drásticas tanto dos índios quanto dos posseiros e ruralistas. Estes últimos, por terem a maioria de representantes no Congresso, manipularam nos últimos três anos as leis básicas da Constituição Federal, que protegiam o povo da floresta, em benefício próprio, ignorando qualquer tipo de escrúpulo moral e compaixão para com os verdadeiros donos do continente.



No pequeno município de Água Boa-MT, após uma noite chuvosa, estava uma manhã ensolarada e uma criança de um pouco mais de dois anos olhava os pássaros que se movimentavam nas árvores do quintal da sua casa. O menino sorria, gesticulava, fazia ruídos imitando as aves. De repente, abriu os bracinhos para a frente e os pássaros vieram, de um em um, pousar no seu pequeno membro, outros na sua cabeça; ele fez um som

surdo agudo com a boca e as aves voaram todas e começaram a circular em torno dele, que sorriu se divertindo.

Sua mãe observava tudo da fresta de uma janela e, a cada dia, ficava mais encantada, e ao mesmo tempo sem entender, com essas atípicas proezas de seu filho Kami, uma criança que nasceu precoce, parecia conhecer e saber mergulhar tão bem nos mistérios das coisas do mundo e, acima de tudo, ter familiaridade e poder sobre elas.

Depois de observar em silêncio por alguns minutos o filhinho, ouviu o toque da campainha da casa. Sabendo que aquele momento de ternura chegara ao fim, porque a babá do menino acabara de chegar, a mãe tirou os olhos da fresta e saiu pra abrir a porta – era hora de começar mais um dia de trabalho, que prometia ser cheio para Sônia Otahime, no Ministério Público do Trabalho.

— Bom dia, dona Sônia! — saudou a bela moça, logo que a porta se abriu.

— Bom dia, Carol! Vamos entrar... — disse Sônia e já foi informando: — Kami está no quintal desde cedo brincando com os pássaros.

— Esse menino é um encanto! — exclamou Carol, sorrindo e se dirigindo à cozinha. — Às vezes, conversa fazendo sinais comigo como se fosse gente grande.

— Até eu que sou mãe, às vezes, ele me surpreende...

Carol! Hoje não venho almoçar, tenho que sair da cidade e só volto no final da tarde... Falou? — disse Sônia à moça e recomendou sobre as coisas que ela teria que fazer, além de cuidar de Kami.

Após tomar café com Kami, Sônia conversou com o filho avisando que não almoçaria com ele e que, quando voltasse, teria todo o tempo que ele quisesse. O menino sorriu e fez gestos que só ela entendia. Então, pegou suas coisas e saiu no carro em direção ao Ministério.

Quase chegando lá, notou certo agito na pequena cidade: gente pra lá e pra cá, índios andando em grupo de rosto pintado. Ela continuou até se aproximar da entrada do prédio do seu trabalho e viu que tudo tinha a ver com algum tipo de assunto trabalhista, porque as polícias local e federal se encontravam lá.

Assim que saiu do carro, veio ao seu encontro um funcionário do órgão, logo dizendo:

— Ainda bem que a senhora chegou, doutora, esses homens queriam ir até sua casa por causa dos índios que estão em pé de guerra porque a Federal prendeu um índio e uns jagunços e também libertou dez indígenas que estavam presos, trabalhando como escravos lá naquele garimpo perto de Cocalinho. O comandante quer falar com a senhora, pra que eles possam ir embora. Tudo aconteceu nesta madrugada e, desde cedo, eles estão aqui.

— Bem, Afonso, meu horário de chegada aqui é às 09h00, ainda faltam dez minutos, e de nada adiantaria irem à minha casa, porque a papelada pra eles preencherem o ofício está aqui — respondeu Sônia, e adiantou: — Tudo bem! Vamos lá ver tudo isso.

Pegou suas coisas, travou o carro e caminhou para a entrada do prédio. Em sua sala, ligou seu computador, esperou alguns minutos e então fez sinal para que o atendente mandasse entrar o policial.

— Bom dia, doutora, sou o comandante Josino de Souza, da Polícia Federal do comando do município de Barra do Garças.

— Bom dia, senhor. Entra, senta, vamos ver o seu relatório inicial pra podermos levantar o processo, não é mesmo? — disse Sônia, olhando para ele e demonstrando boa vontade para com o assunto.

— Positivo, doutora!

Ele lhe entregou o relatório e Sônia começou a lê-lo enquanto o policial aguardava meio inquieto, tamborilando com uma das mãos na mesa. Com toda a calma do mundo, ela foi se inteirando dos fatos acontecidos na Missão e logo se deparou com alguma coisa que lhe chamou a atenção. Parou de ler e se voltou para o policial, que estava aflito para falar alguma coisa.

— Como foi possível isso, senhor? O senhor viu?

— Positivo, senhora! Bem, eu cheguei no local e já estava acontecendo!

— Então você prendeu esse índio também?

— Sim, prendemos! Está no camburão da polícia local, e ficará por conta do comando daqui até que se resolva o que fazer com o caso dele. Quanto aos outros presos, vão para Barra do Garças.

— Vamos fazer o seguinte: tiremos uma cópia desse relatório seu e o senhor me aguarde, pra ver como vamos fazer. O senhor e sua equipe devem estar cansados, é melhor vocês irem pra Barra que eu vou acionar meu departamento pra começarmos a dar um parecer e indiciar o envolvido... Certo?

O Comandante Josino concordou com o acordo, então Sônia chamou pelo telefone o atendente Afonso e pediu pra ele tirar as cópias da papelada do comandante.

Com as cópias na mão e os originais com o comandante, Sônia o acompanhou até a saída da sala e este, por sua vez, saiu agradecendo e apontando os índios no prédio.

— Obrigada, doutora! Mas como a senhora vai resolver com os índios que estão aí fora? — questionou o policial, referindo-se às várias etnias que estavam no saguão do prédio.

— Deixa comigo, eu me entendo com eles. Podem ir tranquilos que, logo que for deliberada alguma coisa e precisar do seu depoimento, eu mesma te chamarei. Tenha um bom dia.

— Obrigado, senhora, e tenha também um bom dia! — disse o policial, indo em direção da porta que dava no saguão — então se voltou, olhou pra ela e disse, piscando o olho: — Assim espero! — referindo-se ao princípio de tumulto que estava começando no saguão do Ministério.

Sônia sorriu e saiu pra ver o que estava acontecendo. Logo se deparou com Afonso, que disse que os índios queriam que soltassem o prisioneiro imediatamente. Ela viu que isso não seria possível, porque não dependia dela. Pediu para deixar que a liderança deles entrasse em sua sala para conversar. Afonso foi até o saguão para saber quem estava no comando das etnias e, uma vez identificado, foi conduzido à sala de Sônia.

— A líder está aqui, posso mandar entrar agora? — anunciou Afonso, com a cara na porta entreaberta da sala de Sônia.

— Sim, pode! — ela respondeu, olhando o monitor do seu computador.

— Bom dia, doutora — saudou a índia líder.

— Bom dia, senhorita, mas você não é a índia que, junto a outro, me deu carona até Xavantina? — reconheceu-a logo que entrou na sua sala.

— Eu mesma, senhora. Nunca imaginei que ia te encontrar depois de quase um ano, numa situação que não esperava — respondeu Kunhahendy, arrumando a faixa vermelha da cabeça.

— Por favor, sente-se! — disse Sônia, apontando a cadeira.

— E o seu gurizinho lindo, como está? — perguntou a índia, vendo a foto de Kami no porta-retratos em cima da mesa.

— Kami está ótimo! Cada dia me impressionado mais com suas brincadeiras.

Bem... Diga-me o que aconteceu de verdade lá no garimpo e por que está todo esse agito aqui no prédio do Ministério — questionou Sônia, olhando firme para a índia, que demonstrava cansaço.

— Prenderam Obajara, aquele índio companheiro meu que dirigia a camionete, lembra-se?

— Claro que me lembro! Eu não sabia que era ele quem estava no camburão da polícia local quando falei há pouco com o comandante da Polícia Federal. Então me diga realmente o que houve, certo?

— Doutora, a história é complicada, mas vou resumi-la no que posso pra que a senhora entenda.

Eu sou Guarani, do Paraguai, mas moro há oito anos no Brasil. Obajara é Munduruku, da região norte, Rio dos Peixes, município de Juara, daqui de Mato Grosso.

Há uns quinze dias, eu e o Obajara fomos trabalhar, com licença da Funai, de voluntários em uma reserva perto do município de Cocalinho. Passada uma semana de trabalho, numa noite, a reserva foi atacada por jagunços que sequestraram vários índios e estupraram algumas índias. Eu consegui fugir e me escondi. Meu companheiro Obajara foi um dos índios que eles levaram.

Resolvi, naquela noite mesmo, seguir os jagunços espreitando por dentro da mata, porque, se deixasse pra outro dia, não conseguiria saber que rumo tomaram e nunca ia descobrir para onde estavam levando Obajara e os outros índios, qual direção tomariam.

Andaram cerca de cinco horas por dentro da floresta, subindo e descendo encosta de morro, até que chegaram ao lugar de uma mina.

Não fui mais perto, porque seria avistada antes de chegar. O lugar estava cheio de vigias, então resolvi pedir ajuda pra alguém que pudesse avisar a polícia e a Funai.

Voltei e encontrei, no final da tarde, um pessoal do Ibama, que estava com o celular via satélite e se comunicou com a Polícia Federal de Barra do Garças.

Logo, foi destacado um comando para lá apoiado pela polícia local. Levou uns três dias pra conseguirem localizar o garimpo na noite passada no meio daquela chuvarada. Houve tiroteios, prisões e a morte, ou melhor, a “queimada” de um dos jagunços. Agora, estão acusando o meu companheiro de assassinato, sendo que quem estava com as armas eram os jagunços.

É só o que sei, doutora. Se há mais alguma coisa no relatório da polícia que eu não disse, eu não sei e tampouco não vi, então é o que há, mas Obajara não é assassino, isso eu garanto pra senhora.

Sônia ficou pensativa e tomou uma decisão:

— Vou pedir para o delegado local me deixar falar com ele — então pediu para Kunhahendy conversar com os índios que estavam no saguão para pararem o tumulto e irem embora. Ela saiu da sala, foi até o saguão, conversou com os índios e prometeu que logo Obajara seria solto. Eles acataram seu pedido e se dispersaram pouco a pouco.

Logo que o local voltou à calma, Kunhahendy foi com Sônia até a delegacia e conversou com o delegado, que liberou a entrada delas sem nenhuma restrição. Ao abrir a cela, a índia correu, abraçou e beijou Obajara. Sônia, sorrindo, brincou com eles dizendo:

— Eh! Mocinha, eu sei que é um belo homem, não quer deixar um pouco pra mim também? — e deu risada ao ver tanta emoção entre um casal.

— Obajara! Essa é a doutora Sônia... Lembra-se dela? — anunciou a índia.

— Claro que me lembro! É a mãe daquele lindo gurizinho que foi conosco até Xavantina — respondeu o índio sorrindo e, soltando-se do abraço de Kunhahedy, apertou a mão de Sônia.

— Então! A doutora quer que você conte pra ela como foi a

morte do jagunço lá no garimpo, porque o relatório da Polícia Federal diz que você o queimou... É isso mesmo? — perguntou a índia, olhando para os dois ao mesmo tempo.

— Foi o acontecimento mais estranho da minha vida, mas eu não queimei aquele homem, embora devesse tê-lo matado quando tive oportunidade, lá naquela noite, em Alto da Boa Vista — Obajara respondeu com ar de assombro e, ao mesmo tempo, com raiva. Kunhahendy o interrompeu e perguntou estarecida:

— Então, era o homem de chapéu? Aquele que nos sequestrou?

— Ele mesmo! E também o outro de boné que estava com ele. Eles faziam parte dos jagunços que nos levaram pra trabalhar no garimpo — confirmou o índio, olhando para Sônia, que se perdeu na lacuna da conversa e logo os interrompeu, perguntando meio desconfiada e impetuosa:

— Então você e ele já se conheciam?

— Sim, doutora! — responderam os dois índios em uníssono.

Obajara seguiu contando sobre o que aconteceu naquele dia, a fuga, depois a carona que ela pegou com eles, e a camionete queimada em Nova Xavantina. Sônia escutou tudo e depois especificou de novo a pergunta que ainda não respondida, se ele “queimou” mesmo o homem, como constava no relatório da polícia. Então, Obajara relatou com detalhes o acontecido no garimpo:

— Bem! Já lá no garimpo, o homem de chapéu me reconheceu e me espancou, perguntando da pistola dele. Eu disse que havia deixado dentro da camionete que foi queimada, mas ele não acreditou, por que não foi achada, ficou de marcação comigo e disse que não me matava naquela hora porque não podia, e que o comando do garimpo não era dele.

Ficamos trabalhando escravizados a semana toda para não morrer. Alguns, que tentaram fugir, foram mortos pelos vigias. Até que armei, com os índios restantes, um plano de fuga pra ser executado nessa noite passada.

Estava tudo certo. A estratégia era pra que um dos índios provocasse a vigilância para atrair a atenção dos outros, enquanto eu fugia para buscar socorro. Nem sabia que Kunhahendy já havia conseguido e foi aí que aconteceu uma confusão e a “coisa estranha”.

— Que coisa estranha? — perguntou Sônia, olhando para ele com o semblante franzido.

— Vou chegar lá! — interpôs-se Obajara, olhando fixo para ela. — Vocês viram a chuva forte que deu na noite passada. Na hora da fuga, essa chuva ajudou muito, porque, quando a polícia cercou o local, eu já havia saído de lá. Estava fugindo e escutei o barulho dos tiros e o alarde no garimpo. Não parei, porque sabia que um dos jagunços estava no meu encalço, mas, quando cheguei numa pequena clareira, caiu um forte raio ali perto que clareou tudo e, para minha surpresa, vi que o meu perseguidor era o homem de chapéu, que estava bem atrás de mim há uns dez metros com uma lanterna, e gritou me mandando parar quando estava no meio de uma clareira. Notei que eu seria baleado fácil na distância em que eu me encontrava, pois ele carregava uma escopeta calibre 12.

Parei, mas ele não havia percebido que eu já tinha me livrado das amarras antes de sair do garimpo e, no escuro, fingi que ainda estava amarrado. Então, ele se aproximou e me mandou ajoelhar. Quando eu percebi que ele ia me executar, pulei pra cima dele, a lanterna escapou da sua mão, a escopeta disparou e não me acertou, mas caiu do lado dele. Entramos em luta corpo a corpo até que ele me deu um soco e eu fui ao chão.

Nesse momento, ele pegou a escopeta de novo e apontou para mim, que ainda estava me recobrando do golpe.

Então, ouvi aquele som que ouvimos, eu e a Kunhahendy, à noite, na BR, daquele objeto cheio de luzes. A luz e o som eram tão fortes que não vi mais nada na minha frente; o objeto passou por cima de nós sumindo na escuridão. Quando voltei para o homem na minha frente, ele já estava pegando fogo que, imediatamente, se alastrou em todo o corpo dele. A escopeta estava no chão, ele saiu gritando e correndo em direção da floresta; eu fiquei ali pasmado, sem saber o que aconteceu.

Nisso, chegou a polícia, que encontrou o homem caído ainda em chamas, já morto, no meio da chuva, e eu meio petrificado olhando tudo aquilo. Deram-me voz de prisão, pegaram a escopeta e mandaram eu me reunir com outros prisioneiros que estavam no garimpo e os índios que foram libertados.

Perguntei ao comandante por que eu estava sendo preso e ele disse que eu havia matado o homem de chapéu, com suspeita de “requinte de crueldade”. Fomos trazidos pra cá e o resto a senhora já sabe — concluiu Obajara olhando para Sônia, que parecia não estar acreditando em nada do que ele havia contado.

— Bem... — disse ela, olhando para os dois índios: — Vamos esperar o exame de balística e ver o que o pessoal da necropsia irá dizer sobre o que causou a “combustão” do outro — sentenciou Sônia e se preparou para sair da cela, quando Kunhahendy interceptou-a e disse, tocando no seu ombro e apelando:

— Dona Sônia, eu sei que você não acreditou nele, mas poderia, pelo menos, acelerar o processo para que fique constatado que ele não disparou a arma que matou o homem, tampouco o incendiou? — Sônia deu uma pausa enquanto se voltava olhando para ela, que continuou dizendo: — A senhora pode fazer isso por nós? — suplicou-lhe a índia.

— Sim! Vou ver! — disse ela, olhando para os dois. — Vou ver isso agora e adiantar pra que se resolva o mais rápido possível — disse Sônia, indo em direção à saída da cela, mas se virou já do outro lado da cela, olhou para os dois e ressaltou: — Tenho que ir, ainda agora de manhã, num pequeno distrito aqui perto ver umas coisas. Volto no meio da tarde. Caso já tiver algum resultado da balística e da necropsia, ligo pra te falar. Passe-me seu número de telefone pra que eu possa te comunicar... Certo?

A índia passou-lhe o número do celular, mas Sônia se atrapalhou e sorriu ao pedir pra ela soletrar o nome. Depois, as duas saíram ainda conversando, enquanto o carcereiro fechava a cela de Obajara.

Passadas algumas horas, começou a chuva de novo. Kunhahendy estava dormindo no pequeno hotel da cidade, pois estava cansada e desde cedo acordada, quando um forte ruído de trovão a despertou. Ela se sentou na cama e, depois de alguns minutos, foi até a janela, que estava aberta, olhou a chuva e viu o carro de Sônia passando pela rua. Eram mais ou menos 16h00.

A chuva diminuiu, mas não parou e a índia voltou a dormir. Já eram 19h00 e ainda estava chovendo, quando o telefone dela tocou e, do outro lado da linha, Sônia falou com muito entusiasmo:

— Kunhahendy! Eu falei com o pessoal da necropsia e eles disseram que não encontraram nenhuma perfuração de bala e também não tem nenhum indício de combustível ou outra coisa parecida que poderia ter sido colocado no corpo do morto e ateado fogo.

— Oh! Doutora, que boa notícia! Eu não te disse que ele é inocente? — alegrou-se a índia ao ouvir. — E agora, qual será o próximo procedimento?

— Vamos esperar até amanhã, para que eu possa falar com o juiz da comarca pra soltá-lo, já que não houve prova técnica do crime — respondeu Sônia, perguntando em seguida onde ela estava naquele momento.

— Estou no hotel Serra Verde, aqui no centro da cidade.

— Gostaria de vir conhecer a minha casa?

— Oh! Doutora... Seria uma boa me encontrar com seu gurizinho — respondeu Kunhahendy, toda alegre.

— Esse hotel fica aqui perto da minha casa, então acerte a conta na portaria que vou te buscar e você dorme hoje aqui em casa... Falou?

— Está bem, doutora!

A casa de Sônia era simples. Além da sala ampla com lavabo, tinha uma copa e uma cozinha também ampla, um quarto de casal para hóspedes e uma suíte onde ela dormia com o filho Kami. O quintal no fundo da casa fazia a diferença, porque tinha uma sala com uma pequena biblioteca e o pomar, que fazia uma sombra convidativa formada por diversas árvores frutíferas nativas da região.

Logo que Kunhahendy entrou na casa, sorriu ao ver Kami sentado no sofá e este, quando a viu, correu para ela com os bracinhos abertos, dizendo:

— *Sy!... Che sy!... Che sy!* (Mãe!... Minha mãe!... Minha mãe!)

A índia levou um susto com o que o menino disse e, logo que chegou perto dela, abraçou as suas pernas. Ela sentiu o afago da criança e se agachou, com mochila e tudo, para abraçá-lo direito e carregá-lo no colo.

Sônia ficou surpreendida e perplexa, porque nunca o menino agira assim com outras pessoas; nem com a babá Carol, que ficava com ele a semana toda.

— A tia Kunhahendy veio nos visitar e vai dormir aqui, tá?

Agora, deixa a tia guardar suas coisas no quarto de hóspedes e vamos jantar, filhinho — disse Sônia, tomando-o dos braços da índia, enquanto ele relutava.

— Que criança linda, eh, doutora! — exclamou a índia.

— Confesso uma coisa: eu nunca vi esse menino agindo assim com ninguém, dizendo coisa estranha — falou Sônia, com os olhos orientais perplexos, olhando para a índia, que arriscou uma suposição:

— Não seria herança da parte do pai dele? — perguntou, olhando para a criança, que estava no colo da mãe e querendo voltar para os braços dela.

— Eu não sei... O pai morreu antes de ele nascer — respondeu Sônia, com ar de tristeza.

Naquele momento, a campainha tocou, Sônia colocou Kami no chão, foi até sua bolsa, que estava no aparador, e pegou a carteira, pois havia chegado a pizza que pedira para o jantar. Depois de receber a iguaria e pagar o entregador, foi logo dizendo:

— Vamos comer antes que esfrie, com essa noite chuvosa.

Sentaram-se os três na copa; Sônia foi pegando os pratos e talheres, enquanto Kami e Kunhahendy brincavam um com o outro, dando risadas.

Após a ceia de pizza saboreada a vinho, o menino Kami demonstrou sono e foi conduzido pela mãe para o quarto. Depois, a índia e Sônia começaram a se conhecer melhor, conversando e tomando mais vinho. A chuva havia diminuído, só se ouvia o ruído de trovão ao longe com o clarão fraco do reflexo dos relâmpagos, que reluzia nos vidros das janelas.

— Então, você é índia paraguaia e brasileira de coração? — indagou Sônia.

— Um índio só consegue se entender assim depois de muito tempo fora da floresta, porque lá não existem limites e nem

fronteiras. É como se a selva fosse uma extensão do nosso corpo, do nosso espírito, uma coisa muito difícil para o branco entender — respondeu Kunhahendy sorrindo.

— Eu me lembro desse estado psicológico quando participei da festa do Kuarup, em 2015, lá no Xingu. Também senti isso quando tomei o chá de ayahuasca na União do Vegetal, em Cuiabá. Realmente, a gente fica numa plenitude de liberdade jamais experimentada — afirmou Sônia, olhando para ela, que sorriu e mexeu na linda cabeleira negra, brilhante à luz do reflexo dos relâmpagos.

— Então, você conhece um pouco da cultura indígena? — perguntou Kunhahendy.

— Sei pouca coisa que aprendi com o pai de Kami, que sabia mais — informou Sônia, meio reflexiva.

— O pai de Kami parece ter sido uma pessoa muito importante pra você — insinuou a índia.

— É, foi! — respondeu, ainda com ar reflexivo.

A chuva havia parado, o ar estava fresco e o calor do vinho ajudou Sônia a propor à índia ir ver o quintal e acender a luz do local. Então, as duas saíram pra fora da casa e caminharam com os cálices de vinho em direção ao pomar. No entanto, antes de chegar debaixo das primeiras árvores, a índia perguntou olhando para Sônia:

— E ali, o que é?

— Parece estranho, mas é minha pequena biblioteca.

— Que ótimo! Eu tive parte da minha adolescência criada com tutores adotivos praticamente dentro da biblioteca da casa deles — disse Kunhahendy, alegre e abraçando Sônia, que sentiu a energia da índia invadir seu corpo.

— Eu queria conhecer seus livros, Sônia, adoro livros! — propôs-lhe, sorrindo e olhando o recinto.

— Então, vamos lá! Eu deixo sempre a porta aberta — disse

Sônia, colocando a mão na cintura da índia, caminhando rumo ao recinto.

Ao entrar na sala, a índia voltou à sua infância na casa dos Benitez e ficou maravilhada. Começou a olhar tudo, colocou o seu cálice em cima de uma pequena mesa, pegou umas das obras na estante do espaço de poesia e sentou-se no sofá sorrindo, enquanto Sônia observava a performance espontânea da índia que, ao mesmo tempo, via como uma criança. Sentiu uma atração fascinante pela beleza nativa da jovem.

Sônia já havia sentido essa energia lânguida por outras mulheres quando ainda morava em São Paulo. Esteve com algumas, mas, naquele momento, parecia ter acendido uma excitação nova pela índia.

Kunhahendy pegou outra obra de poesia, enquanto Sônia continuava a observá-la. Ela nem percebeu que a índia havia pegado seu primeiro livro de poesias, lançado em 2008 em São Paulo.

Após folheá-lo, a índia parou no poema intitulado ‘Do mesmo lado de dentro’ e leu-o em voz alta olhando pra Sônia, que parecia estar sob um passe de mágica:

grávido momento
em que gravitamos
até o abraço
onde
num só corpo
(ventre)
somos dois corações
em descompasso.

Quando a índia terminou de ler o poema, ambas estavam abraçadas olhando uma nos olhos da outra; o cálice caiu da

mão de Sônia sem que ela se desse conta. A índia soltou o livro também e, com sofreguidão, elas se beijaram num longo frenesi. As brumas de mo hagũ rō (desejo erótico) tomaram conta das duas mulheres, que se desnudaram com rapidez. Kunhahendy tomou a iniciativa e se deitou com Sônia no sofá, abriu suas coxas e começou a chupá-la, enquanto ela gemia afagando seus cabelos longos e sedosos.

Depois de alguns minutos, houve o grito surdo do gozo de prazer de Sônia, que estremeceu agarrando a cabeça da índia, que mantinha a boca na sua vagina, a qual derramava a secreção lubrificante; a índia saboreava tudo, até o resíduo que estava derramado no ânus da parceira, como o faz também todo homem mais experiente. Sônia foi ao delírio de tanto prazer.

— Nossa! Que loucura, eh, Kunhahendy! — ponderou, afastando devagar a cabeça da índia das suas pernas, recobrando-se do longo orgasmo, levantando-se e se sentando no sofá ao lado da índia, que continuava a afagá-la com as mãos.

— Eu também tava com tesão por você. Fiquei com medo de me frustrar, mas, quando li o seu poema, que mostra “o descompasso de almas neste mundo de desencontro”, senti um filete da sua ausência erótica, que me incendiou pra te dar prazer.

Nessa hora, minha querida, meu protetor, o Pombero Acahendy, de onde vem meu nome, me dá convicção e força para me satisfazer e a ele também — disse a índia, beijando a boca de Sônia, que, mesmo sem entender a explicação, começou a chupar seus peitos.

A índia soltou um suspiro de prazer e se deitou no sofá, abrindo as pernas para, logo, Sônia acoplar sua boca carnuda em sua vagina. Começou a gemer e a acariciar os cabelos castanhos da mestiça japonesa, que aumentou a flexão na genitália da índia, que logo gozou como louca, arranhando as costas de

Sônia que nem sentiu, pois estava esmaecendo depois de um longo período de ausência de sexo bem imantado.

Com essa nova parceira, naquela noite, houve o despertar de um desejo singular. Já havia ficado bem longe o novembro de 2015, naquela noite doce e cáustica em São Paulo em que Marx lhe chupou e deu a ela o orgasmo mais profundo vindo de um homem. De lá para cá, Sônia deixou de querer controlar seus impulsos sobre seus parceiros e parceiras, mas só teve prazeres eróticos sem qualidade, apenas pra completar noitadas com quem estivesse com ela.

Depois que se mudou para Água Boa com o pequeno Kami, ficou todo esse tempo “na seca”, pois as propostas que apareciam eram de homens que queriam só “comê-la” ou de outros que queriam compromisso sério, o que a exasperava.

11º Capítulo

Revelações e esclarecimentos

— Bem, senhor Obajara, os exames técnicos não constatarem nenhuma perfuração de bala e tampouco indício de atentado com material inflamável no corpo da vítima, portanto não há prova, na primeira instância. O senhor não vai ser indiciado como criminoso por parte do juiz da comarca — informou o delegado ao índio, que o ouviu com atenção sentado na cadeira da sala da polícia; continuou a instruí-lo sobre sua liberdade provisória: — Vou te liberar, mas ficará por três dias sob custódia, aqui na cidade. O senhor não poderá sair do município durante esse tempo. Assina aqui e estamos entendidos! — concluiu o policial.

— Obrigado, senhor! Ficarei à sua disposição — respondeu Obajara, enquanto o carcereiro entrava com os seus pertences e colocava tudo na mesa do delegado; não disse nada e saiu.

O delegado viu uma plaquinha de madeira preta com alguma coisa nela escrita, presa no colar de coquinhos miúdos e perguntou pra ele:

— Posso te perguntar o que está escrito nessa plaquinha?

— Eu ganhei essa plaquinha do meu avô, está escrito em Munduruku antigo. Eu era criança e não sei te dizer o que está escrito, senhor — respondeu o índio, colocando o colar no pescoço e pegando seus documentos da mesa. — Depois que tudo isso terminar e antes de eu voltar para cá, vou até a aldeia e perguntarei para o pajé sobre o que está escrito, então posso te falar, está bem, senhor?

O delegado concordou com um sinal de cabeça, atendendo o celular que tocou simultaneamente, fazendo sinal para o índio de que podia ir embora.

Na saída, ele pediu à recepcionista da delegacia para ligar para o número do celular de Kunhahedy, avisando-a de que ele estava livre e perguntar onde ela estava. A moça disse-lhe que a índia estava na cidade e que ele deveria ir até uma rodoviária próxima, que ela estaria esperando por ele lá. Obajara agradeceu-lhe e saiu da delegacia.

Logo que conseguiu encontrar o primeiro orelhão telefônico, abriu a plaquinha preta presa no colar e discou o número que estava escrito dentro dela. Conversou em voz baixa com outra pessoa, que parecia conhecer bem. Se alguém estivesse ouvindo a conversa, não iria entender nada, porque a comunicação era monossilábica.

Kunhahedy estava ansiosa olhando pra todo lado e dando voltas no saguão do terminal da cidade, quando, surgindo do nada, Obajara a abraçou por trás e disse:

— *Che ajubu nde che rorayjbu!* (Eu te encontrei, meu amor!)

— *Oh! Che abá arö nde anhandu pytumbó!* (Oh! Eu te aguardava angustiada!) — respondeu a índia, sorrindo, virando de frente, abraçando-o e beijando-o na boca.

Sônia, que estava parada dentro do carro do outro lado da rua, assistiu a tudo com um sorriso e buzinou brincando, fazendo sinal para que os dois atravessassem logo a rua.

— Deu tudo certo, Obajara? — perguntou ao índio, que apertou a sua mão e disse que, por ora, sim, e que estava sob custódia por três dias. Após adentrarem os dois no veículo, saíram imediatamente de perto da delegacia.

— Vou deixar vocês em casa com Carol e Kami, certo? Hoje é sexta-feira, eu não trabalho à tarde. São 10h00, vou até o Ministério e volto pra almoçarmos juntos, combinado? — propôs Sônia, indo em direção de sua casa.

Os dois desceram do carro em frente à casa de Sônia. Depois

de tocarem a campainha, Carol abriu a porta imediatamente, Kunhahendy apresentou-lhe o índio, entraram e ficaram conversando na sala. O pequeno Kami apareceu vindo do quintal com duas carambolas do pomar nas mãos e entregou-as ao casal, que as pegou sorrindo. A índia disse:

— Muito obrigada, Kami!

A babá, ao ver o menino se entretendo com o casal índio, deixou-os e foi para a cozinha.

— *Há-e oguachê!* (Ele chegou!) — afirmou Kami, apontando para Obajara, e continuou dizendo: — *Há-e avá techá cuaá!* (Ele é um espião!)

Obajara ficou surpreso com aquela criança que mal caminhava direito e já sabia o que ele fazia como agente infiltrado; ainda de quebra, falava o idioma tupi-guarani, comum para os índios.

O menino sentou-se na outra cadeira ao lado de Kunhahendy. Os três ficaram conversando em tupi-guarani e, para maior espanto dos dois índios, Kami conversava no seu linguajar de criança, informando sobre o futuro, outros acontecimentos que viriam e disse pra eles não se preocuparem, porque não há como alterar a tendência maior da configuração das coisas, mas os males menores podem ser evitados – é necessário apenas que se cuidem.

Dos olhos de Kami saía um brilho intenso enquanto falava e, ao mesmo tempo, mostrava um sorriso enigmático para o casal, que o ouvia e perguntava a ele alguns detalhes.

A babá Carol fez barulho de pisada andando até a entrada da sala anunciando sutilmente sua presença para perguntar se eles queriam água ou suco enquanto esperavam Sônia para almoçar; eles responderam que não e agradeceram. Ela perguntou se o menino os estava perturbando. Kunhahedy respondeu que estavam conversando com ele.

A babá sorriu e saiu pensando consigo mesma que o menino era muito esperto; mal sabia falar e estava conversando com os dois. Deu de ombros e voltou para a cozinha.

Kunhahendy se lembrou do dia anterior, quando ela entrou na casa e ele veio correndo chamando-a de mãe em guarani. Perguntou-lhe o porquê daquilo e Kami respondeu:

— *Ára anbete pe!* (No momento certo!) — e sorriu pra ela segurando a sua mão. Despediu-se do casal, caminhou para a porta que dava no quintal e disse em guarani: — *Aba-ta machê!* (Eu já me vou!)

O casal índio ficou perplexo. Olharam-se não acreditando e depois sentiram que realmente, caso a mãe do menino soubesse disso, iria ficar abalada e então entraram num acordo pra não dizerem nada pra Sônia. Levantaram-se, foram até a cozinha e pediram água pra Carol, que lhes serviu sorrindo e comentando:

— Kami é uma criança que me encanta, mas às vezes eu encontro ele fazendo certas coisas que prefiro não falar para a mãe dele.

— O quê, por exemplo? — perguntou, curioso, Obajara.

— Ele guarda caixas de fósforos vazias, depois pega dez, empilha uma em cima da outra sem cair nenhuma, em seguida ele pede pra eu soprar. Vocês não acreditam! Eu me canso de soprar as caixas, elas não caem e ele fica dando risada!

Depois que eu desisto, ele sopra de longe e as caixas caem todas e se juntam, uma sobre outra no chão, como se fossem arrumadas com mãos invisíveis — ela continua contando, vendo o olhar surpreso do casal: — Ele não sabe falar direito, mas às vezes ele me puxa pela mão e diz que estão chegando pessoas em casa, mas eu não escutei tocar a campainha, tampouco ouvi alguém chamar, porém logo encosta alguém de carro. Não sei como ele fica sabendo — contou ela, com ar de desconfiança do crédito do casal.

Sônia chegou e logo foi servido o almoço, com algumas comidas típicas da região. Os índios se esbaldaram elogiando a culinária da Carol:

— Costelinha de porco com pequi e arroz, que delícia! Faz dias que não como nada igual! — exclamou Obajara.

— Feijão-tropeiro! Se eu ficar nesta casa, vou virar uma “antinha preña” — disse Kunhahendy.

— Afinal, encontramos-nos pela primeira vez sem tropeços e sem problemas. Merecemos tudo isso e muito mais, não é mesmo, meus amigos? — conclamou Sônia, sorrindo e abraçando o pequeno Kami, que olhou para o casal com ar de cumplicidade.

Kunhahendy, ainda comendo, propôs que fossem até a pessoa que Obajara havia dito que conhecia em Nova Xavantina, o qual poderia esclarecer sobre a aparição das luzes vistas por eles dois na BR; depois de novo, pelo próprio índio, na noite anterior no garimpo e, que, segundo o relato dele, foram as mesmas que “queimaram” o homem de chapéu.

— Poderíamos ir nós três agora à tarde! É perto, voltaríamos à noite. Eu peço pra Carol segurar um pouco mais e a libero outro dia que ela precisar, que tal? — propôs Sônia, entusiasmada com a ideia, olhando para o casal.

— Então vamos! — decidiu o índio, levantando-se da mesa acompanhado pelas duas mulheres.

Sônia conversou rapidamente com a babá e com Kami e disse-lhes que voltaria no começo da noite. Pegou a chave do carro e saíram os três para o veículo estacionado na porta da casa. Os 87 km que separam Água Boa e Nova Xavantina são feitos em quarenta e cinco minutos, logo já estavam entrando na cidade e foram direto para a ponte sobre o rio das Mortes, atravessaram-na e entraram à direita, no caminho que acompanha o rio. Depois de cinco minutos, chegaram à casa de um velho

índio Munduruku, que logo percebeu o carro entrando na sua propriedade e sorriu, sabendo que era o seu amigo Obajara.

— Como vai, meu amigo Guarã? — Obajara cumprimentou o amigo ainda dentro do carro.

— Tô bem! Vamos entrar, vejo que trouxe amigos!

Obajara encostou o carro debaixo de uma árvore, porque o sol estava muito forte. Todos saíram caminhando em direção à casa de Guarã, pajé da etnia Munduruku, que, após ter os filhos assassinados no Pará, resolveu vir morar em Mato Grosso. Sua casa era modesta, contendo várias plantas medicinais na entrada e, no interior, havia um lugar para se sentar no chão, onde ele recebia as pessoas.

Após serem apresentadas, Sônia e Kunhahendy entraram acompanhadas de Obajara, sentaram-se no local que Guarã propôs. As duas mulheres ficaram encantadas com as tantas coisas que o pajé tinha no interior da casa.

— Meu amigo Guarã! — Obajara abriu a conversa. — No ano passado, estávamos eu e esta índia Guarani — aponta Kunhahendy — fugindo de uns jagunços e, quando entramos na BR vindo pra cá, vimos umas luzes na estrada. Era noite de lua nova. Ela ficou curiosa, então eu disse pra ela que só você poderia dizer o que significaria a visão daquelas luzes, por isso estamos aqui — informou ao velho índio, enquanto ele acendia seu cachimbo, escutando. Logo, soltou as primeiras baforadas e, depois de alguns segundos, olhando para ela, disse:

— São os guardiões da vida. Eles sempre aparecem para alguém que vai cuidar de um grande espírito já existindo nesta vida — deu uma baforada, olhou o rio que dava pra ver da sua janela e continuou: — Os guardiões, quando aparecem para alguma pessoa, é porque essa pessoa está sob sua proteção e, olhando pra você, meu amigo, parece que eles te livraram da morte, três noites passadas.

O velho pajé falou olhando para Obajara que, surpreendido com a precisão da vidência do amigo, respondeu acenando com a cabeça confirmando, enquanto Sônia ficava boquiaberta.

— Haverá tempos difíceis para vocês três — falou o velho pajé, soltando fumaça na cabeça de todos, que escutavam em silêncio. Depois, fixou-se em Sônia: — A senhora tem um menino muito especial. Ele é filho de um grande espírito que já se foi da Terra, mas o seu gesto em querer a essência dele nesta existência foi grandioso! Seu filho está protegido pelos guardiões daqui e também da sua descendência, de onde nasce o sol.

Sônia verteu algumas lágrimas e soluçou profundamente. Kunhahendy, ao seu lado, amparou-a com os braços.

Guarã cantou em Munduruku antigo, balançando a pequena maraca e soltando mais fumaça nos três, que continuaram sentados e sentindo a energia do velho pajé por mais alguns minutos, até o velho índio dizer:

— *Opama!* (Acabou!).

Guarã pediu para as mulheres se levantarem e saírem, porque não tinha mais nada pra dizer a elas, mas pediu pra Obajara ficar. Enquanto elas saíam, ele falou alguma coisa em Munduruku no ouvido de Obajara, e este olhou para ele com espanto e depois para Sônia. O índio voltou à postura serena e saiu junto do pajé, conversando em Munduruku.

De volta pra Água Boa, já na BR, ainda eram 16h30, o sol forte, Obajara propôs que se banhassem num pequeno riacho afluente do rio das Mortes que ele conhecia, para aliviar o calor. As mulheres concordaram. Ele saiu da pista e entrou na picada; logo avistaram o riacho. Parou o carro e, como crianças, os dois índios saíram correndo, tirando suas roupas e entrando na água cristalina, acompanhados pelo olhar de Sônia, que saiu devagar, enquanto os dois a chamavam gritando que tirasse a roupa e entrasse na água, pois estava uma delícia.

— Venha, Sônia! Você precisa se banhar! Depois da paje-lança, faz bem para a alma! — gritou Kunhahendy, animando a amiga.

A nissei sorriu e tirou a roupa devagar, meio constrangida, pois não estava acostumada com tudo aquilo, mas logo estava na água dando risada e se esbaldando com o repentino exercício de liberdade.

Kunhahendy aproximou-se dela, abraçou-a beijando-a na boca. Reciprocamente, ela correspondeu, sob o olhar de Obajara, que brincou dizendo:

— Eu também quero um pouco, Kunhahendy! — e deu risada.

— Vai ficar para a próxima, eu cheguei primeiro — comentou a índia, sorrindo e voltando a beijar a nissei.

Já na BR de novo, Sônia resolveu desabafar contando sobre o seu profundo amor inconsciente e que quando se tornou real naquela noite em São Paulo, durou apenas alguns minutos, o auto-enxerto que ela fez com o esperma de Marx, gesto que significou querer a essência dele, como dissera Guarã. A encrenca com os pais em querer conhecer o pai do menino, a viagem para o Japão e o nome do menino, o qual ela colocou do deus mitológico japonês sugerido pela criança japonesa na saída do museu e acrescentou Avá, que significa ‘homem’ em guarani, porque o pai tinha descendência Guarani. Finalizou contando sobre a tarde de sábado, depois da volta do *show* com o grupo de música latino-americano Tarancón, quando Marx comentou com ela sobre um encontro ao qual ele precisava ir no domingo de manhã no Ibirapuera, para conhecer o grande líder indígena Ailton Krenak, o qual admirava. Iria levá-la também, porque havia viajado com uma índia jovem guarani, que o convidou.

Ao ouvir o final do relato, Kunhahendy se lembrou do acon-

tecido no voo para São Paulo, em novembro de 2015, e exclamou com eloquência:

— *Tuyamî!*... Kami é filho de *Tuyamî!* — virou-se para trás olhando com espanto para Sônia, que estava tristonha, abraçada com Kami e emocionada ao terminar o desabafo e , que ficou sem entender o gesto de empolgação da índia.

12º Capítulo

Novo pacto de prazer, soluções, lágrimas e despedidas cruciais momentâneas

Sábado, na casa de Sônia, após o café da manhã, Obajara saiu para ir ao caixa eletrônico do banco pegar papel-moeda e resolver algumas coisas pessoais por telefone; disse que já voltava. Kunhahendy ainda estava surpresa com as revelações de Sônia no dia anterior e perguntou-lhe, de modo incisivo:

— Você observou se Tuyami morreu sorrindo?

Sônia se surpreendeu com a pergunta focada no detalhe, e logo respondeu:

— Sim! Eu nunca tinha visto alguém morto sorrindo. Como você soube que isso aconteceu?

— Não sei! Na minha tradição guarani, quando alguém morre sorrindo é sinal que estava fazendo o que mais queria na vida, estava muito feliz, a ponto de superar o medo da morte e deixar transparecer essa felicidade para as pessoas do coração — respondeu-lhe a índia, lembrando-se de que, no final do Encontro em 2015, no Ibirapuera, teve um insight quando confundiu um senhor com Marx e, logo em seguida, sentiu que ele havia morrido quando as lideranças perguntaram-lhe sobre o Tuyami.

Sônia se calou e chamou Kami, que estava no quintal como sempre, brincando com os pássaros.

— Kami! Venha! Vamos sair com a mamãe e a tia Kunhahendy, temos que ir ao mercado, Carol não poderá vir na segunda-feira, então temos que fazer as compras hoje. Certo, meu filho?

O menino ouviu-a e saiu procurando seu calçado. Logo,

estava pronto e sorrindo para a sua mãe, que o agarrou com ternura e o carregou, abraçando-o e beijando-o.

O mercado estava tranquilo e a compra logo foi feita. Na saída, Sônia viu três ruralistas que já conhecia, cumprimentou-os e seguiu em frente para o estacionamento, acionando o controle das portas do carro. Kunhahendy acomodou Kami na cadeirinha do banco de trás, enquanto Sônia transportava as compras do carrinho para o porta-malas do veículo. Em seguida, as duas mulheres foram entrando no carro, quando um dos ruralistas veio na direção delas fazendo sinal e pedindo para falar em particular. Sônia colocou óculos escuros, saiu do carro e se afastou, por saber que a conversa era confidencial.

— Doutora Sônia! O senhor Garcia pediu para a senhora ir até a sua fazenda pra conversar sobre aquele caso velho que a senhora já tratava há uns cinco anos, quando ainda estava em São Paulo, lembra-se? — propôs o rapaz de boné, com um sorriso nos lábios e também de óculos escuros.

— Seo Garcia já esteve falando comigo semana passada, lá no Ministério. Eu ignoro o que ele quer, porque ele já está sabendo que não sou mais eu quem está cuidando do processo dele e seria inútil a nossa conversa — enfatizou Sônia para o rapaz, que sorriu e concordou com ela.

— Está bem, senhora. Vou levar sua mensagem pra ele. Muito obrigado e tenha um bom final de semana — então o rapaz se afastou, Sônia voltou para o seu carro e saiu devagar, sob o olhar dos dois ruralistas que estavam com o rapaz na porta do mercado.

Chegando em casa, após tirar as compras do carro, Sônia entrou no seu quarto e ligou para São Paulo, a fim de falar com Jackson sobre o caso do senhor Garcia. Ele atendeu e ela foi dizendo:

— Oi Jackson! Como vai? Sou eu, Sônia!

— Eh! E aí... Como é que tá? — respondeu o colega, com ar de tranquilidade.

— E Lúcia, como vai?

— Estamos bem e “quase noivos”... Eh! Eh!

— Desculpe-me te ligar no sábado, mas eu preciso saber como ficou aquele processo daqui de Mato Grosso do senhor Garcia, representante da fazenda Xingu, no município de Canarana.

— Olha, Sônia, a matriz deles aqui entrou com recurso contestando o seu Parecer, sobre o levantamento o qual foi feito aí em Mato Grosso em 2012, por quê? — informou Jackson, já curioso com a preocupação da ex-colega.

— Encontrei o pessoal dele agora há pouco e me pediram uma reunião.

— Tome cuidado com esse pessoal, porque eles não têm fama de boa gente em outros estados — advertiu o colega, com voz séria.

— O que quer dizer com isso, Jackson? — indagou Sônia, curiosa.

— Talvez eles queiram que você reveja, entre aspas, seu parecer. É o que eu senti quando vieram conversar comigo e com o nosso superintendente — esclareceu Jackson, meio acabrunhado.

— Obrigada, Jackson, por tudo. Vou ver como vou fazer com eles aqui. Dá um abraço na Lúcia... Falou?

Jackson se despediu e Sônia desligou o telefone, saiu do quarto, foi até a janela e viu a camionete branca dos ruralistas passando devagar pela rua da sua casa, que logo virou a esquina e desapareceu.

Kunhahedy se prontificou a fazer o almoço. Estava na cozinha tomando tereré e fazendo um puchero, comida típica da fronteira brasileira com Paraguai, Bolívia e Argentina, muito

comum por lá. Sônia chegou e comentou brincando, espirecendo depois da conversa com Jackson:

— Essa comida “dá tesão” depois, “indiona”? — brincou, dando risada e abraçando a bela índia.

— Se comer com kumbari (um tipo de pimenta), deixa a gente racú etereí (com muita excitação erótica) — respondeu a índia, lambendo a bomba de tereré, insinuando sexo oral e sorrindo.

— Então vamos ver! Compramos vinho, não é? Já está na geladeira pra hoje à noite, né? — animou-se Sônia, saindo da cozinha e caminhando para o quintal onde estava Kami brincando com formigas.

— Kami! Depois do almoço, vamos lá naquela cachoeira que você gosta e voltamos no entardecer; quer ir com a gente?

Ele respondeu que sim, mas queria que Kunhahendy fosse também. Sônia concordou e ficou o trato feito.

O almoço terminou às 13h00, as duas mulheres comeram com gulodice, pois o puchero tinha ficado uma delícia, ainda mais com a kumbari que Kunhahendy tinha guardado na sua mochila e usado. Somente Obajara comeu pouco; estava meio preocupado depois que voltou da rua, deixando a índia apreensiva, que logo lhe perguntou o que tinha acontecido. Olhando para as duas, ele contou:

— Terei que ir na segunda-feira para Porto Velho, depois que for liberado pelo delegado, para me apresentar na quarta-feira ao Coronel Jaime. Eles estão me chamando para saber os informes daqui e também me passar algumas informações confidenciais. Terei que fazer reciclagem de treinamento em Manaus, depois ficar na região onde nasci, Rio dos Peixes, no município de Juína, até segunda ordem — desabafou, olhando para as duas mulheres que o escutaram em silêncio.

— Bem! Trabalhos são trabalhos, meu querido — disse a índia, sorrindo e passando a mão na cabeça dele.

A tarde foi tranquila e divertida. Depois de se banharem no pequeno balneário, voltaram para casa ao entardecer. Kami estava dormindo nos braços de Kunhahendy e Sônia cochilava no banco do carro.

Chegaram em casa e Kunhahendy levou o menino para a cama dele no quarto de Sônia, que também estava morrendo de sono. Ambos dormiram e também o casal de índios, no quarto de hóspedes.

Eram 23h00, quando Sônia bateu no quarto do casal e disse:

— A noite vai começar agora, “indiaiada”! Vamos tomar vinho lá no quintal, está uma brisa gostosa!

— Vamos! Só temos que nos vestir e já saímos! — respondeu Kunhahedy.

Realmente, estava uma noite linda de brisa fresca e lua cheia, a cidade estava quieta e Sônia, de camisola transparente, deixava transparecer sua bela silhueta de nissei, sentada na mesinha da biblioteca que havia colocado no quintal com mais duas cadeiras, um balde com gelo, umas garrafas de vinho e respectivos cálices.

Logo que o casal índio chegou à porta da casa que dava para o quintal, ela os saudou levantando o cálice de vinho e brindando em voz alta:

— Que viva a vida e os verdadeiros amigos!

Após se sentarem, cada um pegou seus cálices e Sônia fez questão de servi-los. Então, começaram a beber, conversando e dando risadas, até que a índia levantou o cálice e saudou Sônia pela acolhida na sua casa e a “amizade colorida” entre elas.

Obajara também levantou o seu cálice e saudou as duas mulheres, dizendo que era um índio de sorte por estar na companhia de duas grandes mulheres. Levantou-se da sua cadeira, aproximou-se de Kunhahendy, abraçou-a e se deram um demorado beijo na boca. Quando terminaram, a índia olhou pra Sônia e disse:

— Agora, ele chegou primeiro, minha gostosa, mas, hoje, vamos celebrar os verdadeiros amigos, como você mesma disse, não é mesmo? — Kunhahendy e Obajara deram-se outro longo beijo e disseram em uníssono:

— Quer provar? Junte-se a nós, minha gostosa!

Sônia foi até eles como que hipnotizada, separou-os e beijou Obajara na boca enquanto a índia lambia seu pescoço, começando um frenesi louco nos três ali mesmo no quintal, até que a índia propôs que fossem para o quarto de hóspedes.

Saíram os três bebendo mais vinho e já seguindo para dentro do quarto. Todos ficaram nus e Obajara, com o pênis duro e molhado de tanta excitação, foi chupado pelas duas mulheres. Ele não aguentou e logo gozou na boca delas, que engoliram todo o esperma sorrindo. Enquanto Obajara entrava no período refratário após o gozo, Kunhahendy e Sônia fizeram um “sessenta e nove” e gozaram ambas, gemendo.

Obajara se excitou vendo as duas transando. Seu pênis voltou a endurecer e penetrou na vagina de Sônia, que estava deitada de quatro após o orgasmo que acabara de ter com a índia; já esperava ser penetrada primeiro. Ao sentir o pênis dele entrando nela, exclamou, com muita excitação:

— Há muito tempo que estava precisando disso! Como é gostoso sentir um pau latejando na minha chana! Vai, não para, quero gozar aí! — o índio se movimentou, contendo-se pra não gozar, porque Kunhahendy se enfiou por baixo dela e começou a chupar o seu saco, alternando para o clitóris da nissei, o que a deixou louca de excitação e, de repente, Sônia começou a gozar e a gritar: — Isso! Com força! Meu gostoso... Ai!... Ai!... Tô gozando! — o índio segurou seu gozo até Sônia terminar e, em seguida, tirou seu pênis e o enfiou no ânus da índia; ambos gozaram juntos, abraçados com Sônia, que estava prostrada.

Descansaram um pouco durante uns dez minutos e logo Sônia

comentou sobre a pimenta que a índia colocou no puchero:

— É, realmente, aquela pimenta me deu um tesão que acordei com minha chana pegando fogo!

A índia deu risada e então conversou com ela sobre o relacionamento aberto que tinha com Obajara e também com os seus irmãos lá da fronteira. Propôs a “comunhão do esperma”, para selar o pacto erótico entre eles. Contou como era feito, mas Sônia disse que queria fazer com penetração vaginal, porque nunca tinha feito sexo anal. A índia, então, explicou-lhe que a “comunhão do esperma” é um compromisso com o prazer erótico e não podia acontecer por penetração vaginal, porque aí seria um compromisso com a procriação e ela já tinha um filho. Portanto, quando se tratava de colocar um novo ser no mundo, o compromisso era com o prazer, mas também estendido à maternidade.

Sônia olhou para os dois, ainda com receios, e decidiu, dizendo:

— Então, você me guia nessa experiência, minha índia gostosa?

— Claro, meu amor! Seremos um trio de prazer e reciprocidade em tudo nesta vida, até a morte.

Ambas começaram a fazer o boquete alternativo no pênis do índio, que logo endureceu como nunca. Sônia pegou-o na mão e falou, olhando para o índio:

— Será que vou aguentar essa tora no meu cu?

— Relaxa, minha gostosa! Eu estarei participando, te chupando e te guiando pra você sentir prazer e não dor — disse a índia, já se deitando para que Sônia ficasse de quatro e colocasse sua vagina na boca dela.

Começou, então, com o índio chupando e alargando com os dedos o ânus de Sônia e a índia fazendo cunilíngua na sua genitália. Quando ela começou a sentir excitação no ânus,

então Obajara lubrificou o pênis com seu abundante líquido e começou a penetrar o ânus da nissei, que gemeu um pouquinho quando entrou a glândula. Foi mexendo aos poucos; quando ela sentia dor, ele tirava; começava de novo até que a índia parou de chupá-la e orientou-a para relaxar e se concentrar na parte do músculo esfíncter, que estava mais próximo da entrada da vagina.

E tudo começou a dar certo. Depois de penetrada de novo, Sônia sentiu uma excitação cada vez mais forte no ânus, acompanhada do minete de Kunhahenhy na sua vagina. Então, ela movimentou sua pelve, fazendo a bunda bater nas coxas do índio e logo gozou, gritando:

— Ai!... Ai!...Ai! Que delícia! Não pare! Enfia tudo no meu cu! Meu gostoso e minha gostosa! Quero gozar mais!

Obajara já não estava mais aguentando o movimento naquele ânus apertado sugando o seu pênis, pois havia a emoção de ter “rompido o cabaço do ânus” da nissei. Tirou-o do ânus de Sônia, que logo ficou de joelhos junto da índia, com a boca aberta para receber todo o esperma que o índio soltou em sua boca. As duas se levantaram, dividiram as porções junto com Obajara e as engoliram, selando assim o pacto erótico entre os três.

Beijaram-se, despediram-se e foram dormir.



O que proclama a “comunhão do esperma”, é uma revolução calada que veio para acabar com a hipocrisia corrosiva dos casais monogâmico, a discriminação homofóbica e, sobretudo, com a hegemonia da religião sobre o sentir de cada indivíduo. É a liberação dos sentidos e do prazer na mais profunda espontaneidade, sem o fantasma

do compromisso romântico cristão do século XX, que diz que você é responsável por aquilo que cativa.

Não há conquista, tampouco cativo, na nova proposta; apenas satisfação do instinto do mamífero homem/mulher. Ao longo dos milênios, o namoro e o casamento foram associados ao bem-estar social “abençoado por Deus”, como quiseram os religiosos, para dar sustentação ao estado e ao clero.

Naqueles idos, essa união comprometedora e ameaçada pelo medo do sobrenatural e do inferno criado pelo cristianismo foi uma farsa que funcionou até muito bem. O homem e a mulher começaram, por um longo tempo, a ter mais responsabilidade com sua prole. Mais tarde, implantaram o casamento jurídico para barrar certas irresponsabilidades e intolerâncias que começaram a permear no meio familiar, prejudicando a mulher, devido ao abandono do parceiro, deixando-a só para cuidar dos filhos. Isso gerou muitos problemas sociais e se arrastou pelos séculos posteriores. Foram as primeiras fagulhas de liberdade que o inconsciente estava soltando para minar a velha farsa do kitsch do modelo promovido pelo cristianismo.

Hoje, somos mais de sete bilhões de pessoas no planeta e essa proposta de relacionamento antiga não condiz com a realidade, não estamos mais precisando de excesso de contingência em nenhum continente, a maioria dos países está com leis cada dia mais socialistas para conseguir pagar a carga do serviço público.

Desde quando se deflagraram, no final dos anos cinquenta do século passado, o movimento hippie com a apologia do free love; o best-seller Eros e civilização, do filósofo frankfurtiano Herbert Marcuse; seguido pelo aparecimento do preservativo, da pílula anticoncepcional, do movimento

feminista, do movimento gay, havia chegado a hora de aposentar a velha cultura chamada de “bons costumes”.

Na última década do milênio, o Viagra e o comportamento juvenil do “ficar” praticamente decepou a célula mater da sociedade deixando-a capenga de tanto aparecerem configurações de relacionamentos familiares esdrúxulos e longe, bem longe, de serem sacrossantas.

As coisas que aconteceram de lá para cá foram para consolidar a necessidade de uma nova postura das velhas instituições falidas para acompanhar esses “apetrechos libertários” produzidos no final do milênio, anunciando assim essa nova era: a Era do Prazer.



No outro dia, acordaram tarde, todos letárgicos, tomaram banho frio e Sônia preparava o café enquanto a índia tirava cascas de frutas para o pequeno Kami, alegre no quintal por causa de borboletas que apareceram. Obajara levantou-se mais cedo e estava conhecendo a biblioteca de Sônia.

Na hora do almoço, o celular de Kunhahendy tocou, ela atendeu e permaneceu uns dez minutos falando em monossílabos e se limitando a responder com o semblante tenso. Passados alguns minutos após desligar, Sônia a abraçou, pois ela de repente se pôs a chorar, soluçando quieta.

— O que foi, minha querida? Eu sei que não é boa notícia, mas me conte! Afinal, você é mais que minha amiga; fizemos um pacto ontem para tudo nesta vida... Não é? — perguntou ansiosa e preocupada a nissei, beijando-a e buscando o sofá da sala para sentá-la.

— Meus pais adotivos morreram esta madrugada — informou a índia, soluçando e abraçando Sônia.

— Como foi isso?

— Estavam voltando da sua maior fazenda e sofreram um acidente na estrada com uma carreta na contramão. Nem o motorista se salvou.

Tenho que viajar pra lá ainda hoje, meus irmãos estão me chamando. Carmen foi quem me ligou. Preciso ver como vou fazer para ir até Barra do Garças, lá tem um avião fretado à minha disposição, que meu irmão Pablo já contratou.

— Por que ele não fretou aqui em Água Boa, não seria mais fácil?

— Ele não sabia e achou que eu estava perto de Barra do Garças — respondeu a índia, choramingando.

Naquela hora, pela porta do quintal, entrou Obajara carregando o pequeno Kami, ainda sorrindo no colo do índio. Logo que ficou a par do acontecido, ligou do seu celular para um número e falou um código. Automaticamente, prontificou-se a levar Kunhahendy a Barra do Garças.

— Mas você não está em liberdade sob custódia? — lembrou-lhe Sônia, olhando para ele.

— Sim! Mas falei com meu superior do Exército e ele vai falar com o delegado local pra me liberar, desde que eu me apresente amanhã, sem falta. Quando o meu celular tocar, virá um código. Eu respondendo que recebi, estará tudo certo — respondeu-lhe o índio, sorrindo, abraçando e beijando as duas mulheres.

Não demorou nem cinco minutos e Obajara recebeu o sinal, respondeu e sinalizou para a índia começar a se preparar para partir.

No caminho para Barra do Garças, quase não conversaram. Kunhahendy encostou sua cabeça no assento e adormeceu; Sônia dera-lhe um chá calmante para que a viagem transcorresse sem problemas. Os 230 km foram cobertos em duas horas e meia;

entraram na cidade e foram direto ao aeroporto.

A índia se apresentou; foi conduzida e embarcada imediatamente, porque teria que fazer baldeação em Campo Grande e só chegaria à noite em Ponta Porã.

Obajara voltou para Água Boa, chegando ao entardecer na casa de Sônia, que o aguardava brincando com Kami no quintal. Ao entrar, sentiu cansaço e Sônia trouxe-lhe um suco de goiaba, que ele bebeu num só gole, e comentou:

— Deu tudo certo, minha querida. Ela embarcou na hora e vai ligar pra nós quando chegar — informou, acariciando Sônia, que ficara um pouco abalada com o acontecido.



Depois que houve o pacto erótico entre eles, parece que se tornaram um organismo só, uma só alma e, acima de tudo, a sinceridade, a cumplicidade e o amor supremo caminbaram entre eles três de mãos dadas. A atitude descompromissada com a ética moral ditada por classe social, econômica e de religião arcaica não mais ameaça esse pacto harmônico de prazer, que está além do bem e do mal.

Quando a máscara da persona cai, a propriedade do personagem se auto-aniquila, o palco do teatro rui e a luminescência da realidade canta um canto dodecafônico que corrói os resíduos das máscaras viciadas nas harmonias consonantes da falsidade social. É como ouvir tambores ao longe sem se preocupar se são de guerra ou de paz; não há o que temer. Sabem as almas libertas que, acima de tudo, é música que está vindo e, se é música, vamos cantar e dançar, como faz o universo.



Sônia fez Kami dormir às 21h10. Estava sentada na mesa do quintal conversando com Obajara, quando o iPhone do índio tocou e, do outro lado, era Kunhahendy. Ele colocou no viva voz, ambos ouviram a índia dizendo que já tinha chegado e estava bem. Os três conversaram animadamente, sentindo que Kunhahendy recobrava a postura. Depois se despediram e desligaram o aparelho.

Sônia ficou alegre e se sentou no colo do índio, que começou a acariciá-la. Logo, estavam se beijando com ternura e veio a excitação. Entraram no quarto de hóspedes e começaram a fazer sexo. Sônia queria penetração vaginal, disse que gostara muito da última vez. Obajara penetrou-a na posição tradicional “mamãe com papai”, ela teve um orgasmo curto. Então, ela parou ainda muito excitada e pediu, olhando nos olhos do índio, que estava em cima dela:

— Você não gozou, né! Então, come meu cu, índio. Você o liberou e gostou dele e ele de você! Eu senti seu escroto batendo nele e to excitada ... vai goze dentro, porque estou louca de tesão pra sentir o que Kunhahendy sentiu ontem, quando você fez com ela — disse isso e se posicionou de quatro na cama, para receber o pênis.

Sônia estava tendo uma empatia psicológica por causa da ausência da índia. É muito comum isso depois do pacto do prazer: o liame que se forma entre as pessoas é tão forte que qualquer excitação de um deles gera um fenômeno parecido com o verter espontâneo de leite dos seios de uma mãe quando o bebê dela está acordando, sentindo fome e ela se encontra distante.

O índio ficou tremendo de excitação e realizou o desejo dela. Gozaram juntos e ele encheu o ânus dela de esperma, que escorreu quando ela se levantou para ir para seu quarto.

Na manhã de segunda-feira, Obajara foi cedo até a delegacia

para resolver a sua liberação, pois precisava viajar ainda no período matutino.

— Então, “seo” Obajara! Aqui está a sua liberação. Caso haja alguma dúvida da nossa parte, deixe seu contato, para que possamos te localizar. Sei que o senhor foi até o município vizinho de Nova Xavantina no sábado passado, mas, como estava acompanhado da doutora Sônia, não dei importância. Ontem, fiquei sabendo que o senhor também faz parte do setor de segurança deste país. Espero que dê tudo certo e que não precisemos mais te incomodar — informou o delegado, pedindo para ele assinar a liberação e deu um cartão com o número do seu telefone.

— Muito obrigado, senhor! Estarei à sua disposição, caso precise — reforçou o índio, apertando a mão do delegado e já saindo.

Voltou para a casa de Sônia, a fim de pegar suas coisas. Chegou junto com Carol. Cumprimentou a babá e tocaram a campainha, conversando.

— Foi legal o banho no sábado? — perguntou-lhe Carol. O índio disse que sim e complementou:

— Quando índio vê água, vê rio, não resiste, pois sente que vai ser purificado de novo para continuar vivo — responde sorrindo para a babá e olhando pra Sônia, que ainda estava de camisola abrindo a porta.

Eram 08h30 quando Obajara entrou, pegou suas coisas do quarto de hóspedes, olhou para a cama, que foi palco de mais um pacto de prazer descompromissado, sentiu uma ausência antecipada das duas mulheres e ficou sério. Então, Sônia entrou e falou com voz lamentosa:

— Vou ficar sozinha de novo! Por que é sempre assim? Parece que o destino me condenou a ter alegria e felicidades fugazes na minha existência. Não é mesmo, meu querido?

— Tudo tem seu tempo, meu amor. No momento, está acontecendo o alerta dado pelo pajé Guarã, lembra-se? — respondeu-lhe o índio, abraçando-a e beijando-a na testa.

— Farei tudo pra estar com vocês de novo, pode apostar. Nunca, em toda a minha vida, me senti melhor do que nos momentos que passei com vocês. Não há nada mais importante para um Munduruku do que sentir amizade e amor sincero das pessoas. Nós, índios, zelamos pela harmonia muito mais do que pelas leis criadas pelos homens brancos baseadas em superstições e epistemologia religiosas falidas — disse o índio beijando-a na boca, pegando suas coisas e saindo do quarto para a sala, onde estava o menino Kami, que sorriu e olhou pra ele, dizendo:

— *Roroecha peve avá techá cuaá!* (Até logo, espião!)

— *Roroecha rey peve mitá verá!* (Até logo! Nos veremos de novo, criança brilhante!) — respondeu o índio sorrindo para o menino, que deixou Sônia meio confusa e curiosa, querendo saber se Obajara estava entendendo o que Kami lhe dizia, e ele disse que sim, que o menino falava sua língua muito bem.

Sônia ficou pasma e olhou para os dois, que sorriram para ela.

13º Capítulo

Inventário promissor e o *feedback* da iniciação de Obajara

A entrada da casa dos Benitez em Ponta Porã estava tomada pelos carros. Eram 10h00, horário marcado para sair o enterro. Uma das funerárias locais estava cuidando disso, conforme o acerto que Pablo fez, não aceitando que os corpos fossem velados fora da residência da família.

Kunhahendy conversava com Carmen:

— As coisas vão mudar agora, minha querida, porque eu e Pablo teremos que acelerar a construção da nossa clínica aqui na cidade e também administrar todo o patrimônio que herdamos. Nossos pais não fizeram inventário em vida. Também, eles não esperavam essa fatalidade! — comentou Carmen olhando para Kunhahendy, que estava tristonha e se voltou para a irmã consternada.

• • • • •

Quando não morremos nesta vida pela lâmina fina e indolor da própria existência, ela nos corrói aos poucos em forma de uma doença perniciosa ou então sofremos uma síncope do inusitado, como foi o caso deles.

• • • • •

— E como vai ser agora, Carmen? — perguntou a índia à irmã, olhando os dois caixões.

— Eu e o Pablo havíamos voltado para cá há mais de um

ano. Terminamos o nosso curso, como você sabe, há mais de dois anos. Então, pra ficarmos perto da mamãe e do papai, começamos há um ano a construir uma clínica para trabalharmos juntos aqui em Ponta Porã. Não esperávamos tudo isso acontecer — informou Carmen, abraçando a irmã.

— Eu fiquei com remorso e constrangida quando soube por você do acontecido ontem lá em Água Boa, depois tomei consciência de que não havia outra maneira. Quando terminei meu curso de Antropologia Social, precisei fazer estágio todo esse tempo e quase não pude estar sempre aqui, porque no Xingu e no Araguaia é que estão precisando mais do meu trabalho — comentou Kunhahendy, abraçando a irmã.

— Eu sei como é estágio, minha querida, a gente fica sem poder fixar compromisso. Lembra-se de que eu e o Pablo só conhecemos você pessoalmente no dia do seu aniversário de catorze anos? E você já estava morando aqui com o papai e a mamãe desde os dez anos? — recordou Carmen, acariciando os cabelos da índia.

— Claro que me lembro “daquelas noites inesquecíveis da minha iniciação” — respondeu Kunhahendy, com um leve sorriso e com os olhos voltados para cima acionando as doces lembranças.

— Vamos precisar de você aqui para organizar as coisas do inventário e também pra ficarmos juntos um pouco, não é, minha irmãzinha? Eu e Pablo sentimos muitas saudades suas — reivindicou Carmen, abraçando e beijando a índia no rosto.

— Será um prazer estar com vocês, porque você sabe que eu os amo muito.

O padre chegou para fazer a cerimônia de despedida. Começaram, então, os movimentos para a saída dos féretros. Pablo chegou de óculos escuros. Após beijar os pais mortos, beijou também as duas irmãs, foi até a cabeceira dos féretros e disse, em voz alta:

— Meu pai e minha mãe foram muito além de genitores para mim. Ensinarão-me desde escrever até conhecer pessoas no círculo de amizades. Agora, somos nós três que vamos cuidar do patrimônio que os vi construir desde pequeno. Trabalharam os dois juntos na sua humildade, benevolência e, acima de tudo, sempre ajudando as pessoas que queriam estudar e progredir na vida, fosse quem fosse ou de qualquer raça. A harmonia entre as pessoas era o que eles mais prezavam — declarou, com lágrimas que escorriam pelos aros dos óculos escuros, enquanto Carmen e Kunhahendy o abraçavam.

— Estaremos sempre juntos — reforçou a índia em voz baixa, afagando as mãos do irmão, que continuou dizendo:

— Minha vida, o que sou hoje e muito mais devo a eles e também a vocês, minhas irmãs — encerrou sua fala abraçando as duas, que choravam junto com ele.

Nesse momento, houve um movimento na sala, porque chegou Don Ramirez, homem forte da fronteira, muito amigo da família Benitez, de óculos escuros e terno preto. Adiantou-se à frente de seus seguranças, colocou a mão na testa do senhor Benitez e disse:

— Este *hombre fue la mayor persona* que conheci *en* neste mundo, *la razón* de eu estar vivo *fue* graças a ele, que pagou *el* hospital que cuidou de *mi* quando *era niño* y estava *malo* e *mis padres no tenían plata* para pagar. Éramos *mucho pobres!* *Que Dios cuide de tu alma y dona Benitez también.*

Depois da homenagem em “portunhol” de Don Ramirez, carregaram os dois caixões para o veículo da funerária, dando seguimento à formação do cortejo até o Cemitério Municipal Cristo Rei, o mais antigo e histórico da cidade.

Pablo e suas irmãs foram juntos, até que Carmem quebrou o silêncio e comentou sobre o discurso de Don Ramirez:

— Eu nunca ia saber que nosso pai era tão querido por Don

Ramírez e muito menos que o ajudou na infância! — olhou para o irmão que estava dirigindo.

— Meu pai nunca foi de comentar as suas ajudas, porque sabia que as pessoas têm manias de fofoca e isso prejudica a boa vontade de qualquer benfeitor, ao longo do tempo. Se ele houvesse dito pra alguém que ajudou Don Ramírez na infância, hoje eles estariam dizendo que ele deu vida à cobra que ia morrer; esquecem-se de que ninguém nasce pronto nesta vida, afinal era uma criança que estava precisando de ajuda. Se hoje ele se tornou o que é, foi porque a vida lhe sugeriu uma única saída e ele teve que aceitar. Se isso é bom ou ruim, depende de quem vê. Quanto à ideologia de vida dele, quem somos nós pra julgar? Por outro lado, ninguém sabe nada das circunstâncias que ele enfrentou quando teve que decidir o “ás de espadas da sua vida”³ — disse Pablo, tirando uma das mãos do volante e acariciando os cabelos de Carmen, que sorriu e devolveu-lhe o afeto beijando o seu rosto.

De volta do cemitério, os irmãos foram descansar merecidamente, porque ficaram a noite toda sem dormir. A tarde seguiu monótona. Segunda-feira na fronteira, até os cassinos na vizinha cidade paraguaia Pedro Juan Caballero ficavam com “sono”.

Acordaram aos poucos já no começo da tarde. Pablo propôs para as irmãs uma conversa a três a respeito do inventário, antes de qualquer conversa com o advogado da família. Os Benítez tinham um patrimônio grande e também muitos encargos com funcionários, afora instituições carentes que eles sempre ajudaram, imóveis alugados, postos de combustível etc.

É notório que a letargia da morte não comunga com o cêlere dia a dia de quem está vivo. Um dia parado, para um empreen-

3 A decisão de “ás de espadas” é uma configuração da carta de Tarô. Quando aparece para o consultante, significa que ele terá de fazer uma decisão crucial na vida dele, do tipo matar a mãe gestante para salvar a criança, ou vice-versa.

dedor da envergadura do senhor Benitez, era prejuízo grosso, então as resoluções e soluções tinham que ser rápidas para que o encadeamento das coisas se efetivasse de novo.

Os acertos prolongaram-se pelo resto da semana e ainda não haviam terminado. Tiveram que contratar mais um contabilista e um advogado financeiro e mesmo assim a lentidão e os rolos da burocracia brasileira fizeram com que os três dividissem em três partes a administração das coisas, para poderem conseguir ter uma visão panorâmica da situação e saber como iriam agir para definir a nova configuração.

Muitas coisas iriam ser vendidas, porque não haveria pessoa para cuidar, visto que Carmen e Pablo eram médicos e teriam pouco tempo ou nenhum para administrar e, com a clínica em construção, a responsabilidade era ainda maior.

O final do ano chegava e ainda tinha alguma coisa pra resolver do inventário. Kunhahendy ficou com a parte administrativa durante o processo, para marcar audiência com as pessoas, receber, pagar e passar parecer junto dos advogados, para que a consultoria deles desse o veredito sobre o acerto e também verificar, estudar e concluir o que compensava continuar mantendo.

Durante esse tempo todo, ela só conseguiu falar três vezes por telefone com Sônia. Quanto a Obajara, nenhuma, porque o índio havia dito que ia ficar incomunicável até a segunda ordem de seus superiores.

Durante a segunda quinzena do mês de Dezembro, os irmãos fizeram um recesso por conta das coisas que dependiam dos setores públicos, que pararam de funcionar nessa semana, atrapalhando e atrasando certos documentos que teriam de ser expedidos por esses órgãos e tiveram que esperar.

Carmen e Kunhahendy estavam sentadas à mesa conversando no salão maior do casarão dos Benitez, enquanto lá fora caía uma chuva de verão. Eram 20h00.

— Kunhahendy! Nosso irmão Pablo está pensando em passar uma parte dos imóveis como herança pra você: são dois condomínios fechados com dez casas cada um. Você terá uma fonte de renda legal e não irá precisar ou depender 100% de salário de nenhum órgão do governo em que for trabalhar. O que você acha? — propôs Carmen, sorrindo e acariciando a mão da índia em cima da mesa.

— Pra mim está bem, Carmen, mas acho que um só já estaria ótimo.

— Sei que você gosta do seu trabalho, das viagens, da luta pela sua gente, que eu também tenho um pouco no meu sangue, minha bisavó era Kaiowá da região de Bela Vista. Somos irmãs, eu te amo e quero te ver sempre bem, mesmo estando longe. Portanto, aceite os dois, inclusive para tirar um pouco da responsabilidade fiscal e administrativa que ficará comigo e com Pablo aqui na cidade, além dos impostos do governo, pois, quanto mais eles veem patrimônio no seu nome, mais caros ficam os encargos — concluiu Carmen, sorrindo e levantando-se da mesa a fim de pegar uma bebida para as duas.

Kunhahendy ficou pensativa e se lembrou de que também poderia precisar de recursos para ajudar pessoas índias em momentos difíceis, como ela mesma já foi testemunha, pois passou por essa situação várias vezes na região do Araguaia e do Xingu. Ela sabia que, ali mesmo na sua região, sua gente sofria por falta de apoio pra se defender dos agressores, os ruralistas e seus jagunços com ações genocidas, o tempo todo.

Carmen retornou junto com Pablo, que acabara de chegar. A índia soltou seu sorriso lindo e cativante e foi abraçar o irmão, que logo reparou nela, como se há muito tempo não a visse, e comentou:

— *Mbaecha iporã nbande reindyryá min!* (Como está bonita nossa irmãzinha!) Olha, Carmen! Ela se tornou uma bela mulher e

os cabelos, que parecem seda, não mudaram desde os catorze anos, quando nós a conhecemos. Deve estar transando com pessoas de alto astral pra se manter linda e com a mente sadia, não é mesmo?

Os três brindaram com um bom whisky, malte de dezoito anos, depois se sentaram. A índia começou a contar sobre Obajara e Sônia, dizendo que eram realmente boas pessoas e que também já faziam parte do pacto erótico dela.

Pablo pegou mais uma rodada para os três, a fim de saudar os novos adeptos da liberdade erótica, e eles contaram que também fizeram mais alguns ali, em Ponta Porã.

Depois, saíram para uma balada, mas não ficaram até tarde, por causa da chuva que não parou e também estavam precisando espairecer com seus corpos, afinal, nos três meses após a morte dos pais, não havia clima, precisavam resolver muitas coisas pendentes.

A noite foi deslumbrante para eles. Parecia que estavam fazendo as mesmas orgias de quando conheceram Kunhahendy, mas com uma diferença: a indiazinha magrinha e tímida daqueles idos anos tornara-se uma linda mulher, com seios e traseiro de dar inveja.



Eram 06h00 e, na curva do igarapé Mainã, no famoso “Quadrado Maldito”, Obajara comandava dentro d’água o treinamento de novos recrutas e se reciclava, sob as ordens do seu comandante da 17ª Brigada de Infantaria de Selva do Estado de Rondônia.

O lugar tinha uma água escura que dava medo só de olhar e também era infestado de candirú, um peixe amazônico que é atraído pelo cheiro da urina e penetra no canal da uretra ou em vagina, mesmo a pessoa estando de roupa.

Obajara já havia feito esse treinamento; estava apenas cumprindo ordens, porque a conversa que teve com o Coronel foi para se preparar para o pior. Ele, como agente de inteligência de infiltração, às vezes, tinha que se reciclar porque, desde os seus quinze anos, quando foi requisitado da aldeia Munduruku do Rio dos Peixes, do município de Juína-MT, para o treinamento de soldado para guerra na selva, sua vida foi no meio militar. Com vinte e oito anos e graduado como Capitão, praticamente sentia que já tivera a metade do seu tempo de vida amalgamada nesse tipo de atividade, então fazer essa reciclagem para ele era divertido e esportivo.

Quando chegou de Mato Grosso e se apresentou ao Coronel Jaime Alves dos Santos, no final de setembro, na 17ª Brigada de Infantaria de Selva de Rondônia, foi imediatamente mandado para Manaus e, durante os meses de outubro e novembro de 2018, ele ficou por lá treinando os novatos e se autorreciclando até que, no começo de dezembro, foi chamado de volta a Porto Velho ao QG da 17ª Brigada, para se apresentar de novo ao Coronel Jaime, seu instrutor e “protetor” desde quando foi escolhido entre os adolescentes da aldeia Munduruku, há treze anos, para se engajar na Brigada, composta quase que 100% de etnias indígenas da Amazônia Legal.

O Coronel Jaime foi removido para Boa Vista, capital de Roraima, durante os últimos três anos e, já com a patente de Coronel, voltou para Porto Velho, pois o General achou importante a sua presença por causa da situação que estava se configurando na região do Xingu e do Araguaia. Como um bom estrategista e sabedor de como comandar muito bem o serviço de informação, o General teria ali, a partir de então, um grande comandante e com responsabilidade à sua altura.

Logo que foi anunciado para entrar no gabinete de Jaime, Obajara sentiu como se fosse ver o seu segundo pai, até mais

que isso. Depois da continência e de um forte abraço entre eles, o índio sentou-se na cadeira e o comandante colocou em cima da mesa a pistola Remington automática que o índio havia mandado para ele ver a origem, artefato que foi tirado do homem de chapéu na fuga de Alto da Boa Vista-MT, há dois anos. O comandante foi informando sobre a arma, dizendo:

— Essa pistola faz parte daquele lote de 47 armas roubadas do 62º Batalhão de Infantaria de Joinville-SC, em 2012. Nesses últimos anos, a maioria dos assaltos que aconteceram em arsenal de armamento militar foi para abastecer de armas e explosivos os jagunços contratados por ruralistas, posseiros e índios, e também para o comando de assaltantes de banco conhecido como “novo cangaço”, que opera, nesses últimos anos, no norte de Mato Grosso e no sul do Pará — informou o comandante, olhando e sorrindo para Obajara.

— É! Não sei como vai ficar isso no futuro — disse o índio, meio sério.

— Estou esperando novos informes do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, no qual o nosso General está participando de reunião em Brasília para ver como vamos processar nosso trabalho de segurança nacional daqui para a frente, mediante a nova configuração que está começando a se formar lá no Xingu e no Araguaia — ponderou e concluiu o Coronel.

— Vamos aguardar, então, a posição do General. Quanto a essa pistola, o senhor sabe o que fazer, não é? — concluiu Obajara, já ambos se despedindo, batendo continência.

Obajara estava quase saindo do gabinete, quando Jaime lhe disse:

— Vá lá em casa hoje à noite jantar conosco, eu e Rosana estamos com saudades suas.

— Está bem! Eu irei! Estarei lá às 21h00, combinado? — respondeu sorrindo, virou as costas e saiu.

Já fora do gabinete, o índio foi direto para o seu Jipe, que estava debaixo de uma árvore no estacionamento do quartel. Entrou no veículo, pensou no convite do Coronel Jaime, pois sabia o que significava para ele, e começou a se lembrar do seu passado, quando veio para a Brigada da Selva.

Ele era um garoto índio que já havia estado em cidades de brancos poucas vezes. Logo que foi agraciado para o serviço militar, ficou alegre por saber que estaria junto a seu irmão e amigos que já eram da Brigada, e com outras etnias indígenas.

Antes de começar os treinamentos de soldado, ele passou pelo período de formação escolar, embora já soubesse muito bem o idioma português, que havia aprendido na escola da sua aldeia, mas tinha poucos conhecimentos de outras matérias escolares como Matemática, Física, Biologia etc.

Certo dia, quando haviam terminado as aulas e estava no banheiro do quartel urinando, apareceu Jaime que, naquele tempo, era sargento. Entrou e olhou para ele com o pênis na mão, já o recolhendo para dar continência ao seu superior. Jaime, sorrindo, lhe disse:

— Calma, garoto! Não precisa ser formal aqui neste recinto, afinal estamos sozinhos... Para quê tanta formalidade? — e aproximou-se de Obajara, que continuou com o pênis na mão enquanto Jaime chegou bem perto, olhou para ele e pediu licença dizendo: — Posso pegar? Nossa, que “pintão” bonito!

Sem entender nada, o índio deixou-o pegar e logo sentiu seu pênis endurecer na mão do superior, então o sargento pediu-lhe para guardá-lo e disse que solicitaria ao comandante que o convocasse na semana seguinte a fim de ajudar na festa de aniversário de quinze anos da sua filha Soraia, no Clube dos Militares. Os dois saíram conversando meio constrangidos, mas já havia começado uma cumplicidade entre eles.

A cumplicidade é o maior contrato categórico que se

desenvolve entre dois seres humanos. Tem a mesma sutileza da energia da corrupção, porém a diferença é que, na cumplicidade, não há como desfazer o elo com facilidade, devido ao fato de ela ter origem espontânea e em sentimentos mútuos, e não em interesses materiais como a corrupção.

No dia da festa, tudo transcorreu tranquilo. Obajara atendeu direitinho e, no final, Soraia disse que ia dormir na casa do namorado que era seu “fico” no momento e Jaime, como bom pai moderno, não se importou com a decisão da filha; apenas sua mãe, a senhora Rosana, carioca, uma linda mulata sarará com seus 35 anos e bem conservada, lhe disse:

— Então, minha lindinha, almoça amanhã conosco, combinado?

— Sim, mamãe! Estarei lá com Carlos na hora do almoço — respondeu Soraia, já saindo.

Jaime e Rosana foram saindo e chamaram Obajara para lhe dar carona até a caserna. O índio aceitou e entrou no veículo com o casal. Saíram do Clube e, no meio do caminho, Rosana olhou para o marido que estava dirigindo e disse:

— Muito bonitinho esse indiozinho, eh, Jaime?

— Ele é o melhor de todos esses novos que vieram de Mato Grosso — respondeu Jaime.

— Quer tomar uma com a gente e conhecer nossa casa, garotão? — propôs Rosana, virando-se e sorrindo para Obajara, que respondeu:

— Não posso, tenho que me apresentar amanhã cedo para o Cabo Maurício.

— Se for só por isso, eu ligo agora e peço pra ele te liberar; digo que você trabalhou o dia todo e à noite, na arrumação da festa de Soraia — reforçou Jaime se virando, sorrindo para ele e já buscando o celular. O índio aceitou, então o sargento fez o pedido de sua dispensa ao Cabo Maurício pelo celular. Com tudo acertado, eles seguiram em frente.

Chegando à casa do casal, após entrarem, Rosana disse para Obajara ficar à vontade, enquanto Jaime pegava algumas cervejas, Colocou-as num baldinho e caminhou para o quintal dizendo que eles iam tomar banho no chuveiro lá fora. Caso ele quisesse, que os acompanhasse.

O índio percebeu a manobra e se deslumbrou com o andar de Rosana, balançando a imensa bunda colada no vestido escuro que ela usou na festa. Não demorou cinco minutos para que ele aparecesse na porta do quintal e já encontrasse o casal nu, cada um com as cervejas long net na mão. Saudaram-no:

— Bem-vindo, Garotão de pinto bonito! Junte-se a nós! — disse Jaime, em coro com Rosana no colo, brindando e dando risada.

O índio, vendo Rosana piscar os olhos para ele, tirou a roupa ficando só de sunga. Foi até o baldinho, pegou uma cerveja e bebeu-a num só gole, enquanto Jaime dava risada e dizia, em tom de brincadeira, à esposa:

— Vamos cuidar desse menino, pra ele não ser desencaminhado pelos outros.

— Vamos sim, marido! — concordou Rosana, aproximando-se do índio, tirando o pênis dele pra fora e dando um beijo na glândula. O rapaz estremeceu todo.

Rosana disse que ia dar banho nele e Jaime ficou assistindo. Depois de tirar-lhe a sunga, a mulata tomou-o pela mão e o pôs debaixo do chuveiro, começando a ensaboá-lo. Ele estremeceu de excitação, seu pênis ficou duro que nem pedra. A mulher então, após tirar todo o sabão do corpo dele, se agachou, arrumou seus cabelos para trás e começou a chupá-lo, deixando-o completamente louco, pois nunca tinha feito aquilo.

A bela mulata tirava o pênis da boca, masturbava-o, recolocava-o de novo até que ele gozou na boca dela; o esperma

escorreu pelos seus cabelos e seios, enquanto Jaime assistia batendo palmas. Em seguida, pediu-lhes para se sentarem à mesa.

Eles contaram que o casamento já tinha ficado chato e que precisavam de um suingue para melhorar sua relação. Como era difícil para o porte social de Jaime pegar um profissional da cidade, resolveram adotá-lo porque era mais seguro, visto que o índio estava em formação militar e iria guardar o segredo, que é um dos juramentos de todo soldado da Brigada.

Em comum acordo, foram para o quarto e, na cama, Rosana ficou na posição de quatro e começou a fazer um boquete no marido, que se deitou na cabeceira da cama enquanto a bunda maravilhosa dela estava arreganhada para o índio. Ela pediu para ele chupar o ânus dela e depois enfiar o pênis. Ele achou estranho tudo o que estava acontecendo, pois sabia o que sai do ânus de qualquer pessoa, mas sua excitação era tanta que ignorou as funções padrões do corpo humano.

Ficou hesitando por alguns segundos, afinal nunca tinha feito aquilo, mas quando viu o ânus dela piscando pra ele, logo se abaixou e começou a chupá-lo. Rosana gemia de prazer com as lambidas, enquanto chupava o marido, até que ela não aguentou mais e pediu:

— Garoto, mete seu pinto no meu cu, não aqueço mais de tanta tesão!

O índio começou a penetrar naquele lindo traseiro. A mulher suspirava de prazer e continuava a chupar o marido, que começou a gozar na boca dela. Logo depois, Rosana gritou anunciando que ia gozar. O índio acelerou os movimentos e os dois gozaram juntos e caíram na cama junto com Jaime, que já estava prostrado.

Depois do período refratário, Jaime explicou para Obajara como era feito o ménage a trois e propôs ao índio fazer com

eles dois, com uma diferença: o índio teria que penetrá-lo e ele, por sua vez, penetraria a vagina da esposa.

Logo que Jaime sentiu o pênis duro e bem molhado do índio entrar no seu ânus, deu um gemido de prazer e seu pênis também deu um pulo e ficou muito duro, então ele penetrou a vagina da esposa, que já estava deitada de quatro. Começaram então os movimentos de vaivém do trio até que Jaime e Rosana gozaram primeiro e o índio continuou ainda em movimento por uns minutos, pois já havia gozado duas vezes. Então, aconteceu uma surpresa para o casal: por causa da demora do índio, Jaime teve nova ereção, saiu de cima da esposa ficando na posição de quatro, gozou de novo se masturbando e sendo penetrado por Obajara, que em seguida gozou enchendo de esperma o ânus dele.

Descansaram alguns minutos e se levantaram para comemorar a celebração do gostoso suíngue, brindando com as cervejinhas que estavam no balde lá no quintal, tomando banho na ducha.

Durante quase dez anos, o trio fez essa orgia, pelo menos duas vezes por mês. As lembranças ainda estavam vivas na mente de Obajara, que não quis contar nada para Kunhahendy e nem para Sônia por causa do juramento militar, mas achava que elas deviam saber, afinal não havia mal nenhum nisso, só prazer, pensava ele, tal como os dois pactos eróticos que ele já havia feito com elas. Ligou o carro e saiu devagar do quartel, indo para o hotel em que estava hospedado, no centro de Porto Velho.

Houve mudanças significativas ao longo desses treze anos na casa de Jaime e em sua esposa, por causa da sua recente patente de Coronel. Estava mais requintada e com segurança de vinte e quatro horas, guardada por câmeras interna e externas, afora a dupla de soldados armados que transitavam o tempo

todo pela área da casa – uma obrigação de praxe por causa da nova e merecida patente.

Pontualmente às 21h00, Obajara encostou seu carro na frente da casa, após ter conferido seus documentos com o segurança, mesmo estando de uniforme. Saiu do Jipe e Rosana abriu-lhe a porta com um sorriso, fazendo sinal para ele entrar. Deu-lhe boa-noite, entrou, ela fechou a porta e, no corredor, agarrou o índio e eles se atiraram num longo beijo. Quando se soltaram, ela lhe disse:

— Eu e Jaime estávamos morrendo de saudades de você. Estou mais gorda, Jaime mais velho, como você está vendo, mas ainda te amamos muito, principalmente agora que minha filha Soraia resolveu se casar e se mudar — disse Rosana sorrindo, sem se soltarem e caminhando pelo corredor da casa. — E aí, como estão as coisas lá no Mato Grosso? Dizem que está cada dia pior, depois do conflito no Posto da Mata, em 2012 — comentou e perguntou Rosana, acariciando as mãos do índio.

— Rosana, minha querida! Como disse ao Jaime hoje pela manhã, não sei como vai ser daqui pra frente, não vejo coisa boa depois desse novo presidente.

Nesse momento, Jaime entrou na sala sorrindo, dando boa-noite e se sentando com os dois na mesa da sala de visitas. Propôs umas cervejas para continuar a conversa. Enquanto Rosana saía para buscá-las, Jaime, que estava com um papel na mão, piscou o olho para ele, entregou-lhe o papel pedindo para que o lesse.

Nele estava escrito que a entrada da sua casa e a sala de visitas era monitorada vinte e quatro horas, por exigência da segurança do Exército. Somente o corredor, os quartos, o quintal e os banheiros estavam livres. Depois de ler, entregou o papel para o Coronel e voltou à sua postura, conservando a distância de praxe para não despertar suspeita. Então, Jaime esclareceu

que o áudio da sala não estava sendo monitorado e que ele podia falar o que quisesse, porque às vezes tinha de conversar segredos militares com alguém do trabalho e poderia vazar a informação, por causa do responsável pelo monitoramento. Em função desse detalhe, ele conseguiu dispensar a transmissão do áudio da sala.

Rosana voltou com as cervejas e chamou os dois no quintal, para ficarem mais à vontade.

— Essas coisas são chatas, não é mesmo, meu querido? — comentou já no quintal, que agora possuía uma bela piscina.

— As coisas em todo o mundo estão cada dia mais tensas, parece que há uma paranoia coletiva — respondeu Obajara, já se sentando com o casal na mesinha do quintal, que ainda era a mesma.

— E então! Como vocês estão em todo esse tempo? — perguntou-lhes o índio.

— Tomando Viagra e “trepando” com minha Nega, de vez em quando — respondeu-lhe Jaime, abraçando a esposa.

— Senti saudades de vocês, afinal somos uma família — afirmou o índio.

— Há uma porta ali que entra direto no nosso quarto — disse Jaime, apontando e sugerindo que seria mais seguro para fazer qualquer coisa. E os três riram, brindaram com as cervejas e caminharam em direção ao recinto já conhecido e que guardava muitas lembranças.

Lá dentro, eles ficaram nus. Rosana, vendo o pênis duro de Obajara, começou a chupá-lo, fazendo o índio gemer de prazer. Jaime disse que só queria assistir, porque não tinha excitação sem Viagra e, por outro lado, a visita de Obajara era como um presente de Natal adiantado para a esposa, que estava precisando, afinal ela estava com quase 48 anos, praticamente na menopausa.

Depois de chupar o índio por alguns minutos, ela parou e disse:

— Estava precisando disso, meu querido.

Ficou de quatro e pediu para ele penetrá-la na vagina, pois queria gozar ali, e o índio pôs seu pênis dentro da vagina da mulata, que gritou de prazer quando o pênis dele começou o movimento de entra e sai; logo, ela gozou gemendo alto e o índio também, assistido por Jaime, que começou a mexer no seu pênis mole.

Sem sair da posição, vendo que o pênis do índio ainda estava duro, pediu-lhe que penetrasse no seu ânus e começou a movimentar a pelve e também o orifício anal, deixando-o mais excitado.

— Meu filho querido! Mete no meu cu bem devagar para eu sentir seu pau entrado, quero gozar junto com você! — e chamou o marido para participar chupando sua vagina por baixo deles dois, como já haviam feito outras vezes.

Então, começou o enlace e o índio penetrou devagar no ânus da mulher, enquanto ela suspirava de prazer porque a boca de Jaime estava acoplada no clitóris dela.

Após alguns minutos, os dois começaram a gozar. Rosana gritou e mexeu os quadris, fazendo o pênis entrar todo no seu ânus; o índio sentiu as nádegas dela baterem nos seus pelos púbicos provocando seu gozo, que encheu todo o ânus de Rosana de esperma, derramando-o também na boca de Jaime, que estava embaixo dos dois.

Ficaram deitados os três, depois começaram a conversar.

— Você encheu meu cu e minha vagina, espero não ficar “prenha” com 48 anos, meu querido — disse Rosana, sentada no vaso do banheiro expelindo o esperma da sua vagina e do seu ânus, sorrindo feliz com o acontecido.

— A possibilidade de você engravidar nessa idade, minha

Nega, é de 2% — disse Jaime, olhando para ela junto de Obajara, que estava sentado ao seu lado na cama.

— E se acontecer? — perguntou Rosana.

— Nós criamos! — respondeu o marido, sorrindo para ela e apostando na possibilidade. — Não somos uma família, minha Nega? — apelou para o contrato categórico entre os três.

— É! Seremos pais/avós! Não é mesmo, meu querido marido? — comentou Rosana, alimentando a possibilidade de a fantasia acontecer, enquanto saía do banheiro.

Obajara, que ouviu o tempo todo e não falou, resolveu fazer seu comentário um tanto auspicioso:

— Na nossa cultura, quando uma mulher na sua idade engravida, mesmo que não seja do marido, porque às vezes ele não pode mais fazer um filho, nasce um grande espírito, considerado um alento para o casal que já está de meia-idade. Depois de grande, a criança torna-se sempre um grande líder para a nação — concluiu, abraçando os dois com ternura.

14º Capítulo

As surpresas nos retornos

Depois de ter passado o final do ano de 2018 com Kami e seus pais em São Paulo, Sônia Otahime estava de volta a Água Boa e já se encontrava trabalhando no Ministério. Era uma segunda-feira, mês de fevereiro, e as coisas andavam devagar por causa da mudança dos novos gestores em Brasília. Também em Mato Grosso, os novos governantes ainda estavam no velho processo de substituir os cargos comissionados da última gestão pela nova. Como de praxe, isso sempre atrapalhava o andamento do trabalho nos órgãos públicos.

— Bom dia, doutora Sônia! Depois que a senhora saiu, sexta-feira passada, chegaram esses documentos de São Paulo — disse o funcionário Afonso, colocando a papelada em cima da mesa enquanto Sônia abria as persianas e ligava o computador.

— Obrigada Afonso! Bom dia! — respondeu ela, olhando e franzindo a testa, já sabendo mais ou menos do que tratava aquela encomenda vinda de São Paulo.

Era a papelada do velho processo da fazenda Xingu, do município de Canarana. A superintendência de São Paulo queria que ela revisse seu parecer a qual a mesma tinha feito em 2014, tentando coagi-la a suspendê-lo alegando erro de procedimento.

Embora sabendo que eles a estavam forçando através da matriz na capital paulista, após a conversa que teve com Jackson, seu amigo e ex-colega de trabalho de lá, já esperava por essas coisas.

Quando abriu os envelopes, percebeu que estava diante de uma coação, pois, junto a seu parecer de 2014, havia um novo

formulário em branco e um cheque no valor de quinhentos mil reais, emitido por uma pessoa desconhecida. Não suportando mais aquilo, guardou tudo no seu armário com chave e ligou do seu celular para Jackson, que atendeu de imediato meio desajeitado.

— Jackson! É Sônia! O que significa tudo isso que estou recebendo? — perguntou-lhe com veemência.

— Sônia! Eu não sei do que você está falando, quer explicar, por favor? — respondeu o amigo.

Ela explicou o que recebeu e disse-lhe que não era corrupta e que não estava nem um pouquinho disposta a mudar o seu parecer diante daquele tipo de coação e suborno de um bando de escravistas descarados, e que devolveria tudo via Sedex.

— Fui eu que te mandei, amiga. Eu recebi da chefia os envelopes já lacrados com ordem para que os enviasse a você. Não pediram para os boys e sim para mim. Se há alguma coisa que eu possa fazer, estarei disposto, mas o que está acontecendo eu te alertei no ano passado, lembra-se? — informou Jackson.

— Como faço pra falar com o superintendente Ezequiel?

— Ele tá de férias! Não saiu no final de ano, como é de costume.

— Vou ver se consigo falar com ele daqui e depois volto a te ligar. Bom dia! — concluiu e desligou.

Por mais que tentasse por celular, Whats App, não conseguia falar com Ezequiel. Desistiu, mandou um e-mail pra ele e voltou a cuidar dos trabalhos locais, deixando para ver depois que conseguisse essa comunicação com o superintendente.

Sônia era uma mulher vivida e tinha a mesma sensibilidade tanto para sentir as nuances e a beleza de uma cultura quanto para perceber as garras invisíveis da injustiça e da corrupção.

Ela sabia que a corrupção é uma teia na qual não se conhece a aranha; é uma raiz que não mostra a árvore; é um cânone

surdo-mudo, mas com tentáculos invisíveis, que surge de onde menos se espera.

Terminou o dia e ela voltou para casa, liberou Carol e foi brincar com Kami, que veio correndo quando a mãe chegou, dizendo que queria falar com a tia Kunhahendy. Sônia ligou para a índia e ela atendeu de imediato; ambas estavam com saudades e começaram a trocar afetos:

— Minha índia gostosa, não vejo a hora de te abraçar, de te beijar, de te chupar — dizia para a índia, com eloquência e saudades.

— Eu também tô louca pra te ver, mas agora estou numa trabalhadeira séria com o inventário da família. Talvez, daqui a uns dois meses estarei liberada. O pessoal da Funai também já me ligou — respondeu Kunhahendy, com eloquência.

— E o nosso índio? Tem falado com ele? — perguntou Sônia, demonstrando saudades.

— Não! Já tentei várias vezes e não consegui, mas ele nos disse que ia ficar incomunicável, lembra-se? — pontuou a índia.

— É mesmo! Teremos que ter a famosa “paciência de Jó” — afirmou Sônia, com voz baixa e demonstrando medo, a qual a índia percebeu e disse, num tom de preocupação:

— Minha querida! Está acontecendo alguma coisa? Me conta ou eu vou também ficar preocupada. É Kami? Ele está bem? — perguntou, com voz inquisitiva.

— Sim, meu amor! Ele está aqui do meu lado, inclusive ele que pediu pra mim que queria falar com você.

— Então me deixe falar com ele!

Sônia passou o aparelho para o menino, que logo exclamou:

— *Che Sî! Mbae chapa nde reiko?* (Minha mãe! Como vai você?)

— *Aiko porã itê jba nde?* (Estou bem, e você?)

— *Ñande rareko bina salvarla, che sí!* (Nós temos que salvá-la, minha mãe!) — a índia sentiu que alguma coisa grave estava acontecendo com Sônia. O menino continuou falando com Kunhahendy e apelando, com sua vozinha de criança: — *Rebe lo ete ko ára!* (Pelo menos hoje!).

Ao pegar o aparelho de volta da mãozinha do filho, Sônia olhou por um breve momento para o menino e sentiu que ainda não havia concebido no seu íntimo, quem era aquela criatura tão pequena que nasceu de seu ímpeto de autopreservação, mas que estava se revelando e se autoincorporando ao nome com que o batizara.

Quando voltou a falar com a índia, a mesma forçou-a dizendo que ela deveria contar o que se passava, que talvez ela pudesse ajudá-la, mesmo estando longe.

Sônia resolveu então contar tudo sobre o caso, desde o parecer que ela fez em 2014, quando ainda trabalhava em São Paulo, sobre a abordagem do rapaz de boné na saída do mercado no ano anterior, na qual a índia estava presente e, por último, da pressão que recebeu com a papelada, o cheque e a conversa que teve com Jackson pela manhã.

A índia pediu-lhe para dizer o nome inteiro do superintendente Ezequiel e do Jackson, a fim de verificar o que realmente estava se passando, e disse-lhe que a informaria logo que estivesse com tudo na mão. Despediram-se, com notável ar de desejo e ausência bilateral.

Sônia tomou um cálice de vinho, meditando junto à mesa, que ficou mais no quintal do que dentro da pequena biblioteca. Aquela mesa com as três cadeiras tornaram-se símbolo de prazer para ela, tal como o antigo sofá que ficou no apartamento em Pinheiros, na capital paulista. Duas lágrimas escorreram dos seus olhos e refletiram, na luz do quintal, um misto de ternura e angústia.

Lembranças e saudades são como duas lágrimas de cada olho que escorrem na face, mas nunca se encontram, apenas mostram uma ausência ácida e lânguida que transparece no brilho do olhar.

Naquele momento, não havia transparência no olhar de Sônia; de longe, desenhava-se apenas a silhueta de uma mulher que bebia um cálice de vinho numa mesa, sozinha.



Obajara estava na BR-364, de Porto Velho-RO para Juína-MT. Eram 22h00 e ele encostava o seu Jeep no restaurante da estrada, na altura do município de Vilhena, ainda no estado de Rondônia.

Depois de sair do carro, entrou no restaurante, pediu uma cerveja e começou a fazer uma conjectura acerca de tudo o que passaram para ele como sua próxima missão.

Foi instruído para ir, primeiramente, à região do município de Juína, verificar como era visto o trabalho da mineradora Kosmos, montada havia pouco tempo na região, e informar o Coronel Jaime. Depois, aguardar em Rio dos Peixes, distrito de Juara, lugar onde ele nasceu para, em seguida, ir ao leste e permanecer em Água Boa, porque a tendência de conflito concentrava-se mais para aqueles lados.

Foi-lhe dado o porte de armas na condição de cidadão civil, um Jeep e um comunicador Spot via satélite para falar com seus superiores quando fosse preciso, de onde estivesse.

Pensou em ligar para a Índia e para Sônia, mas preferiu não fazer, pois haveria muitas perguntas e seus desejos e saudades o trairiam, poderiam enfraquecê-lo e atrapalhar a missão. Tomou mais uma cerveja comendo uns peixinhos fritos e foi dormir na modesta hospedagem do lugar.

No outro dia, saiu cedo diretamente para Juína, sem pressa, pela BR-174. Permaneceu lá uma semana e depois foi para Juara.

Na aldeia de seus pais, teve o privilégio de participar da pesca com o timbó, realizada na estação do verão, e ouvir as tradicionais flautas Parasuy, tocadas somente por homens, que mostram a cultura musical do povo Munduruku. Conversou com o pajé, que lhe disse que, na metade do ano, ele confrontaria espíritos nunca vistos de perto pelos homens.

No começo do mês de março, recebeu ordem para seguir para o leste até Água Boa, onde teria que ficar observando os movimentos rurais na região, porque começavam a acontecer os previstos atritos.

Em setembro de 2011, o governo federal começou a implementar o Plano ABC (Agricultura de Baixa Emissão de Carbono), colocando o boi, o pasto, a lavoura e a floresta para serem manejados de forma diferente, isto é, todos seriam colocados numa mesma área, integrados para ter ganhos e produção ao mesmo tempo e, ainda de quebra, haveria a produção de algo ainda mais importante em tempos de mudanças climáticas: a redução de gases de efeito estufa no setor rural.

Naquela época, oito anos atrás, muitos ruralistas aderiram à nova proposta, menos os maiores produtores, o que se tornara um problema por causa das metas do novo governo.

Uma das missões de Obajara junto ao Incra, Funai e a superintendência do Ministério do Trabalho na região era observar e informar o Estado Maior de Defesa sobre os acontecimentos.



Kunhahendy conversou com seu irmão Pablo sobre o problema de Sônia e pediu para ele tratar com Don Ramirez, para

ajudar a investigar o que estava acontecendo e por que aquele cheque em nome de um estranho fora enviado para Sônia, sem ela pedir nada. Passado um mês do acontecido, a índia recebeu os informes, que a deixaram ainda mais preocupada, porque a situação era muito mais complexa do que Sônia imaginava.

O superintendente Ezequiel havia recebido da matriz da Xingu em São Paulo três milhões de reais para fazê-la mudar o parecer e desfazer o processo e este, por sua vez, repassou um milhão e quinhentos mil reais para Jackson assegurar que tudo desse certo. Obviamente, ele estava tentando corromper Sônia com o cheque de quinhentos mil reais, numa cínica e idiota especulação.

A pior coisa que pode acontecer numa corrente de corrupção é quando uma das partes aposta na especulação da postura ilibada de uma pessoa de moral incorruptível. É como cortar a ponta do rabo da cobra e deixá-la viva.

Depois de passar a informação para Sônia, a índia ficou ainda mais preocupada com ela, porque foi criada na fronteira e sabia como eram essas coisas.

Kunhahendy recebeu a sua parte da herança, como foi proposto por Carmen e Pablo, e assinou um contrato com a imobiliária do local, da própria família dos Benitez, para administrar os aluguéis dos dois prédios. Todo mês, ela estaria lá para se reunir com eles e ficar a par do andamento das coisas.

O trio fez uma festa na despedida da índia, obviamente no casarão onde tudo começou e a orgia deles durou vinte e quatro horas, sem sair do quarto.

No outro dia era sexta-feira e a índia voou, no final da tarde, para Água Boa, chegando à noite. Sônia a esperava no pequeno aeroporto. O encontro foi de abraços e lágrimas no carro até chegarem na casa. Kami estava com Sônia e ficou muito alegre com a volta da índia.

Depois da primeira transa, as duas mulheres foram tomar banho juntas. Sônia perguntou de Obajara e a índia disse-lhe que não conseguira falar com ele até aquele momento, mas que sabia que logo ele estaria chegando, porque começou, a uma semana, a acordar com sua vagina melada. Sônia lhe disse que também andava acordando assim. As duas deram risada e saíram do banho para tomarem mais vinho no quintal.

— Minha querida, como você resolveu o caso do cheque, aquele? — perguntou-lhe a índia, quebrando o clima do momento e pedindo desculpas por estar muito preocupada.

— Eu devolvi tudo para o Jackson, por quê?

— Meu irmão me falou que esse pessoal é muito bandido, pra que você tome cuidado, mesmo que aceite, porque eles têm por costume “queimar arquivo” — pontuou a índia, olhando sério para ela.

— O superintendente me mandou um e-mail pedindo pra que eu então conversasse direto com o senhor Garcia, que é gerente da filial em Canarana. Mandeí avisá-lo pra me procurar no Ministério. Ele não veio; também, não adiantaria nada, porque já registrei o meu parecer no cartório local antes de devolvê-lo para o Jackson — disse, acariciando os cabelos da índia.

— Quero estar sempre com você todos os dias para que nada te aconteça, meu amor. Quando nosso índio chegar, vamos colocá-lo a par de tudo isso; então seremos três, ao invés de um — disse a índia, acariciando os pelos púbicos de Sônia, que começou a sentir excitação. Foram para o quarto encerrar a noite com um delicioso minete.

Na manhã seguinte, Sônia se levantou e viu um Jeep verde-musgo, todo empoeirado, estacionado em frente da sua casa. Não vendo ninguém no local, foi olhar pra saber de quem seria. Quando se aproximou, viu a placa do Detran de Porto Velho-RO. Voltou correndo, acordou Kunhahendy e as duas ficaram

se perguntando por que o índio havia deixado o carro ali.

Caminharam de volta para entrar em casa, quando ouviram um barulho no carro. Voltaram a verificar olhando dentro do veículo e, para a surpresa das duas, Obajara estava dormindo dentro do carro. Elas se aproximaram e ele disse:

— Bom dia, belas senhoras!

15º Capítulo

A nova face social nascente do Xingu e as novas do século XXI

No município de Canarana, havia acontecido um confronto entre ruralistas, posseiros e índios. Esses dois últimos estavam unidos em blocos havia dois anos, pela mesma causa: defender suas terras e seus familiares, após a falácia da justiça governamental, a qual se encontrava decadente e inoperante nos últimos anos. Com a ascensão do novo governo e congressistas, que se instalou em Brasília como resultado da última eleição, não houve alternativa para índios, posseiros e outros, que só buscavam uma terra para viver com os seus.

Por não fazerem parte da hegemonia antrópica dos ruralistas empresários, os quais só almejavam o poder e a riqueza individual para seus deleites, na região do Xingu, esses blocos novos não compartilhavam com o ego-pensar dos ruralistas.

A nascente configuração social formada pelas classes menores preocupou e provocou uma espécie de dicotomia no meio ruralista, principalmente nos mais xiitas, que ainda preferiam pensar nos moldes da “marcha do progresso” do século XX.

Os produtores mais cultos e conscientes do agronegócio preferiam mais apostar na conservação da natureza e na harmonia com os diferentes vizinhos do que “guerrear com eles”. Isso gerou uma controvérsia de atitudes dos empresários na região.

Sônia foi chamada para lá, porque envolvia questões trabalhistas. Com ela, foram também os índios Obajara e Kunhahendy, que estavam prestando serviço, havia três meses, no Ministério do Trabalho em Água Boa.

As escaramuças terminaram, mas tinham que fazer reunião com os líderes das partes que entraram no confronto, a fim de poder apurar o caso.

Sônia havia pedido anteriormente para a Polícia Federal organizar os participantes do atrito e conduzi-los a um local apropriado para a reunião,

Logo, todos foram reunidos num posto avançado do Ibama e Sônia conversava por telefone celular com a Superintendência em Água Boa, para checar os dados sobre os envolvidos.

Josino, que ela já conhecia, era quem comandava a operação e havia “acalmado os ânimos dos líderes”; estava esperando só ela chegar ao local. Ela chegou ainda falando no celular e logo se despediu do interlocutor, desligou o aparelho, pediu desculpas e começou a falar:

— Bem, senhores, a Superintendência do Ministério do Trabalho quer saber o porquê desse conflito, uma vez que essas terras já foram demarcadas. De acordo com as informações da Funai e do Incra, todos você têm escritura e posse das suas respectivas terras — ela falou, olhando para todos. — Quero que cada uma das lideranças que estão aqui explique o que foi que houve e o porquê de todo esse conflito — intimou, olhando para todos, que estavam sentados no chão, alguns com pequenos ferimentos.

Os líderes dos posseiros e dos índios levantaram o braço e pediram a fala. Comandante Josino, na condução da reunião, disse-lhes:

— Um de cada vez, por favor!

O índio fez sinal para o líder dos posseiros, dando-lhe a concessão pra falar, porque a causa era comum para ambas as partes.

— Sou Malaquias e sei da marcação feita pela Funai e também dos nossos direitos, mas o problema não foi isso, doutora.

Estávamos trabalhando a terra em parceria com alguns Xavante todos esses anos, mas, de um mês pra cá, a água do riacho começou a diminuir. Chamei o companheiro José Xavante, para vermos o que aconteceu. Seguimos o rio andando a pé e descobrimos uma pequena barragem que o senhor George Lynch, o fazendeiro do rio acima, havia feito nas suas terras, represando o riacho para fazer tanque pra criar peixes. Ora! Todos nós sabemos que nosso riacho é pequeno, mas tem peixe pra todos nós, por que ele fez isso? Fomos falar com ele e recebemos ameaça de morte pelo capataz que aqui se encontra. Então, reunimos com outros posseiros do rio abaixo e os índios da reserva e fomos acabar com a barragem. Eles revidaram dando tiro, feriu nossa gente, então começou o conflito — o posseiro concluiu os informes e saiu, enquanto Josino pediu para o representante do senhor George ter a sua fala.

— Sou José Farias, sou capataz da fazenda Buriti, de propriedade do senhor George Lynch. Meu patrão começou a investir na piscicultura, um novo ramo, visto que o mercado cresceu muito nesses dois últimos anos. Então, ele resolveu construir a barragem para que possamos criar os alevinos que foram adquiridos; não pegamos nenhum peixe do rio e o tanque tem uma saída de volta para o riacho. A barragem foi só um meio para termos água para os alevinos se desenvolverem. Quando eles foram lá destruir a barragem, tivemos que nos defender — informou o capataz, olhando para Josino.

Naquele momento, o fiscal da SEMA interrompeu as falas e pediu a licença para a construção da barragem, liberada pelo Rima. José Farias entregou-a, o fiscal conferiu-a e pediu mais documentos. O outro funcionário da fazenda foi até o carro, trouxe imediatamente uma pasta de documentos e entregou-a ao fiscal, que conferiu toda a papelada por alguns momentos e então disse:

— Esta licença não diz que o tanque teria que ser abastecido através de barragem no rio, então a barragem é ilícita — concluiu, olhando para todos os presentes. Houve um silêncio e ele continuou: — A barragem terá que ser desfeita imediatamente ou o proprietário será indiciado por crime ambiental e apropriação indevida de patrimônio aquático nacional; poderá sofrer multas diárias após o processo — concluiu, entregando a papelada para o senhor José Farias.

Houve uma gritaria geral de posseiros e índios aclamando os fiscais, enquanto o pessoal do ruralista foram saindo devagar, sendo vaiados e xingados. O Comandante Josino pediu pra pararem com os insultos e voltarem às suas casas, pois o caso já estava resolvido, e declarou que estava encerrada a reunião.

Sônia, Kunhahendy e Obajara foram saindo também, porque a prioridade do caso ficara por conta da Sema, mas, quando estavam caminhando em direção ao carro, o Comandante Josino chamou Obajara de lado para uma conversa particular.

Meio surpreso, o índio foi até ele, que o esperava debaixo de uma árvore. Logo que chegou diante do comandante, este pediu-lhe desculpas pelo acontecido no garimpo quase um ano atrás. Em seguida, perguntou-lhe se, por acaso, dois estrangeiros de óculos escuros e terno preto o procuraram em Água Boa três dias após o acontecido.

— Senhor! Eu permaneci somente um dia preso. Após a perícia técnica não ter encontrado nenhuma evidência da minha participação na morte daquele homem, eu fiquei sob custódia por mais dois dias e depois fui para Cuiabá — respondeu o índio, estranhando a pergunta e ao mesmo tempo contestando curiosamente o fato: — Quem seriam eles? O senhor conversou com eles? O que eles queriam comigo?

— Não sei! Eram estranhos, falavam pouco e tinham sotaque de estrangeiro com um som ecoante na finalização da fala. É o

que percebi, mas eles estavam de carro com placa de Brasília — informou Josino.

— Bem... Já se passou quase um ano. Estamos no final de abril de 2019. Eu estou há dois meses em Água Boa, fazendo um serviço para o Ministério do Trabalho local. Caso esses homens apareçam por lá, eu falarei com eles e informarei o senhor, ficamos combinados assim?

— Positivo! Aguardarei seus informes, e boa sorte! — despediu-se Josino, e caminhou em direção aos seus homens, que já estavam esperando no veículo.

Obajara ficou meio perplexo por causa do mistério dos homens de preto procurando por ele. Logo percebeu que somente ele foi testemunha da “coisa estranha” que aconteceu naquela noite chuvosa da fuga do garimpo na clareira, porque outra testemunha seria o homem do chapéu, que estava morto.

Já na estrada, no seu Jeep, junto a Sônia e Kunhahendy, indo de volta a Água Boa, a índia foi a primeira a perguntar se houve algum problema depois da conversa com o Comandante Josino.

— O que Josino queria, Obajara?

— Ainda me perguntando sobre a morte daquele homem — respondeu, olhando para ela.

— Esse pessoal da federal é obcecado demais. Imagine, depois que vocês foram embora no ano passado, dois deles apareceram lá no Ministério perguntando de você. Uns caras estranhos, de óculos escuros e terno preto — comentou Sônia, meio indignada olhando a estrada.

Obajara escutou a informação dela e viu que estava de acordo com a de Josino. Sem dizer nada, seguiu dirigindo.



Era de manhã na fazenda Buriti, o sol brilhava forte e o proprietário, senhor George Lynch, tomava o café da manhã no saguão da entrada da fazenda com o seu capataz e comentava sobre o acontecido do dia anterior, o resultado decepcionante e a intimação do fiscal da SEMA.

— Eu dei muito dinheiro ano passado pra bancar eleição do Partido e eleger um deputado federal e um senador exatamente para que eu tivesse garantia da barragem, porque aqueles biólogos pés-rapados do Rima não quiseram me liberar a licença, e é isso que eu ganho! — disse para o seu interlocutor, que estava comendo meio apressado e tomando café, olhando a raiva na cara do patrão.

— Mas, senhor! Qual foi a estratégia do acordo com a fiscalização da SEMA? — perguntou o capataz José Farias, querendo entender o que dera errado.

— Mande subornar o chefe da fiscalização pra mandar um fiscal nosso lá, para não precisar gastar mais dinheiro, e olha o que ele me fez! — exasperou-se o ruralista indignado.

— Eu fiquei sabendo, senhor, que foi trocado a maioria dos fiscais este ano. Alguns foram transferidos para outras regiões do país.

— Então, eu teria que ser avisado com antecedência pelos “nossos escutas” do Partido, que trabalham no departamento, não é mesmo? — reclamou George, já passado.

— É! Teria que ser mesmo! — concordou o capataz.

— Vamos tentar embargar o mandato da fiscalização, visto que ainda não recebi nenhum comunicado oficial. Vá até o “nosso juiz” em Canarana, José, e “deixa ele de prontidão”. O resto eu vejo aqui como vou controlar os posseiros e a indaiada — ordenou George, levantando-se da mesa acompanhando o capataz, que colocou um boné na cabeça e foi saindo.

— Certo, senhor! Volto depois do almoço. Tenho que passar

no banco pra ver umas coisas — respondeu o capataz, entrando no veículo, que saiu apressadamente acompanhado pelo olhar inquieto do patrão.

George Lynch, um catarinense, casado, viúvo, pai de um casal de filhos, vendeu suas terras do sul no final do século passado, migrou para Mato Grosso e entrou no ramo da soja, milho e gado. Seu passado no sul não foi nem um pouco elogiável, nem como produtor rural nem como pessoa honesta, pois constava em sua ficha suborno, corrupção, racismo e até suspeita de ser mandante de assassinato.

Quando começou sua lavoura no Xingu, contava com uma propriedade de 35 hectares e no momento já tinha em torno de 15 mil hectares. Deu apoio à bancada ruralista do Congresso Nacional logo que começou a crescer, em troca de benefícios e ocultamento de suas maracutaías, do mesmo jeito que fazia no sul. Era um homem bem articulado, até com apoio de empresários no estrangeiro. Seus pais vieram da Europa depois da 2ª Guerra Mundial e se instalaram no interior de Santa Catarina, mas mantiveram os laços com o velho continente. Sempre evangélico ferrenho, não havia outro livro no mundo que não a Bíblia Sagrada e tinha a epopeia do Êxodos, a passagem da busca do vale do Canaã, terra prometida por Deus, como égide romântica da sua megalomania transferida aos tempos atuais.

Quis conquistar o máximo de terras no Xingu, depois que se instalou no local, e não se importou com como conseguiu-las, tal como o lado oculto do livro de Êxodos, que não detalha que já tinha gente vivendo “no vale do Canaã dado por Deus aos descendentes de Abraão” e que, para desalojá-los, houve batalhas sangrentas entre os judeus, cananeus, filisteus, que são também descendentes da raça semita, e outros povos que a Arqueologia ainda não conseguiu esclarecer quem são, mas os escribas da Bíblia costumam descriminá-los chamando-os de gentios.

Depois que o carro do capataz saiu das cercanias da fazenda, os olhos azuis do senhor Lynch se voltaram para a mesa de café, ainda posta no saguão. Nisso, entrou sua filha Larissa, bela loira com seus vinte e cinco anos de juventude, deu bom-dia ao pai beijando-o na testa, ainda sisudo de preocupação.

— Bom dia, filha! E seu irmão, já acordou? — perguntou, também beijando a filha.

— Eu acho que sim. Seu quarto está aberto, talvez esteja no computador trabalhando em alguma coisa — respondeu Larissa sorrindo, já se sentando à mesa, pegando um bolinho e começando a comer. Não demorou muito e o irmão Cleber apareceu no saguão, ainda de pijamas com o iPhone na mão. Ele tinha vinte anos, mas possuía uma inteligência prematura, parecia ter trinta anos.

— Bom dia, pai! Bom dia, Larissa! — saudou-os com um sorriso.

— Pai! Você viu o que foi votado e aprovado por unanimidade, ontem, no Congresso? — perguntou o filho olhando para o pai, que ainda estava ligado na conversa que tivera com o seu capataz.

— Não tive tempo. Estive ocupado com os desacertos lá do rio abaixo, por quê?

— Houve uma complacência do Executivo e do Legislativo e resolveram passar o projeto da oposição, aquele que estava guardado há uns anos, que propõe aumento de imposto para a classe industrial e do agronegócio — informou, com um sorriso de canto de boca.

— Cada dia que passa, fica mais difícil acreditar em pessoas, mesmo pagando. Não sei onde nós vamos parar desse jeito — comentou George olhando para Cleber, que continuou informando para ele que o motivo desse pacto foi a única saída que o Executivo encontrou para justificar o aumento de salário dos dois órgãos.

— É sempre assim! Só pensam neles depois que ganham eleição — comentou George com indignação, olhando para os dois filhos.

— Pai! As coisas não andam bem em todos os outros países e a carga tributária governamental cada dia aumenta, não há como ganhar mais tanto dinheiro como antigamente — comentou Larissa sorrindo para ele, que olhou para ela com ar de reprovação.

Enquanto Cleber e Larissa tomavam café, George comentou sobre o problema que houve no rio abaixo e se mostrou insatisfeito, pois, em todos esses dias, ele não teve tempo de ver televisão. Com a direção que as coisas estavam tomando, ele se sentia acuado. Os filhos se levantaram e fizeram carinho no pai, que logo se distraiu, então ele perguntou para Cleber sobre outras notícias. O filho consultou seu iPhone e disse:

— Veja, pai! Esta é uma boa: “Já estão vendendo os novos Drone, que podem ser tripulados por até duas pessoas. É muito bom para o trabalho no campo, pois o capataz e o patrão podem vistoriar e ter um controle mais direto de toda a área de sua propriedade, em poucos minutos” — terminou Cleber olhando para o pai, que começou a ficar pensativo com a notícia. Larissa fez um comentário olhando para os dois:

— São os novos tempos chegando, gente! Afinal, antes, nos idos de dois mil anos atrás, pra vistoriar toda a propriedade, os agricultores tinham que andar a pé; demoravam, às vezes, a metade do dia. Depois, veio a era do cavalo, que demorava algumas horas. Em seguida o carro, que também gasta algumas horas, não é mesmo? O Drone tripulado vai levar alguns minutos. É o futuro chegando! — concluiu Larissa, passando a mão na cabeça do pai e beijando-o, acompanhada pelo sorriso do irmão.

16° Capítulo

Um convite inesperado

Já haviam se passado alguns meses e o senhor Garcia pediu uma reunião com Sônia Otahime, para ver o impasse do processo. A reunião aconteceu, mas não houve acordo nenhum. O homem saiu do Ministério irritado, entrou na sua caminhoneta branca com outros que estavam com ele e voltaram para a fazenda Xingu, em Canarana.

Depois do expediente no Ministério, Sônia convidou Obajara, que estava hospedado no hotel Serra Verde, para se juntar com ela e a índia em sua casa. Era sexta-feira e a nissei quis mostrar seus dotes culinários na comida japonesa para eles.

Kunhahendy ficou encantada com as ervas e condimentos que Sônia tinha no seu quintal, fazendo a índia sentir uma empatia psicológica retroativa à sua infância em Arroyito, quando ainda vivia com sua avó. Essa atitude da nissei deixou-a mais ligada à índia, tanto no amor quanto na semelhança de costumes.

À mesa, foram consumidos sashimi, suchi, motsunabe, narazushi etc., tudo à base de um delicioso saquê. Depois de se esbaldarem e elogiarem muito a nissei, resolveram ir para o quintal conversar.

— Obajara e Kunhahendy, meus grandes amores! Terei que ir por esses dias na fazenda Buriti, do senhor George Linch. Parece que, após o episódio da barragem, ele quer consultar a possibilidade de trazer mão de obra de fora para seus novos empreendimentos. Achei estranho seu ato atípico, mas parece que os seus filhos maravilhosos estão mudando o velho troglodita do século passado. Eu gostaria que vocês fossem comigo. Ele ofereceu um jantar, mas quer conversar antes, porque irão

outras pessoas convidadas. Sairemos daqui às cinco da tarde. Como vocês sabem, é perto; em uma hora, estaremos lá.

E então, topam ir comigo?

— Quando vai ser, querida? — perguntou o índio.

— Na semana que vem, sexta-feira, dia 19.

- Tamos juntos com você! Afinal, não somos uma família? — confirmou a índia, beijando-a na testa e acariciando os seios dela, que logo saltaram da auréola.

— E no outro dia é sábado. Faremos uma festinha para Kami, pois é o seu dia, completa três aninhos. Talvez meus pais venham de São Paulo; pelo menos, ficaram de confirmar — programou Sônia.

— Será ótimo conhecer seus pais, por terem colocado no mundo essa pessoa tão gostosa e amável como você — disse o índio, desatando-a dos braços de Kunhahendy, puxando-a, colocando-a no seu colo e beijando-a rapidamente na boca.

— Amanhã, podemos ir tomar banho num balneário aqui perto, afinal está uma seca ácida e um sol quente, embora seja inverno. Que tal? — propôs a índia, abraçando Obajara por trás, que estava sentado com Sônia no colo. Ficaram, por um instante, todos olhando para a frente, parecidos irmãos em quadro de fotografia antiga devido aos seus olhos oblíquos e cabelos escuros e lisos.

— Vamos para o quarto. Meu pau tá pra rebentar a minha calça — convidou o índio muito excitado e tentando tirar Sônia do seu colo.

— Eu também. Minha chana e meu cu tão loucos pelo seu pau, Obajara — disse a índia, acariciando o tórax do índio.

— Vamos! Não aguento mais ficar aqui sentado sentindo esse pau me cutucando e molhando as calças deste índio gostoso! Eu também quero você, minha índia gostosa — provocou Sônia, levantando-se do colo de Obajara.

— Vamos, minhas gostosas! — alentou o índio, levantando-se e abraçando as duas mulheres.



No universo erótico da “comunhão do esperma”, há uma ligação instintual tal como de todo mamífero. Quando um começa a sentir fome ou desejo sexual, no mesmo instante, alastra-se um princípio de sincronicidade jamais imaginado. É como se houvesse a conexão de uma teia quântica de desejos.



A noite na fazenda Buriti estava um frescor e o senhor George mandou colocar iluminação até uns 200 m da entrada da fazenda. Achou que ficaria mais seguro, para dar suporte às dezenas de câmeras nas cercanias. A imagem vista de longe parecia, o tempo todo, que era de um amanhecer ou um entardecer.

Estavam sentados o pai e seus dois filhos olhando o Drone que tinham acabado de comprar para auxiliar nos trabalhos da fazenda. No novo aparelho, cabia uma tripulação de até duas pessoas de peso médio, melhor que helicóptero, mais leve, econômico e rápido, por ser feito de porte menor.

A venda só foi liberada para a área rural por não oferecer perigo às linhas aéreas dos helicópteros e aviões. Por outro lado, seria preciso criar novas leis de tráfego urbano, para essa recente modalidade ser inserida nas grandes metrópoles. Já no campo, a densidade de veículos aéreos era menor e esse novo aparelho de mobilidade era mais cômodo e prático para gerenciar os trabalhos de observação. Quanto às velhas caminhonetes, eram usadas somente para o transporte de coisas mais pesadas.

Cleber e Larissa contrataram um piloto instrutor, que viria no outro dia ensiná-los a pilotar o Drone.

Eles conversavam com o pai sobre o jantar que ele daria na semana seguinte para os amigos e, em particular, para Sônia Otahime, objetivando a consultoria do novo empreendimento.

— Até semana que vem já estarei voando legal nesse Drone — salientou Cleber, sorrindo e olhando para o aparelho que brilhava no estacionamento da fazenda.

— Esqueci-me de te contar, Cleber — disse Larissa.

— O quê?

— Comprei uma filmadora de alta resolução, em 3D — informou, toda feliz da vida. — Vamos testá-la de dia e depois à noite, pra ver a qualidade da máquina?

— Legal! Vamos! Depois você me mostra... Beleza! — respondeu Cleber, com um sorriso.

— Bem... Já são 22h30! Vou deitar, minhas crianças — anunciou George, recebendo beijos dos filhos, levantando-se e caminhando para dentro da casa. De repente ele parou, voltou-se para onde estavam os filhos e se mostrou assustado. Os dois jovens viram o comportamento estranho do pai e perguntaram:

— Pai, o que houve?

— Está sentindo alguma coisa?

George não respondeu e ficou como que paralisado olhando para as luzes e a lavoura de soja no horizonte por alguns segundos, depois se voltou para os filhos com os olhos arregalados, como se tivesse visto alguma coisa sobrenatural na lavoura. Recobrando-se, começou a falar olhando para cima:

— Parece que vi tudo isso pegando fogo e um demônio chegando num grande helicóptero e roubando o Drone.

— Calma, pai, o senhor anda trabalhando muito. Quer que eu faça um chá de cidreira para te relaxar? — propôs Larissa, levantando-se meio preocupada, dirigindo-se à cozinha.

— Quero sim, filha! Estou mesmo precisando — em seguida, George caminhou e foi se sentar ao lado do filho, que o abraçou ajeitando a cadeira.

Depois de tomar o chá e ter recomposto a calma, George foi para o seu quarto e começou a ler a Bíblia antes de dormir, que era hábito. Nessa noite, ele leu a passagem do profeta Elias descrito no livro de Reis, o qual é levado para o céu numa carruagem de fogo: *“E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho”*.

George ficou meditando sobre aquilo e adormeceu, enquanto Cleber e Larissa ficaram conversando sobre a saúde do pai. Começaram a pensar que a irmã, que já estava formada, deveria ficar mais tempo com ele, visto também que ela já praticamente administrava a fazenda, pois era formada em Administração, ajudava George com os trâmites econômicos e gerenciava sozinho o setor pecuário. A conversa não havia terminado e assim mesmo eles foram para os seus respectivos quartos.



Sábado de sol pela manhã, mês de julho, o balneário estava com algumas pessoas se banhando porque, embora o sol estivesse brilhante, a água estava gelada. Para os dois índios, a água estava ótima, pois, desde que chegaram, entraram no riacho e de lá não saíram. Comportavam-se como crianças, mergulhando, dando risadas e jogando água um no outro.

Sônia se sentou numa pedra à beira d'água e brincava com Kami, que estava dentro do riacho, jogando água com as mãozinhas nas formigas que via na pedra em que sua mãe estava sentada. Depois que elas caíam na água, ele punha sua mãozinha e elas subiam por seus dedinhos, enquanto ele dava risada.

— Venha pra água, Sônia! Vir até o rio e não entrar nele é presunção! — gritou a índia, nadando e sorrindo junto de Obajara.

— Está muito fria! Daqui a pouco eu entro!

Ficaram ali no balneário até meio-dia. Depois voltaram para a cidade, almoçaram no restaurante e churrascaria Avenida e foram para casa.

Como eles estavam cansados do banho e da orgia da noite anterior, o índio ficou no hotel onde estava hospedado e as duas mulheres foram para casa. Dormiram o resto da tarde e não se encontraram mais naquele final de semana. No domingo, Sônia e Kunhahendy fizeram almoço; Sônia pegou o violão que há muito tempo não tocava e cantou algumas músicas para a índia e o pequeno Kami, que gritava e batia palmas com suas mãozinhas ouvindo a bela voz nasalada da mãe interpretando uma velha canção de ninar do Caribe, em que o negro ameaça a criança dizendo que, se ela não dormir, aparecerá “um diabo branco e comerá o pé da criança”. Aí esta a letra:

Duerme, duerme negrito,
que tu mama está en el campo, negrito...

Duerme, duerme negrito,
que tu mama está en el campo, negrito...

Te va a traer codornices para ti,
te va a traer rica fruta para ti,
te va a traer carne de cerdo para ti.

Te va a traer muchas cosas para ti.

Y si negro no se duerme,
viene diablo blanco
y zás! Le come la patita,
chacapumba, chacapumba, chacapumba,
chacapumba, chacapumba!

Trabajando,
trabajando duramente, trabajando sí,
trabajando y no le pagan, trabajando sí,
trabajando y va tosiendo, trabajando sí,
trabajando y va de luto, trabajando sí,
pa'l negrito chiquitito, trabajando sí,
pa'l negrito chiquitito, trabajando sí,
va de luto sí, va tosiendo sí, duramente sí.

17º Capítulo

Emboscada, mortes, abdução de Kami e a grande comemoração do século

A semana passou no cotidiano de praxe, sem nenhuma novidade. No trabalho de Sônia, tudo transcorreu calmo. Somente na quinta-feira, no final da tarde, antes de ir para casa, ela recebeu uma ligação dos seus pais dizendo que não poderiam ir no sábado para o aniversário de Kami.

— Está bem, papai, fica para o próximo ano. Até lá, talvez, levarei Kami para fazermos a festa dele aí. Ficamos assim então, tá? Beijos! — despediu-se, desligou e pegou suas coisas para ir embora, mas, ao sair, viu a caminhonete dos ruralistas estacionada do outro lado da rua. Como não conseguia ver quem estava dentro, o carro foi ligado e saiu devagar; ela só acompanhou a saída do veículo, que logo foi embora.

Os dois índios foram para o município de Nova Xavantina verificar algo do governo e só voltaram na quinta-feira já tarde da noite e, para não acordar Sônia, Kunhahendy resolveu dormir no mesmo hotel onde Obajara estava hospedado.

Na sexta-feira pela manhã, Sônia ligou para Kunhahendy, que ainda estava deitada, e comentou sobre o acontecido no final da tarde anterior, acerca do carro dos ruralistas, e disse que não poderia sair do Ministério antes das 16h00, porque haveria uma reunião coletiva para o trabalho da próxima semana, mas já deixara tudo pensado: caso se atrasasse para a ida à fazenda Buriti, Carol arrumaria o pequeno Kami e ela os avisaria quando estivesse em casa pronta, assim eles passariam lá e os pegaria, pois ela achava melhor que fossem no Jeep de Obajara.

Depois do acerto, a índia se levantou, tomou um banho,

vestiu-se e foi até a copa do hotel encontrar-se com o índio que a estava esperando para tomarem café juntos. A índia sentou-se à mesa, o índio percebeu sua preocupação e foi logo perguntando:

— O que houve, querida?

— É difícil esconder alguma coisa de você, Munduruku.

— Quando você olha para uma pessoa e ela desvia o olhar, é porque está escondendo alguma coisa. Uma das primeiras lições que aprendi na minha aldeia.

— Bem... A Sônia me contou que viu o carro dos ruralistas ontem de novo. Ela havia me dito outras vezes que eles a estão sempre seguindo, depois que ela deu ultimato para o gerente da fazenda Xingu — contou, com ar de preocupação, apertando a mão do índio em cima da mesa.

— Depois disso, eu acho melhor levar a minha arma no coldre quando formos pegar a estrada para a fazenda Buriti em Canarana. Pelo que você está me contando, estão querendo pegá-la — alertou o índio.

— Estou com medo, Obajara! — queixou a índia ao pegar um biscoito, olhando para ele.

— Fique tranquila! Não devemos deixar Sônia mais preocupada do que ela já está — acalmou-a o índio, olhando firme para ela.

À tarde, Obajara foi ao banco pegar papel-moeda para viajar, achar um lugar silencioso para ligar pra Jaime e passar as últimas informações e o seu parecer sobre como estavam as coisas na região. Ele era obrigado a fazer isso toda sexta-feira às 14h00, para coincidir com o fuso horário de Rondônia, que é uma hora a menos de diferença. Por outro lado, foi o próprio Jaime quem o instruiu, porque, naquele momento, ele se encontrava sozinho no gabinete – eram os cuidados com a segurança exigidos pelo Coronel.

Eram 16h25, o telefone da índia tocou do outro lado da linha. Era Sônia informando-os de que já estava em casa, pronta e esperando.

Todos bem acomodados no Jeep, pegaram a estrada às 17h00. A índia foi à frente com Obajara dirigindo, no banco de trás Sonia com Kami, que estava quieto e meio emburrado, por mais que Sônia e a índia tentassem fazê-lo se animar; logo, desistiram.

— Talvez seja porque hoje é véspera do aniversário dele; dizem que toda criança fica assim — Sônia tentou uma explicação, olhando para ele, que continuava calado.

Já escurecia. Eles estavam quase chegando à entrada da fazenda Buriti quando o menino disse uma frase em guarani e a índia arregalou os olhos.

— *Hae kuera ouí!* (Eles vieram!)

— *Mávapa?* (Quem, exatamente?) — perguntou muito séria a índia ao menino.

— O que ele disse, Kunhahedy? — questionou Sônia preocupada e o menino pronunciou outra frase:

— *Avá kuera i pochyyva!* (Homens maus!) — disse Kami, no momento em que Obajara freava o carro de repente e parava por causa de um tronco de árvore grossa, cheia de galhos, atravessada no caminho, numa parte alta da estrada. Ele pediu para a índia ajudá-lo a tirar, pois era muito grande.

Quando eles saíram do veículo, apareceram dois homens atirando contra eles. O índio só teve tempo de pular e empurrar Kunhahedy para que ela caísse no chão, enquanto ele sacava sua pistola Glock e se jogava também ao chão, disparando e acertando num deles, enquanto que o outro também se jogava no chão, disparando sua automática. Obajara continuou trocando tiros com ele, mas logo apareceu mais um, então ele pediu para a índia e Sônia tentarem tirar o tronco da estrada, enquanto ele disparava seguidamente para distrair os outros.

Ao sair, a nissei gritou para o menino ficar dentro do veículo, mas Kami não obedeceu e saiu correndo para onde estava o tronco, Sônia correu atrás dele, mas foi atingida por um disparo e caiu no meio da estrada. Obajara, vendo-a cair, conseguiu acertar e ferir mais um deles. O último guardou sua pistola descarregada e engatilhou uma metralhadora, que trazia pendurada no ombro e começou a disparar. Naquele momento, o menino apontou o dedinho para ele e o homem entrou em chamas, soltou a arma e caiu no chão gritando. O último agressor que estava ferido, vendo o companheiro em chamas, apavorou-se e o índio gritou para ele se render, largar a arma e levantar a outra mão. Kunhahendy abraçou Sônia ainda viva, Obajara levantou-se do chão e também ficou apavorado, lembrando-se da mesma cena que presenciara no garimpo há um ano. Saiu à procura de Kami, e encontrou o menino parado em pé olhando para ele, que ficou estupefato quando viu que o garoto havia empurrado o tronco sozinho e o tirado do caminho. Carregou-o, viu um brilho em seus olhos e logo uma voz inconsciente ressoou dentro de sua mente vinda do menino, dizendo para tirar a mãe dele dali o mais rápido possível.

Ele foi até o homem que baleou no braço e perguntou-lhe se foi ali a mando do senhor Garcia da fazenda Xingu, mas ele não quis falar, pois estava apavorado com o que vira. Então, ele pegou uma corda no Jeep e prendeu o braço ferido do homem no tronco que estava na estrada, ligou para o delegado de polícia de Água Boa contando o ocorrido, avisando que deixaria o homem ferido preso no tronco. Pediu-lhe que mandasse uma ambulância para socorrer Sônia, que estava ferida, e avisou que a estava levando para a fazenda Buriti.

Examinou o ferimento de Sônia e viu que era grave. Tinha que estancar o sangue ou ela morreria em alguns minutos. A bala furou o pulmão esquerdo, perto do coração. Ele a carregou

para dentro do Jeep acompanhada da índia, que estava abalada e chorando sem parar, pegou Kami, que se encontrava no mesmo lugar, ao lado do tronco, falando sozinho, ligou o Jeep e seguiram rapidamente para a fazenda, a uns 2 km dali.

Logo que o índio entrou meio acelerado no estacionamento da fazenda e parou o veículo, o capataz José Farias veio correndo ver o que estava acontecendo. Quando viu o índio saindo do Jeep carregando Sônia ensanguentada, ficou meio sem ação, mas, quando se aproximou, Obajara contou-lhe o que se passara. Sônia então pediu ao índio que a colocasse no chão e lhe disse:

— Meus queridos, estou morrendo... Por favor, Kunhahendy, liga seu iPhone para eu gravar uma mensagem para meus pais — sua voz nasalada estava debilitada e, assim que a índia se aproximou soluçando com o aparelho perto da boca dela pra captar melhor sua voz, a nissei começou a gravar a mensagem, com voz entrecortada:

— Ma...mãe e papai... Por favor, cuidem de Kami... Ele não é uma criança qualquer, nele está encar...nado um grande espírito. Peço que te...nham paciência com ele e me perdoem por não ter sido correta com vocês. Só posso dizer que o pai dele é...

Um som e forte e agudo, acompanhado de um clarão mais forte que todas as luzes da fazenda, atrapalhou a gravação que a índia estava fazendo. Os dez convidados e o resto do pessoal que estavam no local ficaram perplexos, alguns entraram em pânico e correram para dentro da casa. O anfitrião, senhor George, vendo aquilo se lembrou do insight que teve uma semana atrás, quando ia dormir, e ficou pasmo.

A claridade era tão forte que a noite na lavoura de soja ficou brilhando mais que um dia de sol forte e, naquela hora, um grande objeto apareceu do meio das luzes.

Cleber estava filmando a chegada dos convidados, quando começou o tumulto. Ele ficou perplexo por um instante e resolveu filmar o fenômeno surreal. Então, mirou sua câmera no objeto e começou a gravar, meio com medo. De repente, viu alguma coisa se movimentando perto da lavoura, indo em direção ao objeto, então focou com amplitude.

Para sua surpresa dele e de todos os que estavam presenciando o fato, era Kami quem caminhava em direção às luzes. Cleber conseguiu gravar o momento da abdução, em que o menino fez um sinal para Kunhahendy e disse suas últimas palavras em guarani, antes de desaparecer:

— *Arata mache! Roro Topatá!* (Eu já me vou! Nós nos encontraremos!)

O menino levitou e logo desapareceu entrando no objeto, para o assombro geral de todos, que estavam petrificados vendo tudo aquilo. Muitos já tinham visto coisas semelhantes várias vezes em notícias de TV, no YouTube, nos cantos de jornais e em algumas revistas de esoterismo.

O objeto fez uma evolução no alto do céu da fazenda, diversificando o brilho em várias cores, e desapareceu no espaço com um som agudo de timbre de violino.

Kunhahendy e Obajara estavam ainda ajoelhados no chão ao lado do corpo sem vida de Sônia, que fechou os olhos com um sorriso enigmático.

George estava boquiaberto e lembrou-se da passagem da Bíblia que conta “a abdução de Elias por uma carruagem de fogo”, que ele havia lido na noite em que teve o insight. Ligou o acontecimento ao do menino Kami. No seu íntimo, sentiu que algo mudava dentro dele.

Uma hora depois, chegou o delegado na viatura junto com a ambulância. Obajara foi até ele e pediu aos paramédicos que carregassem o corpo de Sônia para levá-lo ao IML. Quanto ao

homem que ele deixou preso, estava na viatura, segundo o delegado, em estado de choque dizendo que vira o demônio. Ele confessara dizendo que o mandante do crime foi o senhor Garcia. O delegado disse também que havia pedido, por telefone, ao juiz da comarca para emitir um mandato à Polícia Federal de Barra do Garças, a fim de prender imediatamente o gerente da fazenda Xingu.

— É uma pena a morte da doutora. Foi uma pessoa muito leal nesses três anos. Muita coisa que ela fez ninguém conseguiu realizar até hoje por causa da corrupção que está se alastrando a cada dia, tanto no Judiciário quanto no Ministério do Trabalho — lamentou o delegado conversando com o índio, já entrando na viatura e pedindo para ele passar na delegacia no outro dia para ajudar a fazer o relatório do ocorrido. Mas, antes de sair, perguntou sobre o filho de Sônia. Obajara disse que ele tinha desaparecido e que não sabia como aconteceu.



Um final de tarde fatídico. Quem viu tudo aquilo, participou do irrompimento de uma realidade fantástica, quando a perplexidade é apenas um aperitivo menor para o espetáculo transcendental, para o qual não há como negar o testemunho. Pior de tudo é querer relatar para terceiros, pois o indivíduo passará por ridículo e será ironizado, porque as pessoas estão, a cada dia que passa, mais céticas diante de fatos provados, imagine a respeito dessas coisas. Vivemos um entorpecimento emocional causado por um lúgubre sossego feroz.



Sábado pela manhã, Obajara foi até a delegacia, conforme

havia tratado com o delegado, para ajudar a terminar o relatório.

Após fazer seu relato comum e de praxe com o regulamento da polícia, o índio preferiu não falar dos fatos fantásticos para o delegado, embora os detalhes do homem que “se incendiou” e o desaparecimento do menino não estavam “fechando a conta”, porém o índio não precisou entrar em detalhes, porque o outro pistoleiro, que foi ferido no braço por ele e que já havia sido tratado estando fora de perigo, porém preso, ao relatar a sua visão do ocorrido, disse ao delegado “ter sido o demônio quem incendiou o outro comparsa dele e que só se lembra de ver o menino apontar o dedo para o companheiro que estava com a metralhadora e ele se incendiar, dizendo não acreditar que o menino tinha feito aquilo”.

Então sobrou somente para Obajara explicar o desaparecimento do filho da vítima. Ele insistiu em dizer que não viu como aconteceu, porque estava socorrendo Sônia e, quando se deu conta, o menino já havia afastado de perto dele.

Diante de tal quadro o delegado, depois de ouvir todas essas coisas consideradas por ele absurdas, preferiu “arrumar” os fatos do jeito mais plausível, para que ele também não ficasse devendo explicações esdrúxulas a outros órgãos. Lembrou-se de que um fato semelhante acontecera um ano atrás, no qual foi registrado um caso da autocombustão pelo Comandante Josino, da Polícia Federal, de outro homem no garimpo perto de Cocalinho, e que o índio Obajara estava envolvido. Sabendo que isso desencadearia mais problemas para ele e, conseqüentemente, para o índio, registrou o desaparecimento do menino como possível sequestro, afirmando que já estava trabalhando para operar o resgate. Quanto ao “homem incendiado”, ele registrou como acidente fatal devido “ao mesmo estar naquele momento com um porta-uísque aberto e, que havia vazando dentro do bolso da

camisa e, na hora em que ele disparou sua arma, uma possível faísca de pólvora provocou a combustão na roupa espalhando o fogo rapidamente pelo corpo da vítima. Restara só um monte de cinzas e ossos queimados quando ele chegou no local. Fez por bem não trazer os resíduos, somente o porta-uísque e a metralhadora com marcas do incêndio”. Com essa fraudulenta ocorrência, ele só ficaria devendo o resgate do menino.

Às 10h00, o mandato de busca e prisão já havia sido cumprido pela Polícia Federal, o senhor Garcia e mais três pessoas haviam sido presos e indiciados devido à confissão do pistoleiro ferido já recluso e o exame de balística também ter confirmado que a bala que matou Sônia foi disparada por uma das armas que o delegado trouxe do local do crime.

Kunhahendy, que havia tomado um calmante na noite anterior, acordou meio sonolenta. Estava no hotel. Foi até a geladeira beber água e encontrou um bilhete rabiscado pelo índio dizendo que já voltava. Ela se sentou à mesa, mas a ausência de Sônia ainda lhe causava um vazio inconsolável. Obajara chegou, abraçou-a e disse-lhe que à tarde cuidaria para que o corpo de Sônia fosse transportado para São Paulo; ela seria enterrada lá a pedido dos seus pais. Eles não puderam vir, porque a senhora Otahime, logo que viu as fotos e a gravação da voz da filha enviada pela polícia, passou mal e foi internada. Quanto ao desaparecimento do menino, o delegado disse para o senhor Otahime que o caso estava em investigação e quando tivesse alguma informação avisaria a família; estavam trabalhando com a hipótese de sequestro por um dos homens envolvidos no atentado.

Obajara ligou para o Coronel, para que soubesse com antecedência o que tinha ocorrido, e disse que tinha algo para lhe comunicar pessoalmente, porque se tratava de alta segurança. Então o Coronel pediu-lhe que se apresentasse o mais breve pos-

sível em Rondônia, pois sabia que o índio ainda teria que prestar depoimento no jurídico de Água Boa pela sua legítima defesa na emboscada, mesmo não sendo acusado de nenhum delito.

Kunhahendy pediu licença do trabalho da Funai e tratou com Obajara que iria para Ponta Porã ficar por lá uns dias; depois falaria com ele. Ela foi dispensada dos depoimentos do caso, visto que era apenas passageira e amiga dos envolvidos.



Em Brasília, eram 23h51 do dia 20 de julho de 2019. A lua estava na metade da fase cheia e todos os meios de comunicação do planeta estavam linkados porque, dentro de cinco minutos, começaria a contagem regressiva para a comemoração dos cinquenta anos em que o astronauta americano Neil Armstrong pisou no solo lunar. Foi a primeira vez que um homem do planeta Terra pisou em outro mundo – um fato histórico para o fenômeno humano, ainda que controvertido para alguns.

No meio místico da comunidade kardecista em Uberaba-MG, criada pelo espírita Chico Xavier, nesse dia, comemorava-se a chamada “Data Limite”. Segundo a mensagem:

Foi esse o limite de tempo que o comando espiritual galáctico deu, por causa do intermédio da intervenção do Cristo em espírito (Ele também faz parte desse comando), ao homem do planeta Terra para se redimir e deixar de proliferar armas de destruição em massa, também parar de depredar o meio ambiente, pois, segundo Chico Xavier, foi um tempo de cinquenta anos para que seus emissários trabalhassem a fim de que o planeta Terra continuasse a fazer parte da grande irmandade de mundos regenerados.

Em Água Boa-MT, os dois índios viam a comemoração pela velha TV do saguão do hotel Serra Verde, mas lembravam-se de que era para eles estarem comemorando com Sônia os três anos de aniversário do enigmático menino Kami.

Kunhahendy, ainda penosa e ao mesmo tempo curiosa com a figura de Kami, estava numa profunda meditação auto-interrogativa, fazendo dentro de si uma monodia: “Quem é Kami? O que tinha aquele menino de tão encantador, que me chamava de sî (mãe)? Falava perfeitamente tupi-guarani tal como seu pai? Como ele sabia que os jagunços estavam chegando?”. Enquanto cogitava, a índia olhava as imagens originais em preto e branco das comemorações da conquista da lua.

Talvez ele fosse também outro *tembĩ jokuái* (aquele que leva a mensagem), tal como o *Tuyami* Marx, seu pai... A índia logo percebeu que havia se esquecido das últimas palavras que o menino disse: “*Arata mache! Roro Topatá!* (Eu já me vou! Nós nos encontraremos!)”. Ela começou a entender a dicotomia da mensagem no sentido maior e veio logo outra pergunta enigmática: “Ele disse que vai nos encontrar de novo nesta vida ou em outro plano?”. O enigma persistia, pois todas as pessoas falavam desse outro plano, mas ela, índia Guarani, não concebia o desaparecimento dele assim.



A imagem do astronauta americano Neil Armstrong irrompeu naquele instante, enchendo a tela da TV com áudio muito alto e cheio de entusiasmo do locutor, parecendo um começo de jogo de futebol em Copa do Mundo, o que tirou a índia da sua cogitação.

Eram 23h56 em Brasília e o mundo se voltava para o momento histórico da chegada do homem à lua. Naquele breve

momento, o fuso horário do Cabo Kennedy, sede da NASA, tornou-se o local mais linkado pelos meios de comunicação de todo o planeta. Dali pra frente, o local ficou consagrado como a referência maior na marcha da história da ciência, como início da Conquista do Espaço.

A comemoração desse acontecimento que ocorreu há exatamente cinquenta anos, era maior que tudo o que já se comemorou no mundo. Deixou anacrônicas e obsoletas as sequências tradicionais de outras comemorações culturais, que sempre obedeceram ao fuso horário a partir do Oriente para o Ocidente, sequencialmente dentro da ordem e fuso horário de cada região do planeta, como a entrada do Ano Novo, por exemplo.

Daquela vez o momento era outro, pois se comemorava e inaugurava um novo limiar na história da marcha do fenômeno humano. O mundo estava se libertando das velhas tradições religiosas e supersticiosas, a aclamação mundial demonstrava isso e ainda consolidava mais convicção na ciência como advento maior para salvar os mais de sete bilhões de seres humanos, sem contar que, de quebra, ainda havia todos os animais do planeta. Era como inaugurar uma “Arca de Noé” virtual para todos os seres do mundo.

Uma grande parte da população mundial estava se sentindo mais protegida e segura, como aconteceu outras vezes há milênios em pequeno porte, nas pequenas aldeias do Oriente Médio, da Europa e da Ásia: quando terminavam de construir uma muralha que cercava o castelo ou uma cidadela para se proteger de invasores de outras raças, aquilo era motivo de júbilo e de festa, era a celebração da segurança, mas ao mesmo tempo, essa atitude moldou, no ser humano da época, o medo coletivo, desenvolvendo no inconsciente desses povos o arquétipo de limites, a xenofobia ou medo de outras etnias e do modo de viver desmurado.

Esse processo de edificação, feito nas primeiras civilizações e repetido ao longo dos milhares de anos, ficou amalgamado também no inconsciente coletivo, projetando e pulsando no sentir difuso somático de todos eles. Essa “cerca segura”, sempre apareceu no estudo dos sonhos da Psicologia e da Psicanálise como conteúdo de referência estendida ao corpo como um rizoma inexorável e que se consolidou no axioma da Psicanálise: “Sonhar com sua casa é perscrutar seu próprio corpo e sua mente, é descobrir novos setores do seu ser”.

Criou-se então, com o passar do tempo, o “povo da caixa” – frase da etnia Kaingang, escrita num cartaz colocado na entrada do auditório do Ibirapuera no ano de 2015, no último encontro indígena em São Paulo.

Para os povos da floresta, que nunca fizeram cerca em suas aldeias, essa grande comemoração não fazia nenhum sentido. Para eles, na imensidão da floresta é que estava a sua proteção, sua “Arca de Noé” real. Para o índio, sonhar com a floresta é perscrutar a sabedoria, é perceber os diversos planos do universo e da sua mente, visto que eles acreditam que a floresta é a extensão da sua aldeia e do seu corpo inteiro, e é a única sabedoria, como enfatiza muito bem essa reminiscência indígena Guató/Payaguá através do poema do poeta pantaneiro já falecido Manoel de Barros, sobre o Pantanal:

No Pantanal não se pode passar régua.
Sobre muito quando chove.
A régua é existidura de limite
e o Pantanal não tem limites.
Aqui, bonito é desnecessário,
beleza e glória das coisas o olho que põe.

Esse modo de ver o mundo difere do jeito de pensar dos

brancos em relação à minoria dos povos da floresta, que vivem em função do universo. É óbvio que, para eles, essa comemoração é adversamente contrária ao seu modo de ser. Essa celebração antrópica que ascende na maioria do planeta e que leva como lema a Conquista do Espaço não condiz com seu íntimo mais profundo. É tão vazia quanto a valorização do ouro, do dinheiro e do poder.

Na visão de índio, não há nada para se conquistar no mundo, mas sim se entender, harmonizar, aprender a conviver com tudo o que o universo colocou na sua frente, porque, para ele, não há joio e nem trigo como exemplo de coisa boa e coisa ruim – tudo é bom. O que precisa é apenas saber conceber e se entender com tudo o que existe neste mundo.

Para eles, pensar ao contrário é admitir que os ecossistemas, a natureza e o universo “criam coisas inúteis, erram, desperdiçam e deixam sobras” ao longo da existência, o que é um tremendo absurdo tanto para o entendimento dos índios quanto para qualquer pessoa de bom senso que tenha pouco estudo.

Como disse o grande físico e cosmólogo Stephen Hawking em uma das suas máximas sobre a magnitude divina, “se alguém achar que, se um dia no futuro, Deus for aparecer na Terra somente para religiosos, místicos e pessoas de boa índole, seria um ato político partidário e reduutivo contrariando a sua incomensurável onipresença e onipotência”.

18º Capítulo

A redenção de George depois da “visita” dos homens de terno preto

Naquela mesma noite, na fazenda Buriti, o clima era de perplexidade. Cleber, George e Larissa também estavam vendo a comemoração do cinquentenário do homem na lua, mas George estava ainda pensando naquilo que havia visto no dia anterior e comentou apático, enquanto seus filhos olhavam a figura da Apolo XI estacionada no solo lunar, quando ambos nem eram nascidos:

— Foi um acontecimento estarrecedor e pior é que não podemos nem compartilhar com outras pessoas que não estavam aqui — disse George, olhando para os filhos.

— Mas o Cleber filmou tudo com a minha filmadora, papai, não foi? — perguntou Larissa, animando o pai e desviando o olhar das imagens da TV.

— Sim! Eu filmei, mas se vocês virem o que gravou, não vão acreditar — alertou Cleber.

— Como, filho? A bateria estava baixa? Afinal, o que houve? — interrogou George, com curiosidade.

— Não! Estava carregada! Eu não sei... Posso mostrar aí nessa TV agora, se quiserem — propôs Cleber sorrindo.

— Mostra pra nós, filho — concordou o pai, levantando-se e indo até a geladeira beber água.

Cleber saiu e voltou com a câmera. Conectou-a à TV, buscando as imagens gravadas. Após terminar a conexão, ligou o aparelho e logo apareceu a chegada dos convidados, um por um, os sorrisos, os abraços e então as imagens do fantástico acontecimento. Apareceu a lavoura no seu normal com a luz

própria da fazenda, depois apareceu o *close* do menino Kami correndo, parando e se virando para os índios Obajara e Kunhahendy. Em seguida, ele se despediu sorrindo, levitando e, de repente, desapareceu no ar. Todas aquelas luzes, evolução e zumbido do objeto voador não apareceram na gravação, deixando George e Larissa ainda mais perplexos. Como? O que era aquilo, que controlou até a gravação da filmadora mais moderna que a Larissa havia comprado?

George se lembrou da passagem da Torre de Babel: “Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma linguagem. Isto é apenas o começo e, agora, não há restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que um não entenda a língua do outro” (Gênesis: 11, 4:7).

Depois disso, George começou a ver o acontecido como mais um aviso divino para ele mudar o seu modo de ser.



É o que sempre aconteceu ao longo dos tempos. Depois que a Bíblia foi editada, as pessoas agarraram-na como tábua de explicação e salvação para todas as coisas. Nunca se lembram de que tal obra é um registro de crônicas e história da cultura dos diversos povos do Oriente Médio, tal como a história e a mitologia dos gregos, dos chineses, dos indianos etc.

Quanto à veracidade dos fatos descritos nesses livros, não interessa pra nenhum de nós que nascemos na América, porque não faz parte da nossa cultura autóctone e também depende da fé de cada um desses povos, para que seja um oráculo pertinente.

Se Sansão e Hércules existiram e tinham força desco-

munal, só aos judeus e aos gregos interessa. Se Apolônio de Tiana e Jesus Cristo faziam “milagres”, isso só interessa para os cristãos europeus, para os gregos e turcos etc., então por que razão têm que acreditar ou fazer política, como é de costume, com essas coisas sendo que nossa realidade do dia a dia é aqui na América do Sul e não lá na Europa ou Oriente Médio?



Tal como George ou qualquer pessoa que estava na fazenda Buriti e viu a abdução do menino Kami pelo objeto não identificado, se for escrever ou contar mais tarde para outras pessoas, passará por charlatão, virará motivo de chacota, tal como o caso das pessoas envolvidas com o caso do ET de Varginha de Minas Gerais ou, se preferir ver pelo lado da arte da ficção científica cinematográfica, seria a figura do paranoico Kyle Reese, que alertou a polícia da Califórnia sobre o cyborg matador vindo do futuro, personagem da saga, O exterminador do futuro.



A tendência dos seres humanos é bipolar: quando se defrontam com o mistério, uns tentam racionalizar tudo aquilo que não conseguem explicar, usando os seus medos, suas lógicas capengas da psicologia e tantas outras referências, ou até mesmo explicações esdrúxulas as quais só servem para criar uma auréola de distorção maior sobre o fato, muitas vezes deformando-o muito. Ao longo do tempo, fatos históricos e coisas de outras culturas se misturaram no mesmo saco e se transformaram numa terceira coisa com conotação distorcida, corriqueira e banal. Um bom

exemplo disso é o “Cavalo de Tróia”, que foi um fato histórico na região da Turquia e hoje virou um dos primeiros vírus de computador. O “Calcanhar de Aquiles” da mitologia grega tornou-se o ponto fraco de alguém ou de um sistema, assim como a “Paciência de Job”, símbolo de submissão de um ser humano diante do deus imaginário da cultura semita, tornou-se sinônimo de perseverança ou qualidade de pessoa calma.

A outra tendência é enquadrar um acontecimento real no “eterno retorno nietzschiano” e fazer empatia psicológica do fato verídico com o credo religioso particular do sujeito, substituindo a vítima do acontecimento como personagem do credo.



Era o que ocorria naquele momento na mente de George Linch, que viu no acontecido com o menino Kami, a personificação da saga e da figura do profeta Elias da Bíblia. Isto é, ele estava “imputando um novo protagonista para um velho relato bíblico” e se viu, por sua vez, como o relator cômico do novo acontecimento, um tipo de neurose conhecida na psicanálise junguiana como projeção.

Para ele, era mais cômodo travestir um novo herói participante para um fato antigo e, ser o novo mensageiro desse “eterno retorno”, mesmo que seja anacrônica e caricatural a atuação.

Em suma, tudo isso é para o indivíduo se familiarizar com o medo do mistério de qualquer acontecimento surreal: ou banaliza e dilui, ou traveste e atualiza tudo numa antropofagia inconsciente; a essência é filtrada pelo conversor do credo, e transferida para um “remake” atual.



Nos primórdios da civilização, os povos faziam totens para serem venerados com sacrifícios humanos ou de animais para salvaguardar e responder os seus apelos surreais, pois ainda não havia uma ciência propriamente dita e nem tantas fontes especulativas de conhecimentos para dar respostas aos fatos surreais como fazem hoje.

A perplexidade e o medo, era o que cultuavam e servia na época, junto aos totens, como uma espécie de guardião para suas ações antrópica e, que também equalizava os fatos como um oráculo coletivo, prática que deu origem a um dos axiomas mais primitivos da raça humana e ainda permanece no coração e mente da maioria dos fiéis das maiores religiões, como uma inexorável superstição: a crônica conhecida como “temer a Deus acima de tudo”.

Todo veio da história antiga que está escrito, que conhecemos e estudamos, tanto no lado oficial quanto nos detalhes das entrelinhas, traz, no bojo, essa senoide de comportamento e ação motriz movida por impulsos de valores culturais agregados ao longo do tempo.

Quando a sociedade humana sofisticou e criou impérios ou cidadelas, os totens foram para dentro dos castelos e os cultos não são mais necessariamente coletivo. A voz e decisão do representante sócio/cultural, torna-se um pronunciamento sacrossanto que é obedecido pela maioria .

Acontecia sempre assim: O ser comum ou um líder tem uma visão vindo do extra-físico, torna-se um guerreiro que quer fazer valer a mandala do oráculo da sua cultura, no qual ele se sente a encarnação do ungido, um enviado do seu deus que deve “libertar e salvar seu povo”. Como avatares, eles costumavam repetir todo o tempo, as palavras bordões

“salvar” ou “libertar”, acompanhadas do “velho temor a Deus” ou “graças a Deus”. Exemplo maior disso, foi a visão surreal de Paulo de Tarso e Constantino para consolidar a criação da Igreja Católica, bem como a visão também de Maomé para a formação do Islamismo.

Na formação da cristandade aqui na América, não foi diferente, pois a fé tradicional induzida e trazida da Europa católica, proliferou vários tipos de “gêneses” formadores desde os “achados” de objetos e que automaticamente foi venerado, como sinal deixado pela divindade, logo depois é erigido uma igreja no local. Tais “fatos” se verificaram em regiões como o caso de Aparecida do Norte e o Círio de Nazaré no Brasil, Caacupe no Paraguai etc. Na América do Norte a cristandade se desenvolveu e ficou marcante com as aparições de entidades para o nativo cristão da região, o maior exemplo é Guadalupe no México. Nos Estados Unidos, onde a maioria da população são de origem protestante o fato maior foi a aparição do anjo Morôni ao profeta Joseph Smith e a Bíblia de ouro encontrada também por ele.

São vários os acontecimentos surreais, tanto pelo lado católico, quanto pelo protestante. Porém os fiéis nunca perguntaram quem teria feito aquelas imagens e colocado naquele lugar, por que uma Bíblia de ouro, o qual é o símbolo de ostentação, visto que esse metal é também o símbolo maior da cobiça humana desde quando começou a civilização. Sabemos que o acaso não fabrica nada e do extra físico não prolifera políticas religiosas e nem tampouco pregação, dado que todas as religiões do mundo foram criadas pelos homens e para os homens. Porém quando se trata de fé religiosa tradicional induzida na cultura, o entendimento e o procedimento é diferente, não se pergunta apenas segue os costumes.



No outro dia pela manhã, a família Linch estava tomando café no *ball* da casa, que dá visão para a entrada da fazenda, num domingo de sol com temperatura amena típica do mês de julho. Apareceu na estradinha que chega até a fazenda um carro preto, que se aproximou e estacionou perto do *drone* e dele saíram dois homens de terno preto e óculos escuros. Logo, foram interceptados pelo segurança, que lhes perguntou quem eram e o que queriam.

Depois de identificados como agentes do governo federal, disseram que queriam falar com Cleber – sabiam até o nome dele. O segurança fez sinal para os Linch dizendo que eles queriam falar com Cleber. O rapaz logo desceu e se aproximou dos visitantes.

— Sou Cleber Linch, em que posso ajudar?

— Queremos a câmera que o senhor usou na sexta-feira à noite, por favor — disse um deles, sem demonstrar o mínimo constrangimento pelo pedido.

— E por que eu lhe daria e com que autoridade o senhor quer a câmera? — respondeu Cleber duramente e se mostrando alterado.

O segundo homem pegou do carro outra câmera do mesmo modelo, ainda dentro da caixa sem abrir, e disse que queria trocar pela dele.

— Se os senhores têm uma nova, por que querem a minha? — contestou Cleber, curioso.

— O senhor tem algo na sua câmera que nos interessa — disse um deles, já demonstrando imposição na sua fala, que mais parecia sair de um “spynet” modificador de voz da polícia.

— E se eu não quiser te entregar? — desafiou Cleber.

— Pegaremos do mesmo jeito, senhor. Viemos com ordem do governo federal e em nome da Segurança Nacional — ameaçou um deles, já entregando a caixa com a câmera nova para Cleber, enquanto o outro caminhava em direção da entrada da casa.

Cleber ia gritar para Larissa avisando que eles iam pegar a câmera dela, mas um deles pôs a mão no seu braço e ele ficou como que hipnotizado. Ao invés de gritar, pediu calmamente para que ela entregasse a câmera, porque estava trocando por uma nova e melhor — e balançou a caixa, mostrando para ela de longe.

Após pegarem a câmera de Larissa, um deles avisou para não tentarem nada, mostrando a possibilidade de alguém usar o drone para segui-los. Saíram da fazenda na maior calma, enquanto Cleber ainda estava sob efeito da hipnose. Logo que o carro dos homens entrou na BR, ele saiu do estado hipnótico e, por mais que todos dissessem para não seguir os homens de terno preto, Cleber, com apenas uma semana de aulas de pilotagem, deu partida no drone e se deslocou na direção da BR. Depois de alguns minutos, ele viu o carro deles na estrada e começou a baixar para abordá-los, mas um deles viu o drone voando baixo, sacou uma espécie de caneta, apontou e disparou um filete de luz vermelha no drone, que logo perdeu força e Cleber foi obrigado a pousar em cima de um campo de soja, mas sem danificar o aparelho.

Ele ficou por mais de quinze minutos tentando ligar o aparelho no meio da lavoura, enquanto seu pai e Larissa ligavam para o iPhone do drone, preocupados. Ele atendeu e disse que estava bem e que precisava que eles pedissem para o capataz José Farias ir buscá-lo, porque o drone parara de funcionar.

Quando ele acabou de falar no iPhone, o drone ligou sozinho, como se estivesse programado. Levando um susto dentro do

aparelho, olhou pra ver se tinha alguém por perto da pequena nave. Não vendo ninguém, ligou de volta para o pai cancelando o resgate, levitou o veículo e voltou para a fazenda.

Após estacionar, sentou-se na cadeira do saguão enquanto sua irmã trazia um suco de laranja. Informou-o dizendo que George ligara para um amigo da Polícia Federal, a fim de saber se houve algum mandato para a fazenda dele, e o atendente de plantão disse que não havia nenhum despacho para aquela região.

Um feixe de enigmas maior foi formado, mais perguntas que não queriam se calar. Quem eram os dois homens de terno preto que sempre apareciam quando havia um contato com OVNI? Por que sabiam do acontecido? E, a mais misteriosa de todas, eles sabiam que o acontecimento fora filmado, poderiam se interessar pelas imagens das câmeras da fazenda como qualquer órgão técnico da polícia, mas não o fizeram porque sabiam que o excesso de iluminação emitido pelo OVNI saturaria as imagens, então foram diretamente ao Cleber e à câmera da Larissa, porque sabiam de tudo. Quem os avisou?

Cleber era um rapaz de 21 anos e, como qualquer jovem, sempre estava atento às coisas de informática e não se deu por vencido. Logo que recobrou a sua postura, olhou para o pai e a irmã e lhes disse, sorrindo triunfante:

— Eu fiz uma cópia antes e guardei num velho pendrive.



Após uma semana dos acontecimentos, que foram tensos e deixaram muita gente agitada na região do Araguaia, as coisas começaram a mudar.

Obajara já havia feito seu depoimento e estava livre para viajar. Kunhahendy ainda estava com ele, esperando-o para

irem juntos de ônibus até Cuiabá e lá se separariam, porque o índio iria para Rondônia e ela pra Ponta Porã.

Eles estavam tomando café no hotel Serra Verde quando o capataz José Farias, da fazenda Buriti, entrou, foi até eles e pediu licença para se sentar, porque queria falar com os dois.

— Pois não! Pode sentar! — disse o índio, com o olhar curioso.

— Me desculpe por interromper seu café, senhor Obajara, nós só nos vimos em meio a conflitos e confusão — disse ele, com um pequeno sorriso forçado. — Mas, hoje, eu vim convidar você e a sua companheira em nome do senhor George Linch e da sua família e informo-lhes antecipadamente que o convite será estendido também às outras pessoas que estiveram lá no dia em que a doutora faleceu e o filho dela desapareceu. Confesso que foi a coisa mais triste e estranha que vi em toda a minha vida.

O senhor Linch quer reunir todos nós de novo, hoje, às 19h00, visto que foi ele quem encabeçou tudo e, inclusive, ele mandou convidar também o senhor Malaquias e José Xavante do rio abaixo e tantos outros índios e posseiros da região, porque houve outro acontecimento naquele domingo do final de semana que nos deixou mais preocupados.

Obajara perguntou o que houve e o capataz relatou o episódio com Cleber e os homens de terno preto, deixando o índio mais curioso. José Farias, então, insistiu para que eles comparecessem.

— Peço a vocês que aceitem esse convite, pois se trata de uma proposta para o bem de todos nós, aqui da região.

Obajara ouviu com calma olhando nos olhos dele e também acompanhado pelo olhar medroso da índia. Então, percebeu que o homem não estava mentindo, visto que, da última vez que foram no convite do senhor George, eles sofreram a em-

boscada que resultou na violenta tragédia. Como ele percebeu que se tratava de um assunto de Segurança Nacional, teria que informar o Coronel Jaime. Então, aceitou o convite, com uma ressalva: estaria armado o tempo todo.

José Farias concordou, agradeceu e se despediu. Kunhahendy se voltou para o índio ainda surpresa e disse:

— Eu não confio nesse povo, Obajara! Por que você aceitou?

— Ele não estava mentindo, eu percebi! E, por outro lado, por que esses homens de terno preto foram lá apenas pra pegar uma filmadora? Por outro lado, se o senhor Linch está convidando até os ex-adversários é porque há seriedade na reunião — assegurou-lhe, tomando o resto de café da sua xícara e acariciando os belos cabelos da índia.

Uma hora antes do horário previsto para a reunião, Obajara e a índia estavam chegando ao lugar onde acontecera a emboscada. Ele entrou no acostamento, parou, desceu do Jeep e viu que nem o tronco de madeira estava mais ali. Olhou no horizonte da estrada e viu um carro chegando no sentido contrário ao que eles estavam indo. Esperou pra ver quem era, porque sua intuição de índio e de agente alerta não lhe permitia dar as costas para pessoas num final de tarde.

O carro se aproximou e logo parou diante deles. O índio levou a mão ao coldre buscando sua Glock, até que o vidro foi baixado e, para sua surpresa, era o Coronel Jaime, que parou, desceu e ambos bateram continência; logo, estavam rindo e se abraçando. O índio apresentou-lhe Kunhahendy e então os dois se afastaram da índia. O índio foi o primeiro a perguntar:

— Que surpresa é essa, meu senhor! Ia te ligar amanhã pra te passar os informes sobre a reunião que vai acontecer daqui a uma hora na fazenda Buriti, logo aí. Você passou em frente? — disse Obajara, apontando para a estrada. — E por que está à paisana?

— Estou como agente infiltrado, tal como você; ordem do Alto Comando. Sou o substituto de uma pessoa que não “pode vir na reunião” — respondeu e, para quem entende a linguagem deles, significa que ele “desviou” um dos convidados para tomar o seu lugar.

Quis te encontrar aqui pra você não ficar surpreso lá no local. Vamos combinar: você não me conhece, chegue primeiro. Pra mim, é melhor esperar escurecer, pois está marcado para as 19h00, e já são 18h20.

Eu sabia que você estaria aqui, presumo que foi o local da emboscada, não é mesmo?

O índio confirmou, balançando a cabeça com um ar de tristeza e perda.

— Vamos começar a trabalhar — disse Jaime, afastando-se do índio, que também saiu dali, ligando o carro e pegando a BR e andando devagar, deixando o carro do índio passar por ele.



Por questão de segurança, George quis fazer a reunião no grande salão de festas, para que os convidados ficassem bem acomodados e que todos o ajudassem a formar uma espécie de “força de coalizão”, porque ele achava que havia um perigo iminente rondando a região.

Depois de todos reunidos e não faltando ninguém, Cleber foi o primeiro a falar e foi se preparando para projetar as imagens do acontecido, salvas no velho pendrive. Antes, ele fez uma introdução oral contando como foi, sendo interrompido a todo momento pelas pessoas que estiveram presentes no dia.

Em seguida, mostrou a gravação e percebeu a frustração dos que viram o acontecido e o que foi mostrado. Depois, contou o episódio dos homens de terno preto, a troca forçada das

câmeras, a sua fracassada tentativa de perseguir os misteriosos visitantes, o pouso forçado na lavoura de soja e a surpresa da repentina partida do drone que estava danificado.

Jaime olhou para Obajara e demonstrou surpresa com tudo o que viu, mas continuou calado observando tal como o índio, enquanto muitas pessoas faziam perguntas, as quais foram respondidas na medida do possível, mas logo se calaram pela própria carismática e a reticência da presença do enigma na falha da gravação da câmera.

Terminando sua fala, Cleber anunciou o seu pai, que foi até o meio do salão e começou a contar seu histórico, confessando, demonstrando certo sozo e propondo uma união dali para a frente.

— Nos meus 65 anos de vida, nunca me aconteceu nada igual ao que eu vi nesses dias, senhores. Sou um pecador tal como qualquer um de vocês; fiz muita coisa boa, mas também fiz muita coisa errada para conseguir todo o patrimônio que tenho hoje.

Quero que fique bem claro aos senhores, principalmente aos meus vizinhos, os índios e os pequenos proprietários, que, de hoje em diante, quero estar de mãos dadas com todos vocês, mesmo que outros grandes proprietários e empresários daqui da região do Xingu não queiram fazer o mesmo e nem se unir comigo.

Isso que vocês viram aí, exposto pelo meu filho e do qual muitos de vocês foram testemunhas, foi um alerta para que saibamos que estamos entrando numa era difícil pra todos nós. Ontem aconteceu comigo, amanhã poderá acontecer com alguns de vocês e eu, de todo o meu coração, quero ajudá-los e quero também a ajuda de vocês.

Quando você tem um inimigo e o conhece, você sabe como lidar com ele, mantê-lo quieto, mas quando você tem apenas um vislumbre do inimigo e desconhece sua diversidade de

ações, aí a coisa se complica, te tira o sono e, às vezes, aparecem até pesadelos.

Estamos no limiar de um novo mundo, mas todo o conhecimento que a ciência de hoje nos proporciona e encanta não chega nem um pouquinho perto diante daquilo que foi demonstrado aqui nesta fazenda, pelo que eu vi e acredito. Aquilo que eu vi não eram homens e nem eram deste mundo.

Eu vi e senti medo. A partir daquele momento, eu me transformei nessa pessoa que hoje está aqui e pede humildemente a união de todos para que não falte alimento, abrigo, assistência médica, e quero em especial participar com os índios, com as crianças, na plantação de mais árvores na região. Vamos, juntos, providenciar a compra de mudas, para que eu levante todo dia confiante nas pessoas que me cercam e, pelo menos um dia da semana, quero tirar para plantar, até antes do almoço, o máximo de mudas possível.

Eu olhei naquela noite para o céu, ouvi uma voz que me alertava e dizia que era melhor estar cercado de amigos do que desses inimigos que eu havia acabado de ver.

Dois dias depois, tivemos a visita daqueles demônios de terno preto, que quase mataram o meu filho.

Naquele momento, houve um espanto coletivo dos convidados.

— Sinto que virá uma grande seca e, se não nos aliarmos com os maiores conhecedores da terra, os índios, não saberemos o que fazer com todos esses hectares de lavoura arriscados a incendiar e a matar todos nós. Portanto, para encerrar, quero deixar aberta, a partir de hoje, a proposta para criarmos uma comissão unida para lutarmos contra esses “inimigos da vida aqui na Terra”.

George Linch, que antes já havia ligado a abdução do menino Kami pelo OVNI à abdução do profeta Elias indo para os céus

na carruagem de fogo, ligou também a “visita” e a ameaça dos homens de terno preto buscando a câmera de Larissa com a passagem da Torre de Babel. Esses dois fatos bíblicos, embora tenham veracidade e caráter cultural em tempo diferente, foram a causa maior de sua radical redenção e mudança de hábitos, acreditando ser ele o remissor, cômico do novo fato.

Ele demonstrou tanta sinceridade em sua nova posição que usou inconscientemente o bordão “inimigos da vida aqui na Terra”, criado pelos líderes indígenas, que fez a índia exclamar:

— Me lembrei da grande reunião em 2016 na aldeia Kamaiurá, quando nós nos conhecemos, e a carta de Ailton Krenak — relembrou Kunhahendy, virando-se e sorrindo para Obajara, que se limitou a olhá-la.

Após a fala de George, foi servido um jantar para os convidados e o clima ficou meio taciturno. Obajara e Kunhahendy foram até Cleber para saber mais detalhes sobre os homens de terno preto. O índio lembrou-se de que “esses homens” o estiveram procurando quando houve a “autocombustão” do homem de chapéu no garimpo, há mais de um ano. Estiveram em Barra do Garças com Josino, comandante da Polícia Federal, e também no Ministério do Trabalho, quando Sônia estava lá.

— Sou Obajara. Eu também estava aqui naquele dia — disse o índio, apresentando-se.

— Eu me lembro do senhor e até o filmei saindo com ela do Jeep, apontou para a índia

— carregando a doutora ferida — confirmou Cleber para Kunhahendy, que estava junto.

— Eu vi na projeção, mas gostaria de ver mais detalhes da gravação, caso não for inoportuno — pediu o índio ao rapaz, o qual se mostrou de boa vontade e o convidou:

— Pois não, senhores! Querem vir até o computador maior, que está no meu quarto?

— Eu te agradeço.

Cleber então pediu para os dois índios acompanhá-lo, e seguiram se esquivando dos convidados e pedindo licença até o quarto. Chegando lá, Cleber ligou o computador, colocou o pendrive, localizou a gravação e logo apareceram as cenas do Jeep entrando meio rápido e estacionando, o capataz José Farias indo em direção dele, que estava carregando o corpo de Sônia ferida, mas ainda com vida. Havia um fade out de dois segundos para, em seguida, passar para a cena do menino Kami correndo, a qual ele já havia visto na tela do salão.

Obajara pediu pra ele uma cópia da gravação e disse que a levaria até a polícia técnica, para olhar melhor o detalhe dos dois segundos do fade out.

Com muita boa vontade, Cleber pediu o iPhone dele e passou toda a gravação para o aparelho. Ele agradeceu, os quatro voltaram para o salão e notaram que as pessoas já estavam um pouco mais animadas e conversando.

Quando se aproximaram de Jaime, apareceu Larissa, irmã de Cleber, que estava muito bonita num vestido vermelho, e a índia sentiu sua energia ao se apresentar:

— Sou Larissa. Eu me lembro de vocês daquele dia. Vejo que foi falar com meu irmão em particular — pontou a bela mulher, sorrindo e apertando a mão dos três.

— Fui apenas pegar uma cópia da gravação, onde nós aparecemos — disse Obajara, sorrindo.

— Ela estava gritando e chorando vendo a doutora ferida — lembrou-se, apontando para Kunhahendy, que salientou dizendo:

— Eu estava transtornada naquele dia. Alguns minutos antes, já havíamos sofrido o atentado na estrada. Depois, tudo aquilo que aconteceu aqui na fazenda... O menino era agarrado comigo e a doutora Sônia era mais que nossa amiga — afirmou a índia, deixando transparecer um ar de melancolia.

— Se não se importa, gostaria de conhecê-los melhor em outras ocasiões, pois eu e o meu irmão Cleber éramos amigos também da doutora Sônia — propôs Larissa, sorrindo e pedindo o contato da índia, que o passou pra ela também sorrindo.

Obajara pediu licença às duas e fez sinal para Jaime, o qual o seguiu para fora do salão para conversarem, adiantando que já tinha a cópia da gravação. Larissa e Kunhahendy ficaram no salão conversando e trocando elogios femininos:

— Que cabelos lindos você tem! — exclamou Larissa, tocando as madeixas da índia, que também retribuiu:

— Esse louro dourado seu também é fascinante, Larissa.

— Eu senti muito pela morte da doutora, naquela noite. Conhecia-a lá do Ministério. Uma semana antes, eu havia conversado com papai a respeito dos novos empreendimentos que queríamos fazer aqui na fazenda, então me lembrei de que, se a ideia dele era trazer pessoas de fora pra trabalhar e sabendo desse controle que agora o governo possui, íamos tropeçar nas leis trabalhistas, daí sugeri a ele que consultasse Sônia, de um modo informal e agradável aqui em casa, pois seria também um meio de conhecê-la melhor — deu uns segundos na fala e logo concluiu: — Ninguém esperava tal tragédia, eh Kunhahendy?

— Eu ainda estou abalada, pois foram duas perdas, visto que o menino também desapareceu, não é mesmo, Larissa?

— É! O que será que foi feito do menino, não é mesmo?

— Talvez ele apareça em algum lugar, em outro tempo — auspicou a índia.

Obajara voltou depois do colóquio com Jaime, os dois se juntaram e se despediram de George e de seus filhos. Jaime também fez o mesmo, deixando passar um minuto após a saída dos índios para não despertar suspeitas. Assim que os dois carros estavam na BR, eles emparelharam e Jaime disse que estava na pousada Palhoça. Marcou com ele uma conversa

para o outro dia de manhã para melhor esclarecimento, pegar novas instruções e o *chip* do iPhone no qual estava a cópia da gravação de Cleber. Jaime pretendia ir embora no outro dia ao final da tarde. Tudo combinado, eles se distanciaram; o Coronel foi à frente, enquanto Obajara e Kunhahendy mantiveram uma velocidade menor até o carro de Jaime desaparecer na BR.

19º Capítulo

Confronto com os homens de terno preto e o estranho objeto

— Trouxe o iPhone e o chip? — perguntou Jaime para Obajara, tomando café sentado na mesa do hotel, de óculos escuros e vendo o índio se aproximar da sua mesa.

— Sim, aqui está, senhor! — respondeu o índio, tirando do bolso o chip e o aparelho, colocando os dois objetos em cima da mesa.

— Então vamos destruir logo o aparelho. Espero que você não tenha feito nenhuma ligação depois da cópia — falou Jaime, olhando sério nos olhos do índio, que respondeu de imediato:

— Não senhor! Logo que gravei, desliguei-o, tirei a bateria e está até agora assim. Não recebi e nem fiz nenhuma chamada depois da gravação.

— Espero que sim, Obajara, porque os *backers* de *back door*, atualmente, estão muito eficientes e, se aqueles homens de terno preto ficarem sabendo que havia uma cópia, voltarão lá na fazenda para resgatá-la e garanto que não serão tão cor-diais como da última vez.

— Eu sei disso! O Cleber é um hacker muito esperto. Fez a cópia num velho pendrive, da marca Kingston, e deixou-o fora das suas coisas. O rapaz parece que intuiu sobre a busca dos homens de terno preto e se precaveu.

— Eles ficaram sabendo por causa do back door que todo aparelho tem e, no caso dele, foi a filmadora usada na hora do acontecimento — observou Jaime, já guardando os dois objetos e adiantando quais seriam os próximos estágios da investigação

da gravação que estava no chip. — Vou levar esse chip para Rondônia, mas vou também copiá-lo para, depois, entregá-lo ao General, o qual fará a investigação com mais técnica. Caso ele me informe o teor de tudo isso, falarei com você pessoalmente, esteja onde estiver... Combinado?

— Claro, senhor!

— E a “Guarani”, é de confiança? — perguntou Jaime, referindo-se a Kunhahendy.

— Sim! Ela é antropóloga, muito esperta e não faz muita pergunta. Já me ajudou a sair de várias situações difíceis, como também a falecida doutora Sônia, que me ajudou a sair da prisão há um ano. Éramos um trio também de erotismo, como somos eu, você e Rosana em Rondônia, e nunca houve qualquer tipo de problema — esclareceu Obajara, tranquilizando o Coronel.

— Por falar em Rosana, ela engravidou naquela noite, lembra-se? — contou Jaime, olhando sorrindo para o índio, que ficou surpreso e boquiaberto.

— Verdade, Senhor? E... E...co...como ela está? — gaguejou o índio, muito emocionado.

— Está bem, nós estamos bem. Minha filha Soraia está muito alegre, pois vai ter o irmãozinho que tanto quis, eu serei pai/avô e você será o “tio amado”, até que tenha maturidade para saber do verdadeiro pai, que tal?

Quando a criança nascer, eu te avisarei, porque talvez você vá ter que ficar aqui por mais alguns tempos, não sei! Vai depender da resposta do Estado Maior, que me informará hoje à tarde, visto que terei que viajar amanhã cedo. É a situação do momento.

— Aguardarei então suas ordens. Vou agora comprar outro aparelho, habilitá-lo com novo chip e novo número e logo mandarei pra você — anunciou e se despediram com um aperto de mãos.

Essa surpresa da gravidez e a mudança de roteiro repentina deixaram Obajara pensativo. Quando voltava para o centro da cidade, lembrou-se de que estava sem munição para sua pistola e foi até a loja comprar. Não sabendo exatamente onde era, deixou o Jeep estacionado na área central da cidade e saiu andando a pé. Depois de caminhar alguns minutos, encontrou a loja numa esquina perto do hotel Serra Verde, onde estava hospedado com a índia. Entrou, mostrou o porte de armas e logo foi atendido, carregou a sua arma e, saiu de novo pra pegar o carro, mas pensou em chamar a índia para caminhar um pouco e foi até o hotel, a uns cem metros dali.

Quando chegou ao saguão do hotel, viu duas pessoas sentadas parecidas com estátuas. Olhou para a recepcionista, de olhos arregalados e com o telefone na mão, paralisada.

Sentiu que acontecia alguma coisa, então sacou sua pistola e subiu devagar a escadaria para o segundo piso. Escutou um barulho vindo do seu quarto. Chegou mais perto, escondeu-se atrás do carrinho da faxineira no corredor e viu os dois homens de terno preto levando Kunhahendy como se ela estivesse hipnotizada, como uma sonâmbula.

Com receio de disparar e acertar a índia, ele continuou quieto até passarem por ele. Quando estavam no meio da escadaria, com Obajara atrás e acima deles, era a oportunidade certa para agir, então ele mirou de perto e disparou ferindo um deles no ombro. O segundo soltou a índia, que caiu na escadaria, e tentou acertar o índio com sua arma de raio paralisador, mas ele pulou para o lado e disparou. O outro ficou ferido no braço, mas disparou várias vezes a sua arma que fez com que o índio fosse impactado pelo deslocamento de ar, sendo atirado alguns metros do local. Quando ele recobrou do tombo, viu o outro saindo e levando o companheiro também ferido, para fora do hotel. Obajara correu para ver como estava Kunhahendy que continuava caída na escadaria.

— *Ob! Cbe roraijbu nde neípa?* (Oh! Meu amor, você está bem?) — perguntou em guarani.

— *Aiko katú!* (Estou bem!) — respondeu a índia, abrindo os olhos oblíquos e sorrindo.

Todo ser humano, quando sobrevive a um acontecimento perigoso, tende a falar no seu idioma nativo ou com seu sotaque regional.

Naquele momento, as pessoas que estavam paralisadas despertaram e o telefone caiu da mão da recepcionista, que ficou sem entender nada. Os outros dois acordaram também na mesma situação. Obajara foi descendo até o saguão abraçado com a índia, quando viu caída no chão uma espécie de caneta. Logo percebeu que foi deixada pelos homens de terno preto; pegou-a e guardou-a consigo.

A faxineira apareceu na escada do primeiro piso e disse que passou mal e desmaiou quando estava limpando um dos quartos. Obajara, vendo que ninguém chamara a polícia, não contou o que houve para não assustá-los, pediu uma garrafa de água à recepcionista, deu para a índia beber, para reanimá-la, e saiu com ela para pegar o Jeep e comprar o novo celular, que ele havia esquecido. Foi até a loja e resolveu ligar para Jaime; disse-lhe que estava indo lá para falar com ele sobre o acontecido.

Jaime ainda estava na mesa do café fazendo ligações correio com a família, quando o índio e a índia chegaram e se sentaram. Ele ainda continuou falando e desligou.

Depois de contar o que houve, ele mostrou o aparelho parecido com uma caneta. Jaime olhou-o sem acionar nada e depois fez o seu diagnóstico de agente militar:

— Nunca vi nada parecido com isso na minha vida. Vou pedir para um perito averiguar isso agora, pois, pelo que sinto, eles virão atrás desta coisa e vocês estão correndo perigo

— preocupado, o Coronel os convidou para subirem ao seu apartamento no hotel.

Ao chegar lá, Jaime abriu a janela, que dava vista para a rua da entrada do hotel, e baixou a veneziana. Pediu para a índia ficar vigiando enquanto ele falava com o perito pelo seu tablet, porque precisava mandar uma foto do estranho objeto.

— Você ouviu alguma coisa quando eles abordaram você?
— perguntou Obajara à índia, enquanto Jaime estava tratando com o perito.

— Um deles perguntou por você, falando o seu nome com uma voz meio magnética, parecendo de um jogo eletrônico — ela respondeu, sem tirar os olhos da fresta da janela.

— E o que você disse?

— Disse que você não estava, então um deles me mandou ligar para você. Eu tentei, mas seu iPhone estava desligado. Vendo que eu estava dizendo a verdade, o segundo me hipnotizou e disse que me levaria para o carro e esperaria você chegar. O resto você já sabe.

Terminando a checagem à distância com o perito que estava em Brasília, o Coronel disse que o mesmo mandaria um perito de Barra do Garças imediatamente buscar o objeto, pois não havia como saber nada de lá, porque o tal objeto não pertencia a nenhuma fabricação conhecida, mas veio a ideia de que talvez fosse instrumento ou algum tipo de arma secreta de países do chamado “eixo do mal”.

Dali a uma hora e meia, chegou de drone um perito da Polícia Federal e foi diretamente ao hotel para se encontrar com Jaime e pegar o objeto. Ao chegar, apresentou-se ao Coronel, mostrando-lhe seus documentos.

Jaime apresentou o agente Obajara para o perito como o responsável pela captura do objeto. Enquanto conversavam à mesa do quarto e o perito analisava boquiaberto o estranho

objeto, a índia chamou a atenção dos três, porque viu um carro preto estacionar do outro lado da rua com dois homens de terno preto exatamente iguais aos que foram ao seu apartamento, pouco mais de quatro horas atrás.

Num ímpeto, Jaime, Obajara e o perito foram até a janela e constataram que eram eles. Prepararam-se para o confronto, mas os dois homens não mostraram que pretendiam entrar no hotel. Eles pegaram outro aparelho no carro, colocaram-no em cima do capô e tentaram sintonizar alguma coisa. Depois de alguns instantes, olharam para a janela do hotel como se descobrissem onde estava o objeto e direcionaram para a janela um pequeno radar em forma de ponta de flecha.

Obajara sentiu intuitivamente o perigo iminente e gritou:

— Todos para o chão, agora!

Um raio disparado do aparelho entrou pela janela sem quebrar nada e ligou o objeto que estava sobre a mesa. Ele começou a soltar um ruído e logo explodiu, virando um pó dourado que se espalhou por todo o apartamento. Em poucos segundos, o pó desapareceu, para a surpresa dos quatro. Todos se levantaram para ver de perto. A índia olhou pela fresta da janela e os homens já estavam indo embora, mas ela gravou a placa do carro e avisou os três:

— O número da placa é 0045 – Poder Executivo – Brasília, cor preta.

O perito ligou imediatamente para a Polícia Rodoviária Federal, a fim de interceptar e prender o tal veículo e, em seguida, voltou-se para Jaime e comentou, enfático:

— Se não conseguirmos pegá-los, estaremos na estaca zero de novo.

— Vamos aguardar lá embaixo! Preciso tomar algo. Esta manhã de hoje já foi densa demais! — propôs Jaime, guardando sua pistola no coldre, acompanhado pelo perito e Obajara.

— É, vamos aguardar! — concordou o índio, acompanhando os outros, que já estavam saindo do recinto para o saguão do hotel.

Depois de cinco minutos de espera tomando cerveja, veio uma informação da Polícia Militar para o comunicador de pulso do perito, dizendo que tinha ocorrido, há poucos minutos, um confronto entre um carro preto e a barragem da Polícia Rodoviária Federal na saída da cidade, e que uma das viaturas de policiais que estava de volta pela BR-158 encontrou o posto incendiado e os policiais paralisados como estátuas.

— Nossa possibilidade foi-se! — comentou o perito e disse que estava voltando para Barra do Garças. Como testemunha do fato ocorrido, informaria diretamente os seus superiores.

Jaime, Obajara e Kunhahendy despediram-se dele apertando as mãos. Já eram quase 12h00 e Jaime também achava estranho porque, até aquela hora, não recebera nenhuma instrução do General. Então, ele propôs para os índios que almoçassem juntos na churrascaria Avenida, e seguiram de Jeep para lá.

— Gostei do desempenho dessa “guaranizinha” — afirmou Jaime, sorrindo para Kunhahendy, que também retribuiu o sorriso.

— Como eu te disse, Coronel, ela já me ajudou muito por causa dessa sua esperteza índia — corroborou o índio, passando mão nas madeixas da índia, que continuava sorrindo.

— Que tal treiná-la na Brigada? Deve ter, no máximo, 20 anos, e com essas experiências que já teve com você, não será complicado para ela — propôs Jaime, olhando para a índia.

— Eu gostaria! Afinal, sou antropóloga e minha infância foi na floresta. Embora tenha nascido e sido registrada no Paraguai, já tenho Modelo 19 como cidadã brasileira. Todo o tempo em que observei Obajara manejar a sua arma, fiquei fascinada. Eu quero, sim senhor, Coronel Jaime! — disse a índia com tal fervor e convicção que até Obajara se surpreendeu.

— Daqui a dois meses, será criada uma nova unidade de

treinamento chamada “Angelina dos Santos Ramires”, em homenagem à primeira militar mulher a ocupar o cargo de Coronel da Polícia de Rondônia e a primeira da América do Sul. Então, eu te indicarei para o treinamento de agente feminino, colocarei o seu nome para ser chamada e você aguardará o aviso para começar — disse Jaime, apertando a mão da índia.

— Estarei aguardado o seu chamado em Ponta Porã, senhor, pois tenho que ir lá para cuidar das minhas outras coisas com meus irmãos.

O Spot de comunicação via satélite do Coronel tocou e ele pediu licença para atender. Sabendo que era o General, levantou-se e foi até o banheiro para ouvir as instruções.

— Já te amava muito, mas confesso que não esperava que você gostasse da vida de militar. Com essa sua decisão, agora, me deixou mais feliz e, acima de tudo, mais seguro. Ter junto a mim uma índia tão bonita e treinada quanto eu, é acordar num *aguyjbe*⁴ — esclareceu Obajara sorrindo, olhando e segurando a mão de Kunhahendy em cima da mesa.

— Lembra-se daquele dia em que falamos com o velho pajé Guarã, lá em Nova Xavantina, e que ele pediu pra você e a nossa querida Sônia saírem? Então, ele falou algo no meu ouvido, lembra-se?

— Sim, eu me lembro! Ele falava num Munduruku do tronco mais antigo do *Avanhe-ê* (fala do homem). Eu consegui ouvir, porém não entendi nada. Por quê? — perguntou a índia, com a testa franzida.

— Guarã me disse que você seria uma grande guerreira. Eu acho que as palavras dele já começaram a se confirmar com a sua aceitação para o treinamento, não é mesmo, minha gostosa?

— E por que não me contou antes?

4 Local imaginário dos Guarani, como se fosse o paraíso.

— Desculpe-me, eu não podia, porque o que ele disse também se referia à nossa Sônia, que ela iria morrer logo e que nós iríamos cuidar de Kami. Mas, com o desaparecimento do menino, não sei em que situação nós cuidaremos dele, não é mesmo? — esclareceu o índio, com um acento de dúvida.

— É! Eu não sei! Mas sinto que ele deve aparecer a qualquer momento, algo me diz isso — conjecturou a índia. — Quanto à minha decisão para o treinamento, isso eu não posso negar, pois estou tão convicta... — ponderou, sorrindo.



Quando a ausência afetiva diminui sua corrosiva ação abismal, a alma humana, que se encontra à beira do precipício, atira suas cordas para o outro lado do desfiladeiro e o ímpeto da volta à vida, recarrega suas baterias, para que o mutilado possa sair da beira do abismo e recomeçar tudo, partindo da sublimação do recém-ferimento para uma nova auréola de magnificência. Mais tarde, a cicatriz do ferimento se tornará apenas uma lembrança já adocicada pela nova situação, e essa antiga mutilação e a dor sofrida se tornarão um conceito de superação.



O Coronel Jaime voltou meio sério, sentou-se de volta à mesa e pediu licença para Kunhahendy, porque queria falar em particular com Obajara.

A índia se levantou e foi até a saída do recinto. Sentou-se lá fora, aguardando o colóquio dos dois militares. Jaime se voltou para o índio, falando num tom sério:

— Você vai ter que ficar aqui e tomar cuidado redobrado,

porque a proposta do senhor George Linch para a região despertou intriga em outros ruralistas da região e talvez vão querer matá-lo, porque são contrários à atitude dele em se unir com os menores. Você terá que dar um jeito de ficar bem próximo da família para protegê-lo, porque, conforme o alerta do General, não vai ser fácil essa missão sua. Ele disse que vai mandar mais dois agentes para te dar suporte e pediu-me para instruí-lo caso as coisas fujam do controle, e também para você falar diretamente com ele se precisar, entendido, meu querido?

Não quero que “nosso menino que ainda não nasceu” fique sem conhecer o seu verdadeiro pai — disse, referindo-se à gravidez da esposa.

Apertou a mão do índio e se levantou da cadeira, pedindo para chamar a índia, pois queria se despedir dela e seguir para o aeroporto de Água Boa. Ele havia transferido sua volta para outro dia, porém resolveu que tinha de voltar mais cedo para Rondônia.



Dias depois, Kunhahendy também se despediu de Obajara e o índio ficou sozinho em Água Boa, pois tinha uma missão que não lhe dava o direito de falhar.

A redenção decisiva do senhor George Linch foi vista na esfera federal como o melhor acontecimento desde o Plano ABC (Agricultura de Baixa Emissão de Carbono) de 2011 – um protótipo que acabaria de vez com o problema social pertinente desde a metade do século passado. Era uma proposta solidária, ao mesmo tempo socialista, que poderia ser seguida por toda a contingência econômica e diversificada da região, que incluía os produtores rurais, os índios e os pequenos posseiros, e que diminuiria substancialmente a assistência obrigatória do governo para com a região.

Mas sempre há, no meio de uma *transformação*, aquele “diferente, que não vê todas as cores do arco-íris”, ou acha que esse fenômeno da natureza deve ter a sua cor preferida.



A transformação é uma brincadeira de esconde-esconde entre o tempo e a realidade. É como o tique-taque surdo de um relógio no porão escuro de uma casa na periferia de uma cidade grande.

É a surpresa alegre que a menina gordinha adolescente tem quando vê, num espelho grande, que já começou a nascer pelos na sua púbis. É também o momento desagradável do homem coroa e obeso que, há muito tempo, não se olhava no espelho e vê que seus pelos púbicos estão grisalhos, assim como estão diminuindo os poucos pelos da sua cabeça, ou ainda – o pior de tudo – que seu pênis parece ter ficado menor.

É o impacto frio do “rompimento do hímen do marido de um casal apaixonado recém-casado”, quando percebe que aquela bela fêmea com a qual explorou prazeres por alguns meses, ou até anos, está com o ventre alterado pela primeira gravidez e que chegou o momento de romper com a legalidade do contrato categórico e arrumar “a outra”, porque “essa” está prestes a sofrer a óbvia transformação e se tornar a “mãe de seus filhos”.

Se olharmos direito esse fenômeno, veremos que a transformação é o único aspecto abstrato que nunca dorme, que nunca se repete, que nunca se ilude. É a sugadora da perplexidade e da ilusão, aliás, é ela que determina o tempo de toda quimera. Porém é ela também que nos alerta e nos desperta para a consciência da realidade, embora às vezes a concebamos tarde, mas nunca falha.

Às vezes, a transformação é o momento tragicômico de um homem sexagenário que se decepçiona quando está diante de uma linda mulher deitada de quatro esperando um pênis duro para satisfazê-la em qualquer um dos seus dois deliciosos orifícios e ele está entortando na entrada ou “pingando e olhando para o chão”.

Permeia também como pedra-de-toque, num depressivo réu confesso da personagem Chantal do romance “A Identidade”, de Milan Kundera, quando a mulher madura diz: ‘É, os homens não se viram mais para olhar para mim’.

Não há como fugir da transformação, porque sem ela não seremos humanos, não conheceríamos limites e estaríamos fadados a morrer ou a nos metamorfosear, porque estaríamos expostos à brisa mortal da oxidação anacrônica ou da superestimação da fartura, como o peixinho dourado do aquário, que come muito e acaba morrendo, ou então seríamos um “mutante consciente”, como o personagem Gregor Samsa do romance “A Metamorfose” de Franz Kafka.



Obajara sabia que esse ser antrópico e diferente, que tem “preferência pela cor do arco-íris, somente uma, para seu gosto”, é um polvo. E esse polvo, que estava “longe das profundezas marinhas”, não suportava nem sentir o cheiro da *transformação*.

Era o novo inimigo que ele teria que enfrentar, porque essa fera mostrava-se pior do que os homens de terno preto e já começara a movimentar os seus tentáculos, no Araguaia e no Xingu, que mostrava diversas caras, mas só tinha uma cabeça, sem nenhuma face.

Parte 3

20º Capítulo

Começa o prelúdio de uma “sinfonia drástica”

O Araguaia e o Xingu são duas regiões onde palpita o coração da América do Sul. Não se sabe quando foram povoadas. Esse mistério é comum tanto para quem se originou delas quanto para os que vivem lá. Imagine então para quem tentava e queria saber coisas de lá.

Em 1877, estive no local o etnólogo alemão Karl von den Steinen com sua expedição etnográfica e registrou, nos seus estudos, os mesmos mistérios: por que vários povos foram para lá em todas as épocas, até mesmo os Aruaques do Caribe, primeiros índios que tiveram contato com o navegador Colombo, em 1492.

É um dos grandes mistérios que a região guarda. Parece que existe um mandala sincronizado no inconsciente coletivo de todos os povos indígenas e de outras pessoas que buscam algo mais profundo no mistério insistente em querer estar vivo, e lá parece ser um vórtice ou um portal para suas buscas.

Mais tarde, precisamente em 1946, os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas chegaram lá e foram considerados pelos índios como “avatares” que chegaram para ajudá-los a proteger a região. É sabido que foram eles que conseguiram demarcá-la para barrar a “marcha do progresso” dos posseiros sulistas, que viram a região como o “velho oeste brasileiro”, apoiados, nos anos 1970, pelo governo federal da ditadura militar da época.

Mesmo com todas essas vicissitudes, eles conseguiram fundar, em 1961, o Parque Nacional do Xingu e aumentar sua área, em

1968, para 30 mil quilômetros quadrados, que os povos indígenas tentam manter, com muito sacrifício, até os dias de hoje.

A região já era um vórtice de mistérios, mas, quando aconteceu o desaparecimento do inglês Coronel Percy Harrison Fawcett e sua comitiva, no ano de 1925, na serra do Roncador, o que mais tarde inspirou a série Indiana Jones, produzida pelo grande cineasta americano Steven Spielberg, cujo protagonista foi personificado nas telas pelo ator Harrison Ford, praticamente a região se consolidou como ponto numinoso.

No final dos anos 1960, o governo da ditadura militar do Brasil voltou seu olhar para o Araguaia e o Xingu. Grandes grupos empresariais investiram em agropecuária naquela área, com o financiamento da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), em nome do programa federal militar, que levava como slogan: “Integrar para não entregar”, e que sofreu desgaste e estagnação ao longo da década.

No meio disso tudo, no final do século passado, foi criado o “Discoporto”, um implemento de cunho turístico-futurista aprovado pela Câmara de Barra do Garças e sancionado pelo então prefeito na época Wanderlei Farias, projeto do correligionário político, cartorário e escritor Valdon Varjão, que defendia a ideia de fazer o local ser roteiro para esoterismo e misticismo, aproveitando a auréola que compunha o mistério do local.

Na década de 1970, começou a chamada “Revolução Verde” em todo o mundo. Foi o período mais tenebroso que já houve na história da região, porque foram para lá, com toda força de vontade, os grandes agricultores com pouco estudo, a maioria inconsequente, com pouca cultura científica, muito menos com senso humanista. Com eles, chegaram também os agrotóxicos e fertilizantes, do qual se orgulhavam. Achavam-se politicamente corretos e conscientes da sua ciência fatorial em querer dominar a natureza e “produzir alimentos para o mundo”.

Logo que eles se infestaram na região, foram para lá os novos pecuaristas, com suas devastações e a criação do chamado “gado confinado”, na qual o animal é submetido a deixar de comer capim natural para consumir produtos dos agricultores e também o pasto produzido à base de fertilizantes.

Hoje, a região é conhecida como área da “pecuária de corte” e a carne produzida lá é considerada a melhor do Estado, porém a mais duvidosa em nível de qualidade de vida, perdendo só para o frango de granja.

A maior nojeira foi a do cultivo da transgenia chamada Soja RR Intacta Pro (Roundup Ready), que praticamente provocou um colapso nos solos da região, que hoje não servem para nenhum tipo de cultivo natural, desencadeando o aparecimento de pragas jamais imaginadas pela própria ciência.

Nas três décadas seguintes, toda a região foi massacrada pelas ideias dos “inimigos da vida aqui na Terra”, como proclamou o grande líder indígena Ailton Krenak.

A ruptura e o vácuo que se criaram entre o homem e o meio ambiente começaram quando ele desenvolveu maquinário agrícola de alto poder tanto de devastação das florestas quanto da automação para plantio e colheita. A terra deixou de ser tratada como algo vivo para ser vista como meio de enriquecimento rápido. Por outro lado, proliferou-se o espírito da imensidão de monocultura e o verde das lavouras, chamadas no sul do país de “leras plantadas”. Tornou-se a alegria dos empresários rurais, visto que, nos anos 1980, até em comerciais de fertilizantes ou de outros insumos, mostrados na TV, aparecia o produtor rural sorrindo, olhando as grandes “leras plantadas” e falando consigo mesmo que só estaria satisfeito quando chegasse o dia de pegar todas aquelas “leras e colocá-las no seu bolso”.

Essa nova hegemonia antropocêntrica desenfreada, construída e desenvolvida logo após a 2ª Guerra Mundial, enxertou várias

auréolas de agregados mais truculentos de toda a história da agricultura: a transgenia e os insumos agrícolas. Pior do que isso só mesmo a “indústria genocida da medicina farmacêutica” da Organização Mundial da Saúde.

A terra para eles virou apenas o palco onde acontece a sua “tragédia megalomânica capitalista insana”. O dono das lavou-
ras não participa de mais nada, apenas preocupa-se em fazer sua venda virtual da próxima safra ignorando o que se passa no solo, subsolo, nos rios e nas matas ciliares, submetidos ao seu imponente manejo avassalador para extrair o lucro fácil, tal como faz um garimpeiro moderno hoje.

Para alguns estudiosos dessa transformação sociocultural-rural, conhecida como “Revolução Verde”, esse afastamento do ser humano da terra criando um novo *modus operandi* deixa de reconhecê-lo como agricultor ou agricultura para ser conhecido como se autodenomina hoje: agronegócio ou, melhor dizendo, agente de negócio agrário.



Quando começou o projeto da união fraterna proposta por George Linch, ele também mudou seu ponto de vista acerca da vida que levava antes: pelo menos uma vez por semana, como havia proposto, ele se levantava cedo e ia com o capataz José Farias até as terras do riacho pertencente ao posseiro Malaquias e ao índio José Xavante levando, na carretilha atrelada à caminhonete, várias mudas de árvores nativas da região para plantar junto com as crianças dos índios e dos posseiros. Foi um meio que ele encontrou para interagir e conhecer melhor o outro lado social da região e dos seus vizinhos.

Como era de costume, quando George chegava na entrada da pequena propriedade, as crianças já o estavam esperando

numa Van. Então, ele e o capataz desciam da caminhonete e as crianças os saudavam com alegria. Para George, também era uma satisfação esse exercício de humildade: aprender com as crianças o nome de cada espécie somente olhando para os brotos, pois as mudas estavam sem etiqueta.

Enquanto ambos entravam na Van e seguiam para o local onde começaria o trabalho de reflorestamento, o alarido das crianças em torno de George fez com que ele sorrisse brincando com elas, deixando fluir o mais importante de todas as virtudes do ser humano, a compaixão e a ternura.

Já ia para quase um ano que essa prática estava sendo executada e, a cada dia, mais crianças de outras propriedades eram recrutadas nesse mutirão de benevolência e retorno ao que dá a manutenção da vida, a terra.

Nessa sua ação com as crianças, George voltava a sentir de novo a energia do chamado *homo in natura*, que nos primórdios da formação do fenômeno humano desenvolveu-se em todos os cantos do planeta, o homem da terra, o lavrador, aquele que trabalhava com toda a família e parentes de sol a sol com alegria para produzir alimentos para seu consumo e fazer a troca com outros que precisavam do seu produto, e vice-versa.

Esse estágio da história da agricultura foi tema de romances, peças de teatro, musicais e, no começo do século XX, grandes produções de filmes foram feitas mostrando, no seu teor maior, o amor pela terra, o que encantou plateias do mundo inteiro. Essas histórias mostram o ser humano vivendo e convivendo em função da natureza e não ao contrário, como se configurou depois, na segunda metade do século passado.

George e o capataz José Farias estavam lá com as crianças fazendo buracos, enquanto outras o ensinavam como era a muda de buriti, que nomeou sua fazenda, e o jatobá, o cumbaru, a castanheira, etc.



Longe dali, dois olhos no monitor de um computador também acompanhavam o desenrolar da sua ação através de uma câmera com uma super lente sincronizada num drone de pequeno porte e estacionado no alto, capaz de captar e transmitir qualquer movimento, até mesmo de um minúsculo animal se esgueirando no mato.

Esses dois olhos eram de um novo funcionário da fazenda Xingu, contratado após o atentado no qual a doutora Sônia Otahime, funcionária do Ministério do Trabalho de Água Boa, fora assassinada e em que o ex-gerente da fazenda, o senhor Garcia, fora indiciado, julgado e preso como mandante do crime.

A matriz em São Paulo enviou um novo gerente para administrar a fazenda, mas, quando ele, senhor Murilo, chegou, informou a matriz acerca da nova ideologia do seu vizinho, o senhor George Linch, proprietário da fazenda Buriti. O grupo proprietário da matriz de São Paulo se uniu com outros simpatizantes da região contrários a George Linch e com o mesmo ponto de vista deles, e montou um aparato de espionagem e informação com a base do Quartel General, em comum acordo, na fazenda Xingu. Então, contrataram um rapaz novo chamado Carlos Rizzo para cuidar da vigia e avisá-los.



Era sexta-feira à noite. Há uma hora, Larissa havia chegado à balada e esperava o irmão Cleber, que lhe disse que viria logo. Ela pediu mais uma bebida e continuou sentada distante da pista de dança, ouvindo o som alto que parecia não envolvê-la.

— Oi bonitona, posso sentar nessa mesa? — disse uma voz calorosa na sua retaguarda.

— Eu acho que sim! — respondeu Larissa, meio desanimada.
— Estou esperando meu irmão — ela disse e olhou no relógio, conferindo para quem dera a permissão.

Estava meio escuro e as luzes da pista de dança refletiam-se no rosto das pessoas como uma sequência de flash fotográficos alternados.

— Faremos um trato: ficarei aqui até ele chegar — propôs o negro, que já arrumava a cadeira e se sentava, sorrindo para ela.

— Eu me chamo Tony, sou de Brasília e cheguei ontem aqui em Água Boa. E você?

— Larissa! Sou daqui, ou melhor, vim para cá menina. Sou de Santa Catarina, mas me considero daqui — sorriu de modo cativante e Tony se encantou.

— Gostei da sua real postura, bonita, pouca pessoa gosta de se autoexplicar — elogiou, elevando a mão para alcançar seu copo de whisky levantando-o e brindando: — Ao nosso primeiro encontro; espero que não seja o único e histórico — brincou e levantou o copo junto ao dela.

— Sabe que você me animou? Trabalhei demais hoje e já estava com vontade de ligar para meu irmão e dizer que tô indo embora pra casa dormir, afinal amanhã é sábado e estarei mais animada pra estar numa balada.

— Bem, pelo menos prestei hoje pra alguma coisa — disse Tony, sorrindo para ela.

— E você, também teve muitos problemas hoje?

— Problemas até que não, mas ficar o dia todo aguardando uma pessoa e ela não chegar e nem comunicar é uma proeza anacrônica em nossos tempos, não é mesmo?

— É o mesmo que eu estou sentindo agora, esperando meu irmão — afirmou Larissa, fazendo sinal para o garçom trazer mais duas doses e já ligando seu comunicador de pulso para falar com o irmão.

Logo que Cleber atendeu, ela foi perguntando se ele ia ou não. Ele pediu desculpas e disse que houve um imprevisto e que não poderia ir. Ela desligou o aparelho e acompanhou a chegada do garçom com os dois copos de whisky.

Tony sorriu e brincou com Larissa, dizendo:

— Pelo que ouvi, agora somos só nós!

— É! Não sei o que ele e meu pai estão fazendo, mas vou deixar uma mensagem pra ele — deu um clique no comunicador de pulso, levantou seu copo, sorriu e brindou com Tony.

— Vamos dançar, bonita? — propôs o negro.

— Prefiro não! — respondeu Larissa, propondo-lhe ir a outro lugar para conversar longe do som alto da balada. Eles então pagaram a conta, saíram para o estacionamento e ela lhe disse que não queria dirigir, porque não gostava de dirigir à noite, então Tony deu risada e disse:

— Encaixou bem! Eu vim a pé; deixei meu carro no hotel.

Dentro da caminhonete, ele perguntou onde ela queria ir.

— Qualquer lugar! — respondeu ela, passando a mão nas coxas de Tony, olhando pra ele sorrindo.

Ele, então, perguntou-lhe olhando-a e passando a mão nos seus lindos cabelos loiros, que brilhavam com o reflexo da luz dos postes:

— Tá pensando a mesma coisa que eu? — insinuou Tony, com ar de cúmplice.

— Tô! E quero logo na saída da cidade, na beira de um riacho. Não gosto de motel — respondeu Larissa, beijando o rosto de Tony, que ficou perturbado e fez o carro andar em ziguezague sem querer.

— Você trabalhou muito e eu tomei “chá de paciência” hoje, mas parece que você está mais impaciente do que eu — disse ele, sorrindo e abraçando-a.

Quando chegaram perto do lugar, Larissa fez um sinal com

a mão para Tony entrar na picada. Ele entrou, estacionou meio de qualquer jeito, pois Larissa já havia tirado seu pênis para fora e o chupava com todo frenesi.

— Calma, bonitona, eu também quero te chupar, gostosa — disse ele, tirando o rosto dela da sua pelve e beijando-a também com muita excitação.

— Faz quase seis anos que trepei com o último negro lá em Brasília, quando fazia faculdade e agora encontro essa raridade aqui, não posso desperdiçar — disse Larissa, tirando suas roupas já fora da caminhonete, pisando na areia, acompanhada de Tony.

Ela pegou seu colchonete da carroceria, lançou-o ao chão e se deitou nele chamando Tony com sofreguidão. Ele então ficou de joelhos, abriu as pernas da loira e começou a chupá-la, segurando com as mãos suas nádegas, o que a deixou mais excitada. Depois de alguns instantes, Larissa gemeu e começou a gozar, falando com voz entrecortada:

— Ai! Me... Me chupa! Co...como você é gostoso! Estava pre...cisando disso... Ai!

Depois que ela se refez, começou a chupar Tony, que gemia acariciando seus cabelos. Então ela sentiu que ele ia gozar e se preparou para receber a ejaculação na boca. O negro então esguichou tudo na boca dela. Depois que terminou, ela engoliu todo o esperma e sorriu pra ele, o que o deixou mais excitado ficando com o pênis ainda duro. Então, ela ficou de quatro pedindo pra ele penetrar sua vagina. O negro entrou nela com volúpia; ela se sentiu preenchida e começou a gemer até que lhe veio o gozo. Ela gritou:

— Ai! Não pare, enfia com força que tô gozando!

Depois veio a vez de Tony, que pediu para ela mexer que ele ia gozar, então ela recuou a pelve deixando sair o pênis e lhe disse:

— Não! Não goza aí! Tenho medo de engravidar! — e pediu-lhe que gozasse no seu ânus.

Tony tirou o pênis, agachou-se e começou a chupar o ânus de Larissa, que gritou e sacudiu as nádegas para logo gritar pra ele penetrá-la.

Tony foi entrando bem devagar no ânus da loira, que gemia a cada empurrada para logo começar o movimento de vaivém. Depois de alguns minutos, o gozo do negro veio coincidentemente junto a outro gozo inesperado de Larissa.

— Meta forte no meu cu, meu gostoso, que tô gozando de novo!

Vendo à luz da lua cheia o seu pênis entrando e saindo do ânus claro de Larissa e sua linda bunda batendo em seu quadril, ele não resistiu mais e esguichou gritando:

— Ai! Que cu delicioso... Tô gozando também... Ai... Ai!

— Isso! Encha também meu cu de leite, meu amor... Ai... Ai... Ai! — clamou Larissa.

Os dois caíram em estado refratário e adormeceram abraçados.

O som dos carros na BR acordou os dois amantes, que se olharam e deram risada, levantando-se abraçados, pois já era dia e o sol estava começando a clarear o pequeno riacho.

— Oh! Que delícia! Que noite gostosa, eh? Meu negro gostoso... — disse Larissa, beijando Tony, que também retribuiu sorrindo e saindo em direção ao riacho pra se lavar e beber água.

Ele começou a pegar as roupas e coisas deles tiradas na hora em que chegaram naquela noite. Logo que pegou o comunicador de pulso de Larissa, sem querer, acionou o último registro e no monitor apareceu a mensagem: “Vou trepar, amanhã te vejo!”. Ele deu risada e entregou o aparelho para Larissa, que o olhou também e deu risada. Então explicou que ela e o irmão,

quando iam sair com alguém, mandavam mensagens para não haver comunicação no momento íntimo.

Trocaram contatos, beijaram-se, entraram na caminhonete e saíram em direção à cidade para deixar Tony no hotel.

Quando estavam perto da periferia da cidade, encontraram um carro estacionado no acostamento e o dono fazendo sinal, pedindo carona, Tony perguntou a Larissa se devia ou não parar, ela fez sinal com a cabeça que sim, então frearam logo à frente e o desconhecido foi até ele e disse que seu carro estava com problemas e que precisava comprar uma peça pra trocar. O desconhecido entrou, sentou-se no banco traseiro e Tony seguiu rumo à cidade.

— Você vai ficar no centro? — perguntou Tony ao homem.

— Sim, vou a uma autopeça, mas qualquer lugar no centro está bom pra mim...

Pelo espelho do retrovisor, Tony viu parte de uma tatuagem no peito do desconhecido e se manteve controlado, pois sabia muito bem a quem pertencia.

O desconhecido desceu, agradeceu a carona. Tony ficou no hotel e Larissa voltou para a BR, seguindo para a fazenda Buriti. Chegando lá, estacionou e viu, no saguão da entrada da casa, o pai e o irmão tomando café com o índio Obajara. Todos lhe disseram bom-dia e George pediu a ela que se sentasse à mesa para conversar.

— Filha! O senhor Obajara está aqui para propor sua ajuda para o meu novo projeto com os nossos vizinhos. Acho que devemos ouvi-lo, estávamos te esperando — informou George sorrindo para a filha, que o beijou e sentou-se à mesa.

Obajara começou a falar informando e expondo todo o respaldo que a decisão de George teve nos bastidores políticos da capital federal e também o compromisso que ele queria ter

com a família, instruído pelo Coronel Jaime para salvaguardar o grande empresário ruralista dos inimigos na sombra.

— A proposta do pai de vocês foi bem recebida em Brasília e, hoje, estou vindo para informá-los que o trabalho que ele já começou há alguns meses é de suma importância social e econômica para a região e, obviamente, para o país, mas, como todos nós sabemos, nunca uma proposta agrada 100% uma comunidade. Cientes disso, temos que nos cuidar, porque o homem branco não pensa igual a nós, índios. Para nós, tudo aquilo que é salutar para a floresta, para cada índio, é bom para toda a aldeia e não se discute, não se faz política quando se trata da natureza e da sobrevivência, porque nós, índios, vivemos em função dela e não ao contrário.

O senhor George, quando fez a sua magnífica proposta naquela noite, intuitivamente e inconscientemente, passou para o lado do pensar dos índios e dos posseiros que querem apenas uma terra e um meio para plantar, ter a sua comida e dividi-la com outras famílias que estão começando a se fixar na região.

Pelo pouco que entendo do cristianismo, foi exatamente isso que o profeta dessa religião pregou ao seu povo e morreu, segundo contam, porque apostava e defendia a sua ideia.

Portanto, seu pai abriu o coração para a realidade de uma vida a qual viverá de alegria o tempo todo e cercado de amigos, mas também poderá ter dissabores e problemas com inimigos furtivos, que são contrários a tudo isso, tal como a história do Judas da religião de vocês.

É aí que eu entro! Sou agente do governo federal treinado para qualquer ordem de segurança e estou aqui para lutar junto de vocês, para que a ideia do seu pai prolifere e traga mais pessoas adeptas desse novo paradigma de vida que, em várias partes do mundo, já acontece. As pessoas mais conscientes da situação do mundo atual, que desejam ter uma vida simples e

cercada de amigos, buscam dividir seus bens, sua comida e sua água com os vizinhos, formando uma comunidade, tal como sempre foi nas aldeias indígenas.

Para encerrar, só tenho um pedido pra fazer a todos vocês — Obajara parou de falar por alguns segundos, olhou nos olhos de cada um da família e disse-lhes: — Não falem com ninguém sobre o que tratamos aqui e tampouco sobre quem eu sou. Estamos entendidos e comprometidos? — calou-se e continuou em pé olhando os três, até que George e os filhos se levantaram e apertaram sua mão jurando secretismo e se comprometendo com o pacto.

Depois se dispersaram e somente Larissa começou a beliscar os quitutes do café da manhã que foi servido. Enquanto Obajara saía conversando com Cleber e George, ela perguntou sobre Kunhahendy e ele respondeu:

— Ela se licenciou da Funai. Foi a Ponta Porã tratar de assuntos da sua família e ficará por lá uns meses; talvez até a metade do ano que vem ela deva estar de volta. Ela gosta muito daqui! — informou o índio, sorrindo para ela e continuando a falar com George e seu filho.

Ao voltar para o hotel Serra Verde, Obajara, com seu sexto sentido aguçado, sentiu que algo estava acontecendo. Parou no balcão e conversou com a atendente Maíra, que sempre mantinha um sorriso índio nos lábios. Olhou para o homem negro que olhava uma revista de agronegócio no sofá de espera do saguão, compreendeu o sinal da sua hipersensibilidade, foi até ele e perguntou:

— Como está a safra deste ano?

— Vai depender da chuva — respondeu o homem, sem tirar o olho da revista.

— É! Até os peixes estão dependendo — respondeu o índio, sentando-se ao lado do homem negro.

— Quando o peixe lamenta... — disse o homem negro.

— “O” soja chora... — completou Obajara, finalizando a contrassenha. Eles se cumprimentaram e subiram juntos para o apartamento do índio, conversando. Obajara se desculpou por não ter estado no hotel um dia antes e tê-lo feito esperar o dia inteiro.

— Algumas recomendações do Coronel Jaime? — perguntou o índio.

— Somente a mesma do General: para cuidarmos da família Linch — respondeu o Tenente Tony Monteiro e informou sobre seus progressos. — Estive ontem com a bela filha Larissa e já ficamos amigos — informou com ar de satisfação e Obajara percebeu, sorriu e logo perguntou do outro agente.

— Acredito que deva estar aparecendo a qualquer momento. A ordem foi pra não chegarmos todos juntos. Ele terá que se infiltrar do outro lado para nos avisar do “voo do gavião”.

— Tive uma reunião agora a pouco com os Linch e oficializei meu apoio como agente do governo, para que não houvesse desconfiança deles, visto que já me conheciam desde a noite do trágico acontecimento e também porque o filho Cleber me passou uma cópia da gravação daquela noite, que já está com o Estado Maior — informou Obajara e continuou comentando: — Seria muito ingênuo de minha parte acreditar que eles pensariam que o ato de pedir a cópia da gravação do acontecido foi somente uma curiosidade indígena, não é mesmo?

— Como vamos fazer de agora em diante?

— Fique tranquilo. Você já adiantou bem o processo de nossa missão aproximando-se da Larissa. Nenhum deles sabe de você e nem do outro agente que está vindo. De hoje em diante, vamos procurar ser bem discretos, para que eles não desconfiem.

Vou ter que mudar hoje para a fazenda Buriti, pra ficar

mais próximo do velho George; foi o pedido dele e não vou contrariá-lo.

— Da minha parte, estarei hospedado aqui, no apartamento 109. Caso haja qualquer novidade, eu te avisarei. Se o outro agente chegar, pode deixar que eu faço o link com ele, aqui mesmo. Quanto à Larissa, não sei ainda como vou proceder com ela, mas fique tranquilo... Falou? — concluiu o Tenente Tony Monteiro, batendo continência e caminhando para a porta de saída.

21° Capítulo

Velha fórmula para um novo alento e o regresso da índia

A região dos municípios de Água Boa, Canarana e Nova Xavantina começaram a ficar muito agitados nos últimos três anos, motivados por pessoas chegando de outras regiões devido ao grande empreendimento da construção da ferrovia transcontinental, que passaria por ali nos anos seguintes. Isso já estava alterando radicalmente o ar de pacatas cidades do agronegócio do interior para se tornarem um dos polos de desenvolvimento do estado de Mato Grosso, que muitos acreditavam que seria sustentável.

Na última década do século XX, intensificaram-se a pesquisa e o desenvolvimento da chamada Ciência Biomimética, ou melhor, a ciência que imita a natureza. Vários novos inventos e produtos frutos dessa nova ordem começaram a avançar no meio da produção agrícola através da chamada “bioativação” ou configuração da terra, como diziam, porque, até aqueles últimos anos, os inventos da ciência e seu desenvolvimento ao longo dos milênios não passaram de “croquis ou caricaturas de imitação grosseira da natureza”; deixavam restos, sobras e, sobretudo, um custo muito alto para serem produzidos e para o meio ambiente.

A Biomimética é considerada a “ressurreição” da ciência ecológica, que foi desenvolvida por Nikola Tesla, um gênio da ciência nascido na metade do século XIX na Europa, mas, como todos sabem, ele queria que o benefício da ciência fosse para todos, o que o fez mais uma vítima dos “inimigos da vida aqui na Terra”, sendo assassinado em 1943, nos Estados Unidos.

Mas, como disse o grande poeta e cantor argentino Atahualpa Yupanqui, que foi o maior defensor, durante a sua vida inteira, da dignidade do homem ligado à terra, a cultura tem um valor peculiar, maior, tal como a vida do índio que é um aditivo harmônico para o universo.

Ele cantava, em uma de suas maiores obras intitulada *Payador Perseguido*, essa infinita luta contra “os inimigos da vida aqui na Terra”:

Se puede matar a un hombre,
pueden su rostro manchar,
su guitarra chamuscar,
pero el ideal de la vida,
esa es leñita prendida
que naides ha de apagar.

A principal ideia da “bioativação da terra” advém da genialidade de uma fórmula de Nikolas Tesla. Por causa do seu impulso nato de cunho social sem querer acúmulo de riqueza, na mão de grupos capitalistas, esse conhecimento ficou praticamente um século escondido por causa dos “inimigos da vida aqui na Terra”, que queriam apoderar-se da patente para fazê-la desaparecer, como já fizeram com outros vários inventos alternativos que surgiram para melhorar a vida presente e foram perseguidos, destruídos e seus autores assassinados ou sumiram.

Por estarmos no limiar de uma nova era e os recursos naturais estarem se esgotando, os governos querem resolver os problemas sociais com menos custos aos cofres públicos, então toda ideia humanista refutada ao longo de todos esses séculos começou, neste milênio, a despertar interesses dos governantes atuais, principalmente nos países socialistas como China, Cuba, Vietnam etc., e também em países europeus que não

têm mais espaço para agricultura e moradia, e nem energia para os cidadãos nativos.

Então, os governos desses países veem as ideias da “energia de graça para todos, de Tesla”, como um dos meios econômicos para o estado, principalmente a configuração do solo, que evita a compra desnecessária de 90% dos insumos agrícolas, que só enriqueceram grandes grupos capitalistas e trouxeram desgraça para os solos e ecossistemas de todos os povos do terceiro mundo. Esse procedimento é visto como um novo amanhecer, uma nova era buscando no fluxo da existência e não fazendo política para meia dúzia de capitalistas que, desde os primórdios da civilização, sugam o sangue da raça humana.

Esse inimigo, que tacitamente escraviza e desvia antropicamente o mais sensato rumo do fenômeno humano, foi muito bem colocado no livro do profeta João, da Bíblia, quando cita “a grande prostituta”; a ingenuidade dos cristãos persiste em achar que é outra coisa ou coisa sobrenatural, não buscam ao menos olhar para a realidade social global presente, onde sobra para poucos e falta para a maioria.

É o que estava acontecendo naquele momento em todo o mundo, principalmente nas últimas fronteiras agrícolas do Xingu e do Araguaia; era o confronto entre viver em harmonia com seus vizinhos e com a natureza, ideologia nativa do pensamento indígena, que corroborava a atitude de George Linch e dos pequenos proprietários, contrária ao que pensava o outro lado, onde estavam os grandes ruralistas tradicionais, que nutriam a continuidade da agricultura transgênica e dos insumos agrícolas, propiciando acúmulo de riquezas para alimentar os grandes latifundiários e os interesses internacionais dos “inimigos da vida aqui na Terra”.



O tempo estava fechado, com jeito de chuva. O vigia Carlos baixou a guarda dos drones e desligou as câmeras por precaução de descarga elétrica, que poderia danificar todo o sistema, e avisou o capataz Ênio, que se encontrava fumando na sacada, que iria à cidade comprar algumas coisas pessoais e trocar uma peça gasta do seu carro, que estava dando problema. Eram 17h00 de uma sexta-feira. Entrou no seu veículo e saiu direto para o centro. Logo que terminou suas compras, ao invés de ir à oficina, resolveu antes tomar um drinque no restaurante Chopinho, bem na área central de Canarana.

Ao entrar, viu um jovem loiro sentado numa mesa sozinho numa posição estratégica, observando disfarçadamente todos os que chegavam. Seu olhar coincidiu com a observação de Carlos, que o saudou sorrindo, e ele retribuiu. O vigia foi até o balcão. Já conhecia os garçons; pediu um chope e esperou. Quando lhe entregaram a caneca, ele agradeceu e olhou, buscando onde se sentar. Notou que não havia mesa disponível e, magneticamente, se voltou para o desconhecido loiro que, receptivamente, fez um sinal para ele ir se sentar à sua mesa.

— Oi! Sou Carlos e vejo que você é novo na cidade — afirmou, sem embaraço.

— Prazer! Sou Jonathan... É, cheguei por esses dias — respondeu o interlocutor, sorrindo.

— Vai ficar por aqui esses dias? — interrogou o vigia, também sorrindo.

— Sou agrimensor. Vim fazer uns trabalhos por aqui; vai depender do tempo da execução, talvez um mês, dois, não conheço o relevo, e você?

— Sou de São Paulo, estou trabalhando num empreendimento informático na fazenda Xingu, sou analista — respondeu Carlos, levantando a sua caneca pedindo um brinde. — A mais uma amizade.

— Parece que a nossa vai ser legal — disse Jonathan, piscando para ele.

— É, parece mesmo! — respondeu Carlos, sorrindo.

Carlos Rizzo era um rapaz moreno, muito bonito, de descendência italiana e bissexual. Fazia algum tempo que não espai-recia sua sexualidade, mas, naquele dia, estava mais pelo lado passivo; queria ser penetrado e o jovem loiro foi o escolhido. Então, ele propôs uma visita a Jonathan, mais tarde. O outro, também interessado, disse que estava hospedado na pousada Castro, ali perto, e que iria para lá a seguir.

A noite estava chegando e a ameaça de tempestade era iminente. Na fazenda Xingu, o capataz Ênio ligou para Carlos e perguntou se estava indo, porém ele mentiu e disse que o seu carro estava com problemas e teria que deixá-lo na oficina, para pegar somente de manhã, portanto dormiria na cidade.

Resolvido o problema com o capataz, os dois saíram debaixo de uma forte chuva no carro de Jonathan. Chegando à pousada, foram direto para o estacionamento interno e, logo, estavam no apartamento, meio ofegantes e molhados.

Ficaram nus e começaram a se acariciar. Entraram rapidamente num 69 e os gemidos se misturavam ao barulho da tempestade lá fora. Então, Carlos pediu para ser penetrado primeiro, ficando de quatro enquanto o loiro Jonathan enfiava o pênis no seu ânus, o que fez com que ele exclamasse, gemendo:

— Ai! Que delícia, que pau grosso e gostoso! Mete bem devagar, pra eu apreciar a entrada.

— Seu cu também é delicioso, ainda bem apertado... Tenho que me controlar para gozarmos juntos — elogiou Jonathan, começando o movimento de vaivém; com a mão direita, masturbava o pênis do vigia, que soltou um gemido. Logo, veio o gozo de ambos. Carlos esguichou nas mãos de Jonathan, que, ao mesmo tempo, encheu o ânus dele de esperma. O grito de prazer deles dois coincidiu com

o som forte de um trovão, quando os dois caíram para a frente e ficaram, por um instante, um em cima do outro ofegantes, mas ainda engatados, até que Carlos quebrou o silêncio:

— Fomos divinos, não, Jonathan? Até a natureza nos ajudou — disse, referindo-se ao som do trovão da tempestade no momento do clímax do coito.

— É, realmente, Carlos, foi muito gostoso! — concordou Jonathan, sorrindo e brincando com o esperma que ficou na sua mão, olhando excitado para o pênis do parceiro, que era quase do tamanho do seu.

Não resistindo mais, Jonathan começou a chupar Carlos, que reagiu com um sorriso; seu pênis começou a endurecer e logo estava firme. Então, veio a vez de Carlos penetrar o ânus de Jonathan, que preferiu se deitar na beira da cama para receber o pênis do parceiro em posição de “frango assado”, porque queria se masturbar e olhar para ele.

Carlos penetrou o ânus de Jonathan, que gemeu e exclamou, meio cuidadoso:

— Isso, meu querido! Vai entrando devagar, faz dias que não dou meu cu... Ai!

— Você também é apertado, parece sugar meu pau, meu gostosão! — enalteceu Carlos, já movimentando a pelve com seu pênis entrando e saindo do ânus do loiro.

Depois de alguns instantes, Jonathan não aguentou e gozou se masturbando, derramando todo o seu sêmen no abdome. Carlos demorou um pouco, e então começou a gozar, batendo forte nas nádegas de Jonathan, que sorriu ao sentir o esperma do parceiro inundar seu ânus.

Tomaram banho, deram um tempo, beberam whisky do frigobar, conversaram e saíram para mais uma rodada de sexo até se cansarem e adormecerem ouvindo o barulho do final da chuva, no silêncio da cidade.



O sexo homo nos trópicos é algo que foge dos estágios da tradição formal da volúpia com os excessos de elogios hipócritas e bordões repetitivos. É o puro sentir e sedução induzido pela necessidade fisiológica, o que se torna um ato tão instintual que dispensa apetrechos no primeiro encontro.

É como sair para encontrar um amigo que já se conhece há muito tempo para, juntos, praticarem um esporte que já havia sido planejado com antecedência. Não se pergunta, somente o faz.

Por ter uma configuração assim, a ternura dos afetos emocionais que “foram pulados nos estágios” vira uma perniciosa ausência peculiar, o que mantém os casais mais ligados um ao outro, com o passar do tempo.



Obajara estava falando coisas corriqueiras com o Coronel Jaime, pelo tablet, no meio da praça da Cultura no centro da cidade. Por questão de privacidade, ele preferia um lugar aberto a ambiente fechado, onde pode ter escuta, mesmo que seja coisa corriqueira.

Depois que nasceu o seu filho gerado com Rosana, a mulher do Coronel, pelo menos uma vez por semana ele ligava para ver e saber notícias de Itagiba, nome que o menino recebeu por ter segurado firme o dedo de Jaime quando foi brincar com ele, ainda sem abrir os olhos, que significa “de braços fortes como pedra”.

— Então, está tudo bem? Vejo quem já está até quase falando... Olha! Como mexe com as mãozinhas... — exclamou,

como todo pai diante do seu primogênito. — Ficamos assim, Coronel, até a próxima! — desligou e ficou sorrindo, pois as imagens mostraram o quanto o menino estava sadio, bonito e irrequieto.

O nascimento do seu filho, há mais de seis meses, deixou o índio alegre e, ao mesmo tempo, meio frustrado por não ter contado para Kunhahendy. Há quase dois anos não tinha nenhum contato com a índia, mas sabia que ela estava em treinamento em Manaus, no Quadrado Maldito, onde o participante não pode ter nenhum contato com o exterior enquanto não terminar o curso, e ele não poderia conversar sobre isso com o Coronel, nem pelo comunicador de pulso.

Quando estava saindo do local em que falava com o Coronel, sentiu que estava sendo observado. Manteve-se calmo, sem olhar para trás, e continuou andando. Depois que já estava na rua, sentiu que o observador parara de segui-lo. Então, para certificar-se de que estava tudo bem, ele entrou numa lanchonete, pediu um refrigerante e um canudinho, sentou-se numa mesa ao lado da porta de entrada e ficou tomando devagarinho. Após alguns minutos, sentiu que estava tudo tranquilo de novo e foi até o banheiro se aliviar. Ao terminar, um vulto apareceu vindo do nada por detrás, com voz forte masculina, e mandou-o levantar as mãos, não se mexer e nem virar para trás. Ele obedeceu, pois não estava vendo quem era. Então, o desconhecido encostou uma arma nas costas dele e disse, com voz feminina:

— Deixe esse pau gostoso pra fora, que eu quero chupar!

— Minha índia gostosa! — exclamou, virando-se e abraçando Kunhahendy, que dava risada. Ela pulou nos braços dele, beijaram-se e Obajara, já recobrado do susto, tirou o boné da cabeça da índia para soltar-lhe os lindos cabelos. Foi logo perguntando:

— Que hora você chegou e por que esse disfarce? E como me encontrou?

— Cheguei agora! Quis fazer uma surpresa pra você e testar o meu disfarce. Como não estava mais no hotel, segui meu instinto e me lembrei de que você gosta de se comunicar em praças, não é mesmo? Que tal, fui bem?

— Nossa, me assustou! Pensei que seria executado agora! — respondeu o índio, sorrindo e fechando o zíper. — Venha, temos muito que conversar, não aqui, né? — o índio pegou-a pela mão e saíram do toalete.

Lá fora, Obajara voltou para a praça da Cultura e pôs a índia a par de tudo o que acontecera, o que estava acontecendo e contou que estava cuidando da proteção de George Linch, que o agente Tony Monteiro estava hospedado no hotel Serra Verde e que já estava íntimo de Larissa, mas que não sabia sobre o elo deles dois. Adiantou-lhe que apareceria mais um infiltrado, que ficaria do “outro lado” para informá-los sobre qualquer ação vinda de lá.

Depois, resolveu contar sobre o seu filho e da Rosana e sobre como tudo começou entre eles três. Pediu-lhe desculpas por não ter contado antes, porque ela não era militar e nem tinha feito o juramento da classe.

Kunhahendy escutou sem dizer nada e depois o informou que tinha por missão ficar na reserva de Babaçu, a 80 km do centro de Água Boa, por conta da Brigada, observar a aldeia Pimentel Barbosa, entre Canarana e Ribeirão Cascalheira, e também ficar em contato com ele, para passar as informações que seriam encaminhadas ao Coronel Jaime.

Depois, ela comentou a respeito do filho do índio, mostrando já um pouco dos anseios de procriação, como qualquer fêmea de 25 anos.

— Você acha que nós também poderíamos ter um filho?

— Nada nos impede, minha querida, afinal estamos juntos há quase dez anos. Eu estou com 36 anos e agora, mais do que nunca, estamos pro que der e vier nessa missão. Eu acho que devemos esperar pra ver se amenizam os problemas por aqui, então será um prazer ter um filho com você com mais tranquilidade, você não acha?

— Também acho, meu querido. Não quero estar longe de você com uma criança sua, a não ser que eu fique numa aldeia, porque lá, como você já sabe, todos cuidam de todas as crianças ao mesmo tempo, como eu fui criada. Meus pais morreram cedo, não tive irmãos, mas fui bem criada pelo meu povo e pela minha vó.

— Me dá um beijo, minha gostosa, e ficamos acordados assim.

Um longo beijo selou o novo pacto entre eles. Saíram do parque e foram até o hotel Serra Verde, para apresentá-la a Tony Monteiro.



Larissa resolveu ir até a cidade de Água Boa de drone e saiu depois do almoço pilotando no jeito mais prático que ela encontrou: pairando acompanhando a BR-157 a, aproximadamente, 10 m de altura. Embora os drones tripulados oferecessem várias formas automáticas de pilotar, além do GPS comum sincronizado, ainda possuíam piloto automático, mas ela preferia o velho jeito de automóvel, que ainda estava presente no painel, se misturando com as novas possibilidades.

Era um momento de transição no meio de mobilidade, tal como no começo do século XX, quando as velhas carruagens puxadas por cavalos transitavam nas grandes capitais do mundo em meio aos primeiros automóveis.

Ela precisava ver algumas coisas pessoais e, se desse tempo, se encontrar com Tony. Os dois não se viam há quase um mês; talvez ela ficasse para uma noitada com ele ou, dependendo, voltaria no final da tarde para a fazenda Buriti.

Depois de alguns minutos pairando sobre a BR, avistou, na frente, um carro parado e o dono sentado na beira do asfalto telefonando. Ela abaixou o drone para olhar de perto e viu que era a caminhonete da fazenda, com José Farias. Imediatamente pousou e o capataz, reconhecendo-a, levantou-se e foi ao seu encontro.

— O que houve, José? — perguntou, descendo do drone muito curiosa, pois o vira sair da fazenda bem primeiro que ela.

— Não sei! De repente, o carro parou. Não há motivo pra isso ter acontecido... Você viu! que eu dei uma geral antes de sair, hoje cedo.

— Eu sei que você é cuidadoso e precavido ao extremo! Por isso, fiquei curiosa quando vi o carro parado aqui — disse Larissa, olhando para o veículo. — Então você vai até Água Boa? — perguntou-lhe, com o intuito de lhe dar carona para buscar um guincho.

— Agora tenho que ir, não é? — respondeu José Farias, com um sorriso meio desajeitado. — Eu estava indo, na verdade, até Serra Azul. Liguei agora pra dizer para a pessoa que vou me atrasar e já ia ligar para o guincho quando vi o seu drone.

— Se você for ficar lá na entrada do Portal, eu posso te deixar lá e, quando eu chegar a Água Boa, peço um guincho pra rebocar a caminhonete e levar pra oficina. Você é quem sabe...

Enquanto eles estavam decidindo o que fazer, um carro apareceu no horizonte da BR em direção à cidade. Aos poucos, o veículo se aproximou e, para a alegria de Larissa e do

capataz, era o Jeep de Obajara, que estava voltando de Ribeirão Cascalheira. Junto dele, estava Kunhahendy.

Foi só alegria e logo decidiram ir todos direto para Água Boa. Dividiram o grupo em dois: a índia iria com Larissa no drone e José Farias com Obajara no Jeep.

O drone seguiu na frente pairando, enquanto o Jeep ficou na retaguarda andando mais devagar, porque o asfalto não estava bom. Aliás, esse problema era crônico e já existia desde o século passado, quando começou o desenvolvimento agrário na região. O transporte de grãos sempre foi rodoviário. Depois que começou a construção da ferrovia transoceânica até o Peru, o governo negligenciou a conservação das rodovias complementares para o escoamento da produção.



Quando eles se distanciaram alguns quilômetros do local onde deixaram a caminhonete, chegou um carro preto com os dois homens de terno preto e óculos escuros, estacionaram, desceram e olharam a caminhonete. Um deles falou:

— Você deveria programá-lo para acontecer mais à frente.

— É, deveria! Mas também não prevíamos o aparecimento do Jeep — respondeu o outro.

— Eu acho que teremos que pegar a moça loira nesta noite, lá na cidade.

— É! Não podemos esperar pra amanhã, porque há dias querem essa reunião — concordou o segundo.

— É, vamos pegá-la! — responderam em uníssono com as vozes metálicas, já entrando no carro e seguindo pela BR em direção a Água Boa.

22° Capítulo

Voltam as ameaças furtivas e o pânico do vigia

Na fazenda Xingu, o vigia Carlos Rizzo havia monitorado a saída do drone de Larissa da fazenda Buriti e acompanhou do alto todo o acontecimento, até a chegada dos homens de terno preto. Isso o intrigou, deixando-o curioso, então chamou o capataz Ênio para ver as gravações e lhe explicar quem eram aqueles dois homens.

— Quem são esses caras? — Carlos perguntou para Ênio.

— Não tenho a mínima ideia, Carlos — respondeu Ênio, e complementou: — Vou perguntar para o gerente, talvez ele saiba — acendeu um cigarro, pegando a cópia da gravação e se dirigindo à outra sala, que estava fechada. Bateu e logo ouviu uma voz dando-lhe permissão para entrar. Ele ficou lá dentro conversando por uns cinco minutos, saiu franzindo as sobrancelhas e voltou para a sala de Carlos, para informá-lo, enquanto este tentava ampliar o áudio da gravação, a fim de ouvir a conversa dos dois homens de terno preto. Ao entrar no recinto, sem tirar os olhos do monitor, Carlos foi perguntando:

— E aí, o que foi que ele disse?

— Ele disse que não sabe e que a pessoa que ele estava esperando era uma só e já havia chegado há quase um mês atrás, mas pediu pra você ver se consegue melhorar o áudio, pra saber do que se trata a conversa dos homens de preto.

— Olha! Já tentei de toda maneira, só ficou esse zumbido parecendo abelha — informou Carlos, ainda puxando e tentando outros recursos da ilha de edição.

— É! Tá bem estranho! Parece a voz do “boneco assassino” — brincou o capataz com olhos arregalados, sorrindo e já acendendo outro cigarro.

— Vou passar o áudio para um identificador de frequência, separado das imagens, e depois te chamo... Falou? — propôs Carlos enquanto o capataz deixava a sala dizendo:

— Caso você descubra alguma coisa, me avise amanhã. Já são 18h30, está escurecendo e você terá que baixar o drone agora, não é mesmo? Vou pra casa hoje, tenho que ir com minha esposa e meu menino a um aniversário em Canarana. Deixa pra amanhã, falou?

— Tá bem, Ênio! Vou tentar mais um pouco. Sabe que isso é demorado e depois vou parar por hoje; também tenho que ir mais tarde a Canarana.

Já havia se passado mais de uma hora desde que Carlos colocara o áudio no identificador de frequência e, até aquele momento, não conseguira encontrar nenhuma resposta. Esperou mais cinco minutos e já ia desligar o aparelho quando o monitor de dados anunciou, soltando uma mensagem em vermelho dizendo: “Frequência não encontrada / Sinal desconhecido / Frequência talvez alienígena”.

O vigia ficou boquiaberto, parou, olhou mais uma vez as imagens, que ainda estavam no monitor da ilha, tentando focar o rosto de um dos homens de preto, até que conseguiu focá-lo com uma amplitude maior e ver um brilho no olho de um deles, o qual o deixou mais assustado e sem explicação para o que viu. Carlos acabara de ver o esplendor do inefável.

Ele desligou tudo, fechou a sala e foi até a sacada da fazenda. Outros funcionários estavam vendo TV 3D, saiu um pouco para fora, olhou o céu cheio de estrelas e foi se encontrar com Jonathan na cidade. Entrou no seu carro, a noite estava fresca e sem nenhuma ameaça de chuva.

No restaurante Chopinho, pediu uma caneca de chope e se sentou na cadeira de costume. A choperia estava cheia, mas as pessoas se encontravam em outros ambientes e das mesas perto da saída

quase ninguém gosta. Ligou para Jonathan, que respondeu que ia demorar meia hora, porque acabara de chegar na pousada.

Quando o loiro Jonathan chegou na choperia, Carlos já havia tomado três canecas e estava “meio alegre”, então ele abraçou o parceiro e ambos se sentaram, fazendo sinal para que o garçom trouxesse uma caneca pra ele.

— Vejo que você “já mandou bem” — disse Jonathan, olhando as três canecas em cima da mesa que o garçom não havia recolhido por causa da demanda de clientes.

— É! Estou meio agitado hoje — respondeu Carlos, sorrindo.

— Posso saber o que houve, meu querido? — indagou Jonathan, curioso.

— Coisa do meu trabalho — respondeu Carlos, tamborilando na mesa com a mão.

E resolveu contar com detalhes o acontecido do final da tarde para o amante, que ouviu todo o fato e também ficou meio apreensivo, mas logo Carlos voltou a se acalmar e seguiram bebendo até mais tarde, quando saíram para uma balada local de programação nova.



Eram 09h00 de domingo em Água Boa, Tony Monteiro estava chegando ao hotel Serra Verde após ter dormido com Larissa, a contragosto dela, num motel. Mal ela abaixou o drone, ele a beijou e pulou do aparelho, enquanto a loira pegava altura dando tchau. Ficou por alguns instantes sorrindo, olhando o aparelho desaparecer do seu campo de visão, então entrou ainda sorrindo no saguão do hotel e a atendente Maíra lhe entregou um cartão que um senhor loiro trouxera. Abriu-o, mas não havia nada escrito, apenas dizia para ele ir tomar café no shopping da cidade. Sabendo

do que se tratava, pegou seu carro no estacionamento e foi até o local.

No único café da praça de alimentação, ele reconheceu que devia se sentar e esperar. Foi o que fez. Pediu um café expresso para a garçonete e viu se aproximar um corretor de venda de terras loiro, que foi dizendo:

— Que tal, senhor? Quer conhecer as terras da região? — e mostrou-lhe o seu tablet.

— É! Talvez eu me interesse por algumas — respondeu Tony, olhando para o tablet.

— É, senhor, as terras daqui trazem a marca da... — o corretor interrompeu a frase e olhou para o interlocutor, que respondeu de imediato:

— ...“boa terra”! — Tony completou, fechando a contras-senha. Então Jonathan se apresentou, sentando-se à mesa e pedindo também um café para a garçonete.

Enquanto os cafés não chegavam, Jonathan disse que precisava de uma reunião com Obajara e pediu para Tony ligar para o índio, que fez a chamada usando um disfarçado diálogo.

— E aí, índio véio! Temos rinha daqui a poco lá no compadre, ocê vai?

— Que hora vai ser?

— Às dez! — e desligou a ligação.

Terminando o café, eles saíram no carro de Tony para a BR, em direção a Nova Xavantina. O local da reunião ficava logo após a saída da periferia de Água Boa. Ao chegarem, já avistaram Obajara e Kunhahendy no local, encostados no Jeep verde-musgo, com um sorriso. Os dois desceram e foram até eles, Jonathan foi apresentado e logo foi dizendo da sua infiltração na fazenda Xingu e dos informes que conseguiu através do vigia Carlos Rizzo sobre o acontecido na estrada no final da tarde da sexta-feira passada.

— Como Carlos me disse, logo que o Jeep com um casal de índios chegou ao local e a moça loira e a índia embarcaram no drone e o capataz da fazenda Buriti seguiu com o índio no Jeep, eu deduzi que eram vocês dois, por causa da cor do Jeep, conforme a orientação do Coronel Jaime.

Quanto aos homens de terno preto que o Carlos falou, não sei do que se trata, porque ele não conseguiu decifrar a conversa deles. Nem o decodificador de frequência de áudio conseguiu informar a origem — informou Jonathan, expondo o resultado e propondo uma tomada de posição de todos.

Afinal, os homens de terno preto ainda não poderiam ser descartados, como Obajara havia suposto. Mesmo depois do último confronto que ele, Kunhahendy e Jaime tiveram com eles no hotel Pousada Palhoça, há dois anos, a ameaça continuava. Então, a velha pergunta voltou a ficar martelando na cabeça do índio: o que eles queriam desta vez?

Kunhahendy percebeu a preocupação do índio e sugeriu:

— Por que não liga para o Coronel?

Obajara ligou para Jaime no seu comunicador secreto e perguntou o que foi feito das imagens do dia da abdução de Kami que havia passado pra ele do chip do seu iPhone no último encontro que tiveram, e que ele disse que mandaria investigar no alto comando militar.

Jaime informou que os peritos não tinham descoberto nada até aquele momento. Além disso, o chefe da equipe responsável pelo trabalho foi pescar num fim de semana com uns amigos e, quando voltou, parecia estar com amnésia.

Então, ele contou para o Coronel que os homens de terno preto voltaram a rondar a família Linch e que ele queria saber como proceder, afinal eles não eram inimigos comuns. Jaime pediu para ele ter paciência, porque a coisa em Brasília estava politicamente tumultuada, até no alto comando.

O índio queria saber detalhes dos dois segundos do fade out que percebeu quando viu a gravação do Cleber na fazenda Buriti e insistiu em perguntar para o Coronel Jaime sobre o tal detalhe, dizendo que ele percebeu depois daquela noite e achava que era a chave para começar a desvendar o mistério.

— Eu vou pessoalmente à capital falar com o General sobre isso e mostrar a relevância do trabalho. Quando resolver com ele, eu te ligo. Ficamos assim! — o Coronel concluiu e desligou.

Obajara voltou a falar com os colegas, pois teria que fazer um novo reforço para salvaguardar os Linch. Prometeu estudar um plano enquanto aguardavam novas instruções do Coronel e também o resultado do fade out, o qual poderia esclarecer e juntar o resto das peças do enigma para, finalmente, saberem com quem estavam lutando.

Os dois prováveis indícios e, que mais evidenciavam esse misterioso inimigo estavam também “no assombro” que o vigia Carlos Rizzo sentira três dias atrás quando gravou focando os olhos de um dos homens de terno preto usando todos os recursos da sua aparelhagem da ilha de edição para perscrutar melhor e, o que viu, o deixou mais assombrado, não conseguiu conceber tal fato nem para si mesmo. O outro indício era os dois segundos de fade out que foi gravado no dia da abdução do menino Kami e, que estava com a equipe do Exército em Brasília.

Conclusão: uma “entrelinha eletrônica” que não tinha sido até aquele momento decodificada e o “pânico de um vigia assombrado”, que não tinha nada a ver com o assunto, era o que havia de real como suporte investigativo da equipe de Obajara.



Kunhahendy estava sentada num boteco na saída de Ribeirão Cascalheira. Eram 19h00 de uma quarta-feira calorenta, e

tomava uma cerveja long neck enquanto esperava um índio chamado Nestor Kamaiurá, que lhe traria informações sobre uma nova aliança simbiótica entre a aldeia dele, os pequenos produtores e o proprietário da fazenda Araguaia, do senhor Bento Montoro.

O dono do boteco era um nordestino chamado Serafim, muito conhecido na região. Gostava da música regional produzida por lá e estava sempre tocando, na sua velha aparelhagem de som, CDs com grandes obras de músicos como Calixto Guimarães, Eudes e Candinho, Divino Arbués – os três últimos que restavam da antologia da música local. Desde os anos 1980, eles deixaram um acervo do verdadeiro canto nativo popular da região.

— Boa noite, minha amiga! — cumprimentou Nestor, sorrindo e entrando no recinto.

— Oi Nestor! Sente-se! Quer uma cerveja? — recepcionou-lhe a índia, sorrindo.

— Quero! Mas primeiro uma cachacinha, por favor! — disse Nestor, fazendo sinal pra Serafim.

— E então, Nestor, como está a nova aliança? — perguntou a índia, procurando ser direta. Ele olhou para os lados e disse:

— Não sei não! Mas eu acho que tem alguma coisa que não está fechando bem — disse, meio que arregalando os olhos e olhando de lado.

— Por que está me dizendo isso? Afinal, estava quase tudo certo semana passada e agora você está me dizendo que tem “mosquito” na proposta? — questionou a índia, buscando uma informação mais precisa além do que ele estava falando.

— Bem, minha amiga, é que eu vi o proprietário da fazenda Xingu, o senhor Murilo, conversando com seo Bento três dias atrás e, de lá pra cá, seu Bento ficou estranho — respondeu o índio, meio assustado.

— Se isso está acontecendo, terei que ver como vamos fazer daqui por diante — disse a índia enquanto Serafim chegava com as bebidas. Kunhahendy pediu-lhe que trouxesse depois mais uma cerveja para Nestor, e fechasse a conta. Então, continuou a pegar mais informações com o índio, enquanto ele começou a esclarecer o ocorrido.

— Minha amiga, o senhor Prudêncio, dos pequenos produtores, também ficou meio indeciso depois disso — informou, tomando de uma só vez a dose de cachaça e dando um gole na cerveja.

— O que ele pensou? — perguntou a índia, olhando séria para Nestor.

— É que, no dia em que o senhor Murilo, da fazenda Xingu, foi se “arreunir com seo Bento” estava acompanhado de um estranho com uma tatuagem de escorpião no peito. Depois do encontro, seu Prudêncio contou pra Ribamar, um maranhense que já foi jagunço e agora tá trabalhando com ele, sobre esse acompanhante do seo Murilo e sua tatuagem no peito. Ribamar disse que aquele homem é matador.

— Bem! Então, deve estar havendo algum tipo de ameaça e coação por parte de seo Murilo da fazenda Xingu e do pessoal de outras propriedades aliados a ele contra a aliança proposta por você e Prudêncio, não é mesmo, Nestor? — questionou a índia, olhando nos olhos do interlocutor, que desviou de lado ao ver Serafim chegar com a conta. Ela, em seguida, pagou-lhe e agradeceu.

Kunhahendy fez a leitura da situação, bebeu o resto da sua cerveja, despediu-se de Nestor saindo do boteco ouvindo a música ‘Estrela do Araguaia’, do cantor, compositor e jornalista Calixto Guimarães, falecido havia pouco tempo.

De uma das mesas, um par de olhos observava a índia sair. O sujeito também pediu a conta e seguiu-a. Ela estava ligando

o seu carro e já saindo; ele deu um tempo terminando de fumar, pegou sua moto bem devagar e tomou a direção do carro da índia, que já pegava a BR-158 e entraria depois na MT-326, para Canarana.

Alguns minutos depois de sair de Ribeirão Cascalheira, ela estava falando com o agente Jonathan pelo comunicador de pulso a viva voz pedindo a ele que fosse até o trevo da entrada da cidade para conversarem pessoalmente quando uma bala disparada entrou pelo vidro traseiro do carro e quebrou também o para-brisa, fazendo a índia diminuir a velocidade e parar logo em seguida, interrompendo o diálogo com o outro colega.

Ela sacou sua pistola e esperou a moto, que diminuiu a velocidade e disparou de novo acertando a lataria do seu veículo. Ela, por sua vez, disparou fazendo o motoqueiro sair da moto e se deitar no chão. A índia pegou no porta-luvas do seu carro uma lanterna de luz forte de longo alcance e focou-a no motoqueiro disparando vários tiros. Ele respondeu disparando também. A noite era de lua nova e muito escura, ela prendeu a lanterna num lado do carro desviando os disparos para aquele lado enquanto se aproximou do outro e disparou ferindo o motoqueiro, que conseguiu se voltar, carregar sua pistola e voltou a disparar uma rajada automática, pegando em seguida a moto e saindo rapidamente de volta pela BR.

A índia ligou de novo para Jonathan, contou o que aconteceu e disse que estava com o para-brisa quebrado, portanto andaria devagar, e que ainda se encontrava na BR-158 e levaria meia hora para chegar ao ponto do encontro.

Depois do ano de 2018, obrigatoriamente, todos os veículos saíam da fábrica com *chips* de localização sincronizado, por causa do grande número de roubos, mas os mais antigos não os carregavam. Por outro lado, várias pessoas optavam por não tê-los, alegando privacidade, principalmente os agentes militares.

Chegando ao trevo de entrada da cidade, Kunhahendy estacionou, fez sinal com os faróis do carro e logo Jonathan encostou. Eles checaram as informações sem sair do carro. Combinaram que, antes de comunicarem o ocorrido à Obajara, Jonathan teria que descobrir, através do vigia Carlos Rizzo, quem era o gerente Murilo da fazenda Xingu que estava coagindo o fazendeiro Bento Montoro, o índio Nestor e o senhor Prudêncio contra a nova proposta.

A índia despediu-se do loiro, que saiu primeiro. Logo depois, ela entrou em Canarana para pousar e, na manhã seguinte, arrumaria os estragos do seu carro e seguiria para a aldeia Babacu em Água Boa, porque havia combinado com Larissa que esperaria a sua visita ainda naquela semana.

23° Capítulo

Atentados e sequestros

Quando George Linch desceu da Van com as crianças, sorriu olhando o dia de sol que se expandia com o canto dos pássaros, feliz porque outras localidades estavam mandando suas crianças que, a cada dia, aumentavam mais. Sentia o seu coração preenchido de ternura; do seu sorriso emanava uma alegria jamais experimentada antes. O seu projeto estava crescendo e trazendo o que sempre faltou na região – harmonia entre os diferentes.

Era como se o carinho da sua falecida esposa acariciasse todo o seu ser alentando para a vida que estava começando de novo, só que daquela vez eram pequenos seres sorridentes e barulhentos que faziam parte do seu novo querer. George já estava na fase de ser avô, mas não havia notícia de nenhum neto a caminho, então ele se contentava com aqueles rebentos da vizinhança.

Seguiam cantando em direção ao riacho em que, no passado, houvera a contenda por causa da barreira que ele havia feito desviando-o para o tanque de sua propriedade, onde pretendia fazer piscicultura. No momento, ia plantar matas ciliares nas margens.

George ia à frente de mãos dadas com duas crianças índias quando, de repente, ouviu um disparo e caiu baleado. As crianças gritaram e saíram correndo para todo lado. Nisso, apareceu o capataz José Farias e o índio Obajara, com arma na mão, buscando saber de onde veio o tiro.

O índio viu um brilho no meio do mato do outro lado do riacho e fez vários disparos da sua Glock na direção. Sentiu que acertou alguém, porque ouviu um grito. Enquanto o capataz

carregava George ferido de volta à Van, Obajara atravessou o riacho raso na direção do disparo, mas o atirador conseguiu fugir. Ele viu marcas de sangue e soube que estava ferido, então seguiu o rastro até que ouviu um barulho de moto. Correu na direção chegando numa clareira, porém a moto já havia sumido. Não encontrou nada no local, a não ser marcas de sangue no chão.

Depois de acalmar as crianças e conduzi-las aos veículos de volta para suas regiões, Obajara entrou no seu Jeep e ligou para José Farias do seu comunicador de pulso, para saber de George. Ele disse que o estava levando para o hospital de Canarana, então ele seguiu para lá, mas, antes, avisou o agente Jonathan do acontecido, para que ficasse atento porque, caso ele não estivesse morto, iriam tentar matá-lo no hospital. Avisou também os filhos Cleber e Larissa.

George não morreu. Sua saúde era férrea segundo os médicos, mas ficou impossibilitado de voltar a fazer o mutirão com as crianças. Depois de cinco dias, ele voltou para casa; a bala atingira seu quadril e deixou-o sem poder caminhar direito. Teve que ficar numa cadeira de rodas até melhorar, para depois usar uma prótese moderna, a qual lhe possibilitaria andar em lugares planos.

O projeto ficou suspenso por uns dias, até que Larissa se comprometeu a tirar um dia do seu tempo na semana para fazê-lo. Não poderia mais parar tal iniciativa, pois o empreendimento já contava com o apoio de várias ONG e, se parasse, estaria perdendo para os “inimigos da vida aqui na Terra”. George recebeu apoio até do Instituto Don Pedro Casaldáliga, de São Felix do Araguaia, que o havia congratulado pela iniciativa, ajudando-o a promover o projeto pela região da Ilha do Bananal. Foi reconhecido pelo Instituto e proclamado o maior exemplo de humanismo que aconteceu no Xingu e no Araguaia.



Por mais que Obajara, Jonathan e Tony procurassem a semana inteira em todos os hospitais dos municípios circunvizinhos vestígios do atirador, não conseguiram saber onde o motoqueiro baleado fora se tratar. O índio lembrou-se da conversa de Jonathan sobre a gravação do vigia Carlos Rizzo acerca do acontecimento na BR, então ele voltou a falar com o loiro, ligando para ele e pedindo-lhe que conseguisse uma cópia da gravação do monitoramento do dia do atentado e também uma foto do atirador. Sabia que era um pedido difícil e que Jonathan poderia ser descoberto, mas era o único jeito de chegar ao pistoleiro.

O índio estava certo, porque naquele dia, na fazenda Xingu, o vigia Carlos viu e gravou todo o acontecimento e, em seguida, passou a cópia para o gerente, o senhor Murilo, que a guardou e pediu-lhe que apagasse imediatamente a gravação do CPU.

Jonathan ligou para Carlos Rizzo e marcou um encontro, no final da tarde, no restaurante Chopinho. Ele aceitou e demonstrou estar meio chateado. Por questão de segurança, o loiro combinou também com Tony para ficar na salvaguarda dele com uma escuta no ouvido, caso houvesse algum problema, sabendo que Obajara não poderia aparecer, porque talvez ele estivesse na gravação e seria facilmente reconhecido por Carlos.

Jonathan e Tony chegaram primeiro e sentaram-se em mesas separadas, porém a uma pequena distancia da outra. Pediram chopes e beberam devagar. Alguns minutos depois, chegou Carlos. Eram 19h00 e o calor escaldante em Canarana fazia com que o movimento na choperia se intensificasse, porém tudo estava sob controle. Foi colocada uma microcâmera com áudio no botão da camisa de Jonathan e um ponto eletrônico no ouvido de Tony. Ao se cumprimentarem, o diálogo começou entre os dois:

— Então, meu querido, como vai, vamos beber? — perguntou Jonathan sorrindo quando Carlos se sentou à mesa. Ele sacudiu a cabeça dizendo sim, taciturnamente e sem nenhum receio, começou a desabafar, demonstrando indignação com seu trabalho.

— Tô meio decepcionado com o que eu ando fazendo, afinal estou sendo conivente com tudo o que se passa no meu trabalho de monitoramento, a pedido daquelas pessoas da fazenda — disse Carlos afoito, apertando a mão de Jonathan em cima da mesa. — Acho que vou sair! — concluiu.

Jonathan percebeu do que ele estava falando e procurou usar o melhor da psicologia para detectar vestígios de auto-confissão espontânea, então ficou mais inquisitivo, sentindo que não precisaria forçar para conseguir o que pretendia.

— Afinal, o que houve? Sinto que você está chateado. Notei que, por esses dias, anda perturbado... Como posso te ajudar, meu querido?

— Olha Jonathan, não queira saber, ninguém pode me ajudar. Vou pedir pra sair, sim, é isso que vou fazer! — e Carlos olhou firme para Jonathan, que ficou preocupado, pois sabia que o matariam, caso ele quisesse sair.

— Eu acho que não devia! Afinal, o que aconteceu pra você chegar a esse ponto? — perguntou Jonathan, olhando dentro dos olhos do interlocutor.

— Querido, esses caras são assassinos, mandaram atirar no pobre homem que estava toda semana plantando mudas de árvores com as crianças, não sei pra quê fazer isso!... Trabalho com dois drones e duas câmeras, uma pra monitorar a fazenda Xingu e outra pra monitorar a fazenda Buriti, pra ver quem entra e quem sai, mas, durante a semana, tenho que espionar o trabalho desse senhor com as crianças dele. De repente, três dias atrás, me instruíram para gravar o assassinato do pobre

homem, que estava fazendo o bem! E o pior de tudo foi que o homem que atirou esteve um dia lá na fazenda, estava na piscina com o gerente, seo Murilo, e vi uma tatuagem de escorpião no peito dele, não esqueci a cara daquele assassino! — Carlos falou tudo o que os dois agentes queriam ouvir. Então Jonathan propôs-lhe uma atitude de ajuda:

— Eu tenho amizade com um pessoal da polícia e, se você me der a prova do crime, eu posso armar pra mandar todo mundo pra cadeia e livrar você do pior. Não sei se você já percebeu, mas você não poderá sair dessa empresa; ela é uma organização criminosa e eles não hesitarão em te matar pra queimar arquivo. O que você me diz? — Jonathan explicou a situação e concluiu que era a única solução possível.

— Nossa, nem tinha imaginado isso! Quem é você, Jonathan?

O loiro percebeu que falara demais. A pergunta incisiva de Carlos invadiu o seu segredo pessoal e então fagulhas de desconfiança começaram a chispar no meio dos dois amantes.

— Sou seu amigo, um pouco mais do que isso, você sabe — respondeu Jonathan, apertando a mão do vigia, tentando tapar o jorro da desconfiança. Naquele momento, o garçom chegou com as bebidas e eles se calaram.

Tony, que estava ouvindo tudo ao lado pelo ponto eletrônico, ligou a informação de Carlos e lembrou da carona que ele e Larissa deram para aquele homem na BR, no dia em que eles se conheceram e que, ao sair do carro, ele viu parte da tatuagem do escorpião no peito do desconhecido, marca da organização criminosa PCC.

Carlos e Jonathan continuaram conversando, Tony se levantou, encerrou a conta, saiu, foi até o carro estacionado do outro lado da rua, entrou e esperou o desfecho dos dois. Passaram então a saber com quem estavam lidando.

Depois de meia hora, Jonathan saiu conversando com Carlos Rizzo, entraram os dois no carro de Jonathan e foram devagar para a pousada Castro. Tony seguiu-os de longe para saber aonde estavam indo, mas, logo que o carro entrou na pousada, ele parou e estacionou. Porém, quando começou a ouvir pelo ponto eletrônico os gemidos dos dois amantes, o negro desligou o aparelho e foi para a estrada em direção a Água Boa, a fim de se encontrar com Obajara, e colocá-lo a par de tudo.

Mas não só Tony Monteiro seguiu Jonathan. Logo que ele saiu, uma caminhonete que havia fotografado os dois conversando na saída da choperia estava ali, também estacionada, há uma distância de uns 50m. Dentro, estavam quatro homens que, logo que o agente se afastou, mandaram uma mensagem para Carlos do comunicador do capataz Ênio, dizendo que o gerente Murilo queria vê-lo com urgência na fazenda.

Carlos estava de quatro e Jonathan acabara de penetrar o seu ânus quando o comunicador do vigia tocou com sinal de urgência. Ele se exasperou, mas pediu para o loiro alcançar o comunicador, que estava no criado-mudo, para ele ver do que se tratava. Assim que viu a mensagem, parou de mexer a pelve, olhou para o parceiro e disse, inconformado:

— Tenho que ir agora, Jonathan! Alguma coisa deve estar acontecendo na fazenda. É recado do patrão, seo Murilo — levantou-se e buscava as roupas enquanto Jonathan ia ao banheiro, dizendo:

— Está bem, meu querido, mas pense no que eu te disse sobre a cópia da gravação.

— Vou fazer isso hoje mesmo e depois eu te mando... Falou?

— Combinado! Vamos! Vou levá-lo até seu carro na choperia — disse Jonathan, pegando suas coisas.

Assim que Jonathan saiu do estacionamento, já fora da pou-

sada e ainda em baixa velocidade, a caminhonete saiu do escuro e fechou o carro dele, enquanto dois homens apontaram-lhes armas e pediram que saíssem do veículo.

Jonathan estava com a arma no porta-luvas, mas não quis reagir com medo de ferir Carlos e achando que a abordagem era somente um assalto, coisa que acontecia muito em saída de pousadas e motéis no interior de Mato Grosso.

Carlos saiu primeiro com as mãos para cima e se surpreendeu vendo gente conhecida da fazenda. Jonathan enrolou um pouco, para dar tempo de acionar o localizador à distância sincronizado, que só poderia ser ligado em caso de urgência. Depois saiu arrumando os cabelos loiros, enquanto um deles foi até o veículo, encontrou sua arma, bateu nele e pediu-lhe para entrar de volta no carro, enquanto Carlos era empurrado para dentro da caminhonete junto do outros dois homens e o motorista.

Os dois carros saíram do local ao mesmo tempo, mas logo se separaram. Eram quase 22h00; Jonathan dirigia seu carro e, no assento traseiro, ia o homem que bateu nele com o revólver na cabeça, mandando-o seguir rumo à BR-158.



Após a volta do seu pai do hospital para a fazenda, Larissa ficou mais segura e, naquele dia, saiu para visitar Kunhahendy na aldeia Babaçu, em Água Boa, como havia combinado.

A índia estava sentada no chão tomando tereré. Eram 10h00 e, logo que viu o drone da loira estacionar na aldeia, ficou muito contente.

A criançada gostava de ver drone e saíram correndo pelo pátio da aldeia, saudando a visitante. Depois das boas-vindas, as duas mulheres ficaram o resto do dia orientando as crianças

índias sobre as novidades tecnológicas que uma ONG havia doado à aldeia.

À noite, foram para uma balada em Água Boa. Depois, acabaram se conhecendo eroticamente na beira do mesmo riacho onde Larissa transou, pela primeira vez, com o agente Tony Monteiro. A loira ficou deslumbrada com o erotismo da índia, que carregava sempre a infalível imantação mo *bagiû rō* (desejo erótico) na sua alma. Foi a primeira transa da loira com uma mulher.



Depois desse encontro, Kunhahendy convidou-a para fazer a “comunhão do esperma” com ela e Obajara no hotel Serra do Roncador, na BR-158, no meio caminho até Canarana. A loira aceitou e participou com um ímpeto erótico que surpreendeu os dois índios.

Obajara acabara de tirar o pênis do ânus de Larissa e gozado na boca dela, fazendo mais um pacto de prazer quando, o seu comunicador tocou com o pedido de S.O.S. Ele logo conferiu e viu que vinha do carro de Jonathan. Ele então se levantou e ligou para o agente Tony Monteiro, porém ele contou que os deixara na pousada Castro em Canarana e, que desligara o ponto eletrônico quando começaram a transar, mas que ele se encontrava a caminho de Água Boa para encontrá-lo, passar os últimos informes e adiantar as coisas.

— Onde você está neste momento, Tony? — perguntou Obajara, preocupado.

— Estou chegando no trevo da BR-158. E você, onde está?

— Estou na BR também, um pouco mais longe que você! — Obajara seguiu instruindo o agente que, no momento, entrou no acostamento do trevo para ouvi-lo melhor.

— Estou conectando o sinal do carro de Jonathan para o seu carro. Veja se confirma o link, porque, neste momento, ele está se afastado alguns quilômetros de Canarana entrando em um desvio na MT-326. Você deve segui-lo e ver o que está acontecendo, estou indo seguindo você, combinado?

Tony confirmou o link e desligou o comunicador. Obajara se preparou para sair. Antes, pediu para a índia ficar com Larissa, mas ela se recusou e quis ir com ele. Então, eles pediram para a loira, que estava prostrada, ficar descansando que, antes do meio-dia, eles iriam buscá-la. Larissa respondeu sorrindo com um sinal de positivo com o dedo polegar, sem abrir os olhos.

Os dois índios entraram no Jeep, pegaram seus coldres com as armas, conferiram os pentes, pegaram mais alguns, colocaram-nos nos bolsos dos casacos e seguiram, pelo GPS, o pulsar do sinal do carro de Jonathan, que estava parado no meio do cerrado, e o de Tony estava tomando o desvio em que eles entraram.



— Pare aqui, loiro! E desça devagar! — ordenou o homem com o revólver na cabeça do agente Jonathan, que freou imediatamente o carro e saiu com as mãos levantadas. O opositor saiu por outra porta e disse: — Eu recebi a ordem para te matar aqui e agora. Quero que você, primeiro, me diga o seu nome, quem é você e o que você faz — e o homem exibiu a tatuagem do escorpião, marca do PCC, estampada no seu peito, empurrando o loiro para alguns metros do carro no meio do cerrado, mandando-o se ajoelhar.

— Meu nome é Jonathan Ferreira, Primeiro-tenente da 1^a Brigada CIGS de Manaus, e agente infiltr...

Naquele momento, o ruído do carro de Tony distraiu o ho-

mem, que olhou para trás para conferir quem vinha. Foi a sua falha, porque Jonathan pulou sobre ele, o revólver escapou-lhe da mão, eles entraram em luta corporal por alguns instantes, porém Tony chegou no momento em que o homem havia puxado uma faca investindo na direção de Jonathan. O negro apontou sua arma para ele de dentro do carro e mandou que não se mexesse. O homem ficou parado com a faca na mão, Jonathan mandou ele jogar a faca e o mesmo pegou as duas armas, que estavam no chão. Tony saiu do carro com algemas, mandou-o juntar as mãos e o algemou. Avisou Obajara que a situação estava sob controle e este lhe disse que estava chegando no desvio naquele momento, então Tony pediu-lhe que viesse até eles, para verem juntos como seria dali em diante.

24º Capítulo

Ataque ao front da fazenda Xingu e o desaparecimento de Larissa

Estava escuro, mas já amanhecendo. Cleber tomava café com seu pai no saguão da fazenda e conversavam sobre o projeto e como Larissa estava cuidando dele. Embora não houvesse desconfiança do trabalho da filha, George se preocupava com a sua segurança, com toda a razão, depois do que acontecera com ele.

— Quem está acompanhando Larissa toda semana? — perguntou para Cleber, que mastigava quitutes e sorvia lentamente o seu café.

— Os mesmos! O agente Obajara e José Farias — respondeu sorrindo

— Por falar nele, onde está Obajara? Desde ontem não o vejo por aqui, e nem Larissa!

— Larissa foi ontem a uma aldeia no município de Água Boa. Disse-me que dormiria por lá e voltaria hoje — informou Cleber meio inseguro, embora soubesse que a irmã havia deixado a mensagem das suas cumplicidades eróticas: “Vou trepar, amanhã te vejo!”, como era de costume dos dois, mas, até aquele momento, ela não havia se comunicado com ele, que já havia tentado falar com ela mais cedo e não conseguira. - Quanto a Obajara, está ajudando a polícia na procura do atirador.

— Na hora que ela chegar, diga que quero falar com ela — pediu George, dando comando para a cadeira de rodas eletrônica e saindo da mesa.

Antes de entrar em outro aposento, ele se voltou e perguntou

para o filho se pegaram o atirador. Cleber disse que a polícia estava com várias pistas, mas ainda não conseguira.



Larissa acordou e sentiu-se estranha, pois não conseguia saber onde estava, que horas eram. Olhou de lado e descobriu que não estava mais no hotel Serra do Roncador da BR-158, em que ficara dormindo na noite anterior. Estava nua, sentada na cama, então se levantou, foi ao banheiro, lavou o rosto com água fria, voltou, vestiu suas roupas, foi até a porta e não conseguiu abri-la. Tentou várias vezes, bateu com as mãos, gritou se tinha alguém por perto... Inútil. Voltou, sentou-se na cama, pegou seu comunicador de pulso, tentou ligar para o irmão e viu que o aparelho não emitia nenhum sinal, embora estivesse ligado. Começou a se preocupar, quando uma voz feminina saindo de uma caixa sonora do teto disse-lhe:

— Bom dia, senhorita Larissa! Vejo que está bem descansada.

— Quem é você e por que estou presa neste quarto? — perguntou, demonstrando raiva.

— Calma! Logo serviremos seu café da manhã e você será informada de tudo, está bem assim? — a voz desconhecida respondeu-lhe e desligou.

Alguns minutos depois, a porta foi aberta e um homem apareceu com uma arma estranha; em seguida, outro com aparência de morcego, com asas e tudo, veio logo atrás trazendo uma bandeja com o café prometido. Não disseram nada, apenas colocaram a bandeja na mesa pequena do recinto e foram saindo. Quando Larissa tentou acompanhá-los, foi barrada pelo homem armado, que a segurou e mandou-a voltar. Em seguida, saiu e fechou a porta do quarto.

Larissa olhou para o café, beliscou alguns pãezinhos e ficou pensativa. Viu que era prisioneira de alguém, de quem não tinha a mínima ideia, por causa das roupas e das armas e do tipo morcego, que mais pareciam componentes do seriado Star Trek, do qual vira alguns episódios quando era adolescente.



— Temos que ser rápidos! Quando chegarmos perto da entrada da fazenda, vou trocar — disse Obajara, começando a instruir os agentes sobre o plano para a invasão da fazenda Xingu. — O prisioneiro seguirá dirigindo até chegar à entrada, ele pedirá pra entrar, na hora em que eles abrirem a porta, obviamente, um deles virá conferir se ele executou o agente Jonathan. Como eu estarei deitado no banco de trás com a pistola na cabeça dele, não poderá fazer nada, a não ser confirmar. Tony estará comigo dentro no porta mala do carro e você, Jonathan e Kunhahendy estarão na retaguarda, no meu Jeep aguardando meu sinal para invadir.

Eu e o Tony renderemos a milícia da entrada. Faremos sinal pra vocês. Já avisei também a polícia local, que deve chegar em meia hora.

Tudo pronto! Então, vamos checar as armas e acertar os relógios.

Bem entendidos, eles seguiram para o local com os dois veículos. Jonathan e a índia mantiveram-se a uma distância de 300 m do primeiro carro, visto que a entrada da fazenda Xingu ficava num desvio a uns 3 km da MT-326.

Estava quase amanhecendo quando os dois carros chegaram perto do local. Era mês de junho, a escuridão da noite prolongava-se um pouco mais nas horas do dia. O carro de Jonathan chegou na entrada da fazenda e logo um dos guardas pediu identificação. O comparsa se mostrou acenando, a entrada foi

liberada e o veículo dirigiu-se para dentro do estacionamento. Outro homem armado de metralhadora foi até o parceiro no volante do carro para conferir se foi feita a execução, como havia previsto Obajara.

Logo que o carro encostou, ele empurrou o que estava dirigindo para fora antes do veículo parar, pegando de surpresa o outro, que logo foi rendido por ele e colocando a arma no chão. Sempre com a pistola apontada para os dois, foi até o porta mala e liberou o Tony Monteiro, que logo ao sair, pegara a metralhadora que estava no chão. Seguiram com os dois comparsas até a guarita e rendeu o terceiro. Tony aplicou um líquido que adormeceu os três por uma hora, acionou o controle de abertura do portão, em seguida fez sinal para Jonathan e a índia adentrarem, pois já estava liberado.

Obajara e Tony se esgueiraram para dentro do casarão, procurando encontrar os outros membros do PCC e o vigia Carlos. De repente, foram surpreendidos por vários feixes de luzes de laser em sua direção, jogaram-se no chão escapando da saraivada de disparos vinda de diversas armas. Começaram a trocar tiros e logo o índio se distanciou agachado até uma coluna que saía no átrio do casarão, desviando os disparos para o lado dele. Tony conseguiu acertar um dos atiradores, que se descuidou. Eles não sabiam que havia câmera nos recintos do casarão e, que foi logo acionado em off, avisando os outros capangas. Continuaram disparando, sem usar o automático das pistolas, para economizar munição e ganhar tempo, pois estavam encurralados, sem poder se movimentar.

Enquanto isso, Jonathan e a índia deram a volta, entraram pelo lado sul da casa, surpreenderam os adversários pela retaguarda e feriram dois, que caíram, abrindo uma brecha para a passagem deles e rapidamente conseguiram subir a escadaria que dava nos quartos do segundo piso.

Quando forçaram e abriram a porta de um dos compartimentos, chegaram numa sala grande onde se encontrava o estúdio e viram o capataz Ênio e o vigia Carlos Rizzo, amarrados e amordaçados, sentados em cadeiras separadas. Porém a surpresa maior foi pra Jonathan, que viu no grande monitor da ilha de edição a imagem em foto da sua formatura recebendo o famoso “Facão Onça Preta” da 1ª Brigada CIGS de Manaus. Ele parou por um instante e correu para soltar o vigia, enquanto a índia soltava o capataz.

Fecharam a porta e a índia avisou Obajara que os prisioneiros já tinham sido encontrados e liberados. Pediu-lhe as próximas instruções, pois estavam dentro de um recinto que podia ser invadido a qualquer momento. O índio disse para se manterem lá dentro a qualquer custo, porque a polícia já estava chegando. Os dois empurraram um armário pesado, para prender a porta e barrar qualquer tentativa de acesso ao recinto.

Carlos fora espancado; estava cheio de sangue no rosto e hematomas em parte do corpo. Jonathan conversou com o capataz, que não sofrera nada, apenas estava preso por precaução. Ele lhes contou que os homens de Murilo pegaram o seu comunicador, por ser ele o intermediário entre Carlos e o gerente para mandar a mensagem e enganar Carlos. Eles haviam seguido os dois quando saíram da choperia. Jonathan perguntou onde estava o gerente e ele informou que devia estar lá embaixo, trocando tiros com outros. Então, ele voltou até Carlos, que estava sendo amparado pela índia, e abraçou-o, enquanto o mesmo, já sabendo de tudo sobre ele, disse:

— Fiquei desconfiado de você quando me alertou lá na choperia sobre a minha condição se quisesse sair da empresa, mas não imaginava que eles sabiam de nós e que haviam informado sobre você, tampouco que você era um agente de inteligência infiltrado.

— Meu querido, eu não poderia te contar, pois seria pior pra você e talvez, neste momento, até já estivesse morto, não é mesmo?

— Quando descobriram que você não sabia de nada, te deixaram por um momento, não foi? — analisou Jonathan, abraçando-o de novo.

— Sim, é verdade. Primeiro, me mostraram sua foto na Brigada, essa que está aí — disse ele, apontando para o monitor. — Depois, começaram a me bater, para que eu contasse o que havia informado a você. Em seguida, trouxeram o Ênio e começaram a fazer acareação entre nós dois, para saber se eu me trairia e contaria o que sabia. Não dando certo, me bateram mais e prenderam Ênio por precaução e para que não saíssemos daqui até que seo Murilo os instruisse sobre o que fazer. Foi nessa hora que vocês chegaram — concluiu Carlos, ainda limpando um resto de sangue da sua boca.

Naquele momento, começou um alvoroço na parte de baixo, porque a polícia havia chegado e logo eles escutaram o ruído sibilante do drone no fundo da casa e descobriram que era o gerente Murilo quem estava fugindo junto de outro membro do comando. Obajara percebeu e avisou a polícia, que viera também de drone para persegui-los e prendê-los, pois ele era o chefe do comando local.

Depois de alguns minutos de tiroteio, o resto dos milicianos do PCC se rendeu, vendo que estavam em menor número e que o chefe Murilo havia fugido, portanto não restava mais nada a fazer a não ser se entregarem. A polícia contornou a situação e começou o procedimento padrão para levantar o relatório de ocorrência.

Carlos Rizzo foi levado pela ambulância para cuidados médicos, o capataz Ênio ficou detido para averiguação, os outros policiais começaram a carregar objetos de informática, inclusive

o CPU da ilha de edição onde Carlos trabalhava. Obajara ficou ciente da condição dele, o qual colaborou substancialmente com as informações para que a operação desse certo através do agente Jonathan, então avisou o delegado para reforçar a guarda no hospital, porque Carlos e o capataz Ênio eram peças importantes como testemunhas para a incriminação da organização criminosa que operava na fazenda.

Parecia que tudo havia terminado, mas quando o delegado apertou a mão de Obajara, agradecendo e se despedindo, a índia veio até eles, apontou para o grande mural na beira da piscina e disse que ouviu barulho quando passou por ali. Então, o delegado de polícia armou uma coluna de frente e gritou para quem estivesse lá dentro sair de mãos para cima. Houve um barulho de ferrolho destravando e, do meio do mural, abriu-se uma porta disfarçada e um homem enfaixado no tórax saiu com as mãos suspensas.

Mais tarde, graças à gravação que Carlos havia feito quando monitorava o projeto do senhor George da fazenda Buriti a pedido do gerente Murilo, ficou confirmado ser esse membro do Comando PCC o atirador que Obajara havia ferido do outro lado do riacho, no dia do atentado que feriu George Linch.

O comunicador do delegado tocou e, do outro lado, o policial perseguidor do drone do gerente Murilo disse que os dois ocupantes que fugiam na pequena aeronave estavam voando baixo, não quiseram acatar a ordem de prisão e foram derrubados. Não tinham morrido, mas já estavam presos.

Eram 07h00. Os três agentes estavam saindo pela MT-326, porém Obajara parou-os numa lanchonete na beira da estrada para acertarem os pontos do ocorrido e depois comunicarem ao Coronel Jaime.

Pediram café e quitutes para quebrar o jejum, enquanto Obajara levantava o relatório da ocorrência no seu aparelho, no

qual não se escrevia e somente se gravava a locução. Mesmo que houvesse outros sons por perto, o aparelho de relatório policial só gravava a frequência da voz do dono do aparelho. Volta e meia, ele interrompia os outros agentes, que estavam conversando, para perguntar certos detalhes ou alguma coisa de que talvez estivesse se esquecendo e acrescentar na mensagem do relatório.

Passada meia hora, o comunicador do índio tocou. Ele atendeu e era Cleber, que perguntava de Larissa. Ela havia deixado aquela velha mensagem para ele: “Vou trepar, amanhã te vejo!” há mais de doze horas e até o momento não conseguira falar com a irmã e o aparelho dela estava desligado.

— Vou pedir para a polícia localizar o drone dela e depois te aviso, combinado? — disse o índio a Cleber, que se despediu e desligou.

Kunhahendy, que ouvira tudo, consultou no seu aparelho e obteve o número do hotel Serra do Roncador. Ligou para saber se o drone da moça encontrava-se no estacionamento. O atendente confirmou que sim, os dois índios relaxaram e sabendo que ela ainda estava dormindo.

O agente Tony Monteiro tinha um aplicativo secreto que criou com Larissa para eles se comunicarem sem precisar falar um com o outro mesmo que estivesse desligado, então ele o acionou e o acesso não se completou. Então, ele disse que ela devia estar em perigo. Todos se olharam, chamaram o atendente, pagaram a conta e saíram em direção ao hotel na BR-158. Chegando lá, o índio pediu para chamar a hóspede. A atendente olhou no monitor e disse que não havia mais ninguém lá e que o apartamento até já fora limpo.

Obajara mudou de tom e quis averiguar o local, aproximando-se do leitor de identificação para se apresentar como agente de segurança do governo. Logo que confirmada, a

atendente chamou outra pessoa para levá-lo até o apartamento. Ele foi sozinho com o atendente da pousada e constatou que realmente a loira desaparecera. Voltou até os companheiros e foram juntos até o drone dela. Quando abriram a pequena aeronave, o comunicador de bordo ligou automaticamente e, em seguida, apareceu uma miniatura da imagem dela em holograma nua, sentada na cama e se levantando. Eles viram que o local em que ela estava não era o mesmo do apartamento do hotel, então ficaram pasmos e voltaram à recepção, pediram para ver as gravações das câmeras internas das últimas cinco horas, da área do corredor do hotel até o estacionamento na entrada.

A atendente levou-os até a sala de controle, digitou a facção de tempo de acordo com o momento em que saíram, a pedido de Obajara, que pediu também para o agente Tony ver se ele tinha alguma imagem de Larissa no seu comunicador de pulso. Imediatamente, o agente baixou a imagem, a atendente conectou-a ao CPU do monitor e a mesma disparou a busca sincronizada. Levou alguns minutos e as imagens começaram a aparecer lentamente. Lá estavam os dois homens de terno preto saindo do hotel. Larissa os acompanhava como se estivesse sonâmbula passando entre os funcionários paralisados. O índio se lembrou de que o mesmo havia acontecido com Kunhahendy no hotel Serra Verde em Água Boa, há uns três anos, e concluiu que naquele momento ela devia estar escondida em algum lugar longe dali, pois a imagem do holograma do drone mostrou-a nua em outro ambiente.

Obajara pediu sigilo ao pessoal do hotel, pois já tinha muita experiência com os homens de terno preto e preferiu que a missão fosse secreta. Sabia que, quanto mais pessoas envolvidas, o perigo era maior, lembrando-se do acontecido na barragem do posto da polícia de Água Boa, quando os policiais tentaram

barrá-los na saída da cidade e ficaram todos paralisados e o posto fora incendiado.

Para evitar que George e seu filho Cleber ficasse inseguros e acionassem a polícia sobre o desaparecimento da loira, Obajara ligou para Cleber e contou o ocorrido, sabendo que ele também tinha passagem com os homens de terno preto e que guardaria o segredo. Pediu para ele não contar nada a seu pai, e que estava indo pessoalmente falar com eles dois.

O índio tratou com os três agentes para irem a Água Boa e aguardá-lo lá. Pediu para a índia levar seu Jeep, porque ele levaria o drone de Larissa à fazenda Buriti e conversaria com George e o filho e, que eles se reuniriam à tarde na praça da Cultura, para traçar um plano de resgate.

No momento em que o índio deu partida no drone, no monitor de bordo apareceu uma mensagem piscando dizendo: “Vá até Campinápolis hoje”. Ele chamou de novo a equipe, que ainda não havia saído, contou o que houve e pediu para todos irem para Campinápolis ao invés de Água Boa, e que a reunião se daria na praça da Academia da Terceira Idade.



Quando o drone pousou na fazenda Buriti, e Cleber e George não vendo Larisse, começaram a se preocupar, perguntando ao índio o que tinha acontecido, e este contou o que houve e pediu calma aos dois e a conversa foi tranquila, houve a compreensão da parte deles quanto a não comunicarem o sequestro à polícia local acreditando que Obajara e sua equipe iriam trazer Larissa de volta. A notícia da prisão do suspeito do atentado deixou George mais tranquilo, pois ele temia uma segunda tentativa e isso acentuou ainda mais a confiança no índio.

Após o almoço, o índio pediu ao Cleber o drone emprestado,

pois precisava chegar antes do final da tarde a Campinápolis e já eram 15h00. Uma vez liberado, ele decolou.

Mais tarde, George ligou a velha TV para ver o noticiário local e a matéria policial confirmou a informação do índio sobre a prisão dos membros da PCC.

Eram 16h00 quando o drone pilotado por Obajara estacionou no local combinado e lá já estavam os três agentes se exercitando nos diversos aparelhos de malhação da praça que estava movimentada com as pessoas da cidade.

Ele então provocou a equipe dando risada:

— É! Vamos precisar mesmo de muita musculatura e postura para essa missão.

— E por onde vamos começar, Capitão Obajara? — perguntou Jonathan.

— Vamos esperar até o pôr do sol para ver se “chega uma ideia”. Vocês podem continuar malhando por enquanto; vou elaborar um plano de ação — e foi até o seu Jeep que a índia estacionara na rua, perto de uma árvore.

A ideia que o Capitão estava esperando “chegar” logo apareceu na mão de um indiozinho, que foi até ele com um papel escrito: “Cacique Saturnino Rudzane, aldeia Espírito Santo, hoje, às 19h00”. O menino nada disse e saiu correndo, acompanhado pelo olhar curioso de Obajara, que sorriu e se sentiu guiado por um olho invisível.

Aquilo que espreita é pior que o mistério, porque anda e sonda; enfim, se movimenta, enquanto o mistério é um eco calado estático que te espera numa complacência como a vagina de uma noite eterna.

25° Capítulo

Encontro com o alienígena e um novo pacto categórico

“Um índio me falou / que o portador da luz / mora lá na Serra do Roncador / que vez em quando voa / pra outro planeta, feito borboleta / luz de toda cor” – assim diz o começo da letra da música ‘Portador da luz’, do cantor e compositor goiano Pádua que, em sua obra Voo de cantor, faz uma referência nativista aos mistérios de toda a região do Xingu e do Araguaia.

Quando Obajara e sua equipe chegaram à aldeia Xavante, foram recebidos diretamente pelo cacique Saturnino Rudzane, que já estava esperando o índio sentado num tronco com uma lanterna na mão. Foi logo lhe dizendo:

— Bem-vindo, grande guerreiro Manduruku! Vou adiantando que nosso pajé foi quem recebeu a mensagem dirigida a você ainda hoje, quando ele estava fumando seu cachimbo na beira da lagoa Miararé. Ele disse pra mim que você chegaria a Campinópolis hoje à tarde e a mensagem teria que ser entregue ainda hoje, porque se trata de grande importância para todos nós.

— Espero que sim, meu amigo e irmão, pois só sabemos pela mensagem que teríamos que te encontrar aqui às 19h00 — informou Obajara, apertando a mão do Xavante e sorrindo.

— Sim! Você está certo! A outra mensagem foi pra mim e por isso estou com esta lanterna. Terei que levá-los até a entrada da grande caverna, na qual você terá que entrar dentro somente acompanhado da mulher Guarani; os outros devem esperar comigo fora — afirmou Saturnino, olhando para os outros agentes.

— Bem! Se tiver que ser assim, será; então vamos! — decidiu Obajara, olhando a equipe e fazendo sinal para o cacique ir à frente, pois ele conhecia o caminho; os outros estariam na retaguarda.

Já haviam andado uns minutos e passaram perto da lagoa Miraré, mas não pararam. A noite estava escura mostrando o famoso luar do Araguaia, no qual as pessoas apreciam a Via Láctea, quando estão em lugares altos meio do cerrado.

De repente, o agente Tony Monteiro pediu para todos olharem para trás, pois ele estava vendo luzes que saíam da lagoa. Todos ficaram pasmos, mas o cacique Saturnino acalmou os ânimos da equipe ao dizer:

— São os guardiões do nosso povo, só saem quando há alguma coisa ameaçando a região. Se estive acontecendo algo importante, saberemos mais tarde pelo pajé.

Seguiram quietos, apenas ouvindo o ressonar dos calçados na capoeira do cerrado e, às vezes, quando tropeçavam em algumas pedras e vociferavam.

— Estamos quase chegando e peço que todos estejam menos curiosos, pois é melhor para se entender com os espíritos da terra que vivem lá dentro — anunciou o cacique Xavante.

A grande caverna estava lá embaixo, uma fenda na montanha em forma de triângulo isósceles com o lado menor virado para baixo, mostrando a entrada. Naquela hora, o cacique parou e começou a instruir o quarteto sobre o que devia ser feito dali para a frente.

— Nós ficamos aqui e você segue com a Guarani — pautou o cacique, procurando uma pedra para se sentar e desligando a lanterna, pois a luz das estrelas clareava tão bem quanto uma noite de luar e também tinham que economizar a bateria para a volta.

Obajara ligou sua lanterna e seguiu com Kunhahendy em

direção à fenda da montanha. Eles sentiram que estavam indo para um encontro com o inusitado. A sensação era que havia algo, mas não temiam, afinal eram índios e não foram criados com histórias de assombrações, nem cultivando qualquer tipo de medo, principalmente das coisas da natureza. Sabiam que tudo o que pudesse aparecer ali fazia parte do universo, pois, para eles, não existia nada sobrenatural, qualquer coisa não era nem boa e nem ruim e fazia parte deste mundo. Mesmo que estivesse em outra vibração, em outra dimensão, era complementar e estava dentro do universo. Eles foram instruídos desde a infância que deviam aprender com tudo o que fosse diferente e inusitado.



Em suma, para o verdadeiro índio, o sobrenatural não existe. Como ele vai entender que existe algo que está além do universo ou fora dele? Seria contrariar a lógica da existência e admitir a existência de outro universo formado de outra matéria que não seja a que conhecemos.



Já haviam caminhado mais de um quilômetro dentro da caverna quando começaram a ouvir barulhos de morcegos, então Obajara aumentou a claridade da lanterna e os bichos passaram por eles sem dar a mínima.

Quando estavam perto de chegar numa curva, eles viram uma luz e o instinto de guerreiros os fez sacarem suas pistolas, porém não havia nada e a escuridão voltou a reinar, só que com pequenos pontos luminosos no alto da caverna. Sentiram que estavam entrando numa espécie de hall.

De repente, os pontos luminosos começaram a se movimentar e, quando focaram a lanterna para ver o que era, tiveram uma surpresa desagradável: índios voadores parecidos com morcegos gigantes atacaram o casal, que correu disparando suas armas e procurando se defender como podiam.

Por mais de cinco minutos ficaram atirando e se esquivando dos voos rasantes que eles faziam, porém o índio observou que não atingiram nenhum, então gritou para Kunhahendy, que estava afastada dele uns cinco metros:

— Pare de atirar! Eles não são reais. Não conseguimos ferir nenhum. Veja você mesma com a lanterna!

A índia conferiu e viu que ele tinha razão; não havia nenhum cadáver.

— E o que vamos fazer, Obajara, ficar aqui esperando? — disse a índia, perturbada.

De repente, aconteceu um redemoinho acompanhado de uma luz intensa, que arrebatou os dois do lugar em que estavam. Em seguida, veio uma névoa que, aos poucos, foi clareando e logo perceberam que passaram por um portal. Não estavam mais na caverna, e sim em uma fortaleza subterrânea. Então, uma voz metálica anunciou os próximos procedimentos:

— Aguardem! Não toquem nas suas armas, por favor!

Uma porta se abriu, um dos índios morcegos apareceu e fez sinal para segui-lo acompanhando-o. Andaram por alguns minutos e chegaram diante de outra porta, que se abriu logo que eles se aproximaram. O índio morcego parou, olhou-os e fez sinal para que entrassem. O casal seguiu em frente, saiu num amplo local parecido com uma sala de reuniões de uma grande empresa. No meio, havia uma mesa enorme e escura, de forma retangular, com três cadeiras. Para a surpresa da índia, quem estava sentado na ponta da mesa era o enigmático Marx, o *tembī jokuái* (aquele que leva a mensagem). Não se contendo, ela exclamou:

— Tuyami! Como é possível? Pensei que estivesse morto!
— e sorriu de felicidade, pois, durante os quase dez anos que se passaram, conheceu Kami, filho da Sônia Otahime e dele e, que ela havia dito que ele havia morrido. Era como se o tempo estivesse de volta para a índia, ela se lembrou do voo para São Paulo, quando eles se conheceram. No entanto, a magia e a emoção se desfizeram quando Marx falou com ela:

— O que vocês veem é uma projeção à qual foram induzidos por mim para podermos conversar, pois seu parceiro está vendo outra pessoa em mim, não é mesmo, senhor Obajara?
— questionou o alienígena.

— Sim! Estou vendo meu avô Ubiratã, que morreu há mais de dez anos.

— Mas como é possível? — perguntou a índia.

— Nós induzimos qualquer forma projetando-a na mente das pessoas, usando as formas mais agradáveis, carismáticas ou outras quaisquer que lhes sejam familiares, que conheceram durante sua existência, para que não se assustem e, obviamente, se sintam seguros — informou o estranho ser bi-facetado, com sua voz metálica. — Há mais de dez mil anos estamos neste planeta e, para passarmos despercebidos entre vocês, induzimos em suas mentes formas de terráqueos ao longo de todo esse tempo.

Eu os trouxe até aqui porque sei que vocês, povo da floresta, são os únicos que têm consciência de que o planeta Terra é um paraíso raríssimo neste canto do universo. É o planeta que tem um relevo numa superfície com uma troposfera raríssima, e os habitantes podem escolher e viver onde quiserem, com o clima que quiserem, comendo o que quiserem. Se buscarem nos mapas cosmológicos, não encontrarão nenhum planeta tão rico de vida como a Terra nas vizinhanças a menos de milhões de anos luz ou talvez até do outro lado da galáxia — acentuou

o alienígena e continuou pontuando com sua voz que parecia vir da soma de vários vibratos de máquinas: — Não somos os únicos que estamos aqui. Há quase seiscentos mil anos, este planeta vem sendo moradia de outros povos do universo, que se extinguíram cometendo a mesma estupidez que, infelizmente, a maioria ainda faz hoje, vivendo antropicamente e supervalorizando o ouro, o petróleo, o papel-moeda, afastando-se do corpo do planeta como se o planeta fosse um objeto criado para eles.

O alienígena fez uma pausa de alguns segundos e mudou os dois visuais do rosto para mais dois falecidos: o senhor Benitez foi visto pela índia e Sônia por Obajara. Os dois índios levaram um susto com a metamorfose, mas se lembraram de imediato que aquilo era só indução mental.

— A raça de vocês, seres da floresta, é a única que não foi alterada geneticamente por outros não terrestres. Vocês não trazem o gene de outros povos que não sejam do planeta Terra, ao contrário da maioria dos povos de todo o Oriente e três daqui da América, que são os Incas, Astecas e Maias, os quais também foram geneticamente alterados e cultuam a valorização do ouro.

Pelo fato dessa prática ter começado primeiramente no Oriente, e que já remonta a milhares de anos, isso faz com que aqueles povos pensem serem eles os donos da verdade e senhores dessa ciência antrópica devastadora de mundos, mas não sabem que essa tal cultura, não passa de um estigma advindo da herança alienígena mais nociva da galáxia.

Agem como crianças loucas ou como cães raivosos, alimentados por uma demência corrosiva. Nesses últimos tempos, são alimentados pelas drogas ego-pensantes. Muitos dos fatos esporádicos de atos de violência que acontecem hoje pelo mundo começaram a mostrar esse lado oculto da transgenia

alienígena híbrida nos seres humanos, denominados atualmente sociopatas, mas que não passam de alteração psicológica advinda desse gene que está, a cada dia, eclipsando a verdadeira raça autóctone deste planeta.

Os que fizeram isso fazem parte de uma parcialidade de seres que cultuam a manipulação de outros seres de planetas nos seus estágios naturais de desenvolvimento para criar manadas de espécimes a seu bel-prazer e reinar sobre eles como deuses sobrenaturais. É como criar um teatro vivo, a céu aberto, para se divertirem vendo a real tragédia humana acontecer. Alguns desses alienígenas que vivem disfarçados no meio de vocês são milionários, mas seu instinto sanguinário ainda é sedento. Mesmo vivendo e convivendo com os nativos do planeta, eles ainda pagam caro para ter uma “caçada humana particular” nos diversos clubes secretos que existem hoje em várias partes do planeta. Os de menores proporções gostam de caça e pesca esportiva. O abatimento de qualquer ser vivo é um instinto insaciável de prazer para essa parcialidade, e não há como controlar.

Eles é que desenvolveram o vício da cobiça de poder, da idolatria religiosa, da valorização de coisas supérfluas e, pior, afastaram as criaturas nativas do seu habitat e do seu viver em função do fluxo constante da existência do universo, criando uma cadeia de autodestruição coletiva, a qual já contaminou mais de 67% da população mundial deste planeta. O último reduto que ainda resiste são as diversas etnias que se concentram na floresta deste canto do planeta, mas que já sofrem muito com a demência de alguns desses espécimes transgênicos antrópicos terrestres degenerados criados por eles, que agem como seus protótipos genitores, destruindo a vida em qualquer lugar — e então o alienígena exasperou-se um pouco: — O continente africano, que está mais próximo do reduto deles, foi totalmente

espoliado nesses últimos cinco séculos e agora estão provando do próprio veneno com essa diáspora dos povos de lá para suas terras, que começou há uma década e não tem como conter, pois são motivados pela própria idolatria antrópica de poder megalomaniaco que lhes foi inserida nas suas essências primordiais, há muitas eras.



O alienígena pontuou com profundo conhecimento o fato épico que começou com a Cruzada Católica, quando a Igreja invadiu o Oriente Médio com a intenção de anexar a região para o papado, sob o pretexto de ser lá o local onde nasceu o avatar do Cristianismo, mas, na verdade, esse era mais um plano expansionista de poder da instituição para espoliar e acumular riquezas, da forma como sempre agiram seus pretensiosos fundadores da entidade, o Império Romano.

Depois dessa investida fracassada do papado, que gerou várias batalhas, milhares de mortes e defesas heroicas dos invadidos durante mais de dois séculos, o ódio, a discórdia e a política religiosa corromperam os povos de toda a região, que antes viviam praticamente em harmonia respeitando o credo de cada um. Essa falácia das Cruzadas engendrou a política do ódio dentro das três religiões de origem bíblica, e assim permanece até hoje.



— Nunca nenhuma civilização desenvolvida neste planeta chegou ao contingente e na situação em que se encontra. O hemisfério Norte deste planeta é a região mais próxima de

um colapso de todas as formas e não há como contornar essa tendência.

O alienígena fez uma pausa e começou a falar sobre as suas intenções com os dois agentes, fazendo uma retrospectiva das várias tentativas de contato com eles, que não deram certo.

— Nós começamos a aparecer para vocês dois, desde aquela fuga sete anos atrás, na BR-158. Depois, queimamos aquele agressor que iria te matar na fuga daquele garimpo, lembra-se? Falou fixando Obajara.

Naquele momento, Kunhahendy lembrou-se do homem que “se incendiou” no atentado de 2019, também na BR, quando Sônia foi baleada e interrompeu a fala do alienígena, perguntando sobre o acontecido:

— Senhor! Poderia nos esclarecer sobre o outro homem incendiado no dia da emboscada na BR? Por que não vimos “as luzes e nem o objeto voador” naquele momento?

— Sim! — respondeu ele, transmutando sua feição para a de Kami. Daquela vez, o visual era comum aos dois interlocutores. — Estávamos monitorando aquele acontecimento, não estávamos por perto naquela hora, então usamos o poder do menino, ou vocês estariam mortos agora.

Quanto aos homens de terno preto, como vocês chamam, foram mandados por nós. As primeiras vezes foram para tentar um diálogo direto. Quando eles te procuraram pessoalmente, você estava preso em Água Boa, mas, quando chegaram lá, você já havia saído. Queríamos convocar vocês dois para virem aqui. Na segunda vez, foi para não deixar pista gravada da abdução do menino. Vimos, depois, que não precisou, visto que o menino cuidou sozinho de tudo — ele olhou para a índia e continuou: — E, lá no hotel, foi para trazê-la aqui. Era um jeito de atraí-lo e trazê-lo também — disse, encarando Obajara. — Mas ele é um grande guerreiro — apontou para o índio — e

conseguiu abortar o sequestro. Depois, tivemos que destruir o nosso aparelho de raio paralisador que ficou na mão dele, pois poderia parar no seu comando maior e isso atrairia outros não terrestres e seus colaboradores fiéis.

Ontem, quando vocês deixaram a moça loira sozinha no hotel, foi a oportunidade maior que tivemos para conseguir trazê-los aqui. Sabíamos que vocês e os outros estariam ocupados com a operação para resgatar um dos seus, então agimos com mais tranquilidade.

Nunca quisermos matar nenhum de vocês. Se quiséssemos, já o teríamos feito. Pelo contrário, queremos ajudá-los nessas suas lutas, porém sem alterar o destino de vocês e da sua gente.

Volto a dizer que não somos os mesmos que alteraram o destino dos povos citados na história da Mesopotâmia. Ajudamos índios de várias aldeias da região e também de fora, estamos diretamente ligados aos trabalhos de cura das pessoas do Santuário do Roncador, que nos respeitam, nos ouvem e guardam nosso segredo. Não temos plano nenhum para a vida, tal como vocês, por isso não nos metemos com os desígnios de cada um dos povos da floresta. Qualquer insinuação sobre isso é um embuste, tal como foi feito pelos que atentaram, na aurora desta civilização, sobre o destino dos povos do Oriente e que, hoje, só têm caos de mal-entendidos, idolatria, política de cobiça, poder e ódio.

O alienígena resumiu suas intenções e deixou o casal de índios surpreso e perplexo, mas, ao mesmo tempo, eles sorriram, porque estavam muito mais convictos da sua cultura e isso os fez novamente se lembrar da reunião e da carta do líder Ailton Krenak há dez anos, a qual foi escrita coletivamente pelos pajés e que tinha tudo a ver com o que ouviam naquele momento surreal.

— Para terminar, quero propor a vocês que criem mais guer-

reiros além de vocês quatro, contando com os dois que estão lá fora do portal, e que tenham os mesmos propósitos seus, os quais também são os nossos, para enfrentarmos os tempos difíceis que virão motivados pelos “inimigos da vida aqui na Terra”, como vocês índios os chamam. Estaremos sempre nas entrelinhas das suas lutas e, caso precisem de nós, sutilmente estaremos por perto, tal como acontece com seus pajés, a todo tempo.

Não sabemos o segredo do mistério da vida, porém apenas percebemos levemente como os insetos, os vegetais e os animais buscam seus alimentos e um lugar seguro para não morrerem. Por isso, temos convicção de que o princípio da paridade da origem das coisas, no qual os povos das Américas acreditam, é o mais salutar, menos discriminador, belicoso e destruidor, contrário ao do princípio uno da chamada civilização adâmica.

Não sei quando nos encontraremos de novo, pois, como lhes disse, não há planos entre nós, apenas um compromisso e uma visão categórica para transitarmos nesta vida e neste mundo. O nosso encontro foi objetivado por razão da ameaça que estamos sentindo vinda para este último reduto mais natural do planeta, colocando em perigo não só a vida de vocês como também as nossas e até das outras civilizações circunvizinhas, em constelações mais próximas. Poderíamos dizer que estamos reagindo a um estímulo de ameaça à vida deste planeta, como qualquer ser vivo.

Vocês terão que ir agora. Falo aqui em nome dos meus, e quero somente alertá-los para que, quando saírem daqui com a moça loira, todos terão uma sensação que viveram um sonho, pois houve uma compressão de tempo e espaço, porém, quando vocês atravessarem o portal de volta, vão sofrer uma descompressão, com isso as imagens nas suas mentes se acomodarão nos locais onde vocês guardam suas memórias de sonhos. Não

terão os chamados pesadelos, nem entrarão em estado de choque ou ficarão loucos, como já aconteceu com a maioria dos que estiveram em contato conosco, tal como as mulheres dos outros índios, que mergulharam na Lagoa. A passagem pelo portal é diferente e ameniza a perplexidade emocional de vocês deixando-os convictos, porém serenos — concluiu o alienígena e simplesmente aos poucos, foi desaparecendo da cadeira.

A porta do recinto foi aberta e Larissa apareceu acompanhada de um índio morcego, que fez sinal para eles saírem.



O que é receber ou perceber um conhecimento: é tê-lo agregado na memória em estado latente ou tê-lo adquirido em uma experiência vivida? É como disse o psicólogo Carl Gustav Jung numa de suas máximas: “Final, nós criamos uma ideia ou ‘recordamo-la?’”. Essa sua cisma foi baseada em muitas verificações de ideias cruciais acontecidas na história da ciência, mas principalmente no “sonho” do Anel Benzênico acontecido com o químico Kekulé no século XIX.

Ninguém consegue saber se tudo o que temos de científico, filosófico, artísticos e religiosos neste mundo é realmente ideia sui generis, fruto da necessidade e da criatividade do nativo daqui. Vivemos numa imensidão de ideias, mas será que sempre foi assim? Será que os homens primitivos encadeavam ideias ou sonbavam? Como? E por quê? E com o que sonbavam? De onde vinham esses “sonhos”

Por que, de repente, acontece o desenvolvimento de conhecimentos arquitetônico, matemáticos, astronômicos, tecnológicos como se não houvesse uma anatomia temporal convincente para esse desenvolvimento abrupto? O

Darwinismo não tem respostas para nada disso e deixa os criacionistas cheio de razões.

O que aconteceu dentro da caverna, no diálogo com o alienígena, quando o mesmo, ao se despedir, disse que aquela experiência com ele ficaria “na memória onde se acumulam os sonhos de cada um dos agentes”? O que denotou essa cisma do psicólogo Jung ao questionar a originalidade das ideias, a criatividade ou devoção religiosa neste mundo tal como aconteceu com o patriarca bíblico Moises após ter contato com uma entidade que disse ser o seu deus no Monte Sinai e, ao descer de lá, trouxe consigo um contrato categórico com aquele Deus e uma tábua de regras sociais? Será que sempre fomos monitorados por seres que não são deste planeta? Afinal, há um bordão que os religiosos chamam de “desígnios de Deus” e que, segundo eles, foram ditos pelos deuses antigos de suas religiões.



O cacique Saturnino fumava seu cachimbo e a chispa da sua tragada na noite escura deu um clima de ansiedade e mistério na conversa de Jonathan e Tony, que lucubravam sobre a demora dos companheiros.

— Já se passaram mais de quatro horas, será que estão vivos? — perguntou Jonathan para Tony, demonstrando preocupação.

— Dizem por aqui que “notícia ruim até borboleta carrega”. Eu não vi nenhuma borboleta, você viu? — brincou o negro, sorrindo para o loiro.

— Eu nunca vi borboleta à noite, sou de cidade grande — respondeu Jonathan.

O cacique Xavante, ouvindo o colóquio dos dois, deu uma

baforada, olhou a entrada da caverna e disse, com uma convicção perturbadora para os dois ouvintes:

— Eles já estão vindo, chegam antes do nascer do sol.

— Mas como você sabe, cacique? — perguntou Jonathan, encafifado e olhando para o índio.

— Uma vez, eu estava à beira da lagoa encantada, era uma noite mais escura que esta e as luzes estavam saindo de dentro dela. Então, eu olhei concentrado para aquela luz e, desse dia em diante, não quis mais olhar as luzes de lá, mas, naquele momento, despertou dentro de mim a minha luz que estava adormecida. Aprendi que a luz de todos os pajés vive acesa, por isso eles conseguem ver mais do que os outros. Então, a partir desse dia, eu comecei a fazer o mesmo — respondeu Saturnino, baforando o cachimbo e sorrindo para o loiro, que ficou de olhos arregalados, pois nunca ouvira tal coisa.



Depois de passarem pelo portal, Kunhahendy, Obajara e Larissa caminharam dentro da caverna por quase duas horas e as lanternas começavam a falhar. Estavam quietos e ainda meio perplexos pelos acontecimentos surrealistas que acabaram de presenciar. A índia anunciou que havia uma luz à frente e ficaram em alerta. Aproximando-se, constataram que ainda estavam passando pelo lugar onde se defrontaram com os morcegos, porém não havia nada e a luz era apenas reflexos de suas lanternas num local da parede da caverna abarrotada de mica. Obajara se lembrou de que tinham ainda, mais ou menos, um quilômetro para andar e pediu para a índia desligar a lanterna, pois teriam que ficar mais próximos um do outro para usar uma só lanterna e economizar a bateria.

Meia hora depois, chegavam ao ponto de partida e saíram

correndo quando viram a fenda em forma de triângulo. Lá fora, o cacique Xavante pressentiu a aproximação deles e anunciou em voz alta:

— Chegaram!

Os dois agentes desceram para ver se estavam bem, mas a surpresa maior mesmo foi o resgate de Larissa, que fez o negro Tony ir correndo abraçá-la. Todos se abraçaram e começaram a subir de mãos dadas para a saída. O cacique Xavante permaneceu sentado assistindo à cena de cima da sua pedra baforando o cachimbo; sorriu convicto, pois sabia que havia mais amigos para compartilhar aquele profundo mistério que já fazia parte da cultura de sua aldeia.

26° Capítulo

Contenda Rural, Fade Out misterioso e o vislumbre da “ cabeça do dragão” na viagem de Obajara para Porto Velho.

O alerta na caverna para os agentes índios feito pelo alienígena há meses não foi em vão, porque intensificaram as investigações sobre a ação da organização criminosa PCC que atuava na fazenda Xingu, seu QG principal, associada aos ruralistas conservadores.

Após o atentado a George Linch e a operação da equipe de Obajara com a polícia de Canarana em que foram todos presos, desencadeou-se, em toda a região, vários tipos de acontecimentos sociais. O pior deles foi a revanche que se deu contra outros ruralistas que mudaram o modo de plantio para a bioativação, deixando de usar os insumos agrícolas tradicionais, que só destroem o solo e alimentam a cadeia de produtos antiecológicos. Eles então começaram a sofrer represálias por parte do setor conservador.

Outros que também viraram alvos dessa revanche foram as alianças novas que uniam algumas etnias índias, posseiros pobres que faziam agricultura de subsistência e produtores rurais que apostavam também no Plano ABC (Agricultura de Baixa Emissão de Carbono) para o novo plantio, tendo como premissa a simbiose social, atitude iniciada pelo ruralista redentor George Linch.

A facção dos tradicionalistas usava drones pequenos e baratos para carregar produto inflamável no seu bojo, voavam à noite sobre a lavoura dos agricultores adversários e explodiam o aparelho provocando foco de incêndio na plantação,

que dificilmente era controlado, principalmente nos meses de seca na região. Outros proliferavam doenças no setor pecuário, matando manadas inteiras.

A insanidade chegou a tal ponto que culpavam os índios, deixando falsas pistas no local para as autoridades policiais incriminá-los.

Esse ato criminoso, que começou a ser usado pelos “inimigos da vida aqui na Terra”, levou algum tempo para ser percebido pelas autoridades de segurança e também para conseguir prender e incriminar os verdadeiros responsáveis. Algumas prisões só foram possíveis porque as novas alianças pagaram monitoramento via satélite de alta precisão, a fim de conseguir provas cabíveis e passá-las para as autoridades.

Os índios das reservas, por sua vez, também resolveram usar “o drone incendiário” para queimar as lavouras dos ruralistas que invadiram suas terras tempos atrás e atiraram agrotóxico nas suas reservas, fazendo o feitiço virar contra o feiteiro.

Isso tudo gerou um caos na região, que teve que chamar a Força Nacional para acabar com as séries de conflitos setoriais que já estavam alcançando uma proporção bem considerável, botando em perigo as cidades mais próximas.

Os quatro agentes infiltrados se dividiram para auxiliar a Força Nacional a pacificar e defender as novas alianças, que tinham o apoio do governo federal por serem de interesse econômico e social para a região. O país estava sofrendo muito com a baixa exportação e desgaste político em nível internacional.



Depois que saiu do hospital, Carlos Rizzo fez seu depoimento. Graças às suas gravações, a polícia encontrou no CPU da ilha de edição da fazenda Xingu, as informações importantes

que precisava. Ele recebeu soltura imediata, pois seu material gravado foi considerado como delação premiada pelo juiz da comarca de Canarana. O capataz Ênio também contou o que sabia e foi liberado; os outros ditos “empregados”, que na verdade eram membros do PCC, foram indiciados e presos, juntamente com o gerente Murilo.

Por intermédio do agente Jonathan e a pedido de Obajara ao senhor George Linch, o ex-vigia Carlos Rizzo começou a trabalhar na fazenda Buriti para cuidar, junto a Cleber, da informática e monitorar as lavouras e a pecuária.

Ambos estavam conversando depois de terminados os trabalhos do dia. Eram 19h00 e havia uma ameaça de chuva. O vento estava forte e Obajara encontrava-se fora do casarão com seu Spot, passando ao Coronel Jaime as últimas informações que outros agentes lhe encaminharam em relatório gravado.

— Bem, Jaime, isso foi tudo por enquanto. Espero que o General compreenda como está a situação, que parece já estar quase sob controle, afinal já vai pra um ano essa contenda — comentou o índio e logo perguntou sobre seu filho.

— Está um garoto bonito e forte. Estive conversando com Rosana e planejamos o seguinte: quando eu receber ordem para você e os outros agentes se recolherem e deixarem o resto do trabalho para a polícia e o Exército, vou te liberar por uma semana pra vir aqui no mês que vem, pois Itagiba vai completar cinco anos — propôs Jaime, despedindo-se e desligando, deixando o índio com um sorriso de alegria.

Ele começou a imaginar como passara o tempo. Não conhecia seu único descendente, nem sabia que parte espiritual estava no seu corpo, apenas percebia que fazia parte da grande corrente de seus ancestrais – disso qualquer índio tem convicção e não fé. É parte esotérica da sua cultura.

Ainda pensativo, olhando para a lavoura de soja iluminada

e caminhando para a entrada do casarão, Obajara é interceptado pela pergunta de Cleber sobre os resultados dos peritos a respeito do fade out da gravação.

— E aí, Obajara, o que os peritos disseram sobre aquela gravação?

— Eu não sei! A última vez que falei com Jaime a respeito disso, ele não me disse nada de concreto, somente que o chefe da equipe sofreu amnésia e foi afastado; não sei quem ficou no lugar dele. Posso perguntar amanhã para o Coronel e te digo — respondeu o índio, aproximando-se deles dois.

— Do que é que vocês estão falando, posso saber? — perguntou Carlos, olhando para os dois.

Cleber contou-lhe do que se tratava. Carlos ficou curioso e pediu para ver a gravação. Então eles foram até o quarto de Cleber, que pegou o velho pendrive e mostrou para ele, no monitor, onde estava a alteração que aconteceu no momento em que o menino Kami foi abduzido.

Carlos Rizzo olhou e disse que se tratava de uma mudança na configuração da câmera, na hora do fade out, entre uma gravação e outra, como se passasse para uma gravação com modulação Keying, na qual se retira a imagem de fundo deixando a imagem do objeto em movimento em evidência, tal como era feito no antigo Chroma Key. Curioso, ele perguntou quem estava manejando a câmera.

— Era eu, Carlos! — respondeu Cleber, olhando-o e surpreso não entendendo o porquê da pergunta.

— E como você fez isso sem perceber? — perguntou, olhando para ele cheio de dúvidas.

— Não sei! Eu não fiz nada, apenas estava filmando as pessoas que chegavam pra registrar o encontro. Quando vi o Jeep de Obajara entrando rápido no estacionamento, movi o foco da câmera para lá. Depois, chegou o capataz José Farias, fiz

um close dele falando com Obajara, que estava carregando a doutora ferida. De repente, ouvi os convidados gritando: “Olha lá! Olha lá!”, então movi o foco da câmera para o menino que corria em direção ao OVNI e filmei tudo como vocês assistiram. No outro dia, quando fui ver, para minha surpresa, estava assim. Senti que deveria guardar as gravações, porque na câmera não estava mais seguro, havia sido invadida, não sei como aconteceu. Então, busquei um artefato antigo, o pendrive, e salvei nele, porque sei que coisa muito obsoleta certos sistemas de hoje não conseguem ler mais.

— O que posso dizer é que alguém alterou a configuração naquele momento... Quem seria? Acredito também que você não observou o monitor da câmera no momento da gravação pra ver como estava sendo gravado, não é mesmo, Cleber? — Carlos insistiu, perguntando e comentando.

— Sabe que você tem razão, Carlos? Eu fiquei muito empolgado diante do acontecimento, nunca tinha visto um OVNI na minha frente e me desviei do monitor da câmera. Quando me dei conta, já a havia desligado.

Obajara teve um insight, como se fosse tocado por uma incisão do inconsciente, e se lembrou da voz metálica da conversa que teve com o alienígena na caverna. Recordou-se de que o mesmo havia mandado os homens de preto buscarem as imagens, mas disse que nem precisou porque, segundo ele, o menino havia “cuidado de tudo”.

O Índio somente escutou a conversa dos dois, não disse nada apenas caminhou em direção à saída do recinto acompanhado por Carlos e Cleber que continuaram entretidos com as especulações sobre o misterioso acontecimento.



Longe dali, o agente Jonathan estava há mais de três horas tentando, junto com o Exército, apaziguar umas escaramuças na região de São José do Xingu, ainda com duas frentes em luta: de um lado, ruralistas conservadores e, do outro, a nova aliança de ruralistas, índios Caiapó e posseiros de agricultura de subsistência.

— Como vamos fazer, Comandante? — perguntou, em meio a barulhos de disparos.

— Vamos recuar. Não há razão para tentar pará-los à noite, é mais complicado. Falei com o Comando Geral e eles vão mandar um helicóptero, então falaremos com os líderes por megafone pedindo uma trégua para ambos os lados, negociaremos com as duas partes e acabaremos com a briga.

— E se não aceitarem, como vamos fazer? — perguntou o loiro incisivamente.

— Prenderemos os dois líderes e os levaremos para outro acampamento. Em seguida, darei ordem pra meus homens atacarem quem vier contra nós.

Depois de expor seus próximos atos ao agente, o comandante saiu em seguida, para atender um chamado no comunicador Spot.



Nessa mesma hora da noite, no município de Ribeirão Cascalheira, Kunhahendy e Tony Monteiro se esgueiravam no meio da floresta, chegando perto de um acampamento de ruralistas conservadores para sequestrar o líder deles, que não quis fazer acordo no final do dia, enquanto que o outro lado aceitou.

— La está ele tomando chimarrão. Vamos ver no qual barraca ele vai dormir e o pegaremos — disse a índia para o negro, e perguntou-lhe se estava com o líquido que adormece as

pessoas até duas hora: — Está com o “dorme-dorme de gente grande” já pronto?

O negro confirmou balançando a cabeça, então os dois aproximaram-se mais e viram, depois de alguns minutos, que o líder pediu licença e entrou numa das barracas. Começaram então a operar o plano do sequestro.

A barraca do líder estava armada perto de uma capoeirazinha e tinha luz acesa dentro. Os agentes esperaram uns segundos, até que viram sua silhueta apagar a luz e se deitar, então entraram.

O líder tentou pegar a arma, mas a índia segurou o braço dele, enquanto Tony colocava o pano com o líquido no seu nariz, o que o fez desmaiar em segundos. Arrastaram-no para fora até a capoeira, depois o carregaram para a floresta ainda por uns cem metros a fim de colocá-lo no veículo, que estava parado na picada.

Saíram com a luz do carro apagada até o acampamento do Exército. Lá chegaram, desceram, bateram continência ao Comandante, que os recebeu e bateu palmas agradecendo-lhes. Deu ordem para os soldados levarem o prisioneiro à cela do caminhão do Exército e esperar o líder acordar para conversar. A partir dali, a força de segurança resolveria o que fazer.

Os agentes se despediram do Comandante, entraram no drone e saíram do acampamento para a cidade de Ribeirão Cascalheira, ali pertinho, e foram ao mesmo boteco em que Kunhahendy encontrara o índio Nestor Kamaiurá, meses atrás. Sentaram-se. Eram 22h00. Pediram cerveja ao Serafim, dono do boteco, que veio sorrindo já trazendo a bebida e brincando com a índia, babando de elogios:

— Mas não é que é a minha linda princesa Guarani... Como é que você está, minha linda?

— Tô bem, Serafim! Este é meu amigo Tony. Estamos preci-

sando de uma dessas, bem gelada — ela respondeu, enquanto Tony se levantou e apertou a mão do proprietário.

— Fiquem à vontade; hoje tem pouca gente, como você vê — disse, apontando para o ambiente do bar meio constrangido — tudo por causa da “peleja” na região.

— E Nestor, tem aparecido aqui? — questionou a moça, enquanto Serafim ia se afastando da mesa, o que o fez se virar e responder gesticulando:

— Tá lá, junto com os outros! Disseram-me que os pequenos proprietários, os índios e alguns ruralistas aceitaram a proposta para acabar com a briga. Talvez ele apareça aqui amanhã, pois, daqui a pouco, vou fechar — Serafim respondeu e saiu para atender outra mesa.

— Tony, tô precisando de um bom banho frio pra relaxar. Vamos dormir aqui e amanhã a gente segue pra Canarana, que tal? — propôs a índia, dando um tapinha na mão do negro em cima da mesa.

— Pra mim tudo bem, eu também tô cansado — respondeu Tony, sorrindo.

Os dois agentes teriam que ir até a fazenda Buriti encontrar o Capitão Obajara para passar o relatório gravado a ser encaminhado pelo índio ao comando de Porto Velho. Devido a vazamentos acontecidos anteriormente, o Coronel Jaime determinou que as coisas fossem feitas desse jeito, para evitar problemas.

Resolveram então dormir no hotel Aroeira. Depois de acomodados, a índia foi a primeira a se banhar, enquanto Tony tomava uma dose de whisky olhando a velha TV. Logo que Kunhahendy saiu, deitou-se nua na sua cama e pediu a ele para fazer massagem nas suas costas; isso deixou o negro perturbado. Ele disse, desligando a TV, que se banharia primeiro, fazendo a entender que estava muito suado. A índia concordou,

mas estava sentindo a presença do seu protetor, o duende *Acã Hendy*, e a síndrome do *mo bagüü rõ* (desejo erótico) tomou conta dela. Levantou-se como que em transe, entrou no banheiro e viu o agente se masturbando no chuveiro. Quando o negro a viu na porta, nua no seu esplendor de sensualidade, largou o pênis duro e foi até ela. Os dois se agarraram na maior excitação. Ela se abaixou e chupou o pênis de Tony de um jeito que o negro gozou na mesma hora gritando, pois já estava muito excitado.

— Ai, minha gostosa! Chu...pa que tô gozando... Ai!

A excitação de Tony era tanta que seu pênis continuou duro; pediu para penetrá-la em seguida. A índia levantou-se com esperma ainda no rosto, ficou na posição de quatro e disse para ele penetrá-la, porém que a deixasse gozar primeiro e, depois, penetrá-la e gozar no seu ânus.

Quando o pênis do negro penetrou sua vagina, ela suspirou de tanta excitação e exclamou em voz alta:

— Ai, gostoso, que delícia! Enfia mais, quero seu pau todinho em mim, tô precisando já faz dias.

Tony começou o movimento de entra-e-sai na vagina da índia que gemia e, depois de alguns segundos, ela chegou ao clímax gritando como uma alucinada, balançando a pelve:

— Ai, que delícia, tô gozando! Mete mais fundo, meu nego gostoso! — então Kunhahendy gozou e suspirou fundo, mas continuou tremendo de excitação, então Tony penetrou no seu ânus, e ela comentou:

— Ai, que pau gostoso! Eu ficaria muito frustrada se você tivesse soltado porra lá no banheiro, eh! Eu precisando dela toda no meu cu...

— Ainda bem que você chegou a tempo, índia gostosa! — brincou, enquanto metia o pênis inteiro no ânus da índia, que começava a suspirar de prazer.

Depois de muitos movimentos, os dois gozaram juntos gritando enquanto o negro encostava seu quadril no traseiro dela e a carregava levantando-a da cama, fazendo o pênis dele afundar todo no ânus da índia, a qual retesou todos os músculos do corpo para depois se deitarem na cama, ainda engatados. Passados alguns minutos do estado refratário, Tony tirou seu pênis e começou a conversar.

— Fiquei com muita tesão quando você me pediu a massagem. Pedi pra ir ao banheiro pra bater uma punheta, tomar um banho e depois viria fazer a massagem. Não sei o que houve comigo, meu pau deu um pulo de tão excitado que estava, fiquei pensando: mas será que vou comer essa minha gostosa colega de trabalho? Então, resolvi que não, não é recomendável e comecei a me masturbar. Quando você apareceu na porta, eu senti um frio na espinha e meu pau se lambuzou mais na minha mão.

— Eu sinto o tesão das pessoas e, quando bate a química comigo, crio uma corrente que, na mesma hora, a pessoa próxima se descontrola. Isso acontece também com mulheres. Inclusive, há pouco tempo, com Larissa, foi divino! — comentou a índia sorrindo, deixando o negro mais surpreso com a notícia. Ele sorriu para ela, perguntando:

— Então, vocês duas já transaram? Por que não me chamaram?

— Tem dia que eu quero mais mulher, outro dia homem, como hoje, outras vezes homem e mulher, ou dois homens para um “duplex”, depende do meu *mo bagüü rō* — disse sorrindo, deixando o agente intrigado com o vocábulo guarani. Tony perguntou, de imediato, seu significado.

— Mas o que é isso? Algum feitiço?

— É mais ou menos isso, faz parte da minha cultura — respondeu, ainda excitada. — Me chupa agora, gostoso, quero

soltar meu gozo na sua boca e depois coma meu cu na posição de frango assado — propôs, sorrindo e apertando na mão o pênis do negro.

Tony começou a chupá-la bem devagar, pois queria isso mesmo.

Todo homem gosta de sentir o cheiro da vagina da mulher, faz parte das particularidades hétero. Para o agente Tony, esse tal gozo, de que ele nunca tinha ouvido falar por mulher nenhuma, era mais uma experimentação.

Quando é longo e profundo o orgasmo feminino, algumas mulheres atingem um grau muito elevado de excitação e então acontece com raras delas o chamado “squirt”, que é soltar líquido pela vagina.

Depois de alguns minutos, a índia gozou e lambuzou a cara do negro com seu líquido e ele, aproveitando-se da experiência, segurou um pouco na boca para, em seguida, acoplá-la no ânus dela e soltá-lo lá dentro, fazendo a índia gritar de excitação.

— Aí, gostoso! Mete logo seu pau no meu cu! Você o molhou e me deixou com mais tesão. Vamos! Não estou mais aguentando...

Logo que o pênis de Tony, todo lambuzado de líquido seminal, entrou no ânus de Kunhahendy, os dois não conseguiram se controlar nem mais um minuto e gozaram gritando.

— Mete com força no meu cu, meu querido! Aí, tô gozando... Ai!

— Que delícia de cu... Minh... a... índia...a gostosa... Ai!

Depois, banharam-se juntos ainda se acariciando, voltaram e se deitaram em camas separadas, pois o hotel só tinha apartamento para solteiro naquela noite.



Os conflitos diminuíram quase que 79% na região do Alto Xingu e Araguaia, mas ainda estavam intensos no sul do estado do Pará, na divisa com Mato Grosso. Os agentes Jonathan, Kunhahendy e Tony Monteiro foram enviados para lá.

Isso deu uma folga muito importante, a qual o agente Obajara tanto almejava, pois o Coronel Jaime o liberou por dez dias para ir até Porto Velho, capital de Rondônia, visitar e conhecer Itagiba, seu filho com Rosana.

O índio resolveu ir de trem, pela estrada de ferro transcontinental que começou a funcionar há um ano carregando produtos do agronegócio, e que também começara a transportar passageiros. A viagem foi rápida e confortável, porque os trens eram modernos e gastavam em torno de dez horas de Água Boa a Porto Velho.

Obajara estava sentado olhando a paisagem que se descorria em sua janela. Era notável a mudança do quadro logo que saiu da cidade, pois as lavouras não constituíam mais a imensidão de monocultura que se observava no final do século XX; havia um misto de hortaliças, ilhas florestais, pomares, animais etc. Com a grande migração de chineses por causa da ferrovia trazida por eles, o desenvolvimento agrário na região tornou-se o alento que o local precisava, e a abundância do cultivo de arroz ficou em destaque, principalmente na região pantaneira, a oeste do Estado.

O trem estava em movimento há quase duas horas, aproximando-se do município de Lucas do Rio Verde. O índio resolveu esticar as pernas e se levantou para andar dentro do comboio que saiu de Água Boa às 07h00. Ele não tinha tomado café e foi até a cantina. Tudo era automatizado; somente no caixa é que havia uma chinesinha muito agradável e sorridente, falando um português impecável. Foi até ela para se informar e pagar, porém, na hora em que ela ia lhe passar o boleto para liberar

o café, o índio reparou no seu braço a tatuagem negra de um ideograma chinês. Por um breve momento, ele cruzou seu olhar com o da oriental e disse:

— Bela tatuagem... É seu nome em mandarim?

— Não senhor! É uma frase da nossa cultura.

Depois, os dois sorriram num tom de cordialidade. O índio seguiu, preparou seu café a gosto, sentou-se de frente à porta de entrada da cantina e continuou olhando a paisagem e cogitando por que os chineses não automatizaram a cantina; ao contrário, colocaram uma pessoa para fazer o trabalho, o que não era mais comum em todo o comércio.

Estava quase terminando o café quando a porta se abriu e entraram dois chineses de terno e óculos escuros, conversando em mandarim. Foram até a chinesinha do caixa, que sorriu e fez um gesto com o dedo indicador para cima. Obajara olhou para a mão do chinês que estava pagando o boleto e viu a imagem de um pequeno dragão tatuado. Sabendo do que se tratava, baixou os olhos para não encará-lo, pois estava diante de algum membro da Tríade, a máfia chinesa – isso era a resposta ao que ele estava cogitando.



Há mais ou menos quinhentos anos, esse “contraponto” surgiu como uma espécie de anomalia nos estados que estavam em formação, criando grandes aglomerações e contingências nas velhas cidades e reinos. Todas as máfias nasceram de uma resposta às injustiças e desleixo sociais praticados pelos governantes, em detrimento das classes mais pobres.

Inicialmente, foi assim; depois, os componentes da organização se conscientizaram de que poderiam ser um

poder paralelo e também cuidar dos produtos de contravenção que as sociedades começaram a consumir logo após a Revolução Industrial. No final do século XIX, investiram nos sindicatos das classes operárias, nos contrabandos de armas e bebidas.

Até o momento, a lei federal estúpida proíbe o tráfico de drogas executado pelas máfias, mesmo sabendo que, se fizesse o contrário, isto é, se as liberassem, o governo deixaria de gastar rios de dinheiro com a repressão e ainda, de quebra, arrecadaria muito mais em impostos.

As máfias trabalhavam também nos bлатos da segurança, onde o poder público deixava aquém, cobrando proteção, isso porque os detentores das leis de todo o país, a polícia, os juizes, os desembargadores e os políticos ganhavam com esse tipo de negligência, insegurança e conflitos planejados.

A maioria das máfias administravam os jogos oficiais e clandestinos, bem como faziam o serviço sujo o qual a elite política, religiosa e econômica de qualquer país não podia fazer, como lavagem de dinheiro, contrabando de armas, execuções de líderes político, religiosos ou outros quaisquer.

Por ser uma organização nascida das classes mais pobres e injustiçadas, estava sempre ligada à sua cultura de origem. Diante desse pano de fundo genitor, a cultura local sempre foi apoiada pela organização mafiosa. Grandes artistas que as tiveram como ‘padrinhos’ notabilizaram-se na história da cultura musical, principalmente nos Estados Unidos, como Frank Sinatra, Louis Armstrong, Duke Ellington etc. e, no Brasil, ela sempre operou na promoção das Escolas de Samba e desfiles carnavalescos.

Sua devoção pela cultura não se verificava só na América, mas também nas outras partes do mundo, como o leste europeu, Oriente e Caribe.

Temos que ser honestos e realistas: a Máfia é um mal necessário, tanto para a manada social quanto para a manada governamental, em todo o mundo.



Eram 17h15 quando o trem parou na estação de Porto Velho. As pessoas foram saindo e Obajara desembarcou no meio da multidão. Na plataforma, escutou uma voz chamando-o:

— Obajara! Obajara! Aqui!

Ele olhou para todo lado e logo conseguiu ver o Coronel Jaime, Rosana e o pequeno Itagiba, todos acenando para ele num canto da plataforma. Aproximou-se, abraçou o casal, pegou o filho Itagiba, carregou-o e ficou perplexo olhando por alguns instantes o seu lindo filho nascido do trio de prazer, o qual ele nem esperava.



Uma descendência direta do nosso protoplasma é um aplicativo plasmado em forma de gente, porém, quando nasce um novo ser humano neste mundo e começa a ter sua identidade própria, o ímpeto anímico desse espírito que, por sua vez, já é marcado por outras experiências reencarnada, se mescla com os genes vibratórios dos pais encarnados. Obviamente, seu ‘Proprium’ será definido pelo meio ambiente e principalmente pelo berço familiar onde ele vai ser criado.

É muito difícil perceber antecipadamente como vai ser o caráter de uma nova criança. Às vezes, pode ser o resultado dramático da vida de duas almas que não prestaram atenção na vida e deixaram resquícios de suas coisas não

resolvidas, como certos temores, erotismo mal desenvolvido, ódio e ternura contida etc., e esse invólucro compulsório amalgamado dos genitores pode interagir com o desenvolvimento do novo ser.

Dependendo do grau e da magnitude, isso pode às vezes eclipsar ou até mesmo imantar a alma nascente dessa nova pessoa, o qual poderá ter, no resultado final do processo, um novo indivíduo com princípio e anseios semelhantes aos dos pais, independente do meio ambiente e familiar no qual foi criado.

Geralmente, de um meio cultural autóctone ou de pais estoicos com a realidade natural do mundo é que nascem as crianças mais previsíveis e providas desde pequenas, da auto-percepção daquilo que eles vão fazer com a sua existência, o que faz os pais dizerem com orgulho: Esse (ou essa) já nasceu pronto!

É muito notável quando buscamos saber o local e a condição de nascimento dos maiores gênios e avatares do nosso planeta e nos deparamos com um fato comum de que a maioria nasceu de pais pobres, na área rural do interior dos países e em minúsculas cidades. Acreditam-se que tais entidades necessitam nascerem bem próximo da natureza e aprenderem desde cedo a viver com o básico, para compreenderem melhor a complexidade de uma sociedade.

No meio indígena, cada criança que nasce é previamente esperada, porque os índios acreditam serem eles parte de seus ancestrais que já se foram, ou até mesmo um deles retornando nesta nova dimensão do universo, num novo tempo. Os índios não acreditam que gente não índia possa encarnar em um novo ser na sua etnia, como acreditam outras seitas espíritas. Para eles, qualquer ser que nasce veio da falange de uma grande auréola espiritual que deu origem à sua etnia.



Obajara passou o maior tempo em Porto Velho conversando e se divertindo com Itagiba. O menino sentiu-se atraído intuitivamente pelo seu “pseudo tio”, mas este logo se conscientizou de que o filho veio de um novo vórtice diferente, pois Rosana não era índia e sim uma mestiça com duas raças distintas da dele. Como um prestigioso guerreiro e guardião de povos, ele preferiu não perscrutar mais nada e aguardar o ímpeto de vida do menino, deixando de lado a sua tradição cultural e apostando no desenrolar anímico do *Proprium* da criança.

Ele entendia que, se nesse novo limiar estivesse acontecendo uma nova configuração para os novos tempos, obviamente haveria também a abertura de um novo vórtice de sincronicidade e, nesse novo patamar, somente o “mistério insistente em querer estar vivo” é que continuaria a proliferar essa semente de existências de seres sem a espreita de pais ou de “desígnios divinos”.

27º Capítulo

No limiar, além da 3ª Onda

Estamos no ano de 2026. As grandes cidades estão se esvaziando e vivendo um ímpeto de liberdade de expressão e de ação. Por causa das novas invenções tecnológicas, as pessoas vestem o que querem e não há mais predominâncias das grifes após o surgimento da máquina Digitizer Desktop 3D. Sua evolução nos últimos dez anos tornou-a tão eficiente que produz qualquer roupa e objetos quaisquer. Diante dessas e tantas outras coisas que surgiram para facilitar e descentralizar as fontes produtoras industriais, não há mais motivo para viver em grandes metrópoles e a nova ordem opcional que começou no final do século XX, chamada Vida Simples, tornou-se a hegemonia preferida por causa da qualidade e escassez de alimentação. Pode-se dizer que a 3ª Onda de Alvin Toffer se consolidou em quase todos os cantos do planeta.

A juventude é composta de crianças que nasceram a partir do final do século XX e começo deste, cresceram com a internet e jogos eletrônicos; suas vestimentas são feitas por elas mesmas e a maioria desenvolveu dissociação desde a infância. A consolidação da sombra, *de animus e anima* junguiano para super-heróis ficou tão banal quanto a febre das tatuagens nos jovens dos anos noventa do século passado e permanece até os dias de hoje. Nesses últimos 10 anos, além das tatuagens, a juventude começou a desenvolver no corpo certos adornos esdrúxulos, tal como os índios, alterando a forma dos lábios, dentes, orelhas, narizes etc. Paralelamente a tudo isso, está acontecendo oficialmente a geração de bebês usando a participação de três genitores ou mais, para evitar doenças congênitas, o que

se estendeu depois para a estética da descendência, coisa que a engenharia genética já havia começado há décadas. Pode-se dizer que é o começo, ainda que precário, do “Admirável Mundo Novo”, preconizado pelo escritor Aldous Huxley.

São seres que nasceram sob o legado do que eu posso chamar de “danças dos casais”, pois a maioria veio oriunda de pais separados, casais gay e a banalização desse proceder coletivo dos cônjuges não os marcou, nem “freudianamente”, nem substancialmente.

Esses jovens, acostumados com a ausência e troca de pais como uma coisa corriqueira no meio deles desde quando nasceram, se agarraram, por sua vez, desde a adolescência, em suas “tribos” coletivas, que muitas vezes não eram nem consanguíneas, mas era o que lhes restava para se identificarem com algum tipo de “manada”, coisa do instinto de mamíferos que ainda palpita em cada um de nós. A sexualidade deles ficou por conta do *animus e anima* de cada um, ou por algum tipo de projeção.

É uma década marcada pela intensificação de nascimentos de crianças pródigas ou com algum tipo de faculdade especial, o que desafia a ciência positivista, que delega a explicação desses fenômenos à Física Quântica e ao esoterismo.

O mercado informal da comunicação, que começou com o comércio das fitas K-7 nos anos 1970, depois CD e DVD nos anos seguintes, consolidou-se e ramificou-se para outros produtos em larga escala. Esses obsoletos produtos que deram origem a esse mercado informal nem existem mais, tal como os discos de vinil do século XX, que hoje só são vistos em museus de comunicação.

Após a falácia geral dos órgãos públicos responsáveis, houve uma complacência nas leis municipais para cuidar das cidades e então a limpeza e a segurança pública ficaram por conta de

cada cidadão em seu próprio bairro e condomínio; em contrapartida, houve a diminuição substancial da carga de impostos públicos cobrada das pessoas.

Os governos ficaram cuidando somente da saúde, das obras públicas, dos transportes e estudos. A educação foi questionada e modificada, e o jeito obsoleto de preparar o cidadão – desde sua tenra infância, como se fosse feito em “linha de montagem” para obedecer à religião, seguir certo padrão social e ser consumista do sistema – não funcionou mais, devido à grande evasão escolar que começou ainda no século passado e se consolidou na segunda década deste século, provocando o colapso final da educação tradicional.

As drogas foram liberadas e surgiram ainda outras mais novas, mas as leis aplicadas para qualquer delito praticado pelo cidadão sob a influência de entorpecentes, álcool ou outro aditivo psicossomático qualquer, é agora considerado crime hediondo e a lei está mais rigorosa e sem possibilidade nenhuma de defesa jurídica, pois a tolerância zero sonhada havia chegado. Proliferou também em todo mundo os entorpecentes caseiros, cada pessoa criava a sua receita optando pelo seu bel-prazer, a saga do tráfico praticamente acabou.

A poluição do ar diminuiu quase 90% por causa da tinta antipolvente, criada há dez anos e usada para pintar todas as casas, prédios, interiores em geral, sem contar que praticamente 100% dos veículos, tanto aéreos quanto terrestres, são agora movidos por hidrogênio e eletricidade, uma iniciativa dos países socialistas que nunca deu margem para especulação da política empresarial capitalista do combustível fóssil, mas sim sempre visou ao bem maior para a sociedade e com custo mínimo ao meio ambiente. Quanto ao velho petróleo, arrumaram outra função industrial para ele, porque até as corridas de Fórmula-1 ficaram obsoletas devido ao aparecimento dos drones tripula-

dos e outros tipos de veículos bem mais rápidos e seguros que qualquer transporte terrestre movido a petróleo. Surgiram novas corridas esportivas com esses novos veículos aéreos, parecidas com aquela corrida mostrada no filme *A guerra dos clones*, da saga *Star Wars* do cineasta George Lucas.

Essa alteração moderna de mobilidade urbana também diminuiu a poluição sonora em quase 70%, causando novos tipos de doenças nas pessoas acostumadas com os ruídos das antigas cidades barulhentas. Por causa dessa síncope sonora e despoluída, nas cidades, houve aumento de árvores plantadas, os pássaros voltaram a povoar as metrópoles, a cantar e soltar dejetos nos grandes centros urbanos, provocando irritação em algumas pessoas, porém outras se acostumaram com eles.

A imigração mundial de pessoas tornou-se quase que uma diáspora coletiva constante, devido a problemas climáticos, falta d'água, catástrofes naturais, epidemia de doenças contagiosas, refugiados de guerras setoriais, e tantas outras situações. Nos países continentais, aumentou a migração regional para as cidades pequenas do interior e para os litorais marítimos desocupados. Os setores de serviços tornaram-se o principal meio de ganhar o sustento, e a qualidade da alimentação produzida por eles tornou-se a vilã dos novos tempos.

As mentes da maioria das pessoas ficaram assimétricas para emoções e saudades; com isso, os espetáculos, artísticos ou esportivos, logo que vistos, são simultaneamente gravados, pois não há mais transmissões descentralizadas pós-eventos e nem as produções industriais de cópias de obras para consumo pós-espetáculos. Quando termina qualquer evento, tanto de pequeno porte quanto um block buster, quem quiser adquirir a lembrança desse acontecido ou espetáculo pode comprar a cópia no local logo que termina o evento, porque não há mais comércio dessas coisas, nem por internet.

Os cinemas deixaram de ter telas e passaram a possuir palcos holográficos, pois a sétima arte, depois do sistema 3D, tornou-se projeção em forma de holograma, dando uma vivacidade jamais imaginada em toda a história da projeção cinematográfica, bem como trazendo o aroma e temperatura para o local da projeção.

Os canais de TV abertos desapareceram na entrada desta década, foram engolidos pelas buscas das redes sociais e praticamente tornaram-se “ilha pulsante de comunicações alternativas”, como ficou o sistema radiofônico de ondas curtas, ondas médias, FM, TV a cabo no final do século XX.

Estão em voga os chamados “Human’s Pirates of Life Reality Shows”, mania que os jovens hackers cultivam acessando as câmeras das redes de comunicação pública para gravar sem autorização o dia a dia de um simples cidadão qualquer no seu proceder e transmitir para outras pessoas, como se fosse um tipo de “paparazzo cibernético itinerante”, muito parecido ao seriado americano *Persons of Interest*. Essa atitude foi considerada pela lei um crime passivo e pouco relevante, exceto quando invade a privacidade de algumas pessoas consideradas importantes.

A palavra *mainstream*, usada no século passado para uma coisa em destaque ou designação para aquilo que estava em voga, deixou de ter sentido, porque houve uma espécie de implosão da Aldeia Global de Marshall McLuhan para uma espécie de “Big Rip sociocultural”, o qual faccionou-se todo, isto é, não há mais centralização de modelo de vida e nem “coqueluche” para qualquer coisa. Tudo acontece ao mesmo tempo, desde uma pessoa vivendo, trabalhando, ouvindo uma peça de piano acústico e vestida à moda do século XIX quanto outra trabalhando e ouvindo música futurista vendo imagens em holograma ou 3D dentro de uma sala em forma de nave espacial.

A democratização dos sentidos chegou ao auge, porque a

comunicação do entretenimento diversificou-se e deixou de seguir algum tipo de autoridade acadêmica, moda ou novidade, uma vez que o “holismo atemporal” rompeu com as barreiras impostas pelo interesse do poder comercial de grandes empresas do século passado – isso se aplica a todas as formas de sentir, da fome ao credo.

Podemos dizer que a Modernidade ou Sociedade Líquida, de Zygmunt Bauman, diluiu seu ímpeto sacrossanto nessa segunda década. O lado emocional da maioria da vida das pessoas não aposta mais nos esplendores da neofilia, tampouco no célere modo de vida do começo do milênio.

Somente dois grandes projetos, que começaram na segunda metade da década passada, permeiam como *mainstream*: a Colonização do Planeta Marte e o Projeto Asgardia. Este último é a criação de uma cidade-nação de milionários entre a Terra e a lua, mais ou menos como foi mostrado no filme *Elysium*, e o contraponto disso tudo é que ainda uma minoria de fiéis da velha religião cristã que pregou por quase dois milênios a esperança da volta do seu profeta maior, Jesus, permanece ligada ainda a esse retorno reticente. Essa parcialidade tradicional não apoia tais projetos, ainda que os passeios turísticos em torno do planeta vermelho tenham ficado corriqueiros, tal como aconteciam nos anos 1960 e 1970 do século passado as viagens em torno da Lua. A construção de Asgardia estará em construção e já poderá ser vista a olho nu em finais de tarde, com céu sem nuvens.

Acima disso tudo, num mundo onde os algoritmos já participam mais de 50% na vida e nas ações dos humanos, as pessoas não deixaram de comer e de fazer sexo; o instinto de sobrevivência e autopreservação da espécie não foi superado, o velho Sigmund Freud ainda palpita nos gemidos de prazer, nos roncos dos estômagos vazios e nos soluços de perda de um ente querido.

28º Capítulo

Kami reaparece e anuncia a gravidez da índia

— Você gozou muito hoje, sinto minha chana ainda cheia de esperma — disse Kunhahemdy a Obajara, observando o que houve na relação erótica deles algumas horas atrás.

Naquele momento, estavam andando no velho Jeep pela BR-158 em direção a Canarana. Eram 20h00 do dia 19.06.2026. O índio sorriu e disse a ela:

— Nós não tratamos que iríamos ter um filho? Afinal, você já está completando 29 anos, daqui pra frente é mais perigoso o parto e mais difícil para engravidar, não é mesmo, meu amor?

— É, você tem razão — respondeu a índia, com os olhos voltados para o horizonte da estrada. — Devíamos ter vindo de drone — disse, virando e olhando de lado para o índio.

— Eu também pensei, mas, na força do hábito, pequei o “lagartão” velho de guerra — falou o índio sorrindo, referindo-se ao velho Jeep e passando, como de costume, a mão nas madeixas da índia.

Quando se aproximaram do local onde sofreram a emboscada, a índia comentou:

— Sabe que hoje está fazendo sete anos que tudo aquilo aconteceu, logo aí à frente?

— Claro que me lembro! Como iria esquecer! Lembro-me também que nossa querida Sônia havia dito que, no outro dia, iríamos comemorar o aniversário de Kami, lembra-se? — ressaltou o índio, sorrindo e olhando para ela.

— É mesmo!... Sabe, estive pensando na nossa conversa na caverna, quando eu interrompi o alienígena sobre a interven-

ção dele na “combustão do homem” que aconteceu logo aí adiante naquele dia, e ele disse pra nós que “usou o menino”, tá lembrado? Acho que deveria ter perguntado a ele naquele dia onde estaria Kami, não é mesmo?

— É! Eu acho que deveríamos ter pergunt...

De repente, eles veem um clarão do lado esquerdo da estrada e ficaram em alerta, diminuíram a velocidade e se aproximaram devagar. Obajara continuou dirigindo e Kunhahendy já portava sua pistola em riste.

— Que será aquilo, Obajara? Parece um OVNI! — exclamou a índia, espantada.

O clarão aumentava quanto mais eles se aproximavam do foco. Logo, entraram no acostamento alguns metros longe do foco da luz, desceram do Jeep e Obajara também sacou sua arma. Foram na direção do clarão, porém, quando estavam chegando perto, ouviram uma voz vinda do lado direito, alguns metros do clarão de luz, que lhes disse:

— *Mbae chapa nde reico che sy mi?* (Como vai você, minha mãezinha?)

Os dois viraram-se imediatamente, como se estivessem conectados um ao outro, e tiveram a maior surpresa das suas vidas.

— Kami! Kami! Como é possível? — gritou a índia, olhando ao lado do clarão, onde estava um adolescente de dez anos de idade sorrindo para ela.

Era Kami, de volta das reticências e das perguntas inefáveis. Ele mesmo, ali, exatamente sete anos passados. Cabelos negros cortados ao ombro, roupa comum como a de qualquer adolescente da região, apenas mais crescido, com o rosto um tanto oriental, parecido com o da mãe, porém seu semblante possuía leves traços Guaraní vindos do seu pai, Marx.

Foi um encontro fortuito e surreal. Obajara ficou muito feliz

também, pois desta vez Kami não o chamou de *avá techá cuaá* (espíão), como era seu costume quando tinha dois anos.

Kami fez um gesto com os dedos e o clarão desapareceu como num passe de mágica, para o espanto dos dois índios. Ele se voltou para os dois e informou-lhes sobre o que lhe acontecera, pois já sabia que perguntariam muita coisa então resolveu adiantar as respostas.

— Pode parecer estranho, mas nunca saí do planeta. Estive o tempo todo aqui, caminhando nesta aceleração da gravidade, apenas estava numa outra dimensão, o local que vocês conheceram quando foram arrebatados para encontrar o Portador da Luz. É assim que ele é conhecido aqui neste plano, não é mesmo?

Fiquei todo esse tempo me aperfeiçoando em conhecimento e treinamento, tal como você — Olhou para Obajara — quando saiu da sua aldeia, não foi mesmo?

O índio confirmou balançando a cabeça. Embora perplexo, sorria e Kami seguiu falando:

— Eu era uma criança muito precoce, porém não controlava as ondas que interceptavam minha consciência sobre as configurações que se formavam nos vórtices das pessoas e suas tendências de acontecimentos futuros, por isso eu concluía impulsivamente os fatos e falava espontaneamente, como, por exemplo, a morte da minha mãe. Era um fato evidente, pois sentia o temperamento dela e também a ousadia dos assassinos. Sabia que ela perderia, então vi que você, Kunhahendy — olhou para a índia sorrindo —, seria para mim a pessoa que mais se aproximava da minha mãe. Quando você nos deu carona de Água Boa até Nova Xavantina, eu senti que poderia contar com vocês dois, me senti amparado com vocês por perto. Vocês dois a amavam e eu sentia a pureza do sentimento de vocês.

Eles então abraçaram o adolescente e se lembraram com saudades de Sônia.

— Daí, eu a elegi *che sy* (minha mãe), desde o dia em que você apareceu de novo na minha casa, quando ele — apontou Obajara — estava preso.

O Portador da Luz me auxiliou desde aquele momento em que os assassinos atiraram na minha mãe, para eu não me desequilibrar, como é comum acontecer com qualquer criança que sofre um trauma daqueles. O Portador resolveu amenizar o meu sofrimento tirando-me de cena para que ninguém me dirigisse palavras de consolo inúteis, como é de costume na sociedade as famílias e amigos tratarem crianças órfãs. Seria criado com meus avós, que mal conhecia, iria me tornar um inútil dependente ou um futuro psicopata, porque meu desenvolvimento psíquico seria tolhido, como acontece com toda criança que sai fora dos padrões sociais medíocres — informou Kami, abraçando os dois índios.

— Posso te perguntar uma coisa para tirar uma dúvida? — perguntou Obajara, ansioso por uma resposta.

— Claro que pode — respondeu Kami, olhando para o índio.

— Como você conseguiu reconfigurar a câmera que estava te filmando naquele dia? Isso ainda é o maior mistério para a investigação, até hoje, e para todos nós, por causa da síncope das imagens de fundo, que não mostram o OVNI te abduzindo.

— Eu sentia muita dor naquela hora, por ver minha mãe morta. Quando a nave do Portador se aproximou para me levar, minha vontade era de morrer junto com ela e, naquela idade, meu inconsciente já era de médium de efeitos físicos, muito desenvolvido, como vocês se lembram.

Meu inconsciente agiu movido pelo instinto de sobrevivência provocado pela emoção momentânea e reconfigurou a câmera que estava filmando para não ficar nenhum indício que a segurança pudesse procurar. Era pra não gravar nada, mas não

aconteceu, por isso foi gravado somente meu desaparecimento sozinho, para não comprometer ninguém com o fato. Nem sei o que a polícia registrou na sua ocorrência sobre o caso.

— A polícia registrou como sequestro pelo grupo que nos atacou aqui na BR — informou Obajara.

— Para exemplificar melhor como acontece esse processo — seguiu Kami relatando —, no momento em que a morte traumática da minha mãe aconteceu, houve, entre eu e meu inconsciente, um alinhamento de energia de defesa similar ao que houve com os outros vários casos conhecidos que aconteceram com alguns exilados políticos deste país que, na década de 1960, ou melhor, como vocês chamam, “anos de chumbo”, sofreram ameaças, torturas e perigo de vida. A maioria exilada esqueceu o idioma pátrio e aprendeu o do país de exílio em pouco tempo. Comigo o processo foi de um ímpeto niilista: eu não queria deixar a marca da minha existência — deu uma pausa e continuou explicando: — É uma reação traumática de nossa alma, uma espécie de resposta para acomodar nossos sentidos e nos livrar das memórias desagradáveis.

— Você veio pra ficar desta vez ou somente para nos visitar, meu querido? — perguntou Kunhahendy, abraçando Kami e mudando de assunto.

— *Che sy*. Eu vim pra ficar com vocês; temos muita coisa pra cuidar por aqui, como disse o Portador da Luz. Ele quer que eu faça parte do grupo guerreiro. Sei que ele pediu pra vocês formarem com os outros agentes, não é isso? — indagou Kami, alertando-os sobre o trato feito na caverna há mais de dois anos.

— Sim, Kami! Eu falei, desde o começo, com todos eles, logo que saímos da caverna, e os agentes Jonathan e Tony Monteiro estão de acordo, mas, devido a essas contendas que aconteceram na região desde quando voltamos de lá, ficamos

todos esses tempos muito ocupados e não pudemos tratar do prometido. Hoje, os dois agentes estão nos esperando em Canarana para novas instruções e me passar os últimos relatórios, que devo enviar para o Coronel Jaime ainda hoje. Então, vamos nos programar para criar a nossa nova Brigada — Obajara deu uma pausa e continuou: — Vamos formar uma espécie de “brigada anônima”. Nem o Coronel Jaime saberá, pois teríamos que dar muitas explicações surrealistas, coisa que não é nem possível insinuar na área de segurança. Pode acabar vazando a informação e, como nós sabemos, não iriam acreditar e seríamos tachados pelo Estado Maior de loucos e nos afastariam das nossas funções, como já aconteceu com outras pessoas da área, que foram aposentadas por propor a criação de uma facção do tipo “Arquivo X”, parodiando aquele seriado do final do século XX.

Já que estamos terminando nosso tempo de luta oficial aqui na região, eu mesmo vou argumentar com o Estado Maior sobre a necessidade de um comando permanente por aqui no futuro e, obviamente, eles o farão também por questão de segurança da própria região.

Nosso desempenho foi exemplar até o momento e, obviamente, eles também me ouvirão na hora de fundar o órgão e escolher uma equipe para trabalhar, e não abrirei mão do nosso quarteto atual.

Kami ouviu-o com atenção, depois olhou para Kunhahendy e em seguida para Obajara. Seus olhos oblíquos brilharam com força enquanto ele anunciava:

— Sinto que, daqui a nove meses, terei um irmãozinho nascido de vocês dois, não é mesmo?

O casal índio olhou para ele estupefato com a fatíloqua notícia e o índio então perguntou:

— Como é que você sabe?

— Quando um fato acontece na nossa existência, a origem e a configuração do processo já aconteceram antes no meio quântico das interações, coisa que, na aldeia, vocês já presenciaram várias vezes pelos pajés, não é mesmo? No mundo do sentir não há Princípio de Incerteza de Heisenberg, o espaço de tempo não existe, tudo é simultâneo. Os seres que são bons sensitivos percebem muito bem, mas receiam falar, porque são discriminados e, se forem crianças ainda, é pior, porque nunca os levam a sério. Mas estamos no limiar de mudanças e a “percepção aguçada” será considerada daqui pra frente pelos que vão se adaptar a essas mudanças — ponderou Kami, com uma certeza abismal nos olhos.

Obajara observou que havia uma “lacuna” na volta de Kami, que precisava ser arrumada: sua documentação, pois, nos últimos sete anos, a eficiência do controle de contingência por causa da grande migração de asiáticos para a região tornou-se rigorosa. Então ele pontuou a prioridade:

— Precisamos fazer seus documentos, para não termos problemas e nem chamarmos a atenção da área de segurança. O que você acha?

— Sim! Claro! Como vamos fazer? Dizer que me encontraram no meio dos índios ou outra mentira qualquer, como vai ser? — sugeriu Kami, sorrindo e abraçando Kunhahendy.

— É uma boa ideia dizer que você conseguiu escapar de seus seqüestradores, isso corroborará o registro e a ocorrência que a polícia fez na época do acontecimento. E que agora foi encontrado sem documentos numa aldeia no estado do Pará — concordou Obajara. — Aqui na região, a polícia tem muito controle, atualmente, com quem vive nas aldeias. Lá no Pará, agora é que estão começando a organizar cadastro e contingência das aldeias. Direi para os agentes Jonathan ou Tony para colocar no relatório que você foi encontrado numa dessas

aldeias quaisquer e que vai ser entregue por mim à custódia dos seus avós em São Paulo. Encerraremos o processo com o Coronel Jaime. Aqui em Mato Grosso, falarei com o delegado local dizendo também que você foi encontrado do mesmo jeito, e eles fecharão o processo aberto há sete anos sobre o suposto sequestro.

Vou pedir, em nome da suposta investigação de seu sequestro e de seu reaparecimento, uma cópia do seu registro de nascimento ao cartório de São Paulo alegando necessidade de praxe para concluir o processo em aberto, também para fazer seus documentos, e que só assim você poderá viajar para ser entregue a seus avós em Campinas. De posse do registro de nascimento, você tirará seus documentos por aqui, sem problemas.

Não sei como você veio parar aqui, mas agora terá que ir conosco até Canarana, para conhecer os outros dois agentes e amanhã voltaremos a Água Boa para começarmos a tirar seus documentos — propôs Obajara, já caminhando para o Jeep.

Kami disse que a nave do Portador da Luz deixou-o ali e que sabia que os encontraria naquela noite e naquele lugar. Os índios abraçaram o adolescente, os três entraram no Jeep e seguiram para Canarana.

Durante a viagem, Obajara e Kunhahendy recordaram-se das palavras do velho pajé Guarã, que os alertara em Nova Xavantina, há oito anos, sobre os OVNI: “São os guardiões da vida. Eles sempre aparecem para alguém que vai cuidar de um grande espírito já existindo nesta vida”.

Naquele instante, houve uma emanção de ternura simultânea entre o casal índio e Kami, o qual estava no assento de trás do Jeep e se levantou como que guiado pela dileção exalada, abraçou o casal e os três sorriram olhando o horizonte da BR, na noite quente do cerrado.



Dias depois, Obajara apareceu na fazenda Buriti para se despedir da família Linch.

— Nossa missão acabou por aqui, senhor George — disse Obajara, sentado na mesa do saguão da fazenda, almoçando com Cleber e Larissa, que o ouviu com certo ar de tristeza.

— Mesmo, senhor Obajara? — disse George, franzindo o semblante.

— Agora tudo está tranquilo. A atitude do senhor se consolidou, foi o maior exemplo de cidadania. Ao mesmo tempo, resolveu um problema crônico da região com os índios e promoveu a nova aliança com os posseiros e outros ruralistas. Seu exemplo foi a maior revolução social que houve no país.

— Eu também acho que essas novas leis do governo para as aldeias nativas, dando autonomia e segurança, liberando armamento e treinamento para cada etnia cuidar de seu próprio território, era o que estava faltando para deixarem de tratar o índio como se fosse “criança desprotegida” — disse George, sorrindo e olhando para todos eles.

— Essa lei que o governo criou há pouco tempo já existe nos Estados Unidos há mais de cem anos; foi a única que acabou com os conflitos de lá — ressaltou o índio.

— E agora, pra onde que os “nossos guerreiros vão”? — perguntou Larissa, com um certo ar de curiosidade, olhando para Obajara e sorrindo.

— Eu ainda não sei. Vou ao nosso QG em Rondônia, para sabermos — ele respondeu com um ar de despedida, olhando para a família.

— Espero que, quando tiver um tempinho, vocês nos visitem! Afinal, temos uma história escrita juntos — disse George Linch, sorrindo e olhando também para os dois filhos.

— Estaremos sempre por estes lados, afinal agora, com essa ferrovia passando aqui perto, pode apostar que novos problemas surgirão — quando Obajara disse isso, ele estava se lembrando da figura tatuada do dragão na mão do chinês da Tríade, que viu na cantina do trem quando estava viajando para Rondônia, há algum tempo. — Por outro lado, o resto do mundo está com problema sério com falta de alimento e o celeiro ainda maior é aqui, George, Larissa e Cleber, portanto não é uma despedida e sim um até logo.

Obajara se levantou, apertou a mão dos três e saiu na direção do seu velho Jeep. Larissa o acompanhou e disse-lhe que queria se despedir também da índia. Perguntou onde ela estava e o índio respondeu-lhe que em Água Boa, no hotel, que estava grávida dele havia cinco meses e fora afastada das funções.

Larissa ficou alegre e quis visitar Kunhahendy, afinal foi com a índia que ela aprendeu a se soltar eroticamente como mulher bissexual.



No hotel Serra Verde em Água Boa, Kunhahendy tomava seu tereré esperando Obajara, que saíra com Kami para terminar de acertar a documentação do adolescente. Ela cogitou como faria dali por diante com a sua gravidez, como seria o novo procedimento deles três, pois teriam que morar em algum lugar e isso a estava deixando ansiosa.

Os dois chegaram e, ao entrarem, a índia foi logo perguntando, num tom guaranítico, se tudo tinha dado certo com os documentos de Kami:

— *Akaru bá'e akue? Mbá pa anhetê? Cbe raymi oiko?* (Como foi? Deu tudo certo? Meu filhinho já existe?)

— *Pe! Ko'ãga ko porã!* (Sim, está tudo bem) — respondeu Obajara.

— *Aba'arõ bina mbá pa anbetê!* (Espero que tudo esteja certo) — ponderou Kami sorrindo.

A documentação ainda dependia de certas verificações por parte dos órgãos de segurança. Depois de algumas horas, informaram, através do comunicador de pulso de Obajara, que estava tudo certo.

O casal índio saiu para almoçar. Kami não foi com eles, porque ficou muito tempo comendo alimentos in natura e não conseguia ingerir nada processado e nem condimentado. Preferiu trazer legumes, folhas verdes, brotos, raízes etc. compradas numa feira e ele mesmo preparar sua alimentação, muito próxima do crudivorismo.

— Como vamos fazer, meu querido, agora que já estou indo para o terceiro mês, vamos alugar uma casa ou vamos para alguma aldeia? — perguntou Kunhahendy olhando para Obajara, que comia quieto, parecendo preocupado.

— Estou pensando que seria melhor ficarmos em uma aldeia nativa. Nosso filho vai nascer acostumado com a cultura índia e isso será muito importante, porque não desenvolverá limites psíquicos, religião baseada no medo e no sobrenatural e, o pior de tudo, o egocentrismo, que é muito comum na desenvoltura das crianças das cidades. Na aldeia, ele terá toda a tecnologia que existe hoje e ainda terá rios para se banhar e pescar, árvores pra subir e também, ao mesmo tempo, ele aprenderá os idiomas indígenas, a plantar e colher os alimentos e não ficar pensando que tudo vem de mercado — ponderou Obajara, apertando a mão da índia em cima da mesa, que sorriu olhando o ventre que quase não aparecia, pois ela tinha uma cintura muito fina.

— E qual vai ser a aldeia? — perguntou Kunhahendy.

— Eu prefiro que você escolha. Sei que você conhece todas elas tão bem quanto eu, não é mesmo? E sabe que etnia se aproxima melhor da sua.

— Está bem! Vou pensar e hoje mesmo eu te falo — disse a índia, bebendo suco de fruta.



Tony Monteiro e Jonathan seriam dispensados do sul do Pará, porque as coisas se acalmaram. Ainda ficariam lá por um mês e logo viriam com o último relatório a ser remetido ao Coronel Jaime.

Obajara convocou-os para uma reunião assim que voltassem, em Campinópolis, precisamente na lagoa Miararé, pois o local era mais adequado para selar o tal pacto da Brigada. Ele achou muito importante a cerimônia acontecer naquele lugar, por ter sido ali perto que se originou a ideia e, por outro lado, a volta do adolescente Kami com seus poderes únicos deixou-o muito mais animado.

Dois dias antes da reunião, o juvenzinho fez uma mostra de seus poderes e domínios psíquicos quando chamou os quatro agentes até um balneário da BR-158, onde mostrou que sabia lutar, levitar, criar ilusões, parecendo um guerreiro ninja.

Esse gesto de Kami foi somente para que os quatro agentes o conhecessem melhor e também para não haver dúvida ou surpresa por parte deles, numa hora de ação.

29º Capítulo

Encerra-se um ciclo e nasce o pacto da Nova Brigada

— Não pude conter a vontade de ver vocês dois. Há dias que quero falar com esse negro gostoso, mas não conseguia conexão — disse Larissa, abraçando Tony Monteiro e Kunhahedy no saguão do hotel Serra Verde. Eram 17h00 de uma sexta-feira.

— Que bom que você veio nos ver hoje, porque, semana que vem, vamos todos viajar — informou a índia, num certo tom de saudades.

— Mas pra onde vocês vão? Posso saber? — interrogou Larissa, curiosa.

— Eu vou para uma aldeia Karajá na ilha do Bananal. Vou ter meu filho lá. Quanto aos outros agentes, eles vão até Rondônia numa reunião com o Estado Maior e depois não saberei pra onde eles serão designados. Vida de agente militar é assim, minha querida — esclareceu Kuhahendy.

— Quanto ao menino Kami, onde ele vai ficar? — perguntou Larissa, com ar auspicioso e já anunciando a proposta que estava em riste. — Meu pai ficou tão contente de vê-lo de volta que propôs para Obajara deixá-lo com ele na fazenda Buriti. Sabe como é! Nem eu nem o Cleber lhe demos nenhum neto até agora e ele se sente “órfão” desse estágio de ternura e afetos na sua vida — propôs Larissa, sorrindo.

— Obajara acha que ele deve ficar, por enquanto, aqui em Água Boa, porque ele não está acostumado ainda com cidades; ele ficou muito tempo na floresta. Depois, será levado para os avós em São Paulo, mas ainda não está decidido sobre isso também e nem sei se ele vai querer isso mesmo. Talvez Obajara

possa gostar da ideia, afinal será um elo melhor para estarmos sempre juntos, não é mesmo, minha linda?

A índia omitiu a informação a respeito de Kami por medida de segurança, mas sabia que ele seria o principal membro para a formação do pacto da Brigada sugerida pelo alienígena.

— Mas não se preocupe, o que for decidido nós te informaremos e, quando der uma folga, onde quer que nós estejamos, entraremos em contato com você, minha loira gostosona, não é mesmo, Tony? — confortou-lhe a índia com um sorriso cúmplice, beijando Larissa, que comentou:

— Claro, meus queridos. Fizemos a “comunhão do esperma” foi para o resto da vida e foi você quem sugeriu, não foi, minha gostosa? Eu nem sabia sobre esse pacto erótico... — Larissa falou, sorrindo e abraçando Kunhahendy, mas, naquele momento, tocou seu comunicador de pulso e ela sorriu com a mensagem do seu irmão Cleber: “Vou trepar, depois te ligo!”, enquanto Kunhahendy olhava para Tony e dava seu belo sorriso de cumplicidade.



Cleber e Carlos Rizzo tornaram-se amantes depois que Carlos começou a trabalhar na fazenda Buriti. Cleber tinha uma namorada, mas o triângulo amoroso deu certo, pois ela era ninfomaníaca e os dois gays apimentaram melhor o relacionamento deles por causa da disponibilidade erótica dela.

O agente Jonathan não tinha tendência à bissexualidade, havia se tornado amante de Carlos Rizzo mais por questão de trabalho. Foi o único meio encontrado por ele para ter acesso às informações da fazenda Xingu – um ato decisivo para se aproximar, informar-se e armar o estratagema que culminou com a operação que desbaratou a organização criminoso do

PCC. Jonathan depois do resgate de Larissa, o loiro foi mandado para o sul do Pará e lá começou um relacionamento com uma índia, também agente da mesma Brigada de Rondônia e, parecia que estavam com planos de se casar após o final da missão, que já estava quase acabando.



O dia marcado para a reunião em Campinópolis foi numa quinta-feira do final do mês de julho. O tempo estava firme e sem nenhuma nuvem no céu. Eram 17h00 quando os quatro agentes e o adolescente Kami, acompanhado do cacique Saturnino Rudzane, chegaram à beira da lagoa Miararé.

Os quatro agentes haviam deixado suas armas no chão e, junto de Kami, estavam todos de mãos dadas olhando para a lagoa. Permaneceram por mais de dois minutos todos calados assistidos, de cima do barranco, apenas pelo cacique Xavante, que baforava seu cachimbo olhando o sol se pôr no horizonte enquanto a brisa fresca mexia nos seus cabelos.

Um grande silêncio pairava sobre aquelas seis pessoas, cada uma nascida de uma cultura diferente e de um jeito também diferente. A sombra do século XX na cabeça deles era só uma lembrança distante – não os atrapalhava mais, pois o novo limiar estava despontando naquele momento, estavam formando os novos guardiões do povo da floresta. Não eram super-heróis justiceiros de revista americana em quadrinhos; eram guerreiros que não acreditavam em esperança e nem na justiça divina cristã e somente defendiam a si e aos outros povos da floresta que foram sempre acuados pelo que as etnias chamavam de “inimigos da vida aqui na Terra”.

De repente, Kami soltou a mão de Kunhahendy e de Obajara e, espontaneamente, levantou, subiu à altura de uns três metros,

indo em seguida até o centro da lagoa. O sol estava quase se pondo e ficou lá, de frente, olhando os quatro agentes que continuavam calados, somente olhando para as águas da lagoa que, naquele instante, começaram a brilhar com o surgimento de luzes no fundo.

Aos poucos, o brilho foi ficando mais intenso e todos continuaram calados. O cacique parou de baforar o cachimbo e guardou-o na sua bolsa, sem tirar os olhos daquele esplendor raro, o qual ele já havia visto há muito tempo, porém naquele dia era diferente.

Quando se deu conta do que estava acontecendo, Kami retornou para a beira da lagoa, pegou de novo a mão de Kunhahedy e de Obajara, voltou a olhar para a água da lagoa tal como os outros, e aguardou.

Lentamente, uma grande nave despontou das águas indo pairar diante deles. A porta se abriu e o alienígena apareceu com feições que se alternavam, mostrando no seu visual a face de cada um dos quatro agentes e também de Kami.

Formou-se um campo de comunicação difusa entre o alienígena e as cinco pessoas que se encontravam na beira da lagoa. Um som melodioso ecoou no local e anunciou uma mensagem que começava a ser transmitida telepaticamente e recebida na mente de cada um deles, dizendo:

Não existe nenhum caminho definido,
somos a poeira que canta e fala neste mundo.
Não temos rumo e nem direção.
Estamos sós,
porém vigiados
por aqueles que querem planificar a existência
da qual eles fazem parte, mas temem a extinção.
Ignoram a eterna plenitude dos mistérios da vida.

Por que eles preferem agir assim?
Não sabemos.
Eles seguem surdos para o canto dos pássaros;
ignoram o sonoro, brilhante e sinuoso,
o jorrar da água da cachoeira
e estão cegos para o “brilho do sol do dia a dia...”.

A mensagem deu uma pausa na mente de todos, enquanto o alienígena se dissolvia e, na porta da nave, outras figuras começaram a aparecerem. Os rostos que surgiam eram, respectivamente, de várias pessoas que tanto os agentes quanto o cacique Saturnino reconheciam, pois já existiram e participaram de suas vidas anteriormente.

Elas saudaram todos os que estavam à beira da lagoa com um sorriso expressivo, dando convicção das suas eternidades espirituais. Mostraram um sinal brilhante em suas mãos, que mais parecia uma folha do arbusto amazônico conhecido como chacrona.

De repente, como que impulsionados por aquele gesto das figuras na porta da nave, Kami soltou suas mãos, que estavam entrelaçadas com a dos outros, e começou a levitar de novo, mas desta vez pairando e aproximando frente as figuras que estavam na porta da nave. Olhou para os outros que continuavam com as mãos entrelaçadas na beira da lagoa e fez sinal para eles respirarem profundamente, o que fez com que os quatros agentes comessem a levitar e sendo conduzidos para perto de Kami no centro da lagoa.

Uma das figuras na porta da nave, cujo rosto estampava a sua falecida mãe, Sônia Otahime, tocou a mão do menino e voltou-se em seguida para os outros. Abriu-se então, um vórtice e, dentro dele, apareceu uma espécie de horizonte de eventos, entre aquilo que foi e aquilo que ainda é. Somente Kami poderia

fazer essa conexão, porque, na sua origem primordial, ele ficou entre o sentir do ter, ser e querer ao mesmo tempo, quando a sua mãe teve o esperma de Marx em suas mãos e chorou por sua ausência fugaz.

Naqueles segundos de indecisão e desespero pela aceitação de dar continuidade ou não à sua descendência nesta vida, o vórtice se manteve aberto, porque Sônia se sentia à beira do abismo da extinção, e tal aniquilação ameaçava a sua elegida autopreservação.

Por causa daquele breve momento de indecisão, ela provocou uma síndrome no “mistério insistente em querer estar vivo”, suscitando essa anomalia de poderes nas forças da alma de Kami, que estava querendo ser e buscava nela o início somático da sua existência.

Esse breve momento de indecisão da sua mãe e, logo depois, ao aceitar trazê-lo para este mundo fazendo o autoenxerto, mesmo que tenha sido um ato de sentimento e desespero ao mesmo tempo, foi crucial para provar a si mesma que a vida é o único milagre e que esse milagre, às vezes, diversifica sua ação comum, dependendo do teor do sentimento.

Com essa atitude, ela suscitou em sua descendência, ou melhor, em Kami, a chave de acesso a esse milagre, por isso ele era o único capaz de manter o vórtice aberto até se consolidar o pacto entre os dois mundos.



Quanto ao porquê de querer estar vivo nesta existência dada a cada um de nós, é uma atitude autóctone que temos que erigir no palco da vida, desde que não nos desviemos do fluxo do universo, porque só há esse caminho. Quanto a outros, são factoides do instinto antrópico de Thanatus,

dos homens que deixam restos, sobras, desestruturação e destruição no fluxo da existência, como se processou a ascensão e queda de todas as centenas de outras civilizações que aconteceram neste planeta até hoje.



Ao tocar na mão de Sônia, a mão de Kami também brilhou e apareceu a figura da folha da chacrona. Imediatamente, como num efeito rizomático, a figura transferiu-se para a mão dos quatros agentes.

Ficaram por alguns segundos atrelados, com as mãos conectadas com os seres da nave, até que a mão de Kami soltou a mão do espectro de Sônia e todos eles pairaram e voltaram para a beira da lagoa.

Quando todos botaram o pé no chão, o vórtice começou a se fechar e o momento surreal se desfez. As entidades se recolheram para dentro da nave, um som agudo de violino foi ouvido, as luzes da nave tornaram-se multicoloridas e, no meio da noite escura de um céu já estrelado do cerrado, ela fez uma evolução e desapareceu no infinito, deixando todos perplexos olhando um para o outro e para suas mãos. A figura da folha da chacrona foi o que restou, o único testemunho do contato surreal, porém o brilho nas mãos desapareceu aos pouco, dando lugar à aparência de um sinal quiromântico comum.

Mas retumbou na mente de todos eles o resto do poema inicial, que começou antes do pacto, e que terminava assim:

A vida é luta constante.

Não se iludam com a ideia da paz eterna

nem acreditem no “paraíso estático” das velhas religiões.

São quimeras, engodos e mentiras.

Estejam dentro do fluxo,
assim terão mais chances
para continuarem vivos.

Não se sabia como seria a cerimonia do pacto da nova Brigada, nem por que Obajara quis marcar o pacto naquele dia, naquela hora naquele lugar, pois todos já tinham estado ali perto alguns anos atrás quando buscavam Larissa, que havia sido sequestrada; nem pararam para ver a lagoa. Ninguém perguntou a ele depois sobre a escolha daquele ponto numinoso; nem Kami sabia que ele, apenas um garoto era o “intermediador-chave” da formação do pacto entre os dois mundos. Talvez ninguém tenha perguntado porque o próprio acontecido fantástico falou por si mesmo, sem necessidade de diálogos e elucubrações inúteis.

Eles chegaram ao topo do barranco e viram o cacique Saturnino sorrindo e já baforando seu cachimbo de novo. Obajara sorriu para ele também e abriu a mão para agradecer a sua companhia e participação naquele momento único. O Xavante fez o mesmo abrindo e levantando a sua mão, então o índio se surpreendeu ao perceber que ele já tinha a tatuagem da folha de chacrana na palma da mão. Então, as seis pessoas se abraçaram olhando para o céu já totalmente escuro e estrelado.

Para nossa história retilínea, o que acabou de acontecer já é passado, mas o real é que a figura da folha marcada nas mãos de cada um deles concebia uma só verdade: acabava de nascer a Ordem dos Guardiões da Vida Aqui na Terra, que, num futuro próximo, seria conhecida como Luz do *Areguá* (fundo do tempo)

Epílogo

A década de 2030 do século XXI começou com o aumento da fome e sede em várias partes do mundo e também falta de energia; a seca foi a principal vilã. O Xingu e o Araguaia não foram muito afetados, mas sofreram com a contingência de gente chegando ao local de outras partes do país e do mundo, principalmente da China.

Kunhahendy teve um lindo menino na aldeia Karajá, ao leste da ilha do Bananal.

Seus irmãos Pablo e Carmen resolveram constituir família, porém com outras pessoas que haviam feito o pacto de prazer com eles. Pablo empenhou-se em ajuda social, tal como seu pai, e logo entrou na política, tornando-se prefeito da cidade de Ponta Porã em 2032.

Obajara foi promovido a Coronel e, por questão de organização do Estado Maior, foi designado para montar um pequeno posto de comando na região norte do estado de Mato Grosso, na cidade de São José do Xingu, acontecendo o que ele havia previamente conversado com Kami. Para ele foi muito importante, pois foram enviados para lá novos agentes treinados, dando-lhe folga para visitar seu filho e vê-lo crescer na aldeia com a agente índia Kunhahendy, que continuou a trabalhar mesmo após o nascimento do filho.

Itagiba, filho de Obajara com Rosana, começou em Manaus os primeiros treinamentos na 17ª Brigada. Logo que atingiu doze anos, ficou sabendo que Obajara era seu verdadeiro pai. Isso o deixou contente, porque todo esse tempo já cultivava uma admiração inconsciente pelo índio, desde quando o conheceu

ainda criança na Estação Ferroviária, na sua chegada a Porto Velho, junto com Jaime e sua mãe Rosana.

O Coronel Jaime se aposentou em Porto Velho. Ele e a esposa se retiraram do convívio social da vida militar para sua chácara e começaram a cultivar hortaliça e pomar ao ver a escassez desses alimentos no mundo. Os dois curtiam, nos finais de semana, o papel de avós do casal de netos da sua filha Soraia, que também resolveu ter filhos depois dos trinta anos.

O agente Jonathan casou-se com a agente índia que namorava e teve uma linda filha que, desde pequena, já demonstrava a aptidão dos pais para a vida de agente.

George Linch morreu em janeiro de 2029. Sua morte causou comoção geral na região e também no país. A notícia ficou comentada em todo o mundo como “O senhor que fez ser possível, junto com os índios, o Araguaia e o Xingu”. Seu enterro foi agitado, com pessoas chegando de várias partes para a fazenda Buriti, onde foi enterrado. Seus filhos Cleber e Larissa continuaram administrando a fazenda; Carlos Rizzo e o capataz José Farias tornaram-se membros efetivos de confiança deles.

Foi erigido um museu na fazenda Buriti com toda a história da agricultura e do agronegócio que se formou no local, desde os anos sessenta do século passado.

Várias lideranças indígenas, que participaram da grande e última reunião na aldeia Kamaiurá em 2016, faleceram e o Parque Nacional do Xingu tornou-se uma área constitucionalmente indígena ao longo desses últimos anos, após a falácia dos órgãos públicos ligados à questão indígena e da tentativa genocida dos congressistas de demarcarem as terras da região, na década anterior, para especulação e exploração por empresas estrangeiras. As etnias se uniram belicosamente fazendo a desobediência civil e montando um aparato defensivo e que logo foi reconhecido pelos próximos governos.

Tony Monteiro, com 40 anos, e Larissa, com 35, resolveram ter filhos e ela acabou dando à luz a um par de gêmeos. As crianças eram especiais, conhecidas no esoterismo como “Índigo e Cristal”, pois se entendiam desde bebês por suas simbioses harmônica.

Kami tornou-se um homem guerreiro com mais poderes ainda e, por causa disso, ele e os outros agentes foram vistos como os guerreiros da “Luz do Areguá”. Logo ficaram conhecidos com esse nome em toda a região da Amazônia e do Araguaia, e também como os “Filhos do Portador da Luz”, devido aos relatos das suas proezas na luta contra os “inimigos da vida aqui na Terra”, que não cessou nesta pequena história, porque segundo Lavoisier: nada se ganha e nada se perde neste mundo...tudo se transforma.

Não houve outro encontro entre os agentes e o alienígena, mas as luzes continuaram a acontecer na lagoa, bem como as mensagens e as curas feitas no Santuário do Roncador.

A vida é segmento, não é começo e nem fim de uma auréola pulsante; seu combustível é “o mistério insistente em querer estar vivo” de alguma coisa, de algum ser. Nossas perguntas são acelerações e desacelerações para esse pulsar movido por um moto-perpétuo contínuo que nem o Big Bang sabe quando começou, visto que também é um segmento do universo.

Hoje, para os físicos e para a cosmologia, o Big Bang é o “Fiat Lux de tudo”, mas para este autor desta obra, não passa de um “credo da ciência”, tal como qualquer motivo condutor de uma religião.

